

LITELANTES

A GRANDE ESTRELA DO DRAGÃO

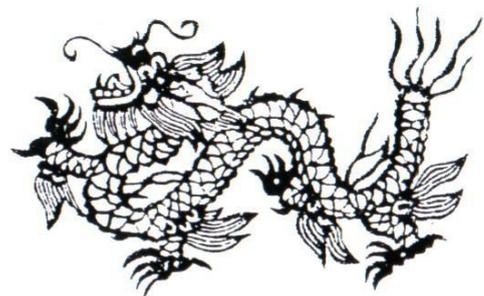


J. Alfredo Dosamantes T.

LITELANTES

A GRANDE ESTRELA DO DRAGÃO

J. ALFREDO DOSAMANTES T.



Coleção
Dragão de Sabedoria

DRAGÃO DE SABEDORIA

Dentro de cada homem existe um raio que nos une ao Absoluto. Esse raio é o nosso resplandecente Dragão de Sabedoria, o Cristo Interno, a Coroa Sephirótica.

O homem tem o corpo, a alma e o Íntimo. Mais além do Íntimo, todo homem tem três profundidades: a primeira é a origem da vida; a segunda é a origem da palavra e a terceira é a origem da força sexual. Estas três profundidades divinas de cada homem constituem o resplandecente Dragão de Sabedoria...

Cada homem tem seu Dragão de Sabedoria. Ele é o Deus Interno, o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim. Ele é o Cristo Interno que o homem necessita encarnar dentro de si mesmo.

Samael Aun Weor

LITELANTES
A GRANDE ESTRELA DO DRAGÃO

J. ALFREDO DOSAMANTES T.

Título original em espanhol:

LA GRAN ESTRELLA DEL DRAGÓN

Copyright © by Jesús Alfredo Dosamantes Terán

Registro Internacional:

LITELANTES, LA GRAN ESTRELLA DEL DRAGÓN

No. 03-2000-100612381200-01

Primera Edición: México, D. F., octubre 2000.

© Derechos Reservados:

Jesús Alfredo Dosamantes Terán

Direitos Reservados no Brasil à Associação Cristã Gnóstica Litelantes e Samael Aun Weor do Brasil (ICGLISAW) protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998. Vedada a tradução, reprodução total ou parcial desta obra, por quaisquer meios, sem a autorização prévia do autor que concedeu autorização especial à ICGLISAW do Brasil para esta segunda edição, revista.

Primeira Edição – Ano 2009

Segunda Edição – Ano 2015

Ilustração da Capa - Foto da Venerável Mestra Litelantes

Ilustração da Contracapa - Foto da Venerável Mestra Litelantes e do autor (seu secretário), J. Alfredo Dosamantes T.

CIP – Brasil. Catalogação-na-fonte

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

PRÓLOGO DA EDIÇÃO EM PORTUGUÊS

É motivo de grande alegria ver que a memória de nossa amada Mestra Litelantes se perpetua graças aos esforços de nossos amigos brasileiros que sempre têm demonstrado de sobra seu carinho invariável pela Esposa-Sacerdotisa do V. M. Samael Aun Weor, que não é somente o mais ilustre dos gnósticos modernos, como também o *Buddha Maitreya*, o *Kalki Avatar* da Nova Era de Aquário.

Talvez, a obra que agora colocamos para a consideração de nossos amigos de Língua Portuguesa não tenha os méritos técnicos e literários que nossa querida Mestra merece, porém, foi escrita com muito carinho buscando render homenagem à pessoa mais extraordinária que conhecemos no caminho da vida. Ademais, conforme as instruções que sempre recebemos dela, também se busca reafirmar a simplicidade do ensinamento de seu amado Esposo-Sacerdote, o V.M. Samael Aun Weor, pois, só exemplos de simplicidade recebemos da Mestra, que insistia no fato de que era inútil complicarmos a cabeça com teorias; que o caminho para nos corrigirmos é a oração ao Pai, o estudo, a meditação.

Em sua linguagem simples, ela dizia: *Temos muito endurecido nossos corações e devemos amainá-lo com a oração ao Pai!* Devemos, então, pedir constantemente ao nosso Pai, orar-lhe e adorar-lhe. Isso, além do mais, nos permite lógica e conseqüentemente, a constante recordação de nós mesmos, a formação do centro de gravidade consciente e a vida plena, real, verdadeira, nos planos físico e espiritual.

Esta simplicidade a encontramos, efetivamente, no Mestre Samael, como se pode ver em uma de suas citações – e entre outros muitos de seus livros – em sua obra “Logos, Mantra e Teurgia”:

Todo discípulo é assistido por um Guru, pelo Anjo Guardião. Antes

de ensaiar a prática de “saída em astral” invoque o auxílio do Mestre ou Anjo Guardião. Rogue, antes de tudo, ao Deus interno para que Ele, em língua sagrada chame o Guru. Indubitavelmente esse Mestre efetiva para o discípulo, de forma consciente, a sua saída em corpo astral.

Como se pode perceber, é muito simples adorar o Pai e rogar-lhe, suplicar-lhe, e não é necessário maior ciência, sendo suficiente manter o coração anelante de luz.

Na moderna e impactante realidade, o Gnosticismo de nossos Gurus não se difere daquele dos primeiros séculos do Cristianismo. Ele se baseia nos três fatores da revolução da consciência: “Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz dia após dia, e segue-me” (Lucas 9:23).

A Cruz da Sexualidade Sagrada que devemos tomar continua sendo pedra de tropeço e rocha de escândalo.

Desde os primórdios do Cristianismo, os maiores apóstolos - São Pedro e São Paulo - insistiam na questão da correção sexual do indivíduo como chave do ensinamento. “Porque a vontade de Deus é a vossa santificação: que vos aparteis da fornicação; **que cada um de vós saiba obter posse do seu próprio vaso em santificação e honra;** não com concupiscência, como os gentios que não conhecem a Deus.” (1 Tessalonicenses 4:3-5). “Semelhantemente vós, maridos, continuai a morar com elas **segundo a ciência,** dando-lhes honra como **a um vaso mais frágil,** e como herdeiras da graça da vida, **a fim de que as vossas orações não sejam impedidas**”. (1 Pedro 3:7).

Essa ciência da qual fala São Pedro veio a ser revelada publicamente pelo nosso bendito Mestre Samael Aun Weor. Agora fica em nossas mãos a questão de saber utilizá-la. Tal bendita ciência, que dá honra à mulher como o vaso mais frágil é explicada

abertamente pelo nosso Amado Mestre quando nos fala acerca do Grande Arcano e da transmutação das forças sexuais do indivíduo.

O sexo é e será a pedra que veio a ser cabeça de ângulo. E seu aspecto de pureza e transcendência – quer dizer, a Pedra Filosofal – já havia sido descartado pelos edificadores muito antes do advento de nosso Senhor Jesus Cristo.

É duro afirmar-se na Pedra Sagrada, na Pedra Filosofal; é muito mais fácil se edificar sobre as movediças e cambiantes areias das inumeráveis teorias e interpretações.

Os Mestres da Luz nos amam com verdadeiro carinho e sofremas “dores do parto” para que o Cristo se forme em nós.

Nossa Venerada Mestra Litelantes – Pedra Antiga – nos amou com puro e profundo amor e sofreu “dores do parto” por nós para que nos corriamos, para que regressemos ao Pai... Oremos e atuemos em conformidade para não decepcioná-la.

A Mestra nos amou com alegria e conviveu conosco. Era uma “criança travessa” de alma puríssima – como uma “inocência consciente” – e, ao mesmo tempo era um general, uma espécie de companheiro de armas, às vezes, superexigente; noutras vezes, muito tolerante, um companheiro muito simpático e simples, do mais agradável e alegre aspecto.

Espero que minhas palavras, traduzidas para nossa língua irmã – a doce e rítmica língua de Camões – possam dar uma simples ideia do maravilhoso Ser que foi e é nossa amada Mestra.

A ocasião é propícia para reconhecer o labor de nossos amigos dos Estados Unidos (San Antonio, Texas) e do Canadá que se deram à tarefa de venerar a memória de nossa Bendita Mestra Litelantes dedicando-lhe uma Igreja - The Litelantes & Samael Aun Weor Christian-Gnostic Church (Igreja Cristã Gnóstica

Litelantes e Samael Aun Weor), reconhecimento este que também estendemos aos nossos irmãos do Peru (Ica).

No México, fundamos a “Instituição Cristã-Gnóstica Litelantes e Samael Aun Weor, A.C.” (ICGLISAW) e restauramos a Sede Mundial do México, a Sede Patriarcal do México, ou seja, a Sede Mundial das Instituições Gnósticas.

Agora, temos a imensa alegria de saber que no Brasil, nossos amigos também fundaram a “Instituição Cristã-Gnóstica Litelantes e Samael Aun Weor”, para honra e glória de nossos Benditos Mestres.

Que seja bem-vindo todo o esforço de veneração e adoração aos Mestres que deram luz e propósito a nossas vidas, desejando-nos o maior de todos os êxitos.

Entendemos que é um dever-direito e gozo espiritual venerar o Cristo Cósmico Sagrado Universal – Unidade Múltipla Perfeita – e suas distintas expressões, tal como sucede com os Cristos históricos, quer dizer, aqueles *Boddhisatvas* que encarnaram seu Real Ser Interior Profundo, verdadeiras encarnações de Vishnú, que vêm para transmitir sua mensagem regeneradora.

É incompleta a forma pela qual só adoremos ao Cristo histórico (Jeshua Ben Pandirá) sem adorar ao Cristo Cósmico – segundo disse o próprio Mestre. É incompleto o fato de desdenhar, ao invés de adorar e venerar o Cristo histórico, pois o próprio Mestre dizia acerca do Divino Rabi da Galileia as expressões mais ternas: “O Adorável”, “O Bezerrinho”, “O Divino Kabir”, entre outras.

No justo meio está a virtude – *in medio est virtus* – diziam os romanos. O Tao é o caminho do meio, nosso Senhor Samael o enfatiza. Por isso devemos amar e venerar ao Cristo-Força Cósmica, como também ao Cristo-Homem, cujas últimas expressões são as dos Veneráveis Mestres Huirakocha (precursor),

Samael Aun Weor e Litelantes.

Por fim, mas ainda não por último e talvez o mais difícil, nós devemos adorar fervorosamente ao nosso Cristo-Interno, individual, particular. Por isso o Mestre, em suas Mensagens de Natal, alenta- nos para que o Cristo nasça em nossos corações, pois em vão terá vindo o Adorável, o Divino Rabi da Galileia, se o Cristo não nascer em nossos corações.

Isso é o que verdadeiramente nos ensinaram os Mestres Litelantes e Samael enquanto estiveram encarnados. Mesmo assim, cumprindo com o Dever Parlok do Ser, nunca fomentaram sua própria adoração pessoal – “Sigam o Ensino e não a minha pessoa”, reiteravam ambos – como tampouco isso foi fomentado pelos grandes Mestres que vieram ao mundo.

Agora começamos a entender que, uma vez que abandonaram seus corpos, converteram-se de “Veneráveis” em “Adoráveis” Mestres – se nos permite a expressão – pois ambos são dignos da maior Adoração.

Para este fim é destinada a obra que agora vemos formosamente composta na doce língua lusitana, fato este que consideramos um grande triunfo para nossa amada Mestra Litelantes.

Temos a firme convicção de que a obra da Mestra abrirá muitos olhos e novos entendimentos do ensinamento do Mestre em nossos amigos brasileiros e, em geral, de Língua Portuguesa.

Nossos Venerados Mestres insistem na urgência de entregar este sagrado ensinamento, de compreender os processos de dissolução do ego e na maneira em que, com a bendita ajuda da mulher, podemos transformar nossa alma em espírito para que se plenifique com a graça do Espírito Santo; os Mestres da Branca Irmandade e os *Avataras* ou encarnações de Vishnú, como diriam

os hindustânicos, não desejam outra coisa para nós. Apesar disso, esta humanidade se dedica com firmeza prolixa à maledicência, à vingança e à guerra, em lugar de se dedicar à oração, à meditação e à ação direta de ajuda ao próximo: à caridade, que é o verdadeiro propósito dos Senhores da Luz ao entregar estes ensinamentos, raízes de grandes religiões.

Essa situação se apresenta evidentemente em todos os grupos, lojas, seitas, filosofias e religiões, pois, se os distintos membros, fiéis ou simpatizantes, dedicássemos-nos seriamente a andar firmes no caminho que ensina cada uma delas, haveria a mais absoluta paz no mundo e poderíamos nos comunicar livremente com os anjos e com os elementais da natureza; falaríamos o prístino puríssimo dos deuses, como diziam os antigos – quer dizer, uma só Língua de Ouro – e se veriam maravilhas sobre a face da Terra.

A dura realidade é outra, como bem sabemos: se não existe mudança individual não existe mudança coletiva; se não há paz interior, não há paz exterior. Se o ego nos domina, tornamo-nos egoicos, como indubitavelmente o vemos – tanto em nós como nos demais – todos os dias e ao longo da negra História deste Kali Yuga.

Os sinais dos tempos anunciados pelo Venerável Mestre Samael Aun Weor são visíveis. Por todos os lugares, vemos guerras e rumores de guerras, enfermidades e epidemias desconhecidas e desnorteadoras. Ademais, não é preciso ser sábio nem profeta para perceber que, em apenas tirar o dispositivo nuclear do foguete, não se eliminaria o problema, uma vez que é tanto como tirar o carregador da pistola automática, ou seja, em qualquer momento se pode recarregá-la.

Por essa razão recordamos as palavras de nosso Guru, Samael Aun Weor:

Aproxima-se a Era de Aquário e é necessário abrir todas as

faculdades; aproxima-se a Era da Luz e é necessário despertar todos os poderes. Mais do que nunca devemos agora ser práticos – e práticos, repito – em cem por cento.

O tempo de ficar teorizando já passou, irmãos. Agora virão acontecimentos terríveis para a humanidade e é bom que nós estejamos preparados. (Conferência: “Matéria, Energia, Mantras”).

As circunstâncias, tanto sociais como crísticas (internas), exigem de nós a incessante prática, assim como a maior tolerância e respeito por todas as religiões e escolas filosóficas ou esotéricas.

Devemos buscar os pontos de união e não as diferenças. Estas últimas, temos que esquecer-las. Melhor é que digamos: **Religiosos do mundo, uni-vos!**

Os Mestres da Branca Irmandade nos convidam a conquistar a paz interior e exterior, não a guerra ou a disputa – que sempre serão inúteis – entre os homens e suas religiões.

Por isso, seguem vigentes as palavras do Anjo do Senhor: “Não temais porque aqui vos dou boas novas de uma grande alegria que todo o povo terá, porque hoje vos nasceu na cidade de Davi um Salvador, que é Cristo, o Senhor. E isto vos servirá de sinal: achareis uma criança enfaixada e deitada numa manjedoura. E, repentinamente, apareceu com o anjo uma multidão das hostes celestiais, louvando a Deus e dizendo: Glória a Deus nas alturas, e na terra paz entre os homens de **boa vontade!**” (Lucas 2:14).

Nossa amada Mestra Litelantes dizia que a paz era algo que podemos conseguir no caminho da vida e que realmente só temos chispas de verdadeira felicidade na vida. Porém, dizia que **a paz interior, sim, pode tornar-se uma conquista permanente se nos propusermos a alcançá-la.**

A chave (reiterava-nos a Mestra, enchendo-nos de boa vontade)

que faz a vida fácil é encher os nossos corações de perdão, tolerância, esquecimento das ofensas, e liberação total do ódio, da inveja e da maledicência.

Esperamos que a amorosa recordação de nossa bem-amada Mestra, por meio destas páginas, possa nos ajudar a encontrar tão anelados valores.

Diz o antigo provérbio castelhano: “Querer é poder”. Nossa Mestra Litelantes nos ensinou ainda melhor: “Querer é fazer”.

Que a paz seja com vocês.

Alfredo Dosamantes
México, 5 de fevereiro de 2008

PRÓLOGO

As rosas benditas da espiritualidade florescem na cruz do matrimônio perfeito.

Samael Aun Weor

Em sua obra “Vontade Cristo”, o Venerável Mestre Samael Aun Weor nos diz que na Constelação do Dragão oficia o Tribunal da Justiça Cósmica. Assim sendo, nossa Venerável Mestra Litelantes, Juíza deste Tribunal, é uma Grande Estrela do Dragão. É grande, sim, e muito grande, porque é o único filho dos Senhores do Tribunal que tem assento autônomo.

Este ensinamento começou por meio do apoio que o nosso Mestre Samael recebeu dos Mamas da Serra Nevada de Santa Marta, Colômbia, o Tibete da América. Cristalizou-se por meio do poderoso auxílio que recebeu dos Benditos Senhores Kout Humí, Moria e Adonái, aos quais o Mestre sempre dispensou uma especial devoção, segundo me reiterava, continuamente, nossa amada Mestra. Invoco seu amparo e proteção, confiando em sua poderosa ajuda para entregar estas palavras.

Nesta obra busca-se dar uma idéia simples da maravilhosa pessoa que foi nossa querida Mestra Litelantes. Não se pretende falar sobre suas coisas secretas, senão de seu ensinamento fundamental, que não se afasta, o mínimo que seja, daquilo que nos entregou o Mestre Samael. Talvez, a única diferença que encontraremos é que nossa bem-amada Mestra foi mais rigorosa em sua aplicação.

Confesso que refleti bastante antes de me dar à tarefa de escrever este livro. Cheguei à conclusão de que seria egoísmo de minha parte não transmitir o que vivi ao lado da Venerável Mestra, mesmo sendo pouco o que minha pessoa possa dizer desse coração de ouro que nossa Mestra tinha.

Também o que me move a escrever é o fato de perceber que já começam a alterar suas palavras. Há quem ponha em sua boca palavras que ela nunca disse, e não somente não as disse, senão que, sistematicamente, dizia o contrário.

Dizer falsamente que nossos Mestres afirmaram ou negaram tal ou qual coisa equivale a pretender roubar-lhes suas virtudes - uma infâmia, em toda a extensão da palavra.

Há, todavia, quem vá mais além e, supostamente, diga que fala em sonhos com a Mestra, após seu falecimento. Tais despropósitos não resistem a uma análise. Isso porque, em vida, a Mestra disse exatamente o oposto do que essas pessoas presumem haver “visto e ouvido” no mais além.

Sei muito bem que minhas palavras estão na balança e que os Mestres da Lei julgarão se elas se ajustam à verdade, pois a eles devo prestar contas. Triste papel eu faria se, ao invés de fazer um tributo à sagrada memória de nossa querida Mestra, eu colocasse em sua boca palavras que ela nunca disse.

Difícil é ocultar a verdade das coisas diante dos Mestres da Irmandade Branca, pois não há nada oculto que não deva ser revelado e a mentira sempre fica em evidência.

Quando comecei a viver na casa da Venerável Mestra Litelantes, quer dizer, quando tive essa Grande Dádiva de Deus, imediatamente ela me disse algo que eu

lhe havia ocultado. Recordo de lhe haver comentado que, na noite anterior, havia sonhado com ela – com vestes e touca brancas – e me puxara bruscamente um dedo da mão direita. Reagi e confessei à Mestra, precisamente, o que agora ela me dizia. A Mestra me respondeu: *Sim, quando se dá um puxão no dedo de alguém, imediatamente, essa pessoa diz ou solta tudo.*

Dessa forma, aprendi rapidamente a não lhe ocultar nada, muito menos a mentir-lhe, e desde então sigo firme nesse propósito, pois sei muito bem que ela escuta minhas palavras. Espero que minhas palavras possam alcançar a categoria de homenagem!

Esta obra é dedicada às pessoas simples que não veem com o intelecto cheio de preconceitos, mas com o coração; pessoas que sempre estão dispostas a escutar o ensinamento de nossos Veneráveis Mestres Litelantes e Samael Aun Weor.

O que pude apreciar em minha experiência ao lado da Mestra Litelantes (em 14 anos) é que as pessoas simples – que muitas vezes não sabiam nem sequer ler e que recebiam o ensinamento verbalmente dos instrutores, ou escutando as gravações das conferências do Mestre Samael – são as que realmente perduram neste difícil caminho e que têm vivências reais e concretas acerca desse conhecimento.

Assim, dirijo minhas palavras àqueles que, sinceramente, querem escutar os ensinamentos do Ser mais maravilhoso que já conhecemos: nossa Venerável Mestra Litelantes.

Verdadeiramente, nossa Mãezinha nos presenteou, com todo o seu amor, o mais extraordinário dos ensinamentos: o exemplo.

Alfredo Dosamantes
Outubro/2000

MESTRE KOUT HUMÍ SAGRADO

És terno, coração do pai
Mestre Kout Humí sagrado.
És a raiz do *fohat* que arde,
És, na verdade, o Cristo bem-amado.

Oh! tu, dono do silêncio,
crisol da sabedoria! Teus
pés reverencio, Senhor
da Alegria!

Teu caminho de regeneração
nos salva do Averno, livra-
nos da tentação
pelo amor paterno.

Deus pôs em tuas mãos
o sagrado ensinamento,
para dar aos humanos
o consolo e a esperança.

Quando um novo Cristo,
encarna sua Divindade
o campo fica pronto para
semear eternidade...

És glória da Santa Cruz,
da Divina Mãe o contentamento,
de nosso Pai a fulgente luz,
e do sagrado Amor o firmamento.

És, enfim, oh, bendito Mestre,
o divino fusionado com o humano,
o verdadeiro Pai-nosso,
que se torna nosso irmão.

CANTOS E FLORES

(In cuícatl, in xóchitl)

Nisso de dizer as coisas cada qual tem
seu modo,
e desculpe você se me acomodo nisso de
falares e dizeres, cantares e sentires
com aqueles versos dos
Senhores,
nossos antepassados, que não olhavam
a rima senão o que está em cima:
“Aquilo”,
o não visto,
o não igualado, o não
concluído, o não narrado fixo,
o imutável...

Desculpe, você, não é que
fale
de elevadas coisas com minha pobre
língua, mas o ânimo se míngua
e não encontro esquinas para estas
rosas,
fartas, cheias de espinhos!

E se de pobreza padeço, tenho cantos
e flores, cantos e flores ofereço!

CAPÍTULO I

QUEM FOI A VENERÁVEL MESTRA LITELANTES?

Era muito difícil penetrar na enigmática personalidade de nossa Venerável Mestra Litelantes. A única pessoa que verdadeiramente a conheceu foi seu esposo-sacerdote. E, certamente, o Mestre só falou um pouco sobre sua misteriosa esposa-sacerdotisa.

Dessa forma, não será minha pessoa quem dirá quem foi, realmente, internamente, nossa bem-amada Mestra, senão nosso Senhor Samael Aun Weor. E serão suas próprias palavras que farão a descrição de nossa Grande Senhora.

Mestra da Ciência Jinas

O Mestre Samael fala abertamente pela primeira vez, sobre a Venerável Mestra Litelantes, em seu “Tratado de Medicina Oculta e Magia Prática”, que foi editado primeiramente em 1952. Nessa obra, ele diz textualmente:

A Guru LITELANTES, conhecida na Terra com o nome profano de Arnolda de Gómez, ensinou-me os estados de jinas.

Esta Dama-Adepto é minha esposa-sacerdotisa e minha colaboradora esotérica. Eu havia lido muita literatura ocultista, mas jamais havia encontrado dados concretos sobre o modus operandi dos estados de jinas.

O Venerável Mestre Huirakocha, em sua novela iniciática, conta-nos o interessante caso do comandante Montenero que, com seu corpo físico em estado de jinas, entrou no Templo de Chapultépec, no México, para receber a Iniciação Cósmica. Dom Mário Roso de Luna também nos fala maravilhosamente sobre os estados de jinas.

Entretanto, nenhum escritor espiritualista jamais nos havia ensinado a fórmula concreta para colocar o corpo físico em estado de jinas. Aprendi esta fórmula com minha esposa-sacerdotisa, que me ensinou de forma prática. Vêm à minha memória muitas coisas interessantes daquela época. Por volta do ano de 1946, minha esposa e eu vivíamos no povoado tropical

de Girardot (Cundinamarca, interior da Colômbia). Certo dia, a Dama-Adepto me falou: - Esta noite me transportarei com meu corpo físico, em estado de jinas até a casa da senhora e... farei com que ela sinta minha presença, e ali deixarei um objeto material. Um pouco intrigado eu lhe perguntei: - É possível alguém se transportar com o corpo físico por meio dos ares e sem a necessidade de um avião? A Guru **LITELANTES** sorrindo, disse-me: - Já verás!

Muito cedo fui visitar aquela senhora que, bem impressionada, disse-me que durante toda a noite havia percebido ruídos e passos de uma pessoa estranha dentro da casa. Depois me contou que, dentro de seu aposento, devidamente fechado com cadeado, havia encontrado certos objetos materiais pertencentes à senhora Arnolda.

Muito assombrado com o episódio, fui contar o caso à Dama-Adepto que, sorrindo, disse-me: - Já vêes que sim, que se pode viajar com corpo físico em estado de jinas.

Mais tarde, ela me convidou para fazer uma excursão com o corpo físico pelos domínios dessa maravilhosa terra-de-jinas, das quais fala Dom Mário Roso de Luna. Certa noite, a mais quieta, a mais calada, estava deitado em minha cama, em perfeito estado de vigília; de repente, a Dama-Adepto me disse: - Levanta-te da cama e vamos! **A Dama-Adepto havia colocado seu corpo físico em estado de jinas e estava rodeada pelas terríveis forças cósmicas do deus Harpócrates.**

Levantei-me de meu leito e cheio de fé a segui, caminhando com passo firme e decidido. Uma voluptuosidade espiritual me embriagava e, então, resolvi flutuar nos ares. Compreendi que eu me havia submergido dentro do plano astral, porém com o corpo físico. Entendi que quando o corpo físico se submerge dentro do plano astral, pode-se levitar e ficar sujeito às leis do plano astral, porém sem perder as suas características fisiológicas. **A Dama-Adepto me fez voar por cima de grandes precipícios e montanhas, para testar meu valor.**

Depois de uma excursão muito interessante realizada pelas remotas terras-jinas, a Dama-Adepto e eu regressamos à casa onde vivíamos.

Segui experimentando, por minha conta, e descobri que, para alguém se transportar com o corpo físico em estado de jinas, só necessita de uma quantidade mínima de sono e muita fé. Mais tarde, a Dama-Adepto me explicou algo sobre o Ovo Órfico e sobre os estados de jinas.

Vem à minha memória o Ovo de Ouro de Brahma, que simboliza o Universo. Nossa Terra tem forma oviforme. “A primeira manifestação do Cosmo em forma de ovo era a crença mais difundida na antiguidade”. “O

ritual egípcio diz que Seb, o Deus do Tempo e da Terra, pôs um ovo, ou o Universo; um ovo concebido na hora do Grande Uno da Força Dupla”.

O Deus Ra é representado pelos egípcios em processo de gestação, dentro de um ovo. O Ovo Órfico figurava nos Mistérios Dionisiacos. Na Grécia e na Índia, o primeiro ser masculino visível, que reunia em si mesmo os dois sexos, era representado saindo de um ovo.

O ovo simboliza o mundo. Desta forma, a lógica nos convida a pensar que no ovo existem grandes poderes ocultos.

A Guru LITELANTES me explicou a fórmula mágica do ovo e me disse que, com o ovo, uma pessoa podia colocar o corpo físico em estado de jinas.

É necessário se fazer um pequeno furo no ovo, na parte extrema e pontiaguda, e por esse buraquinho, extrair sua gema e sua clara. Deve-se esquentar ligeiramente o ovo na água, antes de fazer o furo. O discípulo deverá pintar esse ovo com a cor azul. Coloca-se a casca oca próxima à cama e o discípulo deve adormecer imaginando-se metido dentro do ovo.

O Mestre Huirakocha diz que, nestes instantes, o discípulo deve invocar o deus Harpócrates, pronunciando o seguinte mantra: **HAR-PO-CRAT-IST**. Então, o deus Harpócrates levará dentro do ovo o discípulo, que sentirá um grande formigamento ou coceira em seu corpo.

O discípulo se sentirá incomodado, porque terá a posição desconfortável, tal como a de um pombinho dentro do ovo. O discípulo não deverá reclamar, pois o deus Harpócrates o transportará a qualquer lugar distante, abrirá o ovo e o deixará lá. Inicialmente, o estudante só conseguirá transportar-se em corpo astral. Mais tarde, o estudante já poderá transportar-se com seu corpo físico em estado de jinas. Isso é uma questão de muita prática e tenacidade.

O estado de jinas nos permite realizar todas essas maravilhas. **A Guru LITELANTES me demonstrou, de forma prática,** como o corpo físico em estado de jinas pode assumir distintas formas, aumentar e diminuir de tamanho à vontade. Realmente, a Medicina oficial não conhece o corpo físico, senão seus aspectos puramente primários ou elementares. Apesar disso, os cientistas ignoram totalmente que o corpo físico é plástico e elástico. A Anatomia e a Fisiologia oficiais ainda se encontram em estado embrionário.

As forças que a Guru LITELANTES me ensinou a manejar são as forças harprocratianas que agitam e palpitam em todo o Universo.

As forças de HAR-PO-CRAT-IST se constituem em variações das forças

crísticas.

Onde quer que haja um estado de jinas, um desdobramento astral, um templo-jinas ou um lago encantado, ali estarão as forças de HAR-PO-CRAT-IST, em função ativa.

Com estas práticas de HAR-PO-CRAT-IST, o discípulo vai acumulando essas energias de HAR-PO-CRAT-IST que mais tarde lhe permitirão realizar verdadeiras maravilhas e prodígios.

Esta ciência maravilhosa aprendi com a Guru LITELANTES, minha esposa-sacerdotisa, que trabalha nos mundos superiores como um dos quarenta e dois Juizes do Carma.

O Mestre Samael, a propósito de sua esposa-sacerdotisa, declara três pontos substanciais:

1. Que é uma Guru (ou melhor, uma poderosa Guru, como precisa em sua outra obra “Mistério Maiores”);
2. Que é um dos quarenta e dois Juizes do Carma;
3. Que aprendeu, por meio dela, a fórmula concreta para colocar o corpo físico em estado de jinas.

Resulta bastante intrigante a segunda confissão, pois nos dá uma ideia da exaltação, do grau de maestria que nossa Mestra tinha, já que os Senhores do Carma são elevados em toda a exaltação, desde o momento em que se constituem nos instrumentos primordiais do Pai, *Brahma*, para manter a ordem do Cosmo.

O Venerável Mestre Samael menciona que na Aurora do *Mahamanvantara* os deuses choram ao saber o carma que terão que pagar, durante o Dia Cósmico. Por esta razão, podemos inferir que todos os deuses estão sujeitos à autoridade e à potestade dos Senhores da Justiça Cósmica.

Por isso, a exaltação dos Juizes do Carma é tão grande, pois eles são os imediatos executores da Vontade do Pai, Osíris, o *Pro Pator*, seus subordinados mais próximos, diante dos quais se inclinam os deuses. Eis aí a hierarquia de Nossa Senhora Litelantes! Salve, Pai-nosso Anúbis, Osíris Un-Nefer Glorioso!

Com este antecedente, não nos causa estranheza que a Mestra ensinara ao Mestre Samael a fórmula concreta para colocar

o corpo físico em estado de jinas.

O Mestre Samael nos esclarece que, tanto o doutor Arnoldo Krumm-Heller (V.M. Huirakocha) como Dom Mário Roso de Luna falam a respeito dos *estados de jinas*, “**no entanto, nenhum escritor espiritualista jamais nos havia ensinado** a fórmula concreta para colocar o corpo físico em estado de jinas”.

Esta afirmação evidencia que o conhecimento de nossa bem-amada Mestra é superior ao desses escritores esoteristas e até ao do próprio Mestre Samael, que recebeu dela a apreciada fórmula.

Não obstante isso, convém assinalar que, em certa ocasião, a Mestra me expressou que o *Avô*¹, como costumava falar carinhosamente ao se referir ao seu esposo, já sabia se converter em felino, mesmo antes de se casar com ela. Quer dizer, ele já havia aprendido com os arahuacos da Serra Nevada de Santa Marta, Colômbia, o Tibete da América, a técnica que conhecemos como nagualismo, mas somente no tocante a algumas variedades de felinos.

O Mestre Samael possui, portanto, a técnica específica das Ciências jinas que o convertia em um felino, mas não a técnica genérica para tomar qualquer outra forma, a qual aprendeu, exclusivamente, por meio da própria Mestra Litelantes.

Colaboradora Esotérica do Mestre

A outra obra na qual o Mestre Samael fala enfaticamente acerca de nossa Mestra é a “Mensagem de Natal de 1954”; nela, ele lhe dedica o frontispício e as primeiras palavras.

Efetivamente, aparece uma foto da Mestra no frontispício, com vestes e touca brancas. Na primeira página da citada obra, encontramos o seguinte texto:

Venerável Mestra LITELANTES, Esposa do Venerável Mestre AUN WEOR.

Esta Dama-Adepto goza de consciência contínua e por meio de

¹ Nota do Tradutor: *Avô* era como a Mestra Litelantes se referia ao Mestre Samae Aun Weor.

inumeráveis reencarnações logrou aperfeiçoar e fortalecer certas faculdades ocultas que, entre outras coisas, permitem-lhe recordar suas vidas passadas e a História do Planeta e de suas Raças. Tem sido a colaboradora esotérica do Venerável Mestre **AUN WEOR**. Descobriu os estados de jinas mencionados por Dom Mário Roso de Luna e Arnaldo Krumm- Heller. Colaborou com o Mestre **AUN WEOR** na investigação científica dos elementais vegetais que figuram na obra “Tratado de Medicina Oculta e Magia Prática”.

Esta Dama-Adepto é um dos 42 Juízes do Carma. É absolutamente silenciosa e como jamais faz apologia de seus poderes e de seus conhecimentos, os pedantes da época esgotam sua baba difamatória contra ela.

A Guru Litelantes trabalha anônima e silenciosamente no Palácio dos Senhores do Carma. Esta Dama- Adepto é a Alma gêmea do Venerável Mestre **AUN WEOR** e, por meio de inumeráveis reencarnações, tem sido sempre a fiel companheira do Mestre.

Esta poderosa vidente possui em sua mente toda a sabedoria dos séculos e, com suas faculdades clarividentes, tem colaborado com o Mestre **AUN WEOR**, estudando os distintos departamentos elementais da natureza.

Resumimos:

01. Goza de consciência contínua;
02. Possui faculdades ocultas que, entre outras coisas, permitem-lhe recordar suas vidas passadas, a História do Planeta e de suas Raças;
03. Tem sido a colaboradora esotérica do Mestre Samael;
04. Descobriu os *estados de jinas*;
05. É um dos 42 Juízes do Carma;
06. Jamais faz alarde de seus poderes nem de seus conhecimentos;
07. É a Alma gêmea do Mestre Samael;
08. Em todas as reencarnações tem sido sempre a fiel companheira do Mestre;
09. É uma poderosa vidente;
10. Possui em sua mente toda a sabedoria dos séculos;
11. Colaborou com o Mestre estudando os distintos

departamentos *elementais* da natureza².

12. Com sua ajuda, o Mestre Samael pôde escrever as obras “Rosa Ígnea” e “Tratado de Medicina Oculta e Magia Prática” e podemos dizer que, também, toda a sua obra.

A primeira obra que o Mestre escreveu foi a “Porta de Entrada à Iniciação”, também chamada “O Matrimônio Perfeito de *Kinder*”, editada em 1950.

Em seu “Tratado de Medicina Oculta e Magia Prática”, editado em 1952, o Mestre já fala abertamente da Mestra e de suas extraordinárias faculdades.

Em 1954, ratifica tudo o que disse sobre ela e, além disso, amplia seu catálogo de faculdades; no entanto, também expressa que os pedantes da época esgotam a sua baba difamatória contra ela, o que seria uma constante em sua vida.

Com efeito, até a presente data – posterior à sua desencarnação – os pedantes, santarrões e sabichões da época continuam comprazendo-se em esgotar sua baba difamatória contra ela.

Bem sabemos pela própria Mestra, por seus filhos e por alguns estudantes daquela época, que desde o princípio da missão do Mestre Samael, a maioria de seus “seguidores” a olhavam com desprezo (entre outras coisas, porque ela não era conferencista e nem universitária) e procuravam humilhá-la, relegando-a para os afazeres da cozinha.

Não obstante, ela sempre suportou com a maior equanimidade esses desprezos, pois afirmava que não se importava com a má vontade ou com os falatórios das pessoas; ao contrário, agradecia-lhes, pois lhe faziam um favor: ao menos falavam dela, mesmo que fosse mal; que as pessoas não pagavam o seu telefone, seu aluguel, seus cigarros e nem seus caprichos; que quanto mais falavam mal dela, mais ela comia, divertia-se e mais passeava; que é uma loucura se importar com os maldizentes, pois caso se importasse com o que as pessoas diziam dela, de há muito já teria

² Nota do Autor: Veja as obras “Rosa Ígnea” e “Tratado de Medicina Oculta e Magia Prática” escritas pelo Mestre AUN WEOR.

desencarnado etc., etc.

A Virgem da Lei

Em 1956, foi editada pela primeira vez uma belíssima obra do Venerável Mestre Samael Aun Weor, intitulada “Os Mistérios Maiores”, na qual o Mestre volta a se referir à nossa querida Mestra nos seguintes termos:

Os que sabem sair em astral e que sabem acertar suas contas no Tribunal do Carma recebem os ensinamentos diretamente, nos templos de mistérios; esses que recordam suas reencarnações passadas, esses sim, sabem, mesmo que não tenham lido, jamais, um único livro de Ocultismo; mesmo que sejam no mundo, pobres analfabetos, ainda que não passem de simples cozinheiros ou índios selvagens, esse é o tipo de gente que sabe verdadeiramente. Nós conhecemos dois poderosos iluminados que são muito simples; um deles é um índio selvagem da Serra Nevada de Santa Marta, Colômbia; o outro é **a poderosa Guru LITELANTES, Grande Mestra da Justiça Cósmica**. Esses dois poderosos iniciados gozam do privilégio de possuírem consciência contínua. Em tais condições privilegiadas, esses dois iniciados possuem conhecimentos que jamais poderiam ser escritos, porque se fossem escritos seriam profanados. Os grandes intelectuais que conheceram esses dois Gurus olharam para eles com desdém, porque esses dois iniciados citados não falavam como papagaios, não estavam cheios de santimônia, não eram intelectuais, nem andavam propalando seus assuntos esotéricos.

Conhecemos outros, que só despertam a consciência esporadicamente, de vez em quando, que não passam de principiantes nestas coisas. O importante é possuir consciência contínua no plano astral; para isso temos dado práticas e chaves neste livro. Aquele que não sabe sair em corpo astral, conscientemente, não sabe nada de Ocultismo, mesmo que tenha o grau 33 no clube da Maçonaria; mesmo que seja aquarianista; mesmo que se proclame teósofo ou se qualifique como cavaleiro Rosa-Cruz. Qualquer um pode ler livros de Ocultismo ou teorizar magnificamente, mas possuir “consciência consciente” da sabedoria oculta é outra coisa. A verdadeira sabedoria oculta é estudada nos mundos internos. Aquele que não sabe sair em astral não sabe sobre Ocultismo.

De tudo isto, podemos inferir o seguinte, a respeito da

Venerável Mestra Litelantes:

1. Sabe sair em astral;
2. Sabe ajustar suas contas no Tribunal do Carma;
3. Recebe os ensinamentos diretamente nos templos de mistérios;
4. Recorda suas reencarnações passadas;
5. Possui verdadeira sabedoria;
6. É uma poderosa iluminada;
7. É uma poderosa iniciada;
8. Goza do privilégio de possuir a consciência contínua;
9. É Grande Mestre da Justiça Cósmica;
10. Possui conhecimentos que jamais poderiam ser escritos, porque se fossem escritos seriam profanados;
11. Não fala como papagaio, não está cheia de santimônia, não é intelectual e não anda propalando seus assuntos esotéricos;
12. Possui “consciência contínua” no plano astral;
13. Possui “consciência consciente” da sabedoria oculta.

O Mestre Samael assinala claramente que só conheceu duas pessoas que tiveram as faculdades descritas: nossa bem-amada Mestra Litelantes e um índio selvagem da Serra Nevada de Santa Marta, Colômbia.

Esta passagem do livro “Os Mistérios Maiores” provocou entre os seguidores de um discípulo do Mestre – que por certo lhe deu as costas, pois se rebelou contra a Mestra – a idéia de que este discípulo seria o personagem mencionado - o “índio selvagem” da Serra Nevada de Santa Marta, Colômbia. Por isso, pedi à Mestra que me explicasse de quem se tratava.

A Mestra me afirmou, enfaticamente, que o Mestre Samael se referia ao **Mama Ceferino Maravita** o que, efetivamente, concorda com o texto, pois o “discípulo” citado, apesar de ser moreno, não era índio, muito menos selvagem, já que se tratava de um fazendeiro com sobrenome de origem basca, por certo.

Ao concluir a obra “Os Mistérios Maiores”, no último

capítulo, o Mestre Samael reitera que só conheceu dois personagens que estão preparados para a *Gnosis*: um índio e a Mestra Litelantes.

Além disso, o Mestre menciona um fato singular: “Com estas instruções e práticas o homem pode alcançar o grau de Cristo; a mulher alcança o grau de Virgem. **LITELANTES, a Virgem da Lei, é poderosa**”.

O curioso desta expressão é que o documento mais importante da Cabala, o *Zohar*, fala da Virgem da Lei. Relata-nos (II, 94 b) que a Torá – a Lei, a Luz Divinal, o conhecimento verdadeiro – como uma belíssima virgem, revela seus mais profundos segredos só àqueles que a amam. Ela sabe que aquele que quer ser sábio de coração ronda as grades de sua morada, dia após dia.

A princípio, chama-o de “ingênuo” e o convida a conversar com ela, sob o véu que coloca em suas palavras, para que ele possa ajustar sua forma de entendimento e possa progredir gradualmente. Isto se conhece como “Derashah” (derivado das leis, da letra das Escrituras).

Depois ela fala, coberta com um delgado véu de tule muito fino, por meio de enigmas e alegorias - e a isto se chama “Haggadah”.

Quando, por fim, ele se aproxima o suficiente dela, a Virgem descobre seu rosto e mantém com ele uma conversação acerca de todos os seus misteriosos segredos e de todos os caminhos secretos que estão ocultos em seu coração, desde tempos imemoriais. Assim, um homem se torna um verdadeiro adepto da Torá, um “Senhor da Casa”, pois ela lhe revelou todos os seus mistérios, sem guardar nem esconder um só.

Disse o rabino Yosef que dessa forma nós, homens, devemos seguir a Torá, com todas as nossas forças, convertendo-nos em seus fervorosos amantes.

O fato é que estes conceitos se aplicam à nossa Mestra, uma vez que, continuamente, pudemos apreciar que, quando alguém se aproximava dela com prejulgamento, considerando-a como uma

ignorante, negando de antemão sua mestria, ela ocultava totalmente seu poder-luz, mostrando-se tal como a pessoa queria vê-la.

Se a pessoa se aproximava dela com bom coração e sem prejulgamentos, ela falava de tal forma que a pessoa pudesse entender um pouquinho o seu ensinamento, de maneira que pudesse começar a entendê-la. Por isso, cobria suas palavras com um véu, para que a pessoa ajustasse seu entendimento.

Se alguém se aproximava da Mestra com boa vontade e com algum conhecimento, querendo verdadeiramente consultá-la, então ela falava por meio de enigmas, dando-lhe respostas que, depois de algum tempo, começavam a ter sentido. Creio que muitos tivemos a sorte de comprovar isto, ou seja, como se cumpriam, cedo ou tarde, suas palavras, mesmo que resultassem, a princípio, enigmáticas.

Muito excepcionalmente, chegamos a escutar de sua boca palavras claras, a propósito dos sagrados mistérios. Em tais memoráveis ocasiões – que sempre foram breves – a Mestra se expressava com uma precisão inimaginável, com uns vocábulos – além de formosos, vinculados, de grande ascendência – que não escutamos nem nas aulas universitárias, nem no mais eloquente discurso.

Era realmente assombroso o fato de aquela pessoa, que nunca havia passado por uma universidade, transbordar eloquência, uma esmerada linguagem, mais afeita a um doutor em Direito ou Filosofia, cuja profundidade dos conceitos, deixava qualquer um atônito. Caso singular, verdadeiramente, o de nossa querida Mestra Litelantes.

Mestra de Mistérios Maiores

A última obra em que o Venerável Mestre Samael falou amplamente de sua esposa- sacerdotisa, “As Três Montanhas” (Mensagem de Natal de 1972-1973), foi editada pela primeira vez em setembro de 1972.

“As Três Montanhas” é uma obra de caráter biográfico-

esotérico, na qual o Mestre relata suas distintas iniciações. Eis aqui como descreve sua primeira iniciação do fogo:

Eu aguardei, com ansiedade infinita, a data e hora da iniciação. Tratava-se de um dia 27, sacratíssimo. Queria uma iniciação como aquela que o comandante Montenero recebera no Templo de Chapultépec, ou como a que Ginés de Lara – o Devo reencarnado – tivera naquele Sancto Sanctorum ou Adytum dos Cavaleiros Templários, na noite extraordinária de um eclipse da Lua.

No entanto, meu caso foi certamente muito diferente e, ainda que pareça incrível, na noite da iniciação senti-me defraudado.

Repousando com angústia infinita em minha dura cama, dentro de uma humilde choupana, às margens do mar, passei a noite sem dormir, aguardando inutilmente...

Minha esposa-sacerdotisa dormia, às vezes movia-se na sua cama, ou pronunciava palavras incoerentes. O mar com suas ondas furiosas golpeava a praia, rugindo espantosamente, como que protestando.

Amanheceu e nada! Nada! Nada! Que noite de cães, Deus meu! Valha-me Deus e Santa Maria! Quantas tempestades intelectuais e morais tive que experimentar naquelas mortais horas noturnas!

Realmente, não há ressurreição sem morte, nem amanhecer algum na natureza, nem no homem, sem que lhe precedam trevas, tristezas e atonias noturnas que tornam mais adorável a luz.

Todos os meus sentidos foram postos à prova, torturados, em agonias mortais que me fizeram exclamar: - Pai meu! Se for possível, afasta de mim este cálice, mas não se faça a minha vontade, senão a tua.

Ao sair o Sol, como uma bola de fogo que parecia brotar do tempestuoso oceano, LITELANTES despertou, dizendo-me: – Você se recorda da festa que fizeram lá em cima? Você recebeu a iniciação!

– Como? Mas o que você está dizendo? Festa? Iniciação? Qual? A única coisa que sei é que passei uma noite mais amarga que o fel...

– O quê? – exclamou LITELANTES, assombrada - Então você não trouxe ao seu cérebro físico recordação alguma? Não se recorda da Grande Cadeia? Esqueceu-se das palavras do Grande Iniciador? Entristecido com tais perguntas, interroguei LITELANTES: - O que me disse o Grande Ser?

– Ele lhe advertiu – exclamou a Dama-Adepto – dizendo que de hoje em diante terá o dobro de responsabilidade pelos ensinamentos que der ao mundo. Ademais – disse LITELANTES – você foi vestido com a túnica branca de linho dos Adeptos da Fraternidade Oculta e também lhe

entregaram a espada flamígera.

– Ah! Agora entendo. Enquanto eu passava por tantas amarguras em meu leito de penitente e anacoreta, meu Real Ser Interior recebia a Iniciação Cósmica... Valha-me Deus e Santa Maria! Mas o que ocorre comigo? Por que estou tão lerdo? Tenho um pouco de fome; parece-me que é hora de levantarmos para o café da manhã.

Momentos depois, LITELANTES juntava na cozinha a lenha seca que serviria de combustível para acender o fogo.

O café da manhã estava delicioso e comi com muito apetite, depois de uma noite tão dolorosa.

Veio um novo dia de rotina. **Trabalhei como sempre para ganhar o meu pão de cada dia** e descansei em minha cama, perto do meio-dia. Certamente, estava desvelado e me pareceu justo um pequeno repouso. Ademais, sentia-me compungido de coração.

Não tive, pois, nenhum inconveniente para me deitar em decúbito dorsal, quer dizer, na posição de boca para cima e com o corpo bem relaxado.

Imediatamente, encontrando-me em estado de vigília, vejo que alguém entra em meu quarto; eu o reconheço, é um chela da Venerável Loja Branca.

Aquele discípulo traz um livro em suas mãos; deseja consultar-me e solicitar-me certa autorização. Quando quis responder, falei com uma voz que me assombrou a mim mesmo. Atman, respondendo por meio da laringe criadora, é terrivelmente divino.

– Vá! – disse-lhe o meu Real Ser –, cumpra com a missão que lhe foi encomendada.

O Chela se retirou agradecido. Ah! Quão transformado fiquei! Agora sim, agora entendo! Foram estas as minhas exclamações depois que o chela se retirou.

Alegre, levantei-me da dura cama para conversar com LITELANTES; necessitava contar-lhe o ocorrido. Senti algo superlativo, como se no interior de minha consciência se houvesse operado uma transformação átmica, transcendental, de tipo esotérico, divinal. Anelava por uma nova noite. Aquele dia tropical era para mim como o vestíbulo da sabedoria. O quanto antes, queria ver o Sol como uma bola de fogo, afundando-se uma vez mais entre as tormentosas ondas do oceano.

Quando a Lua começou a acerar as águas tormentosas do mar do Caribe, nesses instantes em que as aves do céu se recolhem em seus ninhos, pude então apressar LITELANTES para que concluísse seus quefazeres domésticos.

Naquela noite, deitamo-nos mais cedo do que de costume. Eu anelava algo, encontrava-me em estado enlevado...

Deitado outra vez em minha dura cama de penitente e anacoreta, nessa asana hindustânica de homem morto – decúbito dorsal, boca para cima, corpo relaxado, braços ao longo dos costados, pés se tocando nos calcanhares e abertos em forma de leque – aguardei em estado de alerta-percepção, alerta-novidade. De repente, em milésimos de segundo, recordei-me de uma distante montanha. O que aconteceu foi algo insólito, inusitado... Vi-me, instantaneamente, ali, sobre o cume distante, muito longe do corpo, dos afetos e da mente... Atman, sem ataduras, longe do corpo denso e na ausência dos veículos suprassensíveis. Em tais momentos de samádi, a Iniciação Cósmica recebida na noite anterior era para mim um fato palpável, uma crua e viva realidade, que nem sequer necessitava recordar... Quando minha destra se colocou sobre o áureo cinto pude evidenciar, feliz, que ali tinha a flamígera espada, exatamente no lado direito.

Todos os dados que LITELANTES me dera, foram precisos para mim. Quão feliz me sentia agora como homem-espírito! Vestido, certamente, com a túnica branca de linho.

Que conclusão primordial podemos tirar deste fragmento do livro “As Três Montanhas”?

Indubitavelmente, a Venerável Mestra Litelantes já era iniciada, antes que o Mestre Samael recebesse a primeira iniciação do fogo.

Efetivamente, de que outra forma podemos explicar que a Mestra estivesse presente na Grande Cadeia? Como é que a Mestra Litelantes sabia as palavras do Grande Iniciador? É irrefutável que nossa Mestra já fazia parte do grupo do Grande Iniciador, quer dizer, já havia recebido a Iniciação. Insisto, de que outra forma se explica sua presença na Grande Cadeia?

Por acaso ela não trouxe a recordação da extraordinária experiência, enquanto que o Mestre passava uma noite mais amarga que o fel? No entanto, ela “dormia, às vezes se movia em sua cama, ou pronunciava palavras incoerentes”.

Paradoxalmente, muita gente cheia de orgulho místico pensou e continua pensando que, esotericamente, nossa Mestra dormia e

pronunciava palavras incoerentes, que na realidade não era Mestra, apesar do texto expresso no Quinto Evangelho.

Para negar a mestria da esposa do Avatar de Aquário ter-se-ia que arrancar as páginas da obra do Mestre Samael onde a menciona; ter-se-ia que mutilar o Quinto Evangelho.

Como diz o aforismo – tão citado pelo Mestre Samael – “por trás de todo grande homem há uma grande mulher”, como sucedeu, efetivamente, com o Avatar, o qual foi o primeiro a reconhecer que sua esposa-sacerdotisa lhe ensinou o manejo das forças-jinas; que é uma poderosa Guru; que tem a inimaginável hierarquia de Juíza do Carma; que ela já estava presente na Grande Cadeia onde o Mestre Samael recebeu a primeira iniciação; e que todos os dados que Litelantes deu a Ele resultaram precisos, tal como aconteceu em todos os eventos da vida interna e externa do Mestre Samael.

Com efeito, tanto sua família como seus amigos e estudantes recordam que o Mestre Samael dizia que tudo advertido ou previsto pela Mestra cumpria-se matematicamente.

Além disso, afirmava que as severas advertências que a Mestra lhe fazia, seu rígido atuar, eram próprios dos Mestres da Lei; e que o mais terrível da questão é que ela sempre tinha a razão; que era matemática como uma tábua pitagórica.

Relatam-nos seus familiares e demais testemunhas presenciais que, quando os dois Mestres dissentiam, a Mestra sempre concluía a discussão dizendo ao Mestre: - À noite nos veremos lá em cima, quer dizer, no Tribunal; e que o Mestre simplesmente se curvava (literalmente: “abaixava a cabeça”) e guardava um respeitoso silêncio, pois sempre lhe teve um profundo respeito e veneração.

Muitos testemunharam que o Mestre Samael chegou a expressar que a Venerável Mestra Litelantes era o mais elevado Turiya que ele havia conhecido.

Turiya é o Mestre que possui o mais alto grau de intuição, o que possui Prajña Paramita, é um homem que pode falar com seu próprio Deus Interno cara a cara.

Salve Litelantes, Bendita Mestra, Senhora e Mãezinha nossa, Tonantzin sagrada!

UMA ESTRELA BRILHANTE

Há uma estrela brilhante
Que chama, evoca e canta
No azul distante...

Diga-me, estrelinha graciosa:
Por que tua luz tão santa
Visita minha triste rosa?

Litelantes te chamaste um dia
E ofuscar tua beleza e glória
Nem a força do céu podia.

Oh, alegre memória
Que tua voz revive!

Aquele que levanta em mim sobrevive!
Chama, evoca e canta

Uma estrela brilhante no azul distante

CAPÍTULO II

DE CURANDEIRO A HIEROFANTE

Vejam, agora, o processo por que passou Víctor Manuel Gómez Rodríguez para encarnar o seu Bendito Real Ser, o Logos Samael Aun Weor, com a amorosa ajuda de nossa Venerável Mestra Litelantes.

O Encontro com o Mestre Samael

Quando a Mestra conheceu o Mestre Samael, ele se dedicava a curar, principalmente por meio de plantas.

A Mestra relatava que uma de suas irmãs, Josefina – a loira, a mais bonita, a preferida, aquela com quem a comparavam desvantajosamente – encontrava-se enferma, num estado tão grave que os médicos diziam que estava desenganada, sem esperança de vida. Vomitava sangue e tinha febres intensas que a medicina oficial não conseguia controlar.

Sua família tomou conhecimento da existência de um senhor que curava casos desesperançados, razão pela qual pediram a Arnolda que fosse buscá-lo, como último remédio, pois nessa situação sua irmã poderia morrer naquela mesma noite, ou na manhã do dia seguinte.

A jovem Arnolda conseguiu encontrar o curandeiro que, por certo, parecia um pedreiro: barbudo, envelhecido, desalinhado, segundo nos comentara a Mestra.

Ela lhe pediu, então, que fosse à sua casa e fizesse o favor de curar a sua irmã, ao que ele perguntou:

-Se você aceita, posso acompanhá-la a sua casa.

Ela então replicou: *-Não, obrigada, posso ir sozinha.*

Depois de algumas horas, o curandeiro chegou à casa da família Garro, atendendo à enferma com suas curas, deu-lhe umas plantas; e disse à família que, se a febre baixasse antes da meia-noite, a jovem ficaria curada, caso contrário, não se comprometia

que fosse curá-la.

O fato é que ficou curada... e o curandeiro ficou cativado pela senhora Arnolda, razão pela qual buscou os meios de se aproximar da família Garro, com o pretexto de supervisionar a convalescença da irmã da senhora Arnolda.

Esse curandeiro era o senhor Víctor Manuel Gómez Rodríguez que, posteriormente, seria conhecido com o nome sagrado de Samael Aun Weor.

A Mestra dizia que, apesar de sua aparência de “pedreiro”, o curandeiro lhe havia “caído bem”, que ela havia gostado dele, que havia algo nele que a atraía.

Nesta ocasião, a Mestra tinha dois pretendentes. O primeiro era um viúvo de quem ela ficara noiva, porque seu irmão Gildardo – que era difícil de conviver, ao contrário de Octávio, que era cordial – proibiu-lhe, terminantemente, que ficasse noiva dele (com qualquer outro, menos com ele). E, justamente para contrariar o seu irmão, ela ficou noiva do viúvo que, por certo, não a atraía nem um pouco, pois não era bom moço e tinha vários filhos.

O segundo pretendente era um jovem que vivia, precisamente, dentro da casa dos Garros, em um quarto que lhe era alugado para ajudar economicamente à família – pois eram realmente pobres –, com quem se havia relacionado igualmente para contrariar o seu irmão, já que a jovem Arnolda era de caráter firme, e não deixava que a dominassem.

Esclareço que tais pretendentes ou “noivos” o eram somente de nome, pois, quando um deles pretendeu abraçá-la, a jovem Arnolda lhe disse que o melhor era fazê-lo com sua mãe. Ele replicou, enfatizando que era seu noivo. Ela então lhe respondeu que o era “de nome”, pois somente permitiria isso a quem se casasse com ela. Com a mesma atitude e disposição de ânimo, tratou dessa forma a todos os seus “noivos”.

A questão é que o curandeiro se enamorou profundamente daquela jovem morena, magra, de caráter duro, de olhar ao mesmo tempo severo e delicado – totalmente enigmática, conforme ele declarou em um poema daquela época – e com um sorriso

cativante!

Portanto, buscou um meio de se aproximar da família Garro que, apesar de estar agradecida pela cura de sua filha, não via com agrado que pretendesse cortejar a senhora Arnolda. Dizia a Mestra que, quando perguntou à senhora sua mãe, Dona Belinda, o que lhe parecia o senhor que curava, ela a repreendeu e mandou-a imediatamente para a cozinha.

O Senhor Víctor Manuel Gómez, por sua parte, tornou-se amigo do suposto noivo da jovem Arnolda (seu vizinho e arrendatário), o qual lhe disse que a jovem era uma “tigresa”, não se deixava dominar. Em resposta, Dom Víctor Manuel comentou ser isto o que mais lhe interessava, o que precisamente andava buscando.

Por fim “a tigresa” deu-lhes um ultimato: o pretendente que honrasse bem suas calças e verdadeiramente oferecesse casar-se com ela, se viesse a cumprir isso, ela o desposaria.

Quem se animou foi o Avô e assim deram conhecimento da pretensão de casamento à família Garro, que recebeu com desagrado a notícia. Diante disso, a comprometida Arnolda respondeu dizendo que tinha decidido casar-se e, se eles não queriam dar a bênção, isto ficaria em suas consciências, pois ela se casaria sem suas autorizações. Não restou aos seus pais outra alternativa a não ser abençoar a união.

A mesma razão foi exposta pela decidida Arnolda diante do pároco, que já conhecia o seu caráter, dizendo-lhe que nesse mesmo dia sairiam do povoado, não restando alternativa também ao pároco, senão abençoá-los.

Em um noivado fulminante de 20 dias, foram decididos os destinos da Gnosis do Século XX e dos séculos vindouros.

Efetivamente, aí começou o processo de correção e elevação do *Bodhisattva* do Senhor Samael Aun Weor, até lograr sua encarnação interior profunda em Víctor Manuel Gómez Rodríguez.

A Mestra mencionava que o Avô tinha um amigo astrólogo que, ademais, praticava Quiromancia e, ainda recém-casados, apresentou-o a ela. O astrólogo, o velhinho, disse a ela que Víctor

Manuel já lhe havia contado que se casaria com uma jovem moreninha, baixinha, de cabelos negros, porque assim havia sonhado ou visto na noite, e que surpresa! Agora tinha o prazer de conhecê-la, confirmando o que Víctor Manuel havia predito e que, em seu momento, teve a gentileza de lhe confiar.

O astrólogo tinha fama de acertado, razão pela qual o Avô pediu-lhe que dissesse o destino do jovem casal. Ele leu a mão de Arnolda e, com tristeza, declarou que não viveria mais que um ano com Víctor Manuel.

A Mestra respondeu que ele estava muito equivocado, porque ela viveria toda sua vida com o Mestre, como sucedeu efetivamente, até o momento em que desencarnou.

Por certo que era a mão da Mestra uma mescla, uma mistura estranha de filosofia com prática. E quem via sua linha da mente podia dar-se conta da sua extraordinária capacidade de sair em astral e em *jinas*. O Mestre era do signo de Peixes e a Mestra de Libra. No horóscopo chinês, o Mestre era Serpente de Fogo e a Mestra Macaco de Metal. Finalmente, no horóscopo asteca, o Mestre era do dia 5 Serpente (Macuilli Cóatl), *trecena* 1 Crocodilo e ano 9 Casa; a Mestra era dia e *trecena* 1 Jaguar (Ce Océlotl) e ano 12 Pedernal.

Quando eles se casaram, o patrimônio de dom Víctor Manuel se resumia a duas camisas e uma calça comprida, assim como um pequeno cofre ou maleta, onde guardava uns papéis.

Isso, contudo, não importou à jovem Mestra, que só lhe impôs as seguintes condições para aceitá-lo:

- 1^a) que ele nunca pusesse as mãos sobre ela, quer dizer, que nunca batesse nela;
- 2^a) que viajassem, pois não queria viver muito tempo em um só povoado; e
- 3^a) que ele era muito homem para ter as mulheres que quisesse, pois tinha toda a liberdade, mas que, se andasse de namoro, queria que ele mesmo dissesse para ela, para não vir a saber por meio dos vizinhos. Nisso, sim, foi taxativa: que ele não fizesse comparações

nem levasse a mulher para casa, evidentemente.

O fato é que o Mestre sempre cumpriu, segundo afirmava enfaticamente a Mestra: jamais lhe bateu, viajaram muito – até que por fim se estabeleceram definitivamente no México D.F. – e sempre lhe disse com qual mulher andava.

A Correção do Mestre

O Mestre era terrível naqueles tempos, quando – como ele mesmo dizia – andava de “capa caída”. Era um jovem que havia saído definitivamente de sua casa, aos 16 anos. Trabalhando e estudando chegou à Universidade, até cursar o segundo ano na Faculdade de Medicina, de onde saiu para estudar outro tipo de Medicina com os índios da serra, porque – afirmava então – a Medicina oficial normalmente era um comércio e não podia curar as enfermidades, como também não podia curar certas coisas que ele sabia.

O fato é que aprendeu Medicina com os Mamas da tribo dos Arahuaacos, circunstância que o levou a conhecer a Mestra, mediante a cura de sua irmã.

Com os índios ele aprendeu de tudo: bom (com os Mamas Arahuaacos) e mau ou misto (com muitos xamãs, bruxos e curandeiros de distintas tribos). Ele não se assustava com nada e nem com ninguém; era como aqueles que entravam nas cantinas com cavalo e tudo.

Ele era tremendo: um completo Bodhisattva caído mas, por fim, um Bodhisattva com possibilidades de levantar-se, a quem sua esposa-sacerdotisa soube desenvolver, com sua tenacidade proverbial.

Desde sua infância, o Mestre tinha capacidades pouco comuns de clarividência, recordações de vidas anteriores e dos Registros Akáshicos. Seu ânimo de serviço o levou a estudar Medicina, mas foi depois de conviver com nossa bem-amada Mestra que ele dedicou tais faculdades à Grande Obra do Pai.

A Mestra dizia que, quando conheceu o Avô, parecia um pedreiro, barbado, sujo e velho, e que os pés ficavam inchados de tanto beber.

Ela começou por barbeá-lo e asseá-lo. Sempre o barbeou, até o final. Depois do banho, estendia sobre a cama sua roupa devidamente combinada, pois, quando ele mesmo o fazia por si, colocava uma meia de uma cor e outra diferente.

As pessoas sabiam que o Senhor que curava gostava de beber, razão pela qual levavam para ele garrafas de aguardente. Depois de haver bebido mais ou menos a metade, pediam que ele lesse as mãos, sendo muito acertado em suas leituras, sobretudo ao encontrar-se nesse estado.

A Mestra, ao invés de adotar uma atitude de admoestação e pressão constante para que o Avô deixasse de beber, deu-lhe sua liberdade e, pouco a pouco, foi imbuindo nele a idéia de deixar a bebida; com suavidade consegue-se muito, segundo costumava dizer-nos.

Chegou o momento em que, do próprio Avô, adveio a idéia de deixar de beber, porém, tendo suas recaídas. Numa delas, ele relatou à Mestra, na presença de um amigo meu, que não sabia nada de Gnosis, mas que lhe tinha um profundo respeito e carinho.

Havia cerca de cinco anos vivendo na casa de Dondita, ou da “Chefinha”, como carinhosamente costumava chamá-la, e assim também meu amigo a chamava, o qual era tremendo, por certo, brigão, advogado discutidor. Ele dizia que, se a Chefinha fosse advogada, não gostaria de brigar ou discutir com ela; e assim brincávamos muito, o que agradava sobremaneira à Mestra.

A Mestra nos comentou que quando Ísis – sua filha mais velha – ainda era carregada nos braços, o Avô estava com a idéia de não beber, mas que nesse dia expressou seu desejo de ir à cantina, simplesmente para conversar com os amigos, pois seu papo era muito interessante.

A Mestra lhe disse que se ele não ia beber, mas só conversar, ela o acompanharia com prazer à cantina.

Então, tomou Ísis em seus braços e acompanhou o Avô à

cantina, onde ele não encontrou os seus amigos para conversar. Bebeu com alegria até chegar a um ponto em que a Mestra lhe sinalizou: - *Não encontrou os seus amigos, não pode conversar com eles e creio que você já bebeu o bastante.* O Avô lhe respondeu: “Tens razão, vamos agora”.

Um dos fregueses disse então: “Covarde, é mandado por sua mulher!” O Avô replicou:

- Covarde, eu? Estão equivocados! Eu mostro a um por um dos que estão aqui, a mais de um não me comprometo!

Dizia-nos a Mestra que o primeiro que se lançou contra o Avô foi aquele que o chamou de covarde, sendo derrubado pelo Mestre com um só golpe (recordemos sua forte constituição e suas grandes mãos); depois, seguiu-se o mais forte dos que ali estavam, também derrubado com um só golpe.

Em seguida adentrou ao local “onde servem” (atrás do balcão), nocauteando quatro pessoas mais. No total derrubou seis campestinos agressivos. Levando em consideração essas circunstâncias, a Mestra chegou a um acordo com o dono da cantina e com o próprio Avô, de modo que já não lhe serviriam mais bebida, senão até certo limite.

Quando o Avô deixou definitivamente de beber, fez sua “despedida” com uma festa de três dias, não voltando, jamais, ao vício do álcool. Primeiramente, foi radical e não bebia absolutamente nada, até que em uma festa arranjou um inimigo gratuito, por não querer aceitar uma taça para brindar à sua filha, a homenageada pelos quinze anos.

A partir daquele momento, o Mestre Samael decidiu que é lícito tomar até três taças e elogiou os cavalheiros de muitas festas que, com uma só taça, passam toda a noite enganando o diabo.

O fato é que nossa querida Mestra tirou do Avô o vício da bebida, assim como o vício das mulheres.

Este último ela tirou também pouco a pouco, substancialmente porque não sentia ciúmes, somente pedia que, se ele andasse com alguma mulher, que dissesse a ela francamente,

pois ele era muito homem para ter as mulheres que quisesse, sendo muito livre, mas não queria saber pelos vizinhos, e sim pela sua própria boca.

Enfim, graças à perseverança da Mestra e ao seu estilo suave, o Avô pôde mudar de atitude, deixando os vícios que nada de bom traziam, para começar a caminhar pela Senda da Iniciação. O principal incidente que fez o Mestre mudar foi o seguinte: A Mestra relatava que o Avô sempre trazia uma “bolsa de mão”, segundo ela. A bolsa parecia com uma espécie de maleta ou pequeno baú, que ele levava para todas as partes. A ninguém ele mostrava o seu conteúdo e dormia com a maleta perto de seu alcance.

Reiteradamente, negou-se a mostrar o seu conteúdo à Mestra até que, cansada de insistir, ela lhe disse:

- Se você quer tanto a sua “maleta”, pois durma com ela, porque se não quer me dizer o que ela contém, já não dormirei com você! (Foi a única vez que ela lhe disse isto).

O Avô se viu, assim, comprometido a lhe mostrar o que havia dentro: era o manuscrito de um Tratado de Magia Negra que ele vinha escrevendo, assim como uma caveira e outros implementos de magia.

A Mestra falou que, se ele gostava da magia negra, era problema dele, que, nesse caso, isso causaria dano a ele próprio, mas se publicasse aquele “Tratado” ia causar dano a muita gente, razão pela qual deveria destruir esse documento, se queria seguir vivendo a seu lado.

O Avô então lhe inquiriu:

- Deveras, “Negra”? – que era como carinhosamente ele a chamava, por ser moreninha – você seria capaz de me deixar? A Mestra então lhe respondeu: - Sim, o faria. Levaria os meus filhos comigo e não me casaria mais, pois já saberia o que é um homem. O que você deve fazer é destruir esse Tratado e escrever um livro que beneficie à humanidade, em vez de prejudicá-la. Você não disse que gosta do lado branco?

Como o Avô sabia que, efetivamente, a Mestra era bem capaz

de ir embora, decidiu destruí-lo, pedindo a ela que se encarregasse de fazê-lo. Assim, a Mestra procedeu à queima da “maleta” com todo o seu conteúdo.

Por conta disso ele escreveu seu primeiro livro em benefício da humanidade doente: “A Porta de Entrada à Iniciação”, que também intitulou de “O Matrimônio Perfeito de Kinder”, obra editada em 1950, sendo que, em posteriores edições, ficou conhecida simplesmente como “O Matrimônio Perfeito”.

Dizia-nos a Mestra que, a partir daí, o Avô se decidiu pela magia branca e sempre permaneceu no “branco”. - *Diferentemente de muitos de vocês que, por um momento, gostam do “branco” e depois regressam ao “negro”, pois não têm vontade.*

Com esta obra maravilhosa o Mestre Samael começou o seu labor em favor da humanidade doente. O Mestre escreveu este livro sobre uma caixa de sabão (espécie de caixote de madeira), sentado no chão, pois sua pobreza era extrema.

Os Amigos do Mestre

A Mestra comentava a mim que, em certa ocasião, o Avô saiu uma tarde de casa e disse-lhe: - Vou sair, Negra, mas um amigo meu virá visitá-la.

Ela ficou cuidando de seus labores e ainda era cedo, exatamente ao meio dia, quando, de repente, tudo escureceu! A Mestra passava a roupa junto a uma janela e, de repente, não se via absolutamente nada do lado de fora, tampouco dentro de casa se via com clareza, custando muito trabalho ver as mãos.

Em meio àquela escuridão, começou-se a ouvir um tropel de cavalos que entravam na casa vibrando-a, parecendo um tremor! Quem a visitou foi ninguém menos que Andramelek. Após se retirar, a luz voltou a iluminar a casa e se pôde ver claramente até o outro lado da rua.

De regresso a casa, o Mestre perguntou-lhe:

- O que lhe pareceu meu amigo, Negra? Ela lhe respondeu que não voltasse a convidar essa classe de “amigos” para sua casa.

A Mestra nunca mais falou sobre seu encontro com o “amigo”

do Mestre; afirmou-me que não sentiu temor algum e que o Avô nunca mais fez convites daquela natureza.

A Chefinha mencionava que o Mestre Samael sempre falava com afeto de seus “irmãos de baixo”, pois ele vinha de lá mesmo, e seu Pai o retirava de lá, energicamente, cada vez que queria regressar - segundo o próprio Mestre afirmou (veja sua obra “Sim, há Inferno, Sim, há Diabo, Sim, há Carma”). Ele também dizia que dos demônios surgem os anjos e vice-versa.

O mais famoso de todos os seus amigos das regiões inferiores foi Belzebu, a quem o Mestre Samael, com seu amor e paciência, ajudou a sair do Abismo – de onde renunciou aos seus graus e poderes negros – para encarnar-se na França em um corpo de mulher. Isso com o objetivo de lutar pela autorrealização íntima do Ser, segundo nos relata o Mestre em sua maravilhosa obra “A Revolução de Bel”, editada em 1952.

Sobre essa questão, desde que li a citada obra, surgiu-me a seguinte dúvida: se Belzebu se encontrava em um processo involutivo dos Mundos Infernais – processo esse que, pela lei, culmina com a segunda-morte – como foi possível que não houvesse passado pela segunda-morte e lhe permitissem encarnar em corpo de mulher? Por que se fez essa exceção à lei da evolução-involução?

Um “perito” no ensinamento do Mestre – que sabia sua obra quase de memória – respondeu-me que isto se devia ao fato de que “uma lei superior lava a uma lei inferior” e, nesse caso, aplicou-se a misericórdia do Tribunal do Carma.

Repliquei então que, conhecendo um pouco de Direito, parecia-me que a misericórdia se aplica em todos os casos, e que do balanço entre a misericórdia e o rigor, surge o equilíbrio do Tribunal, quer dizer, a decisão final. Ele não soube o que responder à minha réplica, razão pela qual segui com esta importante dúvida, até que tive ocasião de perguntar à nossa querida Mestra, que me deu a seguinte explicação: que a razão desta exceção à lei da evolução-involução devia-se ao fato de que estávamos no final do ciclo, no final dos tempos, motivo pelo qual o Sagrado Tribunal

autoriza que os demônios possam sair do Inferno e se reencarnar, sem passar pela segunda-morte. Tudo isso com o objetivo de que se definam pela autorrealização íntima do Ser ou pelo regresso aos Mundos Infernais, com maior castigo, por certo, já que não aproveitaram a oportunidade que lhes foi brindada pelo Tribunal.

Ela me informou também que o caso de Bel é um protótipo de muitos de nós, particularmente dos que gostamos destes conhecimentos, e que o *Avô* também nos havia tirado de baixo.

Voltando ao tema dos amigos do Mestre, sua esposa-sacerdotisa nos comentava que, quando o *Avô* começou a dar o ensinamento, seus verdadeiros amigos eram magos negros definidos – desses que mantêm pacto com o diabo, segundo enfatizava a Mestra – e que, em realidade, tinha mais confiança neles do que nos “irmãozinhos” gnósticos. E assim o demonstrava, pois quando saía para viajar encarregava a seus amigos “negros” que cuidassem de sua esposa e dos seus filhos; e eles faziam isso com muito afeto e respeito.

A Mestra mencionava que esses amigos do Mestre eram dos mais respeitosos e honrados e que, quando ela saía da cidade com o Mestre e com seus filhos, encarregava-os de cuidar da casa. Quando regressava, nunca faltava nada. Se acaso morresse um frango, eles o deixavam pendurado, para que o *Avô* visse que eles não o haviam roubado.

Ademais, a Mestra dizia que esses amigos – amantes da magia negra – comentavam com o Mestre que o que ele ensinava era pura verdade, que o tinham por coisa certa, porém, desafortunadamente, não podiam segui-lo, porque eles já tinham empenhado a palavra nas regiões inferiores e não podiam voltar atrás.

- *Para que vejam* – dizia-nos a Mestra – *que essas pessoas têm mais palavra que vocês, que dizem seguir os ensinamentos da Irmandade Branca* (Ver a entrevista com a Mestra no Monastério de Castelldefels, Espanha).

Enfim, nosso Venerável Mestre sempre teve amigos dos mais terríveis. Dizia que em relação a eles sabia a que se sujeitar; que quando eles ofereciam amizade era para sempre, e jamais insistiam

para que fosse ao Abismo junto com eles, pois sua amizade era, verdadeiramente, desinteressada.

A Mestra também mencionava que nosso Mestre teve algumas amigas feiticeiras e particularment, uma que gostava muito do Avô, com a qual se relacionou até o final de sua vida.

Aquela senhora visitava o Mestre assumindo uma forma muito singular: chegava ao escritório do Mestre (que se encontrava no segundo andar da última casa onde viveu) em forma de corvo, pousando, primeiro na janela, depois, brincava dentro do quarto e se convertia na dama que era. Dessa forma, o Mestre recebia a visita sem que ela batesse sequer à porta da casa.

Por certo que a Mestra a colocava para trabalhar (varrer, passar o pano etc.) porque, com tanta visitação, começou a aborrecer os Mestres, até que, deliberadamente, um dia o Mestre colocou a espada sobre ela, resultando que ela não regressou mais.

Que não nos cause estranheza o fato de que o Mestre Samael tenha tido amigos entre demônios e magos negros, pois ele mesmo afirmava que, enquanto não eliminarmos totalmente o ego, somos mais ou menos magos negros; quer dizer, ainda que alguém tenha iniciações nos mistérios, continua sendo mais ou menos mago negro, enquanto não eliminar totalmente o ego e até as próprias sementes do ego.

De igual modo, o nosso Mestre dizia que, na verdade, todos nós somos demônios, pessoas perversas e que todo aquele que aceita esta espantosa realidade começa a morrer de instante a instante; e se não aceita esta espantosa verdade resulta “impossível dissolver o eu” (Ver o “Supremo Grande Manifesto Universal do Movimento Gnóstico”).

Tal como nosso Senhor Jesus Cristo (que bebia vinho e se relacionava com as prostitutas e com os publicanos), que não veio chamar os justos, mas os pecadores ao arrependimento, igualmente nosso Senhor Samael Aun Weor veio para nos tirar de nossas trevas, tal como sucedeu com o nosso irmão Bel (Ver o livro “A Revolução de Bel”).

Seguindo sua doutrina, perguntamos: que outra coisa somos

senão 97% demônios e apenas 3% anjos? Assim, nosso bem-amado Mestre nos veio dar o ensinamento para que saíamos do estado demoníaco e alcancemos o estado angelical.

Bendito sejas, Venerável Mestre Samael, que nos dás generosamente tua amizade e teu amor!

Os Primórdios do Movimento Gnóstico

A pobreza foi uma constante nos primeiros anos da vida conjugal dos Mestres que, ao final, viveram com dignidade, apesar de nunca terem tido casa própria, por exemplo.

Por sinal, a casa onde o Mestre Samael morreu era alugada e o dono ofereceu vendê-la à Mestra, após o falecimento do Mestre. No entanto, o fez como uma mera cortesia, não pensando que sua viúva realmente a fosse comprar. Não obstante, a Mestra com muitos sacrifícios conseguiu adquiri-la.

De fato, com muito sacrifício ela comprou a casa, porque os fingidos “discípulos” do Mestre, que já se encarregavam de editar seus livros na América do Sul, deixaram de pagar à Mestra os valores correspondentes aos direitos autorais dados ao Mestre, que já eram exíguos naqueles tempos.

Aqueles que publicavam os livros do Avatar sempre tiravam o maior proveito de sua obra, de tal sorte que a Mestra costumava dizer ao Mestre Samael que ele recebia as migalhas caídas da mesa de seus editores.

Porém, voltando aos primeiros tempos, quando o Mestre Samael começou a divulgar a sua obra, eles sofreram muitas privações e perseguições. Há de se recordar que eles não tinham senão o suficiente para sobreviver; que seus filhos não contavam sequer com brinquedos. Apesar disso, o Mestre se convertia, mediante a técnica-*jinas*, em um burrinho branco (outras vezes, em um potro) e com ele seus filhos podiam se divertir, na falta de brinquedos.

O Mestre sofreu perseguições por parte de alguns fanáticos religiosos, assim como de médicos que se incomodaram,

sobremaneira, por causa de suas curas milagrosas e pela difusão de sua obra “Tratado de Medicina Oculta e Magia Prática”.

Verdadeiramente, várias vezes tentaram matá-lo – todo o mundo quis se aproveitar – mas como tinha a poderosa ajuda dos Mestres da Irmandade Branca – a quem confessa obedecer ao longo e ao largo de toda a sua obra – o Mestre Samael sempre conseguia fugir deles. O fato é que ele chegou a ir para a prisão por divulgar seu ensinamento e foi processado, por insistência de alguns médicos.

Contava-nos a Mestra que, em tal ocasião, o Mestre se dedicou a escrever em sua cela e, ao invés de reclamar, dizia a seus carcereiros que estava muito contente por estar preso, pois tinha a oportunidade de concentrar-se em seus escritos, na solidão da prisão.

Afinal de contas conseguiu ser absolvido pelo tribunal que o julgava. O processo foi mencionado pelo Mestre na obra “Apontamentos Secretos de um Guru”, escrita, precisamente, no período em que durou seu julgamento.

Naqueles tempos, o Mestre Samael recebeu a instrução para criar o Summum Supremum Sanctuarium na Serra Nevada de Santa Marta. Labor que foi realmente um trabalho titânico, pois dito santuário foi escavado na rocha bruta, com ferramentas completamente rústicas.

No princípio de sua obra, declarava que não pretendia criar instituições, que o estudante deveria aprender a “viajar com seu corpo astral” e receber instruções diretamente dos Mestres, nos mundos superiores.

Depois retificou essa postura – como também a do vegetarianismo e muitas outras –, criando o Movimento Gnóstico, movido ao mesmo tempo pelas instruções da Superioridade e pela impossibilidade de contar com um número suficiente de adeptos com capacidades astrais.

O Summum Supremum Sanctuarium

Assim, pois, o Mestre teve que obedecer e criou as Instituições Gnósticas. Ademais, estabeleceu um *Summum Supremum Sanctuarium* nas montanhas da Serra Nevada de Santa Marta, Colômbia. Muitos são os relatos daqueles tempos gloriosos do Venerável Mestre Samael Aun Weor quando, com poucos estudantes, ele realizou aquela monumental façanha.

Por exemplo, dizem que o Mestre, várias vezes, apagou o fogo que ameaçava destruir as propriedades vizinhas; que conjurava as águas para apagar os incêndios tão daninhos aos colonos da serra. Melhor dizendo, ele invocava o próprio fogo para que este se apagasse, tal como sucedeu com uns tambores de combustível; que ele movia, gerava e dissolvia as nuvens; que curava com plantas e com a simples imposição das mãos; que tinha serpentes para custodiar o santuário, tanto cascavéis como corais, que obedeciam todas as suas instruções (assim como também a de alguns de seus discípulos). Destes acontecimentos houve muitíssimos testemunhos.

Ocorreu um fato muito importante no *Summum Supremum Sanctuarium*, em 27 de outubro de 1954, quando Víctor Manoel Gómez Rodríguez encarnou o seu Real Ser Interior Profundo: Samael Aun Weor.

Efetivamente, naquela misteriosa ocasião, em meio às orações dos poucos presentes e das profundas invocações ao Iniciador e aos Mestres do Invisível, ele recebeu o Poder-Luz, a encarnação de seu Ser, e sua cabeça parecia incendiar-se com uma chama branca, depois de passar por várias e maravilhosas cores.

Os que estiveram presentes relatam que o Mestre esteve prostrado, profundamente adormecido até por três dias, e que o lençol sobre o qual deitou ficou queimado, tal como quando se esquece um ferro quente sobre uma roupa.

Antes desse sagrado acontecimento, o Mestre assinava suas obras como Aun Weor – que é o mesmo que dizer Víctor Manuel – e a partir daí empregou o nome de seu Pai, Samael, que equivale a

Gómez Rodríguez. Isso porque, enquanto não se encarne o Ser, não se tem um sobrenome, não se é reconhecido como Filho pelo Pai, já que o Filho deve ser uno com o Pai, para que este se reconheça naquele. Isso só se consegue encarnando-o, tal como o fez nosso Bendito Mestre.

Eis aqui suas próprias palavras, sobre esse extraordinário fato:

MENSAGEM PARA O DIA 27 DE OUTUBRO DE 1955

Pelo Grande Avatar SAMAEL AUN WEOR

Amados discípulos,

Hoje se cumpre o primeiro aniversário de meu Natalício Espiritual. Nestes instantes, estou organizando o Movimento Gnóstico Salvadorenho. Nossa bandeira gnóstica tremula vitoriosa no Panamá, na Costa Rica e em El Salvador.

Temos conseguido grandes vitórias e nossas forças crísticas avançam em todas as frentes de batalha.

Depois de haver recebido meu Real Ser, tomei ciência de que as sete colunas do Templo da Sabedoria são duplas. Existem sete serpentes de fogo e sete serpentes de luz. Eu já havia levantado minhas sete serpentes de fogo. Agora estou levantando minhas sete serpentes de luz. Afortunadamente, já levantei a serpente do corpo físico e só aguardo uma grande Iniciação Cósmica. Depois, seguirei com a serpente do corpo etérico e assim, sucessivamente, o Cristo Interno resplandecerá totalmente em seus sete veículos. É dessa forma como nos convertemos em Cristos. Assim é como o Mestre Interno se absorve, totalmente, em seu Bodhisattva. Portanto, **Eu, Samael, um dos sete Espíritos diante do Trono, encarnei em meu Bodhisattva para fazer a Grande Obra do Pai.**

A primeira Raça foi dirigida por **GABRIEL**; a segunda por **RAFAEL**; a terceira por **URIEL**; a quarta por **MIGUEL** e a quinta, a nossa, é dirigida por **SAMAEL**. Reencarnei-me agora para iniciar a Era de Aquário da Raça Ária. Meus predecessores também se reencarnaram, em suas épocas correspondentes. Na sexta Raça reencarnará **ZACHARIEL**; e na sétima, **ORIFIEL**.

Esses são os sete Anjos que tocam as sete trombetas ao final catastrófico de

cada uma das sete Raças. Leiam esta noite os capítulos VIII e IX do Apocalipse. Eu sou o quinto Anjo, a Estrela que caiu do Céu na Terra e que tem a chave do poço do Abismo. Meditem nos 12 primeiros versículos do capítulo IX do Apocalipse. Eu sou o ginete do Capítulo XIX do Apocalipse, o Anjo que tem a chave do Abismo e uma grande corrente na mão, tal como está escrito nos primeiros três versículos do capítulo XX do Apocalipse. Nesta noite, consultem as Sagradas Escrituras. Eu, como Bodhisattva percorri, por meio dos séculos, preparando-me para este instante. Portanto, estamos cumprindo uma gigantesca missão. Recebais os eflúvios do meu coração e que a paz seja convosco.

SAMAEL

(É cópia fiel do original, assinado e selado).

Se bem que o nome Samael Aun Weor é o pseudônimo legal de Víctor Manuel Gómez Rodríguez. Também é certo que, esotericamente, é o nome do seu Real Ser Interior Profundo.

O Mestre usou, além desse, o pseudônimo de Katán Umaña Tamines – segundo se depreende de suas obras “Tratado de Medicina Oculta e Magia Prática” e “Os Mistérios Maiores” – no princípio, quando ele se dedicava à Medicina. Estritamente, era o seu pseudônimo como médico e foi transitório, já que depois ele se concentrou no processo de difusão do ensinamento de seu Pai, Samael Aun Weor.

Desse modo, no *Summum Supremum Sanctuarium* ocorreu o testemunho do advento de Samael Aun Weor e dos maravilhosos fatos que seu *Bodhisattva* realizou.

Quando perguntei à nossa Mestra sobre a veracidade dos fatos aqui relatados, imediatamente, ela nos confirmou, pois, evidentemente, acompanhou e apoiou o Mestre Samael em todas as suas obras, especialmente, na Grande Obra do Pai. Disse-me ela que o Mestre era muito capaz de fazer essas maravilhas e outras mais.

Naquela ocasião, o Mestre deu cursos para missionários e chegou a ter até cento e vinte estudantes no *Summum*, que eram

alimentados por nossa querida Mestra.

Todos os dias, ela se trasladava até o lugar conhecido como “A Quebrada”, para transportar água – no lombo de uma mula por meio das veredas escarpadas, beirando os despenhadeiros abismais da serra – a fim de cozinhar para os estudantes do Mestre, pois não havia poço nem olho- d’água no *Summum*.

De todos estes estudantes que a nossa Mestra atendeu pessoalmente, dando-lhes comida e bebida, não ficou nenhum que seguisse apoiando a Mestra após a desencarnação do Mestre. - Não ficou nenhum! Costumava reiterar a Mestra.

O *Summum Supremum Sanctuarium* serviu de Centro de Formação de Instrutores, durante alguns anos e foi, além disso, centro de peregrinação, oração e celebração de festas gnósticas, onde jamais se exigiram cotas de nenhuma espécie.

Após o falecimento do Mestre, alguns de seus “discípulos” se creram mais sábios que ele, desobedecendo à sua última vontade, ou seja, que a sua esposa-sacerdotisa, a Venerável Mestra Litelantes, ficasse à frente das Instituições Gnósticas.

Muitos se proclamaram mestres, patriarcas, verdadeiros herdeiros da Força do Avatar etc., malbaratando com a mão esquerda o que haviam feito com a direita, pois se rebelaram contra as ordens sagradas da Venerável Mestra Litelantes, sua esposa-sacerdotisa, sua colaboradora esotérica, a iniciadora, a matriz alquímica onde se engendrou Aun Weor e, logo, Samael, dentro de Víctor Manuel Gómez Rodríguez.

No final, alguns brigaram pelo *Summum* como um despojo de guerra; depois da insurreição, do motim, da rebelião contra a Mestra, o *Summum* ficou nas mãos do proprietário do imóvel onde estava encravado. De sorte que, passado o tempo, caiu no mais completo abandono. A ambição de poderes e o desejo de fazer negócio com as coisas sagradas, inevitavelmente, acarretam que os templos fiquem como cascas, sem força espiritual alguma.

Assim, pagaram com a desobediência ao Mestre - que lhes deu o conhecimento - e também à sua herdeira legítima e esotérica, sem cuja intervenção não saberíamos nem uma fração da Gnosis,

uma vez que ela iniciou esotericamente e engendrou alquimicamente o Nosso Senhor Samael Aun Weor.

A questão é que o Mestre Samael havia predito que eles brigariam pelo *Summum* e por seus livros, vendo-os brigar “lá de cima” por uma pequena fresta, por um buracozinho.

A sua esposa-sacerdotisa informou claramente que o *Summum Supremum Sanctuarium* seria transladado ao estado de jinas, antes de ser profanado, como de fato ocorreu; e assim o afirmou invariavelmente nossa Mestra, quer dizer, a Mestra da *Ciência Jinas* do Mestre Samael.

Até que depois, num certo dia, a própria Mestra emitiu uma circular, onde informava aos estudantes que o *Summum Supremum Sanctuarium* fora restabelecido na Serra de Chihuahua, voltando o Poder-Luz a ser restaurado neste templo da Serra de Chihuahua.

Visto os fatos antecedentes, confiemos que a ambição e o orgulho místico não venham a provocar que este também se torne como casca, sem força espiritual alguma³.

Anotação Final

O fato concreto – acreditado, confessado e publicado pelo próprio Mestre Samael – é que nossa Bendita Mestra, a Virgem da Lei, a Virgem do Tribunal, casou-se com um curandeiro da serra e, com paciência infinita, converteu-o em um Hierofante Sagrado de Mistérios Maiores. “Fatos são fatos e diante dos fatos não resta outro remédio senão o de nos rendermos”, segundo afirma esse aforismo, tão citado pelo Mestre Samael.

De nenhuma maneira pretendemos ser irreverentes com nossas palavras, em nosso coração nunca houve a intenção de algum opróbrio para com nosso Venerado Mestre Samael. Pelo

³ Nota do Autor: Lamentavelmente, minhas palavras resultam acertadas, pois, há poucos meses da primeira edição, aqueles que estavam a cargo do S.S.S. se rebelaram contra o Diretor das Instituições Gnósticas e se apropriaram do trabalho e do esforço dos estudantes. Novamente, a força espiritual foi retirada do Santuário.

contrário, ao conhecermos a verdade, abre-se a nós a possibilidade de seguirmos realmente o Mestre, pois a sagrada Misericórdia do Tribunal fez-se exemplo nele. De maneira que um simples cidadão – como o Mestre costumava denominar a si mesmo – pode converter-se em um Hierofante, com a intermediação divina da esposa-sacerdotisa, *Shakti* manifestada.

Nosso Mestre, com o exemplo de sua própria correção, dá-nos uma verdadeira esperança, já que acreditou completamente que “da obscuridade nasce a luz, do vício, a virtude, e a rosa se alimenta do lodo da terra”.

Com sua própria vida e fatos o Mestre comprova todos os processos iniciáticos da Grande Loja Branca, que podem elevar-nos desde a lama ou chumbo da personalidade, até o ouro do Espírito: o mesmíssimo perfume da rosa.

Assim, por nenhum conceito se busca ofender ou menosprezar de forma alguma o Mestre, quando comentamos essas debilidades iniciais, pois nós as temos muito mais e em excesso. Pelo contrário, exalta-se a figura de sua digníssima esposa, que soube levá-lo, com infinita paciência, ao longo de um processo – feito à base de superesforços – para que cristalizasse, dentro de Víctor Manuel Gómez, seu Real Ser Interior Profundo, Samael Aun Weor, realizando assim sua Grande Obra.

Graças ao fino trato de sua esposa-sacerdotisa, o Avô adquiriu uma boa aparência, deixou de beber, namorar as mulheres e de praticar magia negra. Deixou de escrever o mencionado “Tratado dos Porta-fólios” sobre necromancia e, contrariamente, escreveu “O Matrimônio Perfeito”, “A Revolução de Bel”, “Tratado de Medicina Oculta e Magia Prática”, “Rosa Ígnea”, “Curso Zodiacal” etc., para mencionar algumas das suas primeiras obras, inclusive as obras póstumas (que são algumas, pois sempre ia muito mais adiante que os editores): “O Sendeiro Iniciático nos Arcanos do Tarô e Cabala”, “Para Poucos”, “Antropologia Gnóstica”, “Glossário Gnóstico”, “A Revolução da Dialética” e “A *Pistis Sophia* Revelada”.

Enfim, uma obra prolífica que revela os profundos mistérios

da antiguidade, pondo ao alcance da mão o segredo do Grande Arcano e, portanto, a chave de todos os poderes, outrora um segredo irrevelável, impronunciável. Uma obra que o próprio Mestre Samael chama de **O Quinto Evangelho** e que, em verdade, não poderia ser entregue sem a intervenção de nossa querida Mestra.

O curandeiro que chegou das remotas terras onde habitam os indígenas da Serra Nevada encontrou em seu caminho sua esposa-sacerdotisa, Litelantes, a especialista em jinas, a Juíza do Carma, a Iniciada que, verdadeiramente, inicia-o, a que apadrinha o Mestre para seu ingresso na Grande Cadeia dirigida pelo Grande Iniciador.

A enigmática *Mestra-Jinas* que goza de “consciência contínua”, de “consciência consciente”, a “Virgem do Tribunal”, preparou e levou ao êxito o advento do Cristo Vermelho de Aquário, Hierofante mais que Hierofante, Verdadeiro Avatara, Iniciador de uma Nova Era.

SER E ESTAR

Não há maior pesar
que o envelhecer
esquecendo ao Ser
e tão só estar.

Não há maior prazer
na triste vida
senão do que cuida
embelezar o Ser.

Não há maior razão
que a de compreender
que só coração
nos eleva ao Ser.

Não há maior graça
que a de florescer
a alma, até
a bela luz do Ser...

CAPÍTULO III

A QUE TEM O PODER DA ÁGUIA

A etimologia do nome que nesta existência levava nossa bem-amada Mestra é altamente reveladora. De fato, Arnolda vem do germânico *arn*, contração de *arin*, “águia”, e *wald*, *oald*, “governo, autoridade, poder”; desse modo significa “**a que tem o poder da águia**”.

É um postulado muito sábio aquele que afirma “nada é casual no Cosmo”, razão pela qual não é casual o fato de que nossa Venerável Mestra Litelantes tivesse o nome físico de Arnolda, pois, verdadeiramente, o poder da águia era nela mais do que manifesto – por certo, era a ave de que mais gostava – e não somente por seu olhar rápido e penetrante como nenhuma outra, ou por sua capacidade de pegar no voo pensamentos, sentimentos, situações.

A águia representa o Terceiro Logos, o Espírito Santo; e a nossa Mestra o tem encarnado: *é a que tem o poder do Espírito Santo* e cheia está de sua graça!

Ao mesmo tempo, podemos dizer que caso similar ocorre com nosso Mestre Samael, pois seu nome é altamente revelador: Víctor vem do latim e significa “*vitorioso*”, “*vencedor*”; Manuel provém do hebreu, significando “*conosco está Deus*”. Além disso, é o nome que se dá ao Messias no Antigo Testamento. Gómez se origina do gótico *guma*, que significa “*homem*”. Rodríguez é patronímico de Rodrigo, que provém do germânico e significa “*chefe, príncipe poderoso, caudilho famoso*”. Por outro lado, nosso Mestre chegou a dizer que suas iniciais significam Venerável Mestre Gnóstico Rosa-cruz.

Suas Origens

A família Garro Mora era humilde. Tinha um pequeno lote

(parcela agrícola) por meio da qual sobrevivia juntamente com os poucos trabalhadores que com eles colaboravam. Da numerosa família (dez filhos), Dondita era a moreninha e certamente a comparavam, de forma desvantajosa, com seus irmãos mais claros, inclusive loiros.

Foi uma menina de excepcional talento e se destacava, tanto dentro de sua família como entre seus companheiros de escola primária: não necessitava ler texto algum porque, somente prestando atenção, gravava na memória as aulas, sendo primeiríssima em aproveitamento. Sempre reconheceu que ainda que seus pais gostassem muito dela, deram-lhe um trato muito duro. Ela realmente foi rebelde com eles, tanto por este motivo como pelo próprio caráter enérgico que tinha.

Na sua pouca idade, era a mais capaz em sua família para falar e para administrar as coisas, assombrando aos seus familiares e aos estranhos pela sua eloquência e brilhante inteligência, sobretudo pela sua enorme capacidade para os estudos.

Foi uma menina completamente precoce e sua maturidade psicológica e espiritual se antecipava assombrosamente à sua idade. Dizia que queria ser advogada para não se sujeitar a ninguém e, além disso, que não se casaria e viveria sempre solteira.

Certo dia, durante um almoço familiar ao ar livre, a família Garro conversava sob umas árvores e exatamente sobre Dondita caiu um pequeno verme que vive nas árvores, alojando-se em sua cabecinha. Como era um verme daqueles que penetram no couro cabeludo, desafortunadamente, não foi possível impedir que a ferisse; de sorte que veio a causar-lhe uma forte infecção na cabeça, sendo que nestes tempos nem sequer se conhecia a penicilina.

Dondita contava que, desde então, o cabelo não cresceu muito, pois antes de sua enfermidade, atingia a linha da cintura. A enfermidade que lhe sobreveio foi muito penosa, pois saía grande quantidade de pus e sua saúde em geral se esgotou rapidamente.

Os médicos não colocaram nenhum remédio em sua grave

ferida, mas uma amiga de sua mãe lhe comentou que havia uma solução: que durante a missa fizesse uma oração no momento da consagração e, ao elevar-se a unção, que Dondita a visse, que não abaixasse a cabeça. Além disso, devia ferver as flores que levassem à igreja com o propósito de lavar a ferida, com a água contida no vaso.

Seguiu-se a receita espiritual e milagrosamente Dondita ficou curada. No entanto, desafortunadamente, já não podia continuar seus estudos, pois não assimilava as aulas. Desse modo, não teve a sorte de concluir o curso primário.

Em certa ocasião, quando a Mestra recordava essa triste experiência, disse que, se não fosse por aquela enfermidade, teria sido advogada; que lhe ajudaria muito saber sobre Direito depois da morte do Avô, quando os que se diziam “discípulos” do Mestre quiseram ficar com tudo: livros, direitos autorais, instituições e até a casa onde o Mestre morreu, pretendendo transformá-la num museu.

Então me permiti fazer o seguinte comentário: - Não crê você, Chefinha, que afinal de contas Deus sabe o que faz? Se você não tivera esta enfermidade, seguramente teria sido advogada e solteira. Nesse caso, não teria se casado com o Mestre Samael e nós não estaríamos aqui, pois o Avô não se teria levantado, nem encarnado seu Real Ser, nem escrito os livros. Portanto, não saberíamos nada de *Gnosis*.

Ao ouvir minhas palavras, ela me olhou com muita seriedade e, depois, teve um desses olhares enigmáticos, com aquele brilho particular, um misto de sorriso e de conhecimento prévio dos acontecimentos.

A Amazona-Jinas

Quem teve a sorte de se relacionar com aquela Dama-Adepto, com a sua convivência agradabilíssima, tão suave e cortês, não poderia nunca imaginar que em sua infância e adolescência tivesse sido uma verdadeira e extraordinária amazona que, inclusive,

domava potros.

Tendo em vista que a enfermidade lhe impediu de continuar seus estudos, o caráter inquieto de Dondita levou-a a realizar os labores do campo, de cuja exploração vivia sua família, aprendendo cabalmente todas as tarefas. Dessa forma, converteu-se em uma verdadeira amazona e boa agricultora, com obrigações de administração na propriedade rural de seus pais.

Efetivamente, Dom Antônio, seu pai, tendo em vista sua capacidade, deu-lhe certas responsabilidades na administração do lote de terra. Assim, ela chegou a comandar todo o pessoal com a maior ordem, sendo apenas uma juvenzinha.

Quem alguma vez tenha chefiado trabalhadores nos labores agrícolas sabe o que digo: é preciso dar o exemplo para que façam bem o trabalho. Esse costume ela levou até o final de seus dias, pois sempre deu exemplo na forma de fazer o trabalho comum e também o psicológico.

Aqueles eram tempos difíceis e Dondita tinha todas as ocupações de um filho varão, desempenhando-as impecavelmente.

Chegou, inclusive, a criar porcos para se ajudar e assim poder comprar sua roupa e suas coisas, porque não gostava de pedir dinheiro a seu pai, segundo me disse. Também fazia tijolos crus para vender e misturava tão bem a palha com o barro que chegou a ter bastante clientela, pois como ela dizia, se uma pessoa faz algo para vender, deve fazê-lo bem feito. Na realidade, a jovem *Mestra-Jinas* era algo mais do que uma excelente amazona.

Dondita sorria amplamente quando se recordava de seus tempos de amazona, sobretudo do episódio dos pretendentes que – ignorantes de sua capacidade de equitação – quando queriam abordá-la cavalgando, nossa amazona conduzia seu corcel de tal forma que ele jogava certos coices aos supostos pretendentes e também em seus animais de montaria. Dessa forma ela conseguia o respeito dos ginetes que desejavam se aproximar dela.

Em certa ocasião, um bom amigo lhe perguntou se era verdade que em sua juventude domava potros, ao que ela

respondeu: - *Sim, antes domava potros e agora domo diabos...*
Quem tiver ouvidos para ouvir que ouça.

A Velhinha Jinas

Nossa querida Mestra nos relatou que foi aos treze anos quando aprendeu a Ciência jinas, quer dizer, colocar seu corpo físico na quarta coordenada e, desse modo, tomar qualquer forma.

Fez-se amiga de uma velhinha que vivia só; com muito gosto, todos os dias, Dondita a ajudava levando água até a subida de sua casa, em um remoto montículo (cerca de um quilômetro). A velhinha, agradecida pelo favor, começou a ensinar-lhe essa ciência misteriosa.

Somente lhe colocou como condição: a de que não se aproveitaria do conhecimento para visitar o noivo ou homem algum; que fosse uma pequena dama e se vestisse com decoro; que não espiasse as pessoas. Em outras palavras, teve a sorte de encontrar como instrutora uma Mestra-*Jinas*-branca.

O caráter de Dondita se ajustava às mil maravilhas para cumprir promessas dessa natureza. Por essa razão, a velhinha lhe ensinou os mistérios do Ovo Órfico, convertendo a aluna em uma perita em Ciência-*Jinas*, aos treze anos.

Sempre à noite se vestia, penteava-se e se arrumava com esmero, paradoxalmente, com o objetivo de se deitar. Explicava que o fazia para não ter de preparar-se pela manhã, levantando-se assim rapidamente. Isso despertava estranheza em suas irmãs que, inclusive, ameaçavam dizer a seus pais que Dondita, com certeza, saía durante a noite para passear. Entretanto, Dondita saía, logrando desdobrar-se em jinas, apesar da vigilância de sua família. Quando lhe perguntei aonde ia tão alinhada, respondeu-me: *Aonde iria, senão a Catalunha, Espanha, ao Templo de Montserrat?*

Talvez, a partir daí venha a sua capacidade para dormir toda a noite, em uma mesma posição, inclusive com seus bichinhos de

pelúcia colocados sobre as cobertas, que não se moviam apesar de estarem sobre seus pés ou sobre qualquer outra parte de seu corpo.

Dessa forma, rapidamente Dondita aprendeu a transladar-se em jinas até o Templo de Montserrat, onde recebeu instrução valiosíssima que, posteriormente, serviria para apoiar o Mestre em sua Grande Obra em benefício da humanidade.

Recordemos que o Mestre Samael menciona que o Templo de Montserrat – precisamente como um templo-jinas – guarda zelosamente o Santo Grial. Este, por sua vez, contém o precioso sangue de nosso Senhor Jesus Cristo, pois aí foi depositado por José de Arimateia. Desse Templo Sagrado se esparge a luz da Gnosis para todo o mundo.

Por isso, não é de se estranhar que a Venerável Mestra Litelantes introduzisse seu esposo no culto do Cálice de Montserrat, convertendo-o também em um Mestre-*Jinas*-Branco, num fervoroso adorador do Santo Grial.

Em sua última visita a Montserrat, a Mestra assinalou o lugar de acesso a esse templo-jinas, quando alguns estudantes estavam reunidos. Trata-se da Ermida de São João, que se encontra no caminho iniciado na parte superior do teleférico.

Na realidade é uma entrada para a dimensão-*Jinas*, requerendo que o estudante tenha o corpo físico em tal estado, a fim de conseguir adentrar ao Templo. Ademais, é uma entrada difícil, cheia de provas e de terríveis requisitos.

Segundo o que a Mestra me falou, existe outra entrada à qual só se pode chegar pelo ar: um acesso direto ao Templo, que pode ser visto nas escarpas que estão à frente do restaurante *self-service*, localizado antes do Monastério. Enfim, nossa Mestra sabe por experiência própria os mistérios do Templo de Montserrat e de sua Virgem Morena.

“Coincidentemente”, a perita em *Jinas* que encontra o Mestre Samael em seu caminho, a quem desposa, comparece ao Templo de Montserrat e é membro consciente desse Templo desde os treze anos.

Liberdade Pentagramática

Jamais tive ocasião de conhecer uma pessoa que usara a Liberdade Pentagramática – para si mesma e para os demais – com tanta intensidade como nossa poderosa *Guru* Litelantes.

A “Pentagramática Libertas” é aquela liberdade que temos para colocar nosso pentagrama pessoal – nossa própria estrela, nós mesmos – em qualquer das duas posições: com a cabeça para cima, representando o Messias e a ascensão aos mundos superiores; ou com a cabeça para baixo, representando o inverso e dirigindo-se a ele.

Nossa bendita Mestra respeitava muitíssimo as decisões pessoais. Se fosse o caso de ter confiança, advertia a pessoa sobre os possíveis riscos, mas dava plena liberdade para que ela atuasse.

Afinal de contas, costumava recordar o Mestre, que não gostava de dar opiniões sobre as situações pessoais dos estudantes, especialmente, nas delicadas questões matrimoniais, porque dizia que, de todas as formas, não as iriam levar em consideração, pois já tinham tomado sua decisão e só tinham a esperança de que o Mestre a justificasse.

E normalmente sucedia isso mesmo: depois de muito rogá-lhe, o Mestre Samael se compadecia e dava o seu conselho, mas quase sempre os estudantes faziam o contrário da recomendação.

De igual maneira acontecia a mesma coisa com a Mestra Litelantes, cujos conselhos e advertências usualmente não levávamos ao caso, porque todos nós estamos “cortados pelas mesmas tesouras”, como habitualmente dizia o Mestre.

Por essa razão, ela sabia de antemão que os postulantes ao conselho seguramente o ignorariam e decidiriam à sua vontade. Isso ela havia vivido ao lado de seu esposo, razão pela qual não tinha ilusão de que fôssemos seguir seus conselhos e indicações. Não obstante isso, igualmente ao Mestre Samael, sentia compaixão por nós e nos advertia das futuras conseqüências de nossos atos,

ciente de que marchamos contra a corrente.

Seu Tratamento Pessoal

Qualquer pessoa que se aproximasse da Mestra tinha, como primeiro aprendizado, seu dissabor por chamarem-na de Mestra; e costumava dizer:

- *Chamo-me Arnolda. Essa Senhora está lá em cima; aqui, sou Arnolda.*

Carinhosamente a chamávamos de “Dondita” ou “Chefinha”, que é como no México se costuma chamar as mãezinhas.

Deste modo, ela definia a forma de aproximação, permitindo que a chamassem familiarmente, retirando toda a solenidade do tratamento, a fim de torná-lo simples, porém respeitoso.

Sua naturalidade para falar ou dizer as coisas era proverbial.

Seu tratamento era o mais simpático e alegre. A pessoa se sentia realmente tranquila ao falar com ela, com liberdade e respeito ao mesmo tempo; era um sentimento muito precioso. Efetivamente, não perseguia ninguém, nem forçava, nem insistia para que mudasse a forma de ser. Muito discretamente, sugeria a forma de a pessoa se melhorar a si mesma – às vezes entre brincadeiras, outras, claramente – sempre em benefício de nossa própria família, uma vez que, para ela, o mais importante era a conservação dos matrimônios, pois o Avô sempre insistiu em que este é o Sendeiro do Lar Doméstico.

A Mestra era moreninha, baixinha. Aparentemente, ninguém consideraria que aquela senhora tivesse hierarquia, alguma distinção, ou se tratasse de alguém peculiar ou de destaque.

Apesar disso, caso se colocasse um pouco de atenção, havia algo de enigmático em seu olhar que cativava e ao mesmo tempo fazia enrubescer, como se diante dela aflorassem nossos mais recônditos pensamentos. Era algo que fazia com que se baixasse o olhar, e ao mesmo tempo dava gosto de a pessoa estar aí, junto a ela, apesar de sentir-se descoberto.

Raro enigma de um Arconte inescrutável da Lei, manifestado naquela pequena pessoa, tão agradável e natural.

Com o tempo se podia dar conta de que aquela Senhora tinha, efetivamente, os Três Pilares do Tribunal dentro de si: o Rigor, a Misericórdia e o Equilíbrio do Fiel da Balança.

Nossa Venerada Mestra tinha, por conseguinte, a expressão da misericórdia em seu tratamento delicado e em suas demonstrações de simpatia e de alta consideração. Na verdade, era extremamente prudente e apreciava, sobremaneira, a ponderação na convivência. Sobretudo, ela tinha uma enorme capacidade de perdão que, paradoxalmente, sempre ocultava, pois cuidava bem para não se fazer notar que ela já havia perdoado.

A Mestra não mostrava o seu rigor enquanto a pessoa não faltasse com o respeito em sua casa; enquanto não brincasse com a terminologia do ensinamento, muito menos que a tergiversasse ou fizesse mau uso dela; enquanto não se presumisse de sabe-tudo ou de pretense Mestre; enquanto não lucrasse à custa dos grupos, do nome ou da obra do Mestre Samael; enfim, enquanto a ação ou omissão não tivesse o amargo sabor da traição.

Para aqueles que a ofendiam ou a desobedeciam, ou ainda, que traíam as instituições, ela tinha a maior indiferença. Nesse caso, passava imediatamente do rigor ao equilíbrio. Com efeito, nem se dava ao incômodo de pensar neles; não gastava suas energias pensando nessas pessoas. Na verdade, até se esquecia de seus nomes e/ou sobrenomes, e quando não havia mais recurso, para referir-se à conduta de alguns, sob o ponto de vista institucional, referia-se sem faltar com a verdade, porém com a maior indiferença psicológica. Por exemplo, quando um diretor de um Centro de Capacitação se rebelou contra as suas ordens e se apropriou indevidamente de todos os bens que, com o esforço comum dos estudantes, haviam sido adquiridos para levantar dito Centro, e depois fez sua própria “instituição” com tais bens obtidos ilicitamente – quer dizer, mediante o delito de abuso de confiança, para ser mais exatos –, solicitei à Mestra instruções para proceder

legalmente contra ele, e ela disse:

- *Não briguem pelas coisas do ensinamento, não faça questão; como disse o Mestre: “Que matem a fome com o teu e o meu trabalho, Negra...”* Por isso, não se preocupem, pode-se abrir outro Centro. Vejam que triste papel está fazendo esse pobre Senhor, vivendo [ilicitamente] do trabalho do Mestre Samael e do meu e, além disso, falando mal de minha pessoa, que é tanto quanto falar mal de seu próprio Mestre. Que baixeza, até onde chegaram a cair!

Normalmente, nem mencionava essas pessoas e quando, por alguma razão institucional, havia que falar do tema, em síntese, afirmava que o castigo deixava para Deus; e mais, dizia enfaticamente:

- ***Que Deus os ajude!***

Tinha, efetivamente, para essa classe de pessoas, a maior indiferença. O Fiel da Balança está mais além do Rigor e da Misericórdia. Uma indiferença absoluta, nem o mínimo indício de incômodo ou aborrecimento.

Realmente, era difícil seguir ao pé da letra à Mestra, pois quando parecia que sua opinião se inclinava para a direita, nos inclinávamos à direita; quando parecia que se inclinava à esquerda, pendíamos para a esquerda. Todavia, quando permanecia fixa no centro, era bastante difícil mantermos a posição. Não obstante, era muito tolerante e de um tratamento alegre e excepcional.

Às vezes era como uma criança, por sua simplicidade, inocência e saudável alegria; noutras vezes, era como uma mãe, com seus mesmos carinhos e cuidados. Também era como um companheiro, quer dizer, tão alegre e jovial como um varão, com o mesmo companheirismo.

Por último, tinha essa parte inescrutável, impossível de se definir, algo assim como uma mistura de mãe–pai–jerarca–serpente devoradora – ou quem sabe, águia–leão–dragão. Enfim, algo verdadeiramente insólito, inexplicável. Seu amor e seu sorriso permanecerão para sempre.

Tomando Corpos

Muito recém-chegado à casa da Venerável Mestra Litelantes, uma de suas filhas me comentou o seguinte:

- Tu aprecias muito a Donda – assim se referia a Dondita – certo? Vou-te comentar que o Avô nos dizia que Donda nunca havia caído – ou seja, nunca tinha atirado sua pedra na água – em nenhuma reencarnação, e que é um Mestre muito especial.

Intrigado com estas palavras, quando fui dar boa noite à Mestra, aproveitei a ocasião para relatar-lhe que, naquela tarde, sua filha me comentara sobre o Mestre insistir no seguinte ponto: que ela nunca havia caído, em nenhuma reencarnação.

Recordo que ela já estava deitada em sua caminha. Ao escutar minhas palavras, seu rosto se tornou estranhamente sério e a Mestra disse com voz mais grave, como a de varão, clara e forte:

- ***Nunca, nem se estivesse louca!***

Mesmo surpreendido por essa reação e pela enérgica voz de timbre varonil – pois normalmente era suave, um pouco aguda, completamente feminina – que saiu da boca da Mestra, ainda assim fiz a seguinte pergunta: E então, para que está tomando corpos? Ela respondeu com aquela estranha voz:

- ***Para ajudar aos que não se deixam ajudar!***

Ainda mais surpreendido e desconcertado, porque aquela voz continuava, retomei o ânimo como pude e ajustei-me a dizer-lhe: - Ou seja, Chefinha, que você aos quatro ou cinco anos já recordava suas reencarnações passadas e sabia o que lhe sucederia na atual?

- *Assim é* – disse-me, agora com sua voz normal – *já sabia que ia ser feliz com meu esposo por um tempo e que depois o perderia.*

Continuamos conversando sobre outros temas. Depois, despedi-me e quase não pude dormir pensando no insólito da situação, não só na estranhíssima voz da Mestra, como também no terrível conteúdo de suas palavras.

Talvez seja mais insólito ainda o fato de que não creiam no meu relato; contudo, acaso não é certo que ela passou esta vida

ajudando aos que não se deixam ajudar? Qualquer um que haja convivido com a Mestra pode dar fé de que nos ajudou enquanto éramos teimosos ao rechaçar sua ajuda, inclusive, em fazer o contrário do que ela tão gentilmente nos sugeria. Raríssimo foi o caso de quem se deixou ajudar; e em verdade foi a meio termo.

Somente nosso bem-amado Mestre Samael se deixou ajudar cabalmente e, desse modo, alcançou as inefáveis alturas do Pleroma, as ígneas serpentes dos corpos Kayas, a excelente e divinal autorrealização íntima do Ser.

O SER É O SER!

A lágrima do Universo
faz-se antiga
e a juventude nos deixa
ficando só o verso...
Chora e morre o Amor
que o Ser nos deu
e o Ser espera
que a alma reviva
e fique sempre viva,
renascida toda inteira,
e ela mesma seja o Amor
que o Ser nos deu.

Bendito Ser que inspira
que a alma sempre viva...
que a alma já cativa
conheça redenção!
Bendito Ser que inspira
Com terrível compaixão!
Bendito Ser, como sinto saudades!
Bendito Ser que adoro!

Da morte saca extremo
o Amor do Ser Supremo,
pois tudo está em sua Mão
(até o destino do humano)
e tudo volta a seu Poder...

O Ser é o Ser!

CAPÍTULO IV

O LUGAR DA CHAMA

O sobrenome Garro, que nesta existência tinha a nossa bendita Mestra, provém do vasco ou basco, da raiz *gar*, “chama”, e do sufixo declinativo – *o*, “lugar de”, significando “**lugar da chama**”.

Incontestavelmente, a esposa-sacerdotisa de nosso Avatar foi sempre o lugar ardente da chama, onde encontrou o fogo sagrado, a chama sublime de uma Mestra-*jin*s, a verdadeira chama acesa de Vulcano que, sem sombra de dúvida, acendeu no Mestre Samael o fogo pentecostal.

Sua casa sempre foi o lugar da chama, do sagrado fogo do lar, onde nosso Mestre seguiu fielmente o Sendeiro do Lar Doméstico; onde tivemos a sorte de desfrutar do seu delicioso calor humano, de sua chispante espiritualidade, do fogo abrasador, do penetrante amor de seu Pai Bendito Litelantes.

Dondita foi a chama, o fogo sagrado que acendeu o Verbo de Ouro do Avatar de Aquário, o fogo dentro do fogo da *Gnosis*.

A Presença dos Mestres

Na realidade, é terrível a situação dos Mestres, por não serem compreendidos e muito mais por não serem queridos.

É normal que se tenha uma idéia errônea acerca dos Mestres, talvez porque eles estão mais além do bem e do mal – *que é o mais difícil de alcançar*, dizia Dondita – e se torna quase impossível entendê-los, já que sempre estamos identificados com qualquer dos dois extremos. Evidentemente, a tibieza não pode considerar o centro, o justo meio, o *Tao*.

Normalmente, somos apáticos e indiferentes quando não seguimos o vai-e-vem do pêndulo, propriamente túbios: simples folhas levadas pelo vento, pelo Furacão do Carma, como dissera o

Mestre Samael.

Estar mais além do bem e do mal são palavras superiores. Com sorte, alguma vez na vida se pudesse experimentar, verdadeiramente, essa situação. Os Senhores possuem esta qualidade e nossa Mestra a demonstrou durante toda a sua vida.

O certo é que os Mestres, como são verdadeiramente humanos, vivem tudo com mais intensidade: amam mais e melhor, gozam e sofrem mais, compreendem mais e são mais incompreendidos; têm maiores acertos e erros mais graves (atirar a Pedra⁴, por exemplo).

Tudo neles é diferente. Não podemos julgá-los com nosso mecanismo racional-sensual tradicional, habitual.

Diante dos Mestres, a reação normal do “humanoide” é de inveja, rechaço, ânimo de crucificação, ódio definitivo. Somente com sua presença se gera um secreto temor que se traduz em violência interior, porque produz o efeito de nos confrontarmos conosco mesmos.

Ao não poder suportar a sensação-pensamento de inferioridade, quando enfrentamos o nosso *Kaom* interior, preferimos transformar esse vazio e essa frustração em repúdio ou indiferença para com os Mestres.

Em alguns casos, no entanto, reage-se mais patologicamente ainda, evidenciando um complexo de superioridade, crendo-se mais sábio e mais mestre que os Mestres.

É notório que os Senhores encarnados vêm dar exemplo de sacrifício e de perdão, e assim Nosso Senhor Jesus Cristo permanecerá em Shambala – portanto, em todo o orbe – até que saia a última das almas do Inferno deste planeta, mencionado pelo nosso Mestre Samael, como equívoco dos Deuses, o Carma dos Mundos.

Já que os Mestres não são compreendidos, ao menos esperam de nós um pouco de carinho, um nobre sentimento, algum gesto de amor para com suas pessoas e para com seus Pais

⁴ Nota do Tradutor: O termo “atirar a pedra” significa dissolver todos os poderes que divinizam.

benditos. No entanto, a realidade é muito diferente: como não os compreendemos – sobretudo no tratamento que nos dispensam – não os amamos, pois queríamos que eles fossem iguais a nós.

Estamos muito acostumados a gostar, a ter carinho condicionado, exigindo um comportamento de reciprocidade no tratamento afetivo que “nossa muito extraordinária pessoa” dignasse outorgar. E gostaríamos que os demais fossem tão atenciosos e maravilhosos para conosco, quer dizer, com o mesmo nível de Ser que nós temos.

Recordemos que, se é um dever amar aos nossos inimigos, com maior razão devemos amar aos nossos Mestres, os quais nos ensinam a querer e a perdoar aos nossos inimigos. Apesar disso, a realidade é muito diferente: não os compreendemos nem os queremos, pois não seguimos realmente seus ensinamentos, de outro modo, os temos como enfeites. E quem tem a felicidade de conviver pessoalmente com eles, consideram-nos como uma medalha a mais de sua extraordinária vida.

Assim, devido ao nosso coração de pedra, normalmente, desperdiçamos (cada um em seu nível) a oportunidade que teve o Mestre Samael diante do Anjo Baruk:

Compreendi que estava cometendo um erro e que era erro gravíssimo! Então, não me restava mais que pedir perdão, não mais!

Sim, francamente humilhado, prostrado à terra, ajoelhei-me beijando o pó da terra e pedindo cinquenta mil perdões, havidos e por haver!

– Perdoa-me, não volto a ter essa classe de pensamentos. E cinquenta mil coisas mais.

Aquele Venerável se envolveu em seu manto de púrpura olímpica, inefável; logo depois, abençoou-me, deu-me a bênção gnóstica e em seguida falou com uma perfeição única, dizendo-me: – **“Estás mal acompanhado”**.

Referia-se aos eus que eu carregava internamente, que não eram umas mansas pombinhas, e, em seguida, ainda me disse:

– **“Houve um pouco de falta de respeito, porém, enquanto o amor persistir, tudo está bem”**.

O amor tudo pode... Eu fiquei inclinado, prosternado, reconhecendo profundamente meu grave erro. Não me restava mais remédio, humilhado

estava! Abençoou-me e se foi.

Apesar de nossa “má companhia”, enquanto tivermos carinho pelos Mestres da Irmandade Branca, teremos uma oportunidade, uma esperança.

Afinal de contas, os Mestres caminham sozinhos e algumas vezes lhes fazemos companhia – por um momento e por um trecho – nesse Sendeiro que traçaram desde o princípio dos tempos. Eles, sim, têm em seus corações, em suas mentes e almas, o amor ao Pai sobre todas as coisas – custe o que custar e aconteça o que acontecer – e ao próximo como a si mesmos. Por isso, dedicam todas as suas forças e energias às suas altíssimas adorações ao Pai, e não as malgastam torpemente em questões egoicas. Seu contato com o mecanismo da relatividade – a manifestação ou *Prakriti* – é para servir à humanidade, para que cada indivíduo possa regressar ao seu Pai Interior Profundo.

Bendito seja o Senhor Metratón, Anjo da Presença, que sempre está vendo o Rosto do Altíssimo, Presença de todas as Presenças!

Uma Estrela no Pântano

Podemos afirmar que nossa Venerada Mestra não foi uma flor do pântano, senão uma verdadeira estrela que desceu ao pântano desta humanidade, que se revolve no lodo das trevas do Quinto *Kali Yuga*, o mais grosseiro, abjeto e tenebroso de todos, segundo afirmava o Mestre Samael.

Desta forma, essa grande estrela da Constelação do Dragão desceu – de onde oficia o Tribunal do Carma, segundo afirma o Mestre em sua obra “Vontade Cristo” – para encarnar-se, com o objetivo de cumprir a sua missão de preparar e levantar o *Kalki Avatar* da Nova Idade de Aquário.

De fato, “através de inumeráveis reencarnações tem sido sempre a fiel companheira do Mestre”.

Recordemos o próprio Mestre Samael o qual afirmava que

ela nunca havia caído, porque – com sua Pedra Viva – tem estado presente apoiando-o, levantando-o sempre, até o momento preciso de lograr a puríssima concepção, o parto alquímico dessa maravilhosa encarnação de *Vishnú*: o Buda *Maitreya*! (que significa: “Aquele cujo nome [Verbo] é bondade”).

Uma Mestra muito especial deve ser aquela que consegue levantar um *Kalki Avatar*, ou seja, o anunciador dos tempos do fim, precisamente quando estes chegam, quando os estamos vivendo.

Na verdade, deve ser uma estrela muito distante, disposta ao sacrifício, aquela que veio gestar um *Kalki Avatar* neste planeta-carma dos mundos-equivocados dos deuses, quer dizer, o pior do Cosmo.

Se, como disse o Mestre, cada um de nós vem de uma estrela e há tantos Pais quanto estrelas no firmamento, por certo deve ser uma estrela de excepcional brilho, a que se encarnou na esposa-sacerdotisa-mãe alquímica do Venerável Mestre Samael Aun Weor, Buda *Maitreya*, *Kalki Avatar* de Aquário.

Certamente, essa estrela chamada Litelantes desceu a estas obscuras paragens e resgatou a *Gnosis* ancestral, quando a despertou dentro do seu esposo-sacerdote Samael Aun Weor.

E desceu a nós uma Mestra Cristificada, a Virgem do Tribunal, a que nunca lançou sua Pedra na água; aquela que vive tomando corpos *para ajudar aos que não se deixam ajudar*; aquela que conviveu conosco, brincou, alegrou-nos a vida, ensinou-nos e nos amou como nenhuma outra pessoa nos amou.

As Viagens com a Mestra

Algo digno de se rememorar são as viagens feitas em companhia de nossa bem-amada Mestra, que nunca se queixava da extensão do percurso. Ela podia dormir sentadinha, sem nenhum problema, o que normalmente fazia por rápidos momentos.

Não se queixava do calor nem do frio e procurava prevenir-se em ambas as situações; comia em qualquer pequena estalagem do

caminho, com a condição de que estivesse limpa; não reclamava por alguns sanitários serem modestos, e tampouco ia corrigindo a forma de dirigir do motorista. Era uma verdadeira delícia viajar com ela.

Para quem gostasse de velocidade, não tinha problema, pois a Mestra se encantava com a velocidade e reclamava que tanto Osíris⁵ como a minha pessoa já não corríamos como antes.

Preferia mil vezes viajar em automóvel e dizia que não gostava de viagens em aviões, porque subiam e baixavam as pessoas como se fossem um saco de batatas. Ela gostava mesmo era de apreciar o caminho, o campo, os animaizinhos, a natureza! Entretanto, quando não tinha jeito, viajávamos de avião. Curiosamente, ela não tapava os ouvidos nos aviões, razão pela qual eu brincava dizendo-lhe que era pelo fato de que ela voava desde os 13 anos, e que as alturas não a afetavam. Assim, conversávamos alegremente, enquanto transcorria a viagem nos monótonos aviões.

Além de gostar das viagens por terra, aproveitava-as muito especialmente para visitar os grupos, chegando de surpresa, pois em tais casos não costumava anunciar sua visita.

Muitos instrutores (sobretudo os simples, sem grandes estudos universitários) recebiam-na com respeito e carinho; outros se sentiam surpresos e incomodados porque acreditavam que vigiávamos sua “grande e honesta personalidade”, reagindo, em alguns casos, patologicamente.

Apesar disso, a Mestra se divertia sobremaneira, especialmente com as reações dos instrutores e dos grupos em geral.

Naqueles tempos, dirigia-se à pessoa que coordenava os instrutores e lhe dizia: - *Se não visita os grupos, nunca vai saber, em verdade, como andam, pois qualquer instrutor pode enganar a você por telefone ou com informes escritos* (muitos, efetivamente, declaravam ter mais estudantes do que realmente tinham).

Foram viagens incansáveis nas quais, em todos os foros,

⁵ Nota do Tradutor: Osíris – filho dos Mestres Samael e Litelantes.

ratificava continuamente o ensinamento de seu esposo, especialmente com seu próprio exemplo.

Em cada viagem, ela nos fazia surpresas inimagináveis, como acontecia toda vez que visitávamos a Grécia. Por certo, a Grécia era o país para o qual ela mais gostava de viajar. Dizia que a Grécia lhe trazia velhas recordações - tanto em Atenas como em Elêusis e Delfos era um verdadeiro desfrute.

Depois da Grécia, o lugar que mais a agradou (muito mais que o Egito) foi Petra, na Jordânia. Nessa viagem não tive a sorte de acompanhá-la, bênção que tive a partir de sua segunda viagem feita além do Atlântico.

Também se alegrava quando íamos à Catalunha, a Montserrat. Nem tanto para Roma – ao contrário do que se pudesse pensar, por recordar-se como Calpúrnia –, mas para Florença, onde o *Avô*, certa vez, fora regente e protetor das artes. Aí tinha as melhores recordações. Também gostou de Veneza, onde o *Avô* foi um grande comerciante.

Ocorriam fatos extraordinários nas viagens que fazíamos com nossa memorável Mestra, como quando seu filho Osíris nos acompanhou naquele giro pela Europa. Mostrou-nos o lugar onde ele faleceu em um naufrágio – quando naquela encarnação na Grécia, também era seu filho – precisamente em frente ao Templo de Zonion, quando ia levar comida ao *Avô*, que se encontrava fazendo orações por vários dias. Na ocasião, o Mestre teve a aflição de ver seu filho morrer, devorado pelo mar.

Muitas outras recordações da Itália, França, Holanda e Espanha foram descritas pela nossa amada Mestra nessa viagem.

Numa dessas viagens, mostrou que minha pessoa havia sido filho seu e do *Avô*, em diversas encarnações (na Europa, América, África e Ásia). Que eu sempre fui muito rebelde e saía de casa normalmente aos 16 anos. Isto ela disse em repetidas ocasiões, inclusive a seus filhos, aos quais afirmou que minha pessoa havia sido, várias vezes, o irmão mais velho. E aqui faço constar esse fato, pois talvez explique muitas coisas. Como ela costumava

dizer: - *Gostem ou não gostem*, a realidade é essa. E quem quiser investigá-la que investigue, se assim o desejar.

Em certa ocasião, quando visitávamos a Acrópole de Atenas, num momento em que nossos acompanhantes se descuidaram, ela pôde falar-me privativamente, dizendo-me que em uma pequena placa – quase oculta à vista e no mesmo nível do solo – tinha um nome, o que de fato pude verificar. Em seguida, fiz-me a seguinte pergunta: - Onde a Chefinha aprendeu a língua grega? Se bem que tampouco minha pessoa consegue ler as letras do alfabeto grego, pois recordo algumas etimologias e graças a isso corroborei o que ela falou. Todavia, com relação ao que foi exposto, a Chefinha apenas sabia ler o castelhano. Depois ela me fez ver que esse era seu nome, na época de Fídias, e disse que, se chegasse a ter uma filha, colocaria o mesmo nome.

Recordo que em uma dessas viagens, regressando da cidade de Puebla para o México, D.F., em meio a um terrível aguaceiro, ao fazer uma curva em declive, um veículo maior que o nosso quase nos tirou da estrada no momento de ultrapassar-nos. Por isso perdi o controle do veículo e giramos várias vezes, até ficarmos com o carro em posição de seguir no sentido oposto da estrada, à beira de um barranco. Por sorte, não houve danos pessoais nem materiais.

Tive que fazer muitas manobras para retornar ao sentido anterior, enquanto a Chefinha ria de nós – de minha pessoa e de uma dama acompanhante da Mestra – pelo susto que levamos.

Depois, perguntei-lhe por que não se perturbou com as rodadas do veículo, ao que me respondeu: - *Porque a morte não me dá medo! Vocês sentem temor porque se querem muito a si mesmos; para mim, tanto faz.*

Quando íamos a sítios arqueológicos, invariavelmente sucediam coisas... Na primeira vez em que fomos à pirâmide circular de Cuicuilco (no México, D.F.) recostei-me na relva que fica na parte superior; nem bem comecei a sonhar quando me coube ver os rituais que se faziam nessa pirâmide em épocas

remotas: como os sacerdotes e os demais oficiantes se postavam, como abençoavam o milho antes de plantá-lo, para que houvesse uma boa colheita, escutando um mantra de fertilidade que efetivamente entoavam. Também, durante a viagem ao Egito, quando fizemos uma cadeia na Câmara da Rainha da pirâmide de Quéops ocorreram coisas inenarráveis.

Por fim, invariavelmente, aconteceram fatos extraordinários em todas as viagens que me tocou acompanhar esse Ser tão especial.

Suas Brincadeiras e Travessuras

Como já dissemos, nossa amada Mestra era naturalmente alegre, às vezes parecia uma menina travessa e como tal se comportava.

Uma brincadeira muito usual que fazia com as esposas era dizer-lhes que seus maridos tinham outra mulher. Por conta disso, ocorriam múltiplas reações. Posteriormente, a Mestra lhes esclarecia que se tratava do automóvel, pois sua manutenção era muito onerosa, tal como se eles tivessem uma amante. Tal esclarecimento provocava um alívio nas atribuladas senhoras, mas, neste momento, ela gozava com sua brincadeira vendo as reações que tinham.

Em certa ocasião, antes de viver no México, D.F., quando minha pessoa era auxiliar do diretor do Monastério de Guadalajara, fui à capital para realizar alguns trâmites. Eu sempre tomava o ônibus depois das 22 horas para que às 7 da manhã já estivesse no México. Chegava sempre primeiro à casa da Mestra, onde tomava o café da manhã, arrumava-me e ia realizar minhas diligências.

No entanto, naquela noite em que estava no ônibus, dois policiais me fizeram descer, pois um senhor se queixava de que lhe haviam roubado sua carteira de dinheiro. Resultou que o citado cavalheiro era policial no México, para onde se dirigia, sendo acompanhado por um irmão que também era policial judicial em

Guadalajara.

Levaram-me à área de segurança do terminal de ônibus, interrogaram-me e me revistaram total e absolutamente, sem encontrar nem a carteira nem o dinheiro roubado, dando-me um tratamento infame, pois o suposto ofendido era um colega policial.

Eles me perguntaram a que lugar eu ia, ao que lhes respondi dizendo a verdade, quer dizer, à casa da senhora Arnolda Garro de Gómez, no México D.F. O irmão do suposto policial roubado se comunicou telefonicamente com alguém na casa de Dondita e, por três ocasiões, disseram-lhe que a senhora Gómez não me conhecia, pondo-me em situação difícil.

Cada ocasião em que regressava e me noticiava de que não me conheciam na casa, eu lhe perguntava: - Mas foi ela mesma que disse que não me conhecia? Por sua vez, o policial judicial, irmão do ofendido, respondia que ela não havia atendido ao telefone, mas que fulano (pessoa que aí vivia, na época) lhe havia perguntado e ela afirmou que, definitivamente, não me conhecia.

É de se supor que a situação se tornava cada vez mais grave e o tratamento cada vez mais duro. Então, disse ao sargento encarregado da guarda que se acreditasse que eu havia cometido o delito que me encaminhasse ao Ministério Público. Até que, por fim, soltaram-me, não sem ameaças por parte do suposto ofendido.

Quando subi ao ônibus, já liberado, perguntei para mim mesmo: - Por que a Mestra negaria que me conhece? Que mal lhe tenho feito? Então, eu me respondi: Pelo terrível que sou, este mau momento que tive não é nada, enfim, que se faça a Vontade do Pai... e me acomodei para dormir durante a viagem noturna.

Antes das 8 da manhã já estava batendo à porta da Mestra, vindo ela mesma me receber com um olhar pícaro, como que desfrutando de sua “brincadeira”, desculpando-se do seu proceder na noite anterior – ao negar que me conhecia – porque lhe incomodavam muito com os telefonemas, desculpa essa, claramente, inverossímil. Porém, enquanto me servia o café da manhã, passou o tempo rindo às minhas custas, por tudo o que me havia sucedido. Como se pode

ver, às vezes suas brincadeiras eram simples brincadeiras e outras vezes tinham o sentido de provar a pessoa.

Recordo que bem recém-chegado para morar no México, D.F., fomos a um balneário próximo a Cuernavaca, um pouco mais além de Alpuyecá, para o sul. Seguimos em vários veículos e, ao nosso regresso, insistiu comigo que queria dirigir seu carro, afirmando que já havia tomado várias aulas de condução e não existia nenhum risco, motivo pelo qual aceitei entregar-lhe o volante. O veículo era automático e, ademais, com minha mão esquerda eu a ajudava com o volante.

Mal havia partido, eu já estava terrivelmente arrependido de ter-lhe permitido dirigir, pois ela pisava fundo no acelerador, de modo que fiquei rogando-lhe que diminuísse a velocidade.

Ocorreu que ao chegar a Alpuyecá, em vez de seguir à direita rumo a Cuernavaca, seguiu em frente, entrando pelo caminho que leva a Xochicalco, que é muito estreito e com curvas fechadas.

Verdadeiramente eu lhe rogava e lhe suplicava que reduzisse a velocidade e ela o fazia momentaneamente para, logo em seguida, insistir em acelerar o máximo possível até que, finalmente, entregou-me a direção do veículo, quando eu já estava pálido de susto.

Imagino que, igualmente assustado, encontrava-se também Aurus, seu filho, que quando viu que eu ia lhe ceder o volante, insistiu comigo para que não o fizesse. Procurou seguir-nos em seu carro, mas não se deu conta de que em Alpuyecá não dobramos à direita, enquanto que ele assim o fez. Inclusive, parou para ver um acidente na estrada de Cuernavaca, pois um dos veículos era de cor cinza, como o que nos levava, fazendo-o acreditar que sua mãe havia se acidentado.

A Chefinha não parou de rir da sua travessura, tanto pelo susto de Aurus, como pelos rogos e súplicas que lhe fiz para que me devolvesse a direção do veículo.

Se tivesse que relatar as brincadeiras e travessuras que nos fez nossa querida Mestra, este livro não teria fim.

Nossa Mestre gostava das corridas de cavalos, provavelmente recordando seus tempos de amazona, assim como das corridas de carros, pois, como já disse, gostava muito da velocidade.

Ocasionalmente, fazia apostas, sobretudo nos cavalos de corrida. Eram pequenas quantidades, certamente, pois não tinha o vício de apostar. Apostava e o fazia esporadicamente, quase sempre quando estava segura de ganhar e só para se divertir.

Ainda que pareça incrível – mas somente dou fé do que vivi ao lado de nossa Mestre – farei o seguinte relato: recordo que certa vez, em Los Angeles, Califórnia, ao desempacotar minhas coisas, apareceu um quadro que me presentearam com uma fotografia do sarcófago de um faraó. A Mestre me fez a observação de que o ângulo superior do látego que o faraó tinha cruzado sobre o peito, originalmente não era assim pontudo, senão curvo. Então eu repliquei que não podia ser, pois não era lógico que alguém tivesse o trabalho de alterar uma peça arqueológica de tanto valor. Disse-me que sim e perguntou quanto eu apostava. Apostei 100 dólares e um amigo que nos acompanhava apostou 50 dólares. A Chefinha aceitou a aposta e disse que nos demonstraria que tinha razão.

Na manhã seguinte, veio a meu cérebro físico de forma muito clara a recordação de que durante a noite a Mestre nos havia levado a um templo egípcio muito antigo, chamado Templo dos Embalsamamentos que, por certo, tinha por entrada uma simples cova, mas no interior um teto no qual brilhavam pedras preciosas. Fomos recebidos com muito respeito e alegria pelo Senhor J*A*, dono do Templo, que nos explicou, efetivamente, que originalmente o ângulo do látego era curvo e não em forma pontiaguda, saindo da minha boca o seguinte: Tinha razão Chefinha, perdemos a aposta.

Então, o Senhor do Templo, visivelmente chateado, disse-nos: - *Como? Por causa de uma aposta estão aqui neste lugar sagrado?* Compreendendo o erro de minha indiscrição, procurei emendá-lo e lhe disse: Senhor, com todo respeito, nossa Mestre Litelantes pode vir aqui por qualquer motivo, inclusive por uma aposta, e merece o maior respeito e comedimento.

O Mestre J*A* sorriu e nos disse que efetivamente, ela podia vir a qualquer momento e, por qualquer motivo, seria uma grande alegria recebê-la, que esse era também seu Templo.

Que essa ocasião sirva para afirmar que, se o bendito Senhor Metratón, o Anjo da Presença, é chamado também de o Senhor-dos-Mil-Nomes (número propriamente simbólico, que dá idéia de seus múltiplos nomes sagrados), nossa Senhora Litelantes é a Senhora-Senhor-dos-Mil-Templos, pois ela tem mil Templos e neles é venerada. Pode ser que ambos os Senhores pertençam à mesma família.

Desse modo, não tive mais recurso senão pagar a aposta, ficando com meu bolso mais leve, porém muito mais alegre o meu coração, por haver recebido tão formosa experiência.

A Chama Ardente da Sabedoria

Nossa bem-amada Mestra sempre fez honra ao seu sobrenome e foi o lugar da chama, a chama ardente da sabedoria.

Era na verdade Atenéia encarnada; e, quem tiver o trabalho de investigá-la comprovará a veracidade de minha informação.

Nossa bendita Mestra foi o sagrado matraz do Mestre Samael Aun Weor, seu forno, seu vaso ou *atanor* alquímico, onde o Mestre recebeu o fogo, a chama ardente da sabedoria, para entregá-la à humanidade doente, para nos doar essa extraordinária sabedoria que permaneceu oculta durante milênios.

Foi dito pela boca do Mestre – e ratificado pela Mestra – que ela nunca caiu em nenhuma encarnação, razão pela qual o seu Cristo Interno sempre a acompanhou e sua Pedra Sagrada sempre permaneceu incólume.

Nossa Senhora Litelantes passou sua vida gerando novos e contínuos equilíbrios e sempre viveu exercendo o papel de Fiel da Balança.

Teve a mais extraordinária naturalidade e humildade; portanto, foi a sólida pedra onde se estilhaçaram e fracassaram todos os soberbos do Gnosticismo, os sabichões e pedantes da

época, pois não podiam compreender que o Venerável Mestre Samael Aun Weor se expressasse em termos tão elevados e eloquentes, acerca dessa Senhora tão simples, tão hermética, aparentemente tão insignificante.

Era impossível para muitos que essa Senhora moreninha e rechonchuda, sem estudos universitários, sem grandiloquência e tão calada, fosse a raiz do fogo, a fonte da chama ardente de sabedoria do Mestre Samael.

Não obstante, as aparências enganam e só com “muito coração” se pode penetrar um pouco na enigmática personalidade de nossa bem amada Mestra, que elevou o Senhor Samael Aun Weor às alturas inefáveis do Pleroma, até ao próprio Céu de *Arabot*, o mais elevado, segundo a tradição, segundo a Cabala.

Salve Litelantes, Senhora da Chama, Fonte da Chama, da ardente Chama da Sabedoria, Mestra do Mestre Samael!

CAPÍTULO V

CONSELHO ÀS MULHERES

Realmente, foi com sua própria vida, com seu exemplo, que nossa querida Mestra deu seus conselhos às mulheres: com pobreza e quatro filhos, seguindo o Mestre por todas as partes, sem contestar. Ao contrário, ela o encorajava continuamente para que seguisse entregando seu ensinamento, para realizar a Grande Obra do Pai.

Nem a prisão, nem as perseguições generalizadas, nem a traição de alguns alunos – que, uma vez constituída a Instituição Gnóstica em seu país (tendo-os como representantes legais), editando os livros do Mestre – o denunciavam ao setor de controle de migração e, com falsos testemunhos e demais argúcias legais, buscavam prendê-lo por qualquer meio. Nem as más artes⁶, nem as intrigas, nem as invejas e nem as insídias afastou o Venerável Mestre Samael Aun Weor de sua missão transcendental. A seu lado sempre o esteve apoiando a sua esposa-sacerdotisa, a Venerável Mestra Litelantes.

A Senda do Lar Doméstico que ensinou nosso Venerável Mestre exige extraordinários esforços dos cônjuges, porque é o caminho para se converter em verdadeiros e autênticos homens e mulheres. Para isso, é preciso que o homem seja muito macho e a mulher muito fêmea, como dissera o próprio Mestre.

Nossa bem-amada Mestra não só seguiu o Sendeiro do Lar Doméstico, do Matrimônio Perfeito, mas também foi a real e verdadeira iniciadora do Mestre Samael em tal Sendeiro, que é o caminho condutor ao Santo Grial de Montserrat.

Em todas as ordens foi uma mulher completa, íntegra, cheia de valor, incansável para o Sendeiro do Lar Doméstico.

Colocar-se no seu Lugar

⁶ Nota do Tradutor: más artes = magia negra.

Quando lhe pediam um conselho, com satisfação orientava as mulheres sobre as questões do lar, como conduzir um casamento, ainda que, na maioria dos casos, não seguiriam o conselho, porque assim é a humana *natura* (ou a *homínida natura*, se quiserem).

Em geral, dizia que as mulheres deveriam respeitar-se a si mesmas, colocar-se no seu devido lugar, pois o homem chega até onde a mulher quiser, e não é certo que outras mulheres os roubem; eles se vão porque querem.

Não olhava com severidade o fato de que homem solteiro “passeara”⁷ antes do matrimônio, mas, uma vez casado, deveria ser firme com sua mulher, mesmo porque “muitas Marias Madalenas estão mais próximas da iniciação que algumas castas donzelas” (segundo disse o Mestre). Isso é excepcional, razão pela qual ela recomendava às damas se darem ao respeito. Que era preferível não estarem “passeadas”, antes de chegarem ao matrimônio e, se apesar disso, fossem aceitas, nesse caso deveriam contar tudo ao seu futuro esposo, porém nunca mentir.

Afirmava que as mulheres agora – nesta Idade do *Kali Yuga* – se rebaixam porque se inverteu a questão; porque agora elas solicitam favores aos homens, não se envergonham de exhibir seus corpos, vivem como se no dia seguinte a vida fosse acabar; as filhas não têm respeito aos pais, os pais toleram a vida sexual desordenada das filhas; a televisão, normalmente, fomenta ainda mais o crime e a perversidade etc. e, por isso, é difícil encontrar casamentos estáveis.

Talvez possam parecer ideias antiquadas, mas acaso não são antiquadas também as proibições do adultério e da fornicação? Caso se queira transcender a Idade de *Kali Yuga*, não se pode seguir os ditames da moda sexual. Deve-se ser totalmente revolucionário, buscar a verdadeira correção sexual, quer dizer, nem a libertinagem, nem a abstinência, mas a castidade científica

⁷ Nota do Tradutor: O termo “passeara” (em espanhol) é traduzido como *pasaseara* (verbo do pretérito mais que perfeito do modo indicativo) e tem o sentido conotativo que alude ao fato de um homem ou uma mulher que manteve relações sexuais com outra(s) pessoa(s) antes do casamento.

do Matrimônio Perfeito, do Sendeiro do Lar Doméstico.

Dizia que a mulher é o pilar verdadeiro do matrimônio, pois os homens somos terríveis! De sorte que, se a mulher falha, falha toda a família. Por isso nossa bendita Mestra era tão exigente consigo mesma e com as demais mulheres, em sua responsabilidade de conduzir bem o casamento.

Como ela dizia: - *Não há coisa mais formosa nesta vida do que um bonito matrimônio; nem o dinheiro, nem o poder se comparam com um matrimônio bem-sucedido, bem conduzido. Essa é a verdadeira felicidade da vida.*

O Matrimônio

Os conselhos mais usuais que a Mestra dava sobre o matrimônio, são os seguintes:

- *Que os cônjuges sempre se perdoem reciprocamente*, pois todos nós temos defeitos e ninguém é perfeito. É melhor perdoar do que ser presa do ressentimento, o qual não deixa viver.
- *Que os ciúmes acabam um casamento*, portanto, deve-se erradicá-lo, caso queiram conservá-lo.
- *Que não se deve dar ouvidos aos mexericos contra os cônjuges*, nem se dedicar a eles, que as pessoas gostam de ver um casamento desfeito; e o normal é que tenham inveja de ver a bonita relação do casal, procutando fazê-los brigar.
- *Que os esposos não aleguem nem discutam*, e se estão de mau humor, antes de responder e ofender, é preferível um pouco de solidão: sair um pouco de casa e passear um tempo (dar uma volta no parque, sempre dizia), regressando quando os ânimos já estivessem acalmados.
- *Que não se deve responder ao marido* (pois é como jogar gasolina no fogo), mas esperar até que ele diminua o arrebatamento e, então, sim, dizer o que seja necessário, “agarrá-lo por sua conta”, mas com suavidade, pois nós

homens somos muito teimosos.

- *Que a esposa sempre é a senhora de sua casa* onde, indubitavelmente, manda, quer dizer, é a Rainha de sua casa, e o homem é muito livre, da porta da casa para fora, razão pela qual a mulher não deve incomodá-lo, perguntando-lhe de onde vem e para onde vai.
- *Que se um casamento fracassa é normalmente por causa da mulher*, pois não soube ser suficientemente inteligente, capaz de conduzir o marido e ajudá-lo a se corrigir.
- *Que com paciência e suavidade uma mulher consegue o que quer do marido.*
- *Que o mais bonito é se gostarem e viverem em paz*, ainda que sejam poucos os bens materiais a serem compartilhados.

Sendo esse ensinamento o Sendeiro do Lar Doméstico, é muito natural que lhe fizessem perguntas muito íntimas sobre o casamento – que iam desde assuntos banais, até verdadeiros dramas; normalmente, ela procurava não se meter nos assuntos dos casais.

Apesar disso, como já se comentou, devido à insistência de algumas pessoas, a Mestra se apiedava e lhes dava algum conselho que, desafortunadamente, não seguiam. Os poucos que seguiram seus maravilhosos conselhos não podem se queixar, evidentemente, vão muito melhor em suas vidas conjugais.

Sistematicamente, dava a mais ampla liberdade aos casais, procurando não se meter, em absoluto, nas decisões dos cônjuges; porém, quando se deixavam ajudar, seguindo seus conselhos com boa-fé, com boa vontade, era indubitável a maneira pela qual melhoravam suas relações conjugais.

Mencionava, ademais, que é conveniente aos homens se casarem a partir dos 33 anos de idade (conforme o Mestre sugeria); e que as filhas, quanto mais rápido se casassem, melhor; tiram a responsabilidade dos pais, que façam suas vidas. E se ainda não querem se casar, somente estudar, que estudem. Mas que sejam

bem-comportadas. Primeiro levem adiante seus estudos e depois o noivado e o matrimônio.

A Mestra recordava que quando sua filha Ísis estava na idade em que as juvenzinhas apreciam as festas, o Mestre lhe fazia (cada vez que podia) sua festa, porém, em sua casa, pois não lhe permitia sair para outras festas (a não ser que toda a família fosse), assim convivia com seus amigos. Nessas e em outras festas o Mestre gostava de acolher com afeto os seus convidados, com boa comida e com variedade de vinhos. Evidentemente, não era nenhum fanático e dizia que a decisão de deixar de beber era muito pessoal, razão pela qual, enquanto não se faltasse com o respeito em sua casa, cada um podia tomar vinho à vontade. Muitas vezes, no dia seguinte, fazia carne assada para os amigos “curarem-se” da ressaca.

Agradava muito ao Mestre Samael que as pessoas cantassem, e embora ele não o fizesse, pois não tinha esse pendor, participava das tertúlias declamando, o que fazia com muito gosto, passando assim saraus inesquecíveis.

Voltando às perguntas que faziam à nossa querida Mestra, as damas insistiam muito na questão de saber se era conveniente se casar com fulaninho, quer dizer, se ele era sua “recorrência” e coisas desse tipo. Em tais casos, ela respondia: - *O que disser o seu coração.* Assim, a Mestra dava toda a liberdade para que decidissem sobre assunto tão delicado.

Somente a um estudante ela disse quando e com quem se casar (e não creio que ele tenha queixa até a presente data) - se bem que não vou negar que a Chefinha adorada também me deu uma “ajudinha”, que agradeço de todo o coração. No entanto, nunca foi tão clara e explícita como no caso daquela pessoa. Por esta razão, a Mestra dizia que vivia atenta, caso este casal viesse a falhar, pois era uma terrível responsabilidade para ela haver-lhes dito que se casassem num dia de dezembro, e se empenhava muito para que tivessem um bom matrimônio, razão pela qual insistia, cada vez que os encontrava, para que fossem firmes no Sendeiro do Lar Doméstico.

Esclareço isto porque tenho escutado ultimamente a afirmação de alguns de que a Mestra lhes dissera que se casassem com determinada pessoa. Isso é falso, totalmente falso.

Quem categoricamente não levou em conta os conselhos da Mestra – apesar de saber que essa ajuda era excepcional – foi um secretário que ela teve. Essa desobediência lhe trouxe consequências muito tristes, como sucedeu com todos aqueles a quem a Mestra, de seu coração, deu conselhos que eles não acataram.

Nesse caso, para que fazer com que se abra o coração de um Mestre – com sua sagrada clarividência – a fim de ajudá-lo, não levando em conta as suas orientações? Na verdade o fato é extraordinário, como também é um grande desperdício não agradecer o sábio conselho de um Mestre.

Por certo, o dito secretário – o último que o Mestre teve, a quem deixou a tarefa de permanecer ao lado da Mestra – escreveu um segundo livro sobre o Mestre Samael (intitulado “No Coração do Mestre”), onde enaltece a todos aqueles que traíram a esposa do Avatar e, portanto, ao próprio Avatar. É uma obra cheia de imprecisões e inexatidões (começando por uns dados pessoais do autor), onde faz passar o Mestre por um santarrão e menospreza a figura da Chefinha. Isto não é de se estranhar porque, lamentavelmente, o citado secretário deu às costas à Mestra, abandonando-a, caluniando-a, maldizendo Dondita etc.

No entanto, se ele não a tivesse traído, minha pessoa não poderia substituí-lo como secretário da Mestra; por isso, não lhe tenho má vontade. O melhor que fazemos é a petição de São Paulo: “Que Deus lhe pague segundo suas obras”. Como tudo depende do cristal com que se olha, parece que seu cristal está coberto com pano sujo, ou falta polimento. Isso porque só aos Senhores devemos enaltecer e não aos que se dizem discípulos, que foram descorteses e traidores com a esposa- sacerdotisa do Avatar, quer dizer, onde realmente estava – e está – o coração do Mestre.

A Casa

Enquanto a Mestra teve forças, sua casa era exemplo de limpeza, ordem e harmonia. Sempre cansava as mulheres mais jovens que a ajudavam, e se à noite não tinha outra coisa a fazer, revirava as gavetas da cômoda ou do *closet*, esvaziando-as sobre a cama, dedicando-se a noite toda a arrumá-las. Na verdade, a Mestra dormia pouco e só com duas ou três horas de sono, despertava recuperada. Por muitos anos, seu horário completo de sono era das quatro às seis horas da manhã.

Ainda que se deitasse cedo, dormia propriamente às quatro da manhã (ao final, já dormia por volta de uma ou duas da manhã, despertando rigorosamente às seis). Noutras vezes, não dormia nada à noite. E assim seguia por vários dias, diuturnamente. Como se pode verificar, nenhuma mulher, por jovem que fosse, aguentava esse ritmo de trabalho.

Não somente atendia aos trabalhos domésticos, como também às chamadas telefônicas e visitas de estudantes e amigos, sem se distrair das contínuas decisões sobre as Instituições Gnósticas.

Suas comidas eram deliciosas e não importava o número de pessoas que tivesse, em pouco tempo cozinhava. Havia ocasiões em que cozinhava em abundância para poucas pessoas, e logo se justificava a grande quantidade da comida, pois começavam a chegar seus filhos e seus amigos. Enfim, em certa época, foi quase cotidiano o fato de que a mesa redonda de sua cozinha fosse testemunha de várias rodadas de comida, que Dondita servia com o maior gosto e generosidade. Costumava dizer que quando a pessoa é mesquinha para dar comida, faltará alimento nessa casa; no caso se ser generosa, nunca faltaria comida em seu lar, fato esse que pude verificar na prática.

Ademais, tinha as suas galinhas no terraço e limpava seu galinheiro todos os dias. Ocasionalmente, chegou a criar patos e faisões. Na época próxima do Natal, sempre comprava perus, engordava-os e embebedava-os com vinho, antes de sacrificá-los

para a ceia, que, por sinal, era deliciosa, pois as carnes de peru estavam impregnadas com o vinho.

Também atendia a seu cachorro *Spanky*, um *collie* precioso (cuja perda ela nunca deixou de lamentar), e ao seu gato Misifuz. Se bem que teve vários gatos com este nome; o primeiro que conheci era um angorá negro, muito carinhoso e obediente, de quem ela sempre se recordava.

Nunca deixou de me surpreender o fato – bastante estranho – de os gatos lhe obedecerem; que um cão obedeça, pode ser comum, mas que os gatos atendam, com obediência pontual, não é algo que podemos ver todos os dias.

Por último – mas não finalizando – estavam suas aves cantoras, seus louros e periquitas (sendo as mais famosas Martha, Juanita e Lorenza). Em tal grau gostava de suas aves, as quais tinham várias gaiolinhas. Diante disso, demo-nos à tarefa de fazer uma grande gaiola, no pátio que dava para a cozinha, onde teve grande variedade de aves. Ela se deleitava, sobremaneira, escutando seus trinados e era feliz despertando com seus cantos na aurora.

Jamais deixou de lamentar o fato de que uma das mulheres que vivia com ela (quando a sua saúde começou a ficar delicada) abriu a porta para que as aves saíssem. Isso para que não tivesse que limpar o viveiro, esquecendo-se de que os bens dos Senhores são sagrados, e ainda mais os pequenos animais que lhes davam alegria.

Assim era como Dondita cuidava de sua casa, de seus filhos, de seus amigos, dos estudantes e dos seus animaizinhos, sempre dando exemplo de tenacidade no trabalho do lar.

Dizia que a mulher deveria manter-se ativa, sempre havendo coisas para serem feitas em casa, a qual deve estar sempre limpa; que o trabalho tira maus pensamentos, pois é preferível estar ocupada, em vez de pensar em tolices que a nada conduzem.

Também afirmava que não se devia dar motivo para o marido falar de coisas sobre a desordem do lar; a mulher sempre deve adiantar-se na arrumação de sua casa.

A Mestra não somente fazia os labores do lar sem pensar que era um dever, fazia-os com o maior gosto, com verdadeiro agrado, pois dizia que a mulher é a rainha da casa, e o marido é muito livre da porta da casa para fora. Dizia que a mulher deve dar bom exemplo aos seus filhos, devendo fazer tudo com carinho.

O Marido

A Mestra Litelantes sempre costumava dizer que os ciúmes acabam com um lar. Por isso, ela insistia em que os cônjuges não caíssem nesse vício; comentava que no princípio, recém-casados, o Avô era muito ciumento. Para vigiá-la quando saía para compras, ele sempre mandava um cachorrinho branco, que não era outra coisa senão o elemental da planta borracheiro ou floripôndio, o qual adotava a forma do cachorrinho para segui-la, informando depois ao Mestre por onde sua esposa tinha andado.

A Mestra dizia que o Avô acreditava fugir a sua percepção, porém, certamente, notava a presença do simpático cachorrinho.

O Mestre sentia ciúmes especialmente do açougueiro, proibindo sua esposa de conversar com ele; mas, como a Mestra não tinha nada para se sentir culpada e era o açougueiro quem melhor a atendia, continuou a comprar carne a ele. Até que, por fim, ela tirou o arrebatamento de ciúmes do Avô, já que o cachorrinho sempre lhe informava o mesmo, quer dizer, que Dondita mantinha relações somente de amizade com o cortês açougueiro.

No entanto, depois disso, ela procurou não sair sozinha de casa e sempre se fazia acompanhar de seus filhos ou amigos, costume que nunca abandonou, inclusive mesmo depois de ficar viúva.

Os homens, como são terríveis, pensam que as mulheres são iguais a eles, afirmava a Mestra. Por isso, tornam-se ciumentos e não podem compreender que uma dama tenha uma saudável e simples amizade com os senhores de sua convivência.

Afirmava que, em geral, ela preferia ter amigos homens que

amigas mulheres, pois elas causam muita desordem e buscam a crítica sistemática, se é que não procuram tirar o marido da amiga.

Ademais, sempre nos dizia: - *Que enfado ter puros amigos gnósticos, sempre falando a mesma coisa!* Por essa razão, ela mesma sugeria que tivéssemos amigos fora da Gnosis. Logo, a amizade é algo que se dá e se recebe dos neófitos.

Efetivamente, a amizade é um sentimento que nasce e cresce como ocorre com as flores do campo; é algo espontâneo e natural que nada tem a ver com os graus esotéricos ou com os estudos gnósticos.

A Mestra nos relatava também que, a princípio, o Mestre era tão ciumento que costumava proibir aos transeuntes de passarem pela calçada, em frente à sua casa. Isso para não verem a sua mulher. Quanto aos que não se importavam com isso, entrava em confronto corporal com eles. Devido a isto os cavalheiros, a partir daí, evitavam passar em frente à casa desse Senhor tão ciumento.

Os ciúmes do Mestre chegavam a tal extremo que se aborrecia porque sua esposa se vestia bem e se arrumava para ir às compras, ou simplesmente para ficar em casa. Por isso o Mestre a questionava pedindo que ela lhe dissesse a razão de se arrumar. Ela respondia que era por respeito a ele mesmo, porque em caso contrário, as pessoas iam dizer que ele tinha uma esposa suja e desalinhada.

Quando lhe perguntei como ela havia tirado os ciúmes do Mestre, disse-me que, primeiramente, não sentindo ciúmes dele; depois porque ela, com sua conduta, demonstrou-lhe, cabalmente, não lhe haver razões para temer, que não havia motivo para ciúmes.

Muitas vezes lhe pediam conselhos a respeito dos maridos mulherengos e ela dizia que se preocupasse com suas casas, por dar um bom exemplo aos seus filhos, o que o marido fizesse fora de casa era de sua estrita responsabilidade.

Também afirmava que é um absurdo a mulher ir embora de casa motivada pelo mau comportamento do marido ou por que ele a colocou para fora; se o marido não concordar com isto, ele que

se vá da casa, mas a mulher não, pois ela é a senhora da casa e não tem de ir embora, como se fosse um delinquente.

Ademais, afirmava que a esposa deveria atender com esmero ao marido, pois ele cumpria seu dever trazendo comida, o sustento diário da casa, e que era obrigação da mulher atender todas as tarefas do lar.

A Mestra também dizia que a mulher não deveria trabalhar fora de sua casa, para isso tinha o marido a fim de mantê-la. Afirmava que, normalmente, não se dispensava muito respeito às mulheres casadas nos escritórios e não havia necessidade de suportar esse tratamento, pois, para estar em paz e em sua casa é que tinha marido. Portanto, se quer ajudar a incrementar os recursos no lar, trabalhe em alguma atividade adaptada a desenvolver em sua própria casa.

Dizia que, no caso das viúvas e, em geral, mulheres solteiras ou com filhos e sem um homem que as apoiassem, seria muita covardia se entregarem a qualquer um, pelo fato de não ter quem as mantivessem. Que, se uma mulher assim o quisesse, poderia se sair bem na vida, sem a necessidade de dar um padrasto para os filhos; que uma viúva, abandonada, desprezada ou divorciada tem saias suficientes para trabalhar e cuidar de seus filhos, sem necessidade, forçosamente, de ter um marido.

Em tais situações, era preferível que as mulheres se dedicassem a educar seus filhos sozinhas e não pensar mais em homens, e nem cometer a covardia de ter um homem só pelo interesse de que eles as sustentariam, juntamente com seus filhos. Não descartava o caso de encontrarem um amor verdadeiro, mas, em tal circunstância, o novo matrimônio era por amor e não por covardia ou interesse conveniente.

Talvez, tudo o que foi dito possa parecer um modo antiquado de pensar, sobretudo para as mulheres europeias, mas aquelas que seguiram os conselhos da Mestra tiveram a sorte de desfrutar verdadeiramente de sua vida marital e familiar.

Os Filhos

A Mestra dizia que é uma bênção ter filhos e não tê-los é outra bênção.

Alguns estudantes, por se lamentarem de ter filhos – sobretudo porque podiam entender terem sido negligentes na prática de alquimia, quer dizer, pelo temor do que diriam – obtinha da Mestra a seguinte observação: - *Que outra coisa se pode esperar de um matrimônio, senão filhos?*

A Mestra amamentava seus filhos até um ano e depois dava leite de vaca com uma colherinha, pois dizia que as mamadeiras caem no solo e as crianças usam depois, cheias de sujeiras. Ademais, tinha um prato específico para cada um e, se saía com eles, levava seus pratos onde quer que fosse. Ela alimentou seus filhos por um período de três anos à base de mingaus e papinhas, pois afirmava que não ia lavar fraldas cheirando a gente adulta. Só ao completarem quatro anos, ela começou a dar-lhes carne para comer.

Em geral, mencionou que alguns filhos são instrumentos do carma, fazendo seus pais e irmãos pagarem carma. Também costumava dizer que nem todos os dedos da mão são iguais, razão pela qual nem todos os filhos vão se comportar da mesma forma.

Portanto, apesar dos esforços dos pais para dar uma boa educação a seus filhos, há ocasiões que são rebeldes e só lhes dão “dor de cabeça”. De igual forma, muitas vezes os filhos são bem comportados, apesar de haverem crescido em um ambiente familiar pouco propício.

Em certa ocasião, a Mestra me comentou que o Avô queria ir viver nos Estados Unidos e ela se opôs terminantemente, pois nesse país a educação dos filhos é muito difícil, devido à libertinagem dos costumes. Assim, ficou no México, onde ao menos podia educar os filhos.

Realmente, ela tratou seus filhos com severidade, pois acreditava que os pais não deveriam ser brandos com os filhos, a

fim de não se converterem em tiranos, acostumados a fazerem suas vontades egoicas.

Afirmava que, assim como o Pai Interior é severo com o filho quando se porta mal, também os pais físicos devem corrigir os seus filhos, e se não o fazem respondem por sua omissão diante do Tribunal do Carma.

Criticava os pais que, sob o pretexto de serem “gnósticos”, não corrigem os filhos, motivando-os a mandarem neles (como muitas vezes podemos verificar, na prática).

Comentou-me que quando seus filhos se portavam mal nas casas alheias, apesar de chamar-lhes a atenção, não batia neles diante das pessoas amigas, mas ao regressar a casa, onde os corrigia severamente.

No entanto, também falou da obrigação de corrigi-los sem ira, sem ódio, mesmo que para isso usasse o cinturão quando o merecessem; mas, sem cólera, sem rancor, a fim de converter-se em um verdadeiro castigo.

Sobre isso, a Mestra comentava que o Avô batia com uma gravata em seus filhos, e a razão para isso era seu pai ter lhe batido muito quando criança, e não queria tratar seus filhos da mesma maneira. Por isso ele batia “simbolicamente”, enquanto que a Mestra, sim, corrigia-os “materialmente”.

Quando lhe perguntei por que o Avô batia com uma gravata e ela não, respondeu-me que deve haver o equilíbrio, pois o que seria dos filhos se nenhum dos pais lhes corrigissem? O Pai Interno de cada um nos corrige por meio da Lei do Carma e, além disso, vai nos reclamar se não corrigimos os nossos filhos e não os fazemos homem e mulheres de bem. E se são terríveis, apesar de lhes darem uma boa educação, não resta mais que ter paciência, pois cada um tem de pagar suas contas diante da Justiça Divina, seja o mau pai ou o mau filho.

Por último, insistia em que não se deve pressionar os filhos para entrarem na Gnosis, pois deve ser uma decisão pessoal deles e só, quando realmente gostem de coração, devem entrar nesses conhecimentos, segundo o próprio Mestre dizia.

O Adultério

Evidentemente, nossa Mestra não poderia estar a favor de nenhum delito, sobretudo contra o matrimônio, por seguir nesse ensinamento do Sendeiro do Lar Doméstico. Porém, o problema do adultério, talvez o abordasse como se fosse uma enfermidade. Quer dizer, insistia na questão de que a esposa nunca deveria perder a paciência com o marido, mas buscar a forma inteligente de tirar-lhe dessa nefasta tendência.

Afirmava que a melhor maneira de afastar o marido do vício das mulheres era não sentir ciúmes, não reclamar absolutamente de nada e ter uma conduta irrepreensível, pois cada um tem de prestar contas ao Tribunal do Carma.

Em uma ocasião, certa senhora lhe disse que seu marido havia chegado com a camisa manchada de batom, ao que a Mestra respondeu: - *Pois coloque a camisa na máquina de lavar e esqueça o assunto.*

Em outra ocasião, uma senhora lhe disse que lhe causava repulsa saber que o marido chegava a se deitar com outra mulher, ao que respondeu: - *Que seu marido tome banho, e imediatamente.*

Costumava expressar que, muitas vezes, os homens se entretêm com os amigos, bebem, começam a “falar somente besteiras”, assim passam o tempo e chegam em casa de madrugada. E a primeira coisa que a mulher diz é: “Já vem da outra?” Nesse caso, o primeiro pensamento do marido é conseguir “outra”, se não a tem; e, se a tem, ir imediatamente ficar com ela.

Por conseguinte, no momento em que o marido chegue em sua casa – mesmo que seja na madrugada, a mulher deve atendê-lo sem perguntar-lhe de onde vem (se ele quiser dizer, que o diga, mas não lhe perguntar, nem importunar-lhe). Oferecer-lhe comida e cama, sem maior inconveniente.

Chegou a dizer o seguinte: - *Em verdade vocês os perdem por serem bobas – e desculpem-me vocês – porque “as outras”, certamente, estão esperando que vocês tratem mal seus maridos*

em suas casas, para que possam ir ao lugar que estão para tratá-los bem. Finalmente, bom tratamento e bom exemplo é o meio de afastar o marido do mau caminho do adultério.

A uma senhora a Mestra lhe aconselhou o seguinte: - *Você é a senhora da casa, a outra não pode sair de braço dado pela rua com seu marido, não pode brilhar como você, então, por que se preocupa? Preocupe-se em dar um bom exemplo aos seus filhos e ao seu marido.*

Desse modo, afirmava que era um total despropósito pagar ao marido com a mesma moeda, quer dizer, cometer adultério como vingança pelo adultério do marido, pois o carma que acumulava era muito pior ainda, já que a esposa devia dar um bom exemplo aos seus filhos. Efetivamente, este é o Sendeiro do Lar Doméstico, não o caminho da vingança e do mau exemplo.

Assinalava que o carma gerado com o adultério é gravíssimo e retirar o marido desse pecado – com muita paciência e bom exemplo – produzia um grande darma, pois a mulher é efetivamente o pilar do lar, aquela que sustenta, verdadeiramente, o matrimônio.

Pois bem, no que se refere ao divórcio, a Mestra ratificava a declaração do Mestre Samael, quer dizer, conforme a Lei de Moisés, só se pode repudiar a mulher por causa de fornicção ou adultério.

Não obstante, assinalou que há tolerância do Tribunal do Carma no caso do divórcio, quando o marido é um instrutor dedicado a transmitir o ensinamento, e a mulher não o segue, não o acompanha ao lugar onde pretende dar instrução, desde que não se trate de uma localidade insalubre ou onde há bares, centros de prostituição etc., lugares onde, evidentemente, nem se deve estabelecer um centro de ensinamento e onde nem sequer se poderia viver, porque os filhos teriam um mau exemplo.

Em geral, dizia que ser mulher é cármico – pelas terríveis responsabilidades diante da Lei Divina – e que ela já o havia sido durante muito tempo, portanto, tinha direito de ser homem na sua próxima reencarnação, pois o Avô já estava levantado e já havia

entregado a sua mensagem.

O próprio Mestre várias vezes chegou a confirmar que assim seria, pois já estava autorizado pelo Tribunal, e que a “Negra” seria um grande advogado com seu corpo de varão, defendendo muito os pobres.

A Pistis Sophia

Como a Bíblia dos gnósticos, a *Pistis Sophia* (palavras gregas que significam Fé e Sabedoria) revelada pelo Venerável Mestre Samael Aun Weor, foi mal interpretada e, para a segunda edição, nossa bem-amada Mestra emitiu o seguinte esclarecimento:

ESCLARECIMENTO

Tomei a decisão de falar diante do fato de que, definitivamente, a Pistis Sophia não tem sido compreendida, nem creio que venha a ser compreendida.

Para realmente se entender o profundo ensinamento entregue, ao revelar o mais importante documento do Gnosticismo Antigo, é necessário viver, conscientemente, todos os cantos da Pistis Sophia, tal como foi vivido pelo V.M. Samael Aun Weor, que em vida levou o nome profano de Víctor Manuel Gómez R.

Toda pessoa que tem acesso a este conhecimento está sendo continuamente submetida a provas e a mais importante delas é a da fidelidade, quer seja com relação à Loja Branca, à amizade e, especialmente, com relação ao cônjuge.

Quando meu falecido esposo se encontrava revelando a Pistis Sophia, eu o fiz ver o inconveniente que haveria, se as pessoas interpretassem literalmente o exposto, a propósito da troca do vaso hermético. Ele me disse que era, simplesmente, uma prova para todos aqueles que se diziam gnósticos, como uma “casca de banana”, para ver se eles escorregavam nela.

O fato é que os deslizes têm sido muito abundantes. O sexo segue sendo a rocha de tropeço e de escândalo; a humanidade, realmente, não está preparada para compreender a Pistis Sophia

em geral e nem neste ponto especial.

Para que seja viável a troca de vaso hermético é indispensável que se apresente conscientemente diante do Tribunal da Justiça Cósmica, para suplicar e obter sua autorização, pois, se não for assim se comete o adultério, com todas as suas consequências.

O ego animal sempre anda “fazendo das suas” e temos visto, com tristeza, que muitos que se dizem firmes neste caminho, depois de haverem convivido toda uma vida com sua mulher e a encheram de filhos, motivados por sua luxúria, abandonam-na e tomam uma jovem, dizendo que é para “trabalhar”, sob o pretexto do que o V.M. Samael Aun Weor assinala na Pistis Sophia.

Enquanto não se elimine o ego não haverá compreensão deste sagrado ensinamento. Será impossível o despertar da consciência e, por isso, não se estará em condições de lograr autorização alguma por parte do Tribunal, para trocar de vaso hermético. Portanto, em vez de andar pensando em tais mudanças é preciso se dedicar a morrer internamente e, continuamente, aprender a conviver com o cônjuge.

No entanto, não me estranha a infidelidade para com o cônjuge, para com os amigos, familiares, instituições e com a Irmandade Branca quando, continuamente, existe traição até com A Divindade que levamos dentro de nós.

Portanto, fiquem todos advertidos e não estranhem que não se opere a misericórdia do Tribunal para com aqueles que, por seu desmedido orgulho, persistem em ser infiéis.

Que a paz seja com vocês!

Litelantes

Nossa querida Mestra reiterava, sistematicamente, que se cometia uma infâmia, quando depois de haver convivido toda uma vida com a mulher e a encheram de filhos, os pseudossapietes do Gnosticismo, obedecendo exclusivamente à sua luxúria,

abandonam-na e tomam uma jovem. E dizendo que é para “trabalhar” (na Forja dos Ciclopes), sob o pretexto do que o Mestre Samael assinala na *Pistis Sophia*.

Depois deste Esclarecimento da *Pistis Sophia* (segunda edição e posteriores) não faltaram os falsos mestres a dizerem que haviam comparecido diante do Tribunal, obtendo a licença para trocar de vaso hermético.

Certamente, eles nem se deram ao trabalho de pedir à Mestra sua confirmação no mundo físico – quer dizer, diante da sua presença, frente ao Guru – de tão inusitado fato, que muda radicalmente seu “caminho iniciático”. Esquecendo-se do princípio hermético tão citado pelo Mestre Samael, quando afirma: “Tal como é acima, é embaixo”.

Se está escrito que a Venerável Mestra Litelantes – nada menos que a esposa-sacerdotisa de nosso Avatar e sua herdeira legítima e esotérica – é, lá em cima, Mestra do Tribunal da Justiça Cósmica, um dos 42 Juízes de nosso Senhor Anúbis, aqui embaixo também segue sendo, e se ela diz que é adultério trocar de vaso hermético sem autorização dos Senhores do Carma, será adultério *per secula seculorum*.

O Mestre Samael, com sua generosidade proverbial, entregamos, com inteira honestidade, o caso de exceção à regra de se ter um só vaso hermético, que só se aplica aos Senhores, Verdadeiros Iniciados (segundo o expressamente declarado pelo próprio Mestre na sua obra “Os Mistérios Maiores”). O Mestre só conheceu duas pessoas que estão preparadas para tal façanha: um índio da serra e a Mestra Litelantes. Só eles podem comparecer diante dos Jerarcas da Justiça para solicitar tão especial dispensa. Imediatamente, interpretamos isso a nosso favor, quer dizer, em benefício da legião demoníaca que levamos dentro.

Não esqueçamos que o Mestre pontuava, insistentemente, sobre estar proibida a ação das vestais desde o advento de Nosso Senhor Jesus Cristo, o qual estabeleceu a mais estrita monogamia para esta Época Negra de *Kali Yuga*.

Por isso, são muito excepcionais os casos em que o Tribunal

do Carma autoriza a troca de vaso hermético – graça que é, repetimos, para verdadeiros Alquimistas, Reais Iniciados – e qualquer outra prática é considerada adultério, “aqui embaixo e lá em cima”.

No entanto, essa mencionada classe de pessoas – “grandes hermeneutas” encarregados de distorcer o ensinamento – pelo visto, não necessitam da opinião do Guru, muito menos de pedir-lhe sua muito real vênua, quer dizer, eles se crêem verdadeiros *mahatmas*, mais que Gurus.

Por isso a Venerável Mestra Litelantes afirmava que tais falsos gurus tinham propriamente uma “vajilla”⁸ hermética; na verdade, isso era um descaramento, algo completamente contrário ao ensinamento do Mestre, tratando-se de um adultério agravado, por utilizar-se do ensinamento como pretexto para cometê-lo.

O mais curioso é que, precisamente nessas páginas onde o Mestre fala da troca de vaso hermético, também disse que os fariseus: “**atacam ao Cristo com as mesmas palavras do Cristo**”.

Por circunstâncias do destino, vimos a Venerável Mestra Litelantes suportar – sempre estóica, inalterável, desapegada e indiferente – quase todos os matizes que pode ter essa máxima do Venerável Mestre Samael Aun Weor.

⁸ Nota do Tradutor: Vajilla significa louça ou baixela. O termo é usado, diferentemente de vaso, para dar a ideia de um conjunto de vasos de tamanhos e formas diferentes que podiam ser sempre usados pelos falsos gurus. Aqui, optou-se em deixar o termo “vajilla”.

ORAÇÃO ASTRAL

Que a luz do Sol radiante nos encha a alma
de diamante.

Que desça a nós o Verbo, de Mercúrio
o acervo.

Que de Vênus venha a ser amado e obtenha a
cruz, a luz e o cajado.

Que a Lua se transforme em ouro e na Terra se
redima o choro.

Que a vontade de Marte, a fonte, seja a guia e
inspiração potente.

Que por Júpiter, do sagrado coração brote o
equilíbrio da intuição e a razão.

Que o prudente Saturno “senecto”
nos livre da roda pelo caminho reto.

Que a semente por Urano obtenha o
Grande Arcano.

Que por Netuno, do mar o Rei, sejamos com Stella
Maris em sua grei.

Que a força ígnea de Plutão branqueie
em todos o latão.

Que a serpente latente desperte de seu sono
silente... Amém!

CAPÍTULO VI

SEU ENSINAMENTO BÁSICO

Neste capítulo procuramos resumir os aspectos mais importantes do ensinamento legados pela nossa bendita Mestra Litelantes. Somente enunciaremos tais aspectos, pois o Mestre os desenvolve, amplamente, por meio de sua obra.

Na realidade, a Mestra falava do mesmo ensinamento que nos deu o Mestre Samael, e não encontraremos diferença, apenas enfatizava os pontos mais importantes para se seguir e persistir neste caminho, ao mesmo tempo doce e amargo.

1. Estudo, Meditação e Oração

Seu triplo conselho inicial era o seguinte:

- *Leiam os livros do Mestre, meditem e peçam ao seu Pai.*

Não devemos nos descuidar do estudo do Quinto Evangelho, pois sucede que temos os livros do Mestre e normalmente nos conformamos em fazer uma primeira leitura, mantendo-os em nossa biblioteca e crendo que assim já assimilamos o ensinamento.

Realmente trata-se do Quinto Evangelho, segundo o próprio Mestre Samael declara, razão pela qual merece o seu estudo e leitura sistemática.

Muitas vezes, os evangélicos ou protestantes nos dão o exemplo, pois estudam persistentemente os textos sagrados. Assim, vemo-los em seus deslocamentos no ônibus lendo a Bíblia, igualmente quando estão esperando seu transporte coletivo, em sua casa etc.

Nós temos o Quinto Evangelho que revela as chaves de interpretação, explica os outros quatro Evangelhos, assim como o Antigo Testamento – e todos os livros sagrados da humanidade – e, na verdade, não aproveitamos esta oportunidade magnífica devido

à nossa incúria ou preguiça.

O Venerável Mestre Samael Aun Weor escreveu 56 obras formais, 14 folhetos e mais de duzentas conferências – algumas já transcritas e outras em fitas cassete que compõem o Quinto Evangelho. Desta forma, temos material de sobra, faltando somente dedicarmo-nos de coração ao seu estudo.

Tal como ocorre na escola ou na universidade, onde se requer ler e reler os livros para obter melhor compreensão, igualmente, necessitamos reler e voltar a reler a obra do Venerável Mestre Samael Aun Weor.

Assim, nós nos daremos conta de que, com as novas leituras da obra, vamos encontrando aspectos que na primeira ocasião passaram despercebidos ou não nos pareceram tão importantes; é questão de estudar com carinho a obra do Mestre.

A meditação e a oração eram pontos sobre os quais a Mestra insistia fortemente, temas aos quais dedicamos os dois capítulos seguintes desta obra.

2. Vontade e Boa Vontade

Um ponto importantíssimo para a Mestra era o desenvolvimento da vontade, insistindo que não tínhamos a suficiente vontade, decisão, abandonando a partida facilmente, ou, como diz o dito mexicano: temos saída de cavalo e parada de burro. Peço-lhes perdão pelo dito, talvez coloquial, mas bastante ilustrativo.

Em certa ocasião um estudante lhe disse que tinha muitos problemas com o Grande Arcano, que quase sempre caía, pedindo conselho sobre como fazer para não cair; ao que a Mestra lhe respondeu: - Não querendo! Com efeito, se não se quer cair desde um princípio, quer dizer, tendo a vontade de manter-se firme, não se derramará o Vaso de Hermes.

Afinal de contas, toda superação pessoal se resume na força de vontade. Recordemos que a divisa gnóstica é *Thelema*, e que assim entendia e predicava insistentemente nossa memorável

Mestra.

Ela dizia que a melhor maneira de corrigir-se era: - *Não dar gosto ao ego animal, fazer o contrário do que o ego quer.*

Ademais, afirmava que não só devemos ter vontade, como também boa vontade, insistindo em que devemos fazer as coisas com boa vontade, como também, ter boa vontade para com nossos semelhantes.

Se levarmos em conta que Judas, o demônio do desejo, gera a ânsia de realizar um ato, ou eximir-se dele, de forma negativa; que Pilatos, o da mente, o justifica; e Caifás, o da má vontade, os concretiza, entenderemos a necessidade de ter boa vontade, quer dizer, evitar a conclusão de um mau desejo ou mau pensamento.

Se nos afixamos na boa vontade, podemos chegar muito longe neste caminho. A Mestra era muito enfática neste ponto e afirmava que quanto mais má vontade nós tivéssemos, deveríamos ter a melhor boa vontade, que é a antessala do perdão.

Resulta curioso que o Anjo do Senhor, quando anunciou seu advento, disse: “Glória a Deus nas alturas e paz na Terra aos homens de boa vontade”. Ele não se referiu aos homens ricos nem pobres, nem ao presidente ou ao deputado, nem aos presbíteros ou bispos, senão aos homens de boa vontade. E boa vontade pode ter o Mestre mais exaltado do Tibete, como o camponês mais humilde da serra.

3. Buscar a Paz

Já vimos que a chave para alcançar a paz é ter boa vontade. Pois bem, a Mestra afirmava que, em termos de felicidade, só temos algumas chispas e que é muito difícil ter uma felicidade contínua e permanente; não obstante, a paz é algo que, sim, podemos lograr, se nos propusermos.

Não em vão a saudação gnóstica é Paz Inverencial, pois a paz é o que desejam os Mestres para nós.

4. Contentar o Pai

Dizia-nos a Mestra que devíamos contentar o nosso Pai que está em segredo, e não buscar contentamento das pessoas, pois havia que estar bem com Deus – no macrocosmo e no microcosmo –, mesmo que para isso tivéssemos o descontentamento das pessoas.

Recordemos que, segundo o Mestre, para termos o contentamento do Pai devemos seguir a seguinte regra: Reto atuar, reto pensar e reto sentir.

A retidão foi uma das características da vida de nossa Mestra e esse foi o exemplo maravilhoso que ela nos deixou.

5. A Fidelidade

Outro ponto que a Mestra Litelantes destacava era o da fidelidade, seja para com a Divindade que levamos dentro de nós, seja para com o nosso cônjuge, seja para com a *Gnosis* etc. Afirmava que alterar o ensinamento ou entregá-lo segundo nossa conveniência era uma evidente infidelidade. Por essa razão, devia entregar o ensinamento tal como o Mestre deixou, sem acrescentar e nem tirar nada.

Condenava terrivelmente os infiéis e dizia que em nenhum lugar queriam-se traidores: nem lá em cima, nem aqui no meio, nem lá embaixo.

A consequência lógica da fidelidade é a gratidão, quem é agradecido não cairá na infidelidade. O Mestre afirmava que “a ingratidão é irmã da traição”.

Por certo, a Mestra costumava asseverar acerca do que mais recebera por parte dos alunos do Avô, que foram mostras de ingratidão; e afirmou mais ainda sobre aquele a quem mais se ajuda, o qual normalmente é o mais ingrato.

O Mestre dizia que “o iniciado deve ser comedido, **fiel**, casto, humilde e obediente”. Por sua vez, o Apocalipse estabelece: “Ao que seja fiel até a morte dar-lhe-ei a coroa da vida”.

6. Respeito ao Matrimônio

Um aspecto substancial deste ensinamento é respeitar o matrimônio, pois este é o Sendeiro do Lar Doméstico, o Caminho do Matrimônio Perfeito.

Portanto, a Mestra insistia no respeito aos matrimônios e nunca aconselhava o divórcio. Ainda quando se atualizaram as causas assinaladas por Moisés para repudiar a mulher, não sugeria o divórcio, mas que devia ser decisão pessoal do cônjuge ofendido.

Afirmava que aconselhar o divórcio era lançar sobre si um grande carma, pois é uma decisão da competência exclusiva dos cônjuges. Então, ela sempre procurava ajudar na salvação dos matrimônios, pondo neles seu melhor empenho e sábio conselho, tal como dissemos no capítulo anterior.

Desse modo, ela nos instava a conservar nossos matrimônios e a ajudarmos na preservação dos casamentos dos demais, pois é a pedra angular de toda escola de regeneração.

7. Não dar importância às fofocas nem dedicar-se a elas

A Venerável Mestra Litelantes dizia que com a língua se faz mais dano do que com qualquer arma, razão pela qual devemos cuidar muito bem do que falamos.

Quando algum fanático insistia em cuidar exageradamente do que se come, ela recordava as palavras do Evangelho, enfatizando que não faz dano o que entra pela boca, senão o que sai dela.

Sobre o tema, o Mestre Samael afirma:

Se nós abrimos as portas às impressões negativas, às fofocas de alguém, de uma pessoa que vem falar contra alguém que carregamos aqui na mente, o resultado será fatal: a efígie ou representação mental que carregamos sobre essa pessoa – e contra a qual esse alguém vem falar – pode ser alterada, precisamente, pelas emoções negativas provenientes das impressões negativas da pessoa.

Tal figura, então, assume características tenebrosas, volta-se contra nós e nos ataca violentamente. É claro: carregamos multidões de representações e, naturalmente, qualquer uma delas que fique alterada se converte em um

inimigo interior a mais, além dos já existentes. (“Glossário Gnóstico”).

A Mestra costumava dizer: - *Que seria de minha vida se prestasse atenção às intrigas e falatórios? Se eu desse importância ao que falam de mim, já estaria morta. Por isso, não dou importância de que falem mal de mim, pois não me pagam o aluguel, nem o telefone, nem o café, nem os cigarros, e quanto mais falam de mim, mais passeio e desfruto a vida.*

8. A Tolerância

Insistia a Mestra que devíamos ser tolerantes com os demais, pois somos todos humanos e não somos nem valemos mais que os outros.

Sempre nos deu exemplo da maior tolerância. Na realidade, tolerava nossos erros e nossa maneira de ser. Não se assustava – como fazem os santarrões – com nossos erros e nem com os aspectos egoicos de nossa personalidade.

Sem dúvida nenhuma, aplica-se a máxima de Charles Duclos: “Uma das principais virtudes sociais consiste em tolerar nos outros o que devemos proibir em nós mesmos.”

O único que definitivamente a Mestra não tolerava era a traição. Ela comentava acerca do Tribunal do Carma reservar mais misericórdia para muitos delinquentes comuns do que para os mantidos às custas do trabalho do Avô e dela; e ainda por cima, compraziam-se em falar mal dela, que era o mesmo que falar mal do Mestre.

9. O Perdão

Um ponto muito importante para nossa querida Mestra era que nós aprendêssemos a perdoar. Ela dizia que para isso estávamos neste mundo: para perdoar.

Na realidade, o perdão é o que de mais difícil possa existir, pois pressupõe que a pessoa transcendeu seu amor-próprio, o eu do orgulho, a soberba e o rancor, defeitos que temos de sobra.

Em seu “Tratado de Psicologia Revolucionária”, o Mestre Samael nos diz:

Escrito está que no trabalho esotérico gnóstico só é possível o crescimento anímico mediante o perdão aos outros. Se alguém vive de instante em instante, de momento em momento, sofrendo pelo que lhe devem, pelo que lhe fizeram, pelas amarguras que lhe causaram, sempre com sua mesma canção, nada poderá crescer em seu interior. A oração do Senhor diz: “Perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores”. O sentimento de que lhes devem, a dor pelo mal que outros lhe causaram etc. detêm todo progresso interior da alma.

10. O Silêncio

Uma regra transcendental para a Mestra era o silêncio. Muitíssimas vezes pudemos apreciar que ela respondia com o silêncio às impertinências e faltas de respeito.

Recordo de um personagem que sempre ostentou ser grande santo e grande praticante de meditação, o qual fazia perguntas à Mestra sobre temas abstrusos do ensinamento – como querendo pô-la à prova –, ao que ela respondia com a maior simplicidade, concreção e síntese. Entretanto, como o referido personagem era contestador, sempre colocava objeções às suas respostas. A princípio, minha pessoa procurava abundar sobre o sentido da resposta e, seguidamente, a Mestra ratificava meu dito, mas o contraditor continuava com novas e ainda maiores objeções, não encontrando da Mestra mais resposta que o silêncio. Assim, com tais antecedentes, em posteriores ocasiões optei por levantar-me da mesa e deixá-lo com seu monólogo e, mesmo que a Mestra continuasse sentada, persistia em seu mais absoluto silêncio.

Também guardava silêncio quando seus detratores a ofendiam e a injuriavam. Chegou-me a comentar que ela não gastava energia pensando nas ofensas nem nos ofensores, e sempre dizia: - *Que Deus os ajude.*

A Mestra era totalmente hermética em seus assuntos esotéricos e, muito excepcionalmente, quase como uma graça, chegou a comunicar algum aspecto de seu bendito Real Ser.

Como dizia o Mestre Samael:

É absolutamente silenciosa, e como quer que jamais alardeie seus poderes, nem seus conhecimentos, os pedantes da época esgotam sua baba difamatória contra ela.

Se a pessoa não trazia a recordação de alguma experiência do ultra, ainda que a experiência tivesse sido com ela mesma, jamais comunicava nada. Ademais, sugeria que não falássemos de nossas experiências internas, para que os Mestres continuassem nos proporcionando tal presente.

A Chefinha comentou-me que o *Avô* não soube que ela tinha a capacidade *Jinas* senão ao chegar a quatro anos de casados, tendo reservado este extraordinário fato porque os poderes são sagrados e deve-se guardar o segredo.

Na verdade, a nossa amada Mestra foi vivo exemplo do apotegma do Mestre Samael, que diz: “O silêncio é a eloquência da sabedoria”.

11. A Fé

A Mestra destacava em seus conselhos que devíamos ter fé e que nada se lograva sem a fé. Afirmava que não alcançávamos as altas metas deste maravilhoso ensinamento por nossa falta de fé, e repetia as palavras do Evangelho a propósito de não se ter, sequer, a fé do tamanho de um grão de mostarda. Também chegou a dizer: - *Cultivem a fé, porque se não a cultivam, perdem-na.*

O Mestre nos disse que devemos ter fé consciente e não fé cega, que esta não deve ser dogmática.

Isto, entretanto, não implica que seja impossível alcançar a fé e nos desanimemos em exercê-la, porque aqui não se trata de uma fé consciente. Assim como se aperfeiçoa qualquer faculdade pelo exercício, a fé também deve ser exercitada até se alcançar a fé consciente.

Se não fosse assim, a Venerável Mestra Litelantes haveria insistido tanto para que tivéssemos fé? A fé, como qualquer outra

virtude ou faculdade, vai-se desenvolvendo pouco a pouco; para obter alcances neste caminho temos que ser persistentes.

Eis aqui algumas palavras de nosso Mestre, a propósito da fé, ditas em sua conferência “A Grande Obra”:

Com relação à fé é necessário tê-la; claro, todo alquimista deve ter fé, todo cabalista deve ter fé, mas a fé não é algo empírico, algo que nos é dado de presente; a fé nós temos que fabricá-la, não podemos exigir de ninguém que tenha fé; há que fabricá-la, elaborá-la. Como se fabrica? À base de estudo e experiência. Podia alguém ter fé nisto que estamos dizendo aqui, se não estuda e experimenta por si mesmo? Obviamente, que não, certo? Mas, conforme vamos estudando e experimentando, vamos compreendendo, e dessa compreensão criadora advém a fé verdadeira. Portanto, a fé não é algo empírico, não, necessitamos fabricá-la... Mais tarde, sim, muito mais tarde, o Espírito Santo, o Terceiro Logos, poderá consolidá-la conosco, fortificarmos e nos robustecer, mas nós devemos fabricá-la.

Nossa Senhora Litelantes dizia que se levava toda uma vida para aprender bem este ensinamento, portanto, não há que desanimar. Ela não queria que tivéssemos dúvidas na possibilidade de exercer a fé, eliminarmos o ego, praticarmos a alquimia, falarmos com Deus e encarnarmos nosso Real Ser. Era precisamente por isso que insistia no dever de sermos persistentes, mesmo que levasse uma vida ou várias vidas.

12. A Paciência

Nossa Mestre dizia que deveríamos ter uma paciência a toda prova, pois nada se logra no caminho iniciático ou na vida comum sem a paciência.

Todo acerto, todo alcance está fundamentado na paciência.

Recordemos a frase do Evangelho: “Com paciência possuireis vossas almas”.

A Mestre era um exemplo vivo da mais infinita paciência: ela teve que ter paciência para ajudar o Mestre a corrigir-se, como também para ajudar a nós todos corrigirmo-nos; paciência para obter as suas maiores exaltações e suportar sua longa e penosa

enfermidade.

O Venerável Mestre Samael Aun Weor nos disse:

O estudante necessita de muita paciência porque qualquer ato de impaciência o leva ao fracasso. Necessita-se de paciência, vontade, tenacidade e fé absolutamente consciente.

A Chefinha insistia que este caminho é de paciência, tenacidade, resistência; é para gente que resiste e aguenta; trata-se de suportar os embates com o maligno. Efetivamente, não resistir é explorar o próximo, considerar o ensinamento como um negócio, modificá-lo ou adulterá-lo, tomar a mulher do próximo, ter “vajilla” hermética, falar mal dos Mestres, cair no fanatismo, na beatice etc.

A Mestra também afirmava que devíamos ter grande paciência para pagar nossas dívidas cármicas; e mais, chegou a dizer que nunca se terminava de pagar – pois até os Adeptos *Excentos*⁹ têm deveres – e que somente estamos a expensas da misericórdia do Tribunal.

Dizia que tínhamos de pagar o carma com satisfação e com alegria, porque se a pessoa perdia a paciência e reclamava, mais se incrementava a dívida; ao contrário, se a pessoa pagava sua dívida pacientemente e com satisfação, dava-se a ela um alívio, o pagamento era mais rápido podendo-se viver uma vida melhor.

Com estas doze regras fundamentais que nos foi entregue pela Venerável Mestra Litelantes, seguramente aprenderemos a saber viver, pois, para isso, nós estamos neste mundo, para cursar a universidade da vida.

Como dizia sistematicamente o Mestre: “A iniciação é a própria vida”, da qual deu fé nossa Mestra, que nos entregou o mais maravilhoso dos ensinamentos: o exemplo.

Louvado seja teu Nome, Senhora do Rigor, Virgem do Tribunal, Deusa da Sabedoria, Nossa Mãe Litelantes! Seja teu Nome Bendito por toda a Eternidade! Amém!

⁹ Nota do Tradutor: Os Adeptos *Excentos* são aqueles Iniciados que se libertaram do Carma.

GLÓRIA A TI, LITELANTES!

Glória a ti, Litelantes,
Mãezinha nossa Divina!
Com carvalho e azinheira
formas os Hierofantes.

A severidade da Lei
tornaste misericórdia,
deste coroa ao Rei
e ao povo concórdia.

As aves teu nome cantam:
bela melodia de luz!

As trevas se espantam
da rosa em tua cruz!

O QUE NOS ENSINA O SENHOR?

O que nos ensina o senhor
com estes versos?
O que nos ensina o Senhor
com estas coisas?
Que nos infinitos universos
do Céu caem as rosas
e do lodo se levantam!...
Que os Anjos cantam ao
ritmo do amor!
Que a forte espada só
com poder do fogo
pode ser temperada!
Mescla de luz e fogo,
de pureza e calor,
de firmeza e amor
Ardente flama
é o Poder do Senhor!
Oh, graciosa chama!
Oh, perfume excelso!
Oh, sagrado verso!
Oh, divina luta
do que escuta
o pulsar do Universo!

CAPÍTULO VII A MEDITAÇÃO

Este é o sã conselho que nossa bem-amada Mestra sempre dava a quem pedia de coração: - *Leiam os livros do Mestre, meditem e peçam a seu Pai.* Ele é a síntese para a ação imediata no caminho esotérico.

Muito importante é a leitura e o estudo do Quinto Evangelho, mas não menos importantes são a meditação e a oração ao Pai – quer dizer, as distintas Partes do Ser – pois o estudo deve ir harmoniosamente combinado com a meditação e com a oração. Trata-se, concretamente, de aplicar o ensinamento estudado.

Neste ponto, Dondita não fazia, senão, reiterar o que tantas vezes foi dito pelo Mestre, o qual sugeria: “combinar inteligentemente a meditação com a oração”, ou seja, “combinar sabiamente a me- ditação com a oração”, ou simplesmente “combinar a meditação com a oração”.

Os Mestres Litelantes e Samael demonstraram estar em meditação-oração constante, pois gozam de consciência contínua, de “consciência consciente no astral” e em outras dimensões, pois eles, sim, vivenciam realmente a Seidade.

Na verdade, querem que encarnemos o nosso Real Ser Interior Profundo e insistem na eliminação do mercúrio seco (o ego) e do enxofre “arsenicado” (fogo sexual com vibração infernal) dentro do processo alquímico que leva à dita encarnação. E as ferramentas para lográ-lo são os Três Fatores da Revolução da Consciência.

Nossa Bendita Mestra dizia que devemos meditar na morte do ego animal pelo menos uns dez minutos, para começar, até lograr meditar uma hora diária (ou mais), tal como sugere o Mestre Samael.

Quando algum estudante comentava que era muito difícil concentrar-se durante o processo da meditação, dizia-lhe: - *Pois pare e ponha-se a fazer outra coisa, não perca seu tempo. Se você*

persiste e procura meditar, chegará o momento em que se concentrará. Por conseguinte, a meditação para nossa Mestra não era algo mecânico, mas dinâmico: é necessário insistir várias vezes durante o dia ou durante a noite até lograr a concentração apropriada e aprofundar-se verdadeiramente na meditação.

Caso muito similar sucede na Ciência jinas, pois, quando um estudante lhe perguntou por que não saía em jinas, apesar de que cotidianamente realizava a prática que ensinava o Mestre Samael (quer dizer, a mesma prática que nossa Senhora Litelantes ensinou ao Mestre), a Mestra respondeu: - *Falta-lhes atenção, não têm concentração; ademais, querem os poderes para investigar a vida alheia e fazer picardias; por isso, nunca vão ser ajudados pelos Mestres; querem tudo de presente, mas não fazem esforço algum.*

Assim, pois, a nossa Chefinha era muito exigente na boa vontade com que se faziam as coisas.

Quando lhe perguntaram a maneira de melhorar a atenção e a concentração, disse: - *Peça a seu Pai com fé, mas também você deve cooperar com ele, fazendo as práticas.*

Vejam agora os pontos mais importantes que o Venerável Mestre Samael entregou sobre esta classe de práticas.

Tipos de Meditação

O Mestre classifica a meditação da seguinte maneira:

É possível que numa prática de meditação profunda a consciência de alguém escape do ego e experimente a dita do vazio iluminador. É óbvio que, se alguém conseguir, trabalhará com gosto sobre si mesmo; trabalhará com ardor, pois haverá experimentado, certamente, na ausência do ego, isso que é a Verdade, isso que não é do tempo, isso que está mais além do corpo, dos afetos e da mente. Aqui, nesta cátedra, ensinei uma forma simples de meditação (porque há um tipo de meditação que está dirigida à autoexploração do ego, com o propósito de desintegrá-lo, de torná-lo cinzas), mas também há outro tipo de meditação, que tem por objetivo chegar, um dia, à experiência do real. Convém experimentar, alguma vez, a Grande Realidade porque isso o encherá de ânimo para a luta contra si mesmo. Essa é a vantagem do Sunyata; essa é a vantagem maior, em

relação à experiência do Real. (Conferência “Estudo Gnóstico sobre a Matéria”, transcrita na obra Filosofia Gnóstica).

Fases da Meditação

Fazendo um estudo sistemático, extraímos dos livros “Rosa Ígnea” e “Mistérios Maias” o seguinte resumo das palavras do Venerável Mestre Samael, sobre as fases que compõem o processo da meditação:

A meditação é um sistema científico para receber informação interna. Ela se compõe de cinco fases:

1ª. Asana (postura do corpo físico). O corpo deve ficar em posição absolutamente cômoda, não importa o lugar onde seja realizada a prática.

2ª. Pratyahara (não pensar em nada, quer dizer, silêncio ou quietude da mente, o Mo Chao). É indispensável pôr a mente quieta antes da concentração.

3ª. Dharana (concentração). Devemos afastar a mente de toda classe de pensamentos terrenos. Os pensamentos terrenos devem cair mortos diante das portas do templo. É preciso concentrar a mente, unicamente, para dentro - em nosso Íntimo.

4ª. Dhyana (meditação). O discípulo deve meditar nesses instantes, no Íntimo. O Íntimo é o Espírito. “Recordai que vossos corpos são o templo do Deus vivo e que o Altíssimo mora em vós”. O discípulo deve adormecer profundamente tratando de conversar com seu Íntimo.

5ª. Samádi (êxtase). Se o discípulo conseguiu adormecer meditando em seu Íntimo, então entra no estado de samádi, e pode ver e ouvir coisas inefáveis, e conversar com os anjos familiarmente.

Assim é como se desperta a consciência de sua letargia milenar. Assim é como podemos adquirir verdadeira sabedoria divina, sem necessidade de danificar os poderes da mente com o batalhar dos raciocínios, nem com o vão intelectualismo. A meditação é o pão diário do sábio.

Por outro lado, na sua cátedra intitulada “A Mente”, o Mestre nos diz o seguinte:

Mas antes de se começar qualquer prática, teremos que orar, sim, à nossa Divina Mãe Kundalini, suplicando a ela de todo o coração!

De minha parte, vou dizer a vocês que quando quero investigar, por

exemplo, sobre a Lemúria, o primeiro que faço, se a vocês convém seguir meu exemplo, é assim: Deito-me na minha cama muito tranquilamente com os braços e pernas abertos (posição da estrela flamígera) - corpo relaxado totalmente. Fecho meus olhos físicos para que não me atrapalhem as coisas do mundo exterior. Depois, **concentro-me na minha Mãe Divina Kundalini** e lhe digo: Quero saber sobre tal coisa (por exemplo, a Lemúria, ou o ego, um exemplo, certo?), quero informação! Suplico e peço com verdadeiro amor, naturalmente, porque a pessoa não vai se dirigir à Mãe de forma ditatorial, esmolando com escopeta na mão, como dizem por aí, não, mas com verdadeiro amor. O filho deve dirigir-se à sua Mãe com amor.

E depois da súplica busco pôr a mente quieta e em silêncio, e se alguma recordação me vem à mente, nesses momentos em que tento a prática, então, compreendo-a, analiso-a e a esqueço. Se surge qualquer desejo, qualquer idéia, faço o mesmo: analisar, compreender, discernir e esquecer e, no fim, a mente ficará quieta. Uma vez quieta e no mais profundo silêncio, minha consciência se desengarrafa, isso é óbvio, sai de dentro da mente e vou viver na Lemúria, ver os fatos da Lemúria e reviver as existências que tive por lá. Depois, já saio da meditação com toda a informação, escrevo-a e entrego-a aos senhores em livros impressos. Que tal, que lhes parece meu sistema, meus caros irmãos?

Todavia, reconheço que cada qual é livre para pensar como quiser. Quem quiser seguir meus ensinamentos, que os siga, eu não estou tratando de fazer coerção sobre a mente de ninguém, respeito o livre pensar de cada um. O que faço é expor; e digo mais: é melhor nos libertarmos do processo do intelecto. O grave é que as pessoas estão tão autoenganadas que creem que toda ação deve ser, forçosamente, da mente; jamais fazem a vontade do Pai; nunca atuam de acordo com os ditados da consciência e não escutam a consciência.

Preferem viver com suas idéias mais ou menos distorcidas ou disparatadas, de acordo com seus impulsos meramente intelectivos. Isso nos tem conduzido ao erro, vejam o estado em que se encontra a humanidade.

As Dez Regras da Meditação

O Venerável Mestre Samael Aun Weor, em sua obra Curso Esotérico de Magia Rúnica, nos presenteia as seguintes palavras:

A meditação científica tem dez regras básicas, fundamentais, sem as quais resultaria impossível emanciparmo-nos, libertarmo-nos, dos grilhões

mortificantes da mente, quais sejam:

1ª. Tornarmo-nos plenamente conscientes do estado de ânimo em que nos encontramos, antes que surja qualquer pensamento.

2ª. Psicanálise: indagar, inquirir, investigar a raiz, a origem de cada pensamento, lembrança, afeto, emoção, sentimento, ressentimento etc., conforme vão surgindo na mente.

3ª. Observar serenamente nossa própria mente, pondo atenção plena em toda forma mental que faça sua aparição na tela do intelecto.

4ª. Tratar de recordar, rememorar, esta “sensação de contemplar”, de momento em momento, durante o curso comum e corrente da vida diária.

5ª. O intelecto deve assumir um estado psicológico receptivo, íntegro, unitotal, pleno, tranquilo, profundo.

6ª. Deve existir continuidade de propósitos na técnica da meditação, tenacidade, firmeza, constância, obstinação.

7ª. Resulta agradável, interessante, frequentar, cada vez que se possa, as salas de meditação (lumisiais gnósticos).

8ª. É peremptório, premente, necessário nos convertermos em vigias de nossa própria mente, durante qualquer atividade agitada, revolta; devemos deter-nos, ao menos por um instante, para observá-la.

9ª. É imprescindível, necessário, praticar sempre com os olhos físicos fechados, com o propósito de evitar as percepções sensoriais externas.

10ª. Relaxamento absoluto de todo o corpo, e sábia combinação de meditação e sono.

Querido leitor. É chegado o momento de aquilatar, analisar judiciosamente estas dez regras científicas da meditação.

A. O princípio, a base, o fundamento vivo do samádi (êxtase) consiste em um prévio conhecimento introspectivo de si mesmo. Introvertermo-nos é indispensável durante a meditação profunda. Devemos começar conhecendo profundamente o estado de ânimo em que nos encontramos, antes que apareça no intelecto qualquer forma mental. Resulta urgente compreender que todo pensamento que surge no entendimento, é sempre precedido pela dor ou prazer, alegria ou triunfo, gosto ou desgosto.

B. Reflexão serena. Examinar, aquilatar, inquirir sobre a origem, a causa, a razão ou o motivo fundamental de todo pensamento, lembrança, imagem, afeto, desejo etc., conforme vão surgindo na mente. Nesta segunda regra, existe autodescobrimento e autorrevelação.

C. Observação serena. Pôr atenção plena em toda forma mental que apareça na tela do intelecto.

D. Devemos nos converter em espíões de nossa própria mente, contemplá-la em ação, de instante em instante.

E. A chita (a mente) se transforma em vrittis (ondas vibratórias). O mental é como um lago aprazível e tranquilo. Cai uma pedra nele e se elevam borbulhas desde o fundo. Todos os diferentes pensamentos são ondas perturbadoras na superfície da água. Que o lago da mente permaneça cristalino, sem marulhos, sereno, profundo, durante a meditação.

F. Os indivíduos inconstantes, volúveis, versáteis, voltívolos, sem firmeza, sem vontade, jamais poderão lograr o êxtase, o satori, o samádi.

G. A técnica da meditação científica é óbvio que pode ser praticada tanto de forma individual, isolada, como em grupo de pessoas afins.

H. A alma deve libertar-se do corpo, dos afetos e da mente. Resulta evidente, notório, patente, que ao emancipar-se, ao liberar-se do intelecto, livra-se radicalmente de tudo mais.

I. É urgente, indispensável, necessário, eliminar as percepções sensoriais externas, durante a meditação interior profunda.

J. É indispensável aprender a relaxar o corpo para a meditação; nenhum músculo deve ficar em tensão. É urgente provocar e graduar o sono à vontade. É evidente, notório, indiscutível, que da sábia combinação do sono com a meditação, resulta o que se chama iluminação.

Resultados: No umbral misterioso do Templo de Delfos, existia gravada na pedra viva, uma máxima grega que dizia: *Nosce te Ipsum* (**Homem, conhece-te a ti mesmo e conhecerás o Universo e os deuses**).

O estudo de si mesmo, a serena reflexão, é óbvio, patente, claro, que em última instância se conclui na quietude e no silêncio da mente.

Quando a mente está quieta e em silêncio, não só no nível superficial, intelectual, senão em todos e em cada um dos quarenta e nove departamentos subconscientes, advém o novo, desengarrafa-se a essência, a consciência, e vem o despertar da alma, o êxtase, o samádi, o satori dos santos.

A experiência mística do Real nos transforma radicalmente. As pessoas que jamais experimentaram diretamente o que é a Verdade, vivem “mariposeando” de escola em escola, não encontraram os seus centros de gravitação cósmica e morrem fracassadas, sem haver logrado a tão anelada autorrealização íntima.

O despertar da consciência, da essência, da alma ou Buddhata, só é

possível libertando-nos, emancipando-nos do dualismo mental, do batalhar das antíteses, do marulho intelectual.

Qualquer luta subconsciente, submersa, infraconsciente, inconsciente, converte-se em uma trava para a liberação da essência (Alma).

Toda batalha antitética, por insignificante e inconsciente que seja, indica, assinala, acusa, pontos obscuros, ignorados, desconhecidos, nos infernos atômicos do homem.

Refletir, observar, conhecer, esses aspectos infra-humanos do mim mesmo, esses pontos obscuros, resultam indispensáveis para lograr a absoluta quietude e silêncio da mente.

Só na ausência do eu é possível experimentar o que não é do tempo.

Metodologia do Trabalho

Na obra (póstuma) “A Revolução da Dialética”, o nosso Venerável Mestre nos dá a seguinte metodologia do trabalho psicológico:

Antes de conhecer e eliminar o traço psicológico característico particular, deve-se trabalhar, intensamente, em um sentido geral, com relação a todos os defeitos, já que o traço psicológico característico particular tem raízes muito profundas, que vêm de existências passadas. Para conhecê-lo, faz-se necessário haver trabalhado de uma forma incansável, e com uma metodologia de trabalho, de pelo menos cinco anos.

Há que se ter ordem no trabalho e precisão na eliminação dos defeitos. Por exemplo, a uma pessoa, durante o dia, manifestaram-se os defeitos da luxúria pela manhã, o do orgulho à tarde e o da ira à noite. Indubitavelmente, estamos vendo uma sucessão de fatos e manifestações. Então, nos perguntamos: **Como e sobre qual defeito manifestado devemos trabalhar durante o dia?**

Na realidade, a resposta é simples. Ao chegar a noite ou a hora da meditação, com o corpo relaxado, passamos a praticar o exercício retrospectivo sobre os fatos e manifestações do ego durante o dia. Já reconstruídos, ordenados e numerados, procederemos ao trabalho de compreensão.

Primeiro trabalharemos sobre um evento egoico, ao qual poderemos dedicar-lhe uns 20 minutos; depois, outro evento psicológico, ao qual poderemos dedicar-lhe 10 minutos, e 15 minutos a outra manifestação. Tudo depende da gravidade e intensidade dos eventos egoicos.

Ordenados os fatos e manifestações da “catexis” solta, do mim mesmo, podemos trabalhá-los à noite ou na hora da meditação, tranquilamente, e com ordem metódica.

Em cada trabalho sobre tal ou qual defeito, evento e ou manifestação entram os seguintes fatores: descobrimento, julgamento e execução.

A cada agregado psicológico aplicam-se os três fatores mencionados, assim: descobrimento, quando é visto em ação, em manifestação. Julgamento ou compreensão, quando se conhecem todas as suas raízes. Execução, **com a ajuda da Divina Mãe Kundalini, por meio da sábia prática da superdinâmica sexual. A força de Eros e a energia criadora são os ajudantes mais perfeitos para a compreensão.**

A energia criadora transmutada ou sublimada durante a Magia Sexual, sem a ejaculação da entidade do sêmen, **abre os 49 níveis do subconsciente, fazendo sair todos os eus que temos escondidos.** Esses agregados psíquicos surgem em forma de drama, comédia, filme e por meio de símbolos e parábolas.

Escrito está que a chave da compreensão se encontra nestas três chaves psicológicas: imaginação, inspiração e intuição.

Tocou-nos investigar com os alunos que o Mestre teve no México-DF, e que conservavam amizade com a Mestra, a respeito da forma com que o Mestre dirigia as meditações nos grupos.

Todos afirmaram, unanimemente, que quando o Mestre dirigia as meditações sobre morte do ego sempre dava a maior liberdade para meditar sobre o eu que o estudante escolhera. De sorte que, sob sua sábia direção, os estudantes meditavam sobre o ego animal que bem quisessem.

A regra que o Mestre estabeleceu, enfaticamente – tanto em sua obra como em suas práticas – como requisito prévio, intermediário e final, foi a de orar com fé e persistência à Mãe Divina. Por que quem, senão ela, com seu poder superior, pode eliminar os elementos indesejáveis que carregamos internamente? Em sua cátedra “O Sabor-Trabalho e o Sabor-Vida”, conhecida também como “A Vida como Ginásio Psicológico”, referindo-se a um mestre que não logrou a dissolução egoica, disse-nos o seguinte:

Trabalhou na Nona Esfera, fabricou os corpos existenciais superiores do Ser, mas não logrou a dissolução total do ego porque rechaçou a sua Divina

Mãe. **Como o filho ingrato pode dissolver o ego?** O filho ingrato não progride nestes estudos. Antes de tudo, antes de chegar ao Pai, temos que chegar à Mãe, isso é óbvio.

O Traço Psicológico

Na obra *Didática do Autoconhecimento* (compêndio de conferências), na cátedra intitulada “*Didática Concreta para a Dissolução do Ego*”, o Mestre Samael disse o seguinte:

É fundamental saber qual o traço psicológico principal, porque quando alguém conhece e trabalha sobre ele, então se torna mais fácil a desintegração do ego. Porém, vou dizer aos senhores uma grande verdade: antes de nos autoexplorarmos para conhecermos o traço psicológico principal, devemos ter trabalhado bastante, pelo menos uns cinco anos, porque não é tão fácil descobrir o traço psicológico principal.

Na verdade, a pessoa tem falsos conceitos sobre sua própria personalidade, vendo-se a si mesma por meio da fantasia; sempre pensa sobre si mesmo de forma equivocada. Dessa forma, os demais podem, às vezes, ver uma pessoa melhor que ela própria. Por outro lado, a pessoa tem sobre si mesma conceitos totalmente equivocados. Uma pessoa não pode descobrir seu traço psicológico principal enquanto não tiver eliminado uma boa percentagem de agregados psíquicos inumanos. Por isso, se querem conhecer o traço psicológico principal trabalhem pelo menos uns cinco anos.

Depois de uns cinco anos, podemos nos dar o luxo de usar o sistema retrospectivo para aplicá-lo, tanto à nossa existência atual, presente, como em nossas existências anteriores. Então, veremos, com grande assombro, que uma e outra vez, cometemos o mesmo erro; descobriremos um eu-chave, que em todas as existências tem cometido sempre os piores erros e que sempre está especificado por um determinado delito; que esse eu-chave tem sido o eixo de todas as nossas existências anteriores.

Contudo, obviamente, para praticar com certa lucidez esse exercício retrospectivo, há que eliminar primeiro muitos eus. De nenhuma maneira eu poderia crer que fora possível descobrir o traço psicológico fundamental, se a pessoa não tem usado, inteligentemente, o sistema retrospectivo. Para usá-lo de verdade, com lucidez, também necessitamos ser sinceros. Quando a consciência está bem metida entre os eus não há lucidez. Então, o exercício retrospectivo, nessas condições, resulta incipiente, senão fantástico ou equivocado; esse é, pois, o meu conceito.

Pergunta: Mestre, pela manhã eu senti certa reação, mas logo em outro evento, senti outra reação, que obedece a outros eus. Deverei dedicar-me, na meditação, aos dois ou só a um?

Resposta: Bom, na meditação deves dedicar-te a um, ao primeiro; mais tarde te dedicas ao outro; agora, para que trabalhes, dedica-te ao primeiro.

Pergunta: Esse eu que não se submete agora à meditação, não podia engordar?

Resposta: Tu o deixas para outro momento; mas, se não queres que ele engorde, não lhe dê mais alimento e verás que se torna fraquinho.

Pergunta: Mestre, o Senhor nos tem falado de uma ordem no trabalho, mas durante o dia se manifestam muitos defeitos numa pessoa; por isso, talvez, tem havido uma má interpretação nossa, ao buscarmos um traço psicológico. Como podemos entender isso e sobre o que se deveria trabalhar?

Resposta: Há que ter uma ordem no trabalho. Claro está que sim, e estou de acordo. Porém, ao chegar a noite, com teu corpo relaxado passarás a praticar teu exercício retrospectivo, sobre tua atual existência, pelo menos sobre o dia. **Então, deves visualizar e reconstruir os eventos do dia; depois de reconstruídos, enumerados e classificados devidamente, procederás com o seguinte trabalho: primeiro um evento, ao qual se pode dedicar uns quinze ou vinte minutos; depois outro evento, ao qual se pode dedicar meia hora: em outro, cinco minutos... Tudo depende da gravidade dos eventos e assim, já ordenados, podes trabalhá-los à noite, tranquilamente e por ordem.**

Pergunta: E para eliminá-los?

Resposta: Também pôr ordem porque em cada trabalho sobre tal ou qual evento entram os fatores de descobrimento, julgamento e execução. A cada elemento aplica-lhe as três etapas: descobrimento, quando tu o descobrires; compreensão, quando o compreenderes; e eliminação, com a ajuda da Divina Mãe Kundalini. Assim se trabalha porque vai se trabalhar um por um, pensa como vai colocar a coisa: se vai pôr muito peso sobre os ombros porque, em realidade e de verdade te digo, repetindo aquela frase de Virgílio, o Poeta de Mântua, na sua divina Eneida: Mesmo que tivéssemos mil línguas para falar e paladar de aço, não alcançaríamos enumerar nossos defeitos cabalmente.

De maneira que, se te propuseres a trabalhar um defeito durante dois meses, outro defeito em outros dois meses e se são milhares, quando irá eliminar a todos? Ademais, um defeito está associado a outro e o outro está associado a outro mais; raramente aparece um defeito só. Um defeito sempre se associa a outro. Por isso é que há que trabalhá-los com ordem, devidamente classificados, diariamente, até triunfar.

Pergunta: Mestre, o Senhor nos fala sobre “a desordem da casa” e o Mestre Gurdjieff também fala sobre “a desordem da casa”. Ademais, sobre o “mordomo delegado”, sobre uns eus que gostam do trabalho e de outros que não gostam do trabalho, como poderíamos entender isto?

Resposta: Pois, francamente, esse tal “mordomo” tão citado por Gurdjieff, Ouspensky e Nicoll me parece uma tolice, não tem nenhum valor. De minha parte, jamais, ou melhor diria, este que está aqui dentro, o Real Ser, Samael, que dissolveu o ego, com sinceridade, nunca usou esse sistema do “mordomo”.

Há eus úteis? Sim, é verdade. E também existem os inúteis. Há eus bons? Existem aos montões e também existem os maus. Há que desintegrar os eus bons; há que desintegrar os eus maus; há que desintegrar os eus úteis e há que desintegrar os eus inúteis.

Um dia, um amigo que tinha uma fábrica de fazer calças em El Salvador, perguntava-me: - Mestre, se eu desintegro o eu útil que faz calças na minha fábrica, então quem vai seguir fazendo calças? Vai falir minha fábrica? Não te preocupes, eu disse ao bom amigo: se tu desintegras esse eu, uma parte do Ser, correspondente a toda classe de artes, encarregar-se-á do labor de fazer calças e as fará melhores que tua pessoa. Meu amigo se mostrou satisfeito e continuou em seu ofício.

Os eus bons fazem boas obras, mas não sabem fazê-las; fazem o bem, quando não devem fazê-lo; dão esmola a um maconheiro para que vá comprar mais maconha; dão esmola a um bêbado para que continue se embebedando; dão esmola a um rico que pede esmola e coisas desse tipo. Os eus do bem não sabem fazer o bem.

Em última instância, nós temos que lutar contra o bem e contra o mal. Francamente, em última síntese, nós temos que passar mais além do bem e do mal, e empunhar a espada da Justiça Cósmica.

No “Supremo Grande Manifesto Universal do Movimento Gnóstico”, o Venerável Mestre Samael nos disse:

O eu não se dissolve com beatices, nem com poses de fingidas mansidões, nem com fanatismos estúpidos. É necessário fazer a dissecação do eu com o bisturi da autocrítica. Temos que aprender a nos criticar a nós mesmos. Necessitamos da autocrítica.

Reiteramos que, quando o Mestre dirigia meditações sobre morte mística, sempre dava a maior liberdade para meditar sobre o eu que o estudante escolhera. De sorte que, sob sua magistral direção o estudante, normalmente, meditava sobre o ego animal que elegera, sem que o Mestre sugerisse ou impusesse a meditação em um eu determinado.

Este é um ensinamento de liberação e, conseqüentemente, exige liberdade para que o estudante medite sobre o defeito que mais lhe convier, já que é sua própria criação. Portanto, ele deve saber qual ou quais de suas tenebrosas criações mais o afetam para seguir neste amargo e doce caminho.

O que o Mestre afirmou – em forma de advertência e com o ânimo de nos ajudar – em várias obras e cátedras foi que o principal obstáculo que temos é a preguiça. Isso é compreensível porque, dita cabeça de legião, impede-nos o trabalho psicológico sobre qualquer ego.

Além do mais, na cátedra “O Sabor-Trabalho e o Sabor-Vida”, disse-nos o seguinte:

Porém, o que é que vocês querem? Seu querido ego, sua nudez, sua miséria interior, as trevas em que se encontram? Não, irmãos, reflitam profundamente, reflitam! Devem dedicar-se a trabalhar intensamente sobre si mesmos, devem compreender o processo da luxúria, que é o pior inimigo da dissolução do ego, o pior inimigo da eliminação. Quem não a tem, quem não a teve? Entretanto, há que reduzi-la a cinzas.

Evidentemente, os “eus-demônios” são os que mais nos atrasam no processo da eliminação do ego. Entretanto, o Mestre não falou que fossem super traços psicológicos, mas algo que todos nós carregamos interiormente, juntamente com outros cinco “eus-demônios” cabeça de legião. Todavia, os que mais nos atrasam

são esses dois perversos que teimam em não nos deixar avançar. Enfim, todos os “eus-demônios” se resumem nos três traidores.

Está claro que somos nós próprios quem, verdadeiramente, podemos nos autodescobrir. Por isso, o Venerável Mestre Samael nos fala de autodescobrimento (por si mesmo, por nosso próprio esforço) e não de heterodescobrimento (por esforço, indicação ou ordem dos demais).

Quando o Mestre se refere ao traço psicológico – o que caracteriza a personalidade egoica – ele afirma claramente que se causará um mal ao estudante, caso lhe fosse revelado qual é o traço; que, evidentemente, é preferível a pessoa descobri-lo por si mesma. O Mestre em sua cátedra “Estudo Gnóstico Sobre a Matéria”, disse:

Alguém, por exemplo, poderia estar muito bem ou receber uma ajuda, por exemplo, sobre o seu traço principal. Sabemos muito bem que cada qual tem, psicologicamente, um traço característico. Poderíamos indicar a fulano de tal: teu traço característico é luxúria; ou a outro: teu traço principal é orgulho; e a outro mais: teu traço principal é a inveja.

Fariamos bem ou mal? **Talvez um mal, porque não o deixamos que, por si mesmo, ele descobrisse seu traço principal,** por meio do desenvolvimento natural e didático.

O fato de lhe termos indicado seu traço principal não quer dizer que ele o tenha descoberto. Possivelmente, o prejudicamos. Melhor será que ele descubra por si mesmo, por meio de seu próprio autodesenvolvimento interior profundo.

Assim, na realidade e de verdade, nenhum adepto pode transformar ninguém. O único que se pode entregar são as técnicas, para que os demais trabalhem sobre si mesmos e se transformem.

Mas se alguém recebe tais técnicas, dados, ilustrações e não trabalha sobre si mesmo, está, pois, perdendo o tempo miseravelmente e, está claro, faz o adepto também perder tempo.

Como se pode ver, o Mestre nunca ofendeu nossa inteligência falando de supostos supertraços psicológicos aplicáveis a todos; nem restringiu nossa liberdade forçando-nos a meditar necessariamente em algum ego animal. Isso porque, cada um de

nós, é o único que, na realidade e na verdade, pode se autodescobrir. Aliás, nos causaria dano indicando-nos qual o traço psicológico que temos.

Simplicidade da Mestra

Nossa Bendita Mestra Litelantes tinha um método muito simples, que é o mesmo método aprendido pelo *Avô*: sempre pedir ao Pai, ele sempre deve ir à frente, cabendo a nós cumprir sua Vontade. Portanto, quando se ama ao Pai, naturalmente, ama-se à Divina Mãe, pois é a parte feminina de *Brahma*, como afirmara tantas vezes o Mestre; a ela devemos rogar-lhe persistentemente sua bendita e poderosa ajuda (dez minutos, diariamente, pelo menos).

Quando invocamos – antes de tudo, conforme o Mestre Samael fazia – com fé, de todo coração, à Mãe Divina, imediatamente se produz o relaxamento, pois a emoção superior que ativa a oração domina o corpo e começa a dominar a mente; de igual modo, acelera a manifestação da consciência livre que temos.

Se o que fazemos corriqueiramente é pensar coisas mais que mundanas e em expressões ofensivas, não só ao decoro, mas também à convivência social - vejamo-nos em qualquer incidente de trânsito; normalmente, pensamos em agredir ao outro pobre neurótico; ou também, quando passa uma mulher bonita e a desnudamos com o nosso olhar – temos que pensar no contrário, quer dizer, nas forças sagradas, rogar-lhes, orar-lhes e adorar-lhes, se é que, na verdade, queremos morrer em nós mesmos.

De outra forma, não se poderá parar a mente ou colocá-la em branco, como dizia a Mestra, quer dizer, lograr o *Pratyahara*, para depois realizar uma verdadeira concentração.

É necessário apelar para o poder superior da Divina Mãe, para que a mente comece a colocar-se em paz e possa centrar a atenção na autoanálise.

Devemos romper a mecânica ordinária da mente, por meio da adoração à bendita Mãe Divina particular; pensar o oposto do que pensa o ego; não fazer o que ele quer, senão o contrário, elevar a

oração à nossa Divina Mãe *Kundalini*, para que comecemos a sentir uma emoção superior; um pensamento-sentimento distinto, elevado, que rompa a inércia egoica mantida durante o dia.

Se não podemos nos concentrar, é melhor pôr-nos de pé e fazermos algo, não perder nosso tempo, como tantas vezes afirmou a Mestra. Ademais, devemos insistir várias vezes, até lográ-lo. Como? Com a ajuda de nosso Pai que está em segredo, de nossa Divina Mãe *Kundalini* e com a inevitável cooperação (insistência) que lhes devemos brindar.

Se não temos suficiente vontade, o próprio Mestre Samael nos dá as chaves para desenvolvê-la (a runa Dorn, por exemplo) porque devemos exercer a vontade até lograr uma perfeita concentração, pedindo com muita fé à Santa Patrona da Grande Obra, nossa Bendita Mãe *Kundalini Shakti*.

A Mestra afirmou, reiteradamente, sobre o dever de meditar no ego que mais nos molesta, o que mais nos causa dano, ou como dizia o Mestre: - **Tudo depende da gravidade dos eventos, quer dizer, devemos trabalhar sobre o eu que mais gravemente tenha se manifestado durante o dia, o que mais nos tenha molestado ou causado dano.**

Uma vez compreendido o defeito psicológico – a força de Eros e a energia criadora são os ajudantes mais perfeitos para a compreensão, dizia o Mestre – julga-se e elimina-se com a ajuda da Bendita Mãe *Kundalini*, a quem devemos pedir, rogar e suplicar, desde antes de meditar até o sagrado final da liberação da consciência da casca egóica, da garrafa onde estava encerrada, com o auxílio da Lança de Eros, que é brandida por nossa Divina Mãe.

Quando perguntei como se via o ego no banquinho dos acusados, afirmou que da mesma forma como se vê a si mesmo no espelho, tal qual é seu próprio físico.

Caso se ponha atenção e se aprofunde no procedimento da auto-observação, do autoconhecimento – sempre com a necessária ajuda de nossa Divina Mãe *Kundalini* – vê-se a si mesmo como um demônio.

Ao final, vê-se como uma criança, segundo afirmara o Mestre

Samael (mas já no final do processo, abalizava a Mestra). No entanto, deve insistir à Bendita Mãe *Kundalini* para que o destrua, até reduzi-lo a poeira cósmica. Inclusive, há de rogar que destrua até as próprias sementes do ego, para poder ter o direito de apagar as fitas *teleoginoras* dos Registros *Akáshicos* da Natureza, trabalho que também realizamos, graças à nossa Mãe Santa. Também, por certo, no Tribunal é permitido a ela apagar dívidas, páginas inteiras do livro onde se contabiliza nosso terrível carma pessoal, conforme afirmava também o Mestre.

Em resumo, é a Santa Patrona da Grande Obra quem realiza o processo, desde o início até o fim, com nossa colaboração, claro, mas com sua imprescindível ajuda, sua bendita intervenção, pois seria muita arrogância considerar que nós, por nossos méritos, lográmos a compreensão e eliminação dos múltiplos elementos infra-humanos que levamos dentro de nós.

Para lograr tal acerto, deve-se rogar – persistentemente, e em todas as fases da meditação – à nossa Divina Mãe, inclusive devemos suplicar a ela, chorar como uma criança que soluça para sua mãe, segundo dissera reiteradamente o Mestre Samael.

A Mãe-Morte é também uma expressão da Mãe Divina, que é vida e morte; sem sua poderosa intervenção jamais lograremos a compreensão, o julgamento e a eliminação do eu psicológico.

Recordemos as palavras que o Guardião do Templo da Esfinge disse ao Mestre: “Esqueceste-te de tua Mãe”. Graças a Deus que o Venerável Mestre Samael nos entregou a chave dada pelo Guardião: a existência de um poder superior que sim, pode destruir a legião de diabos de que estamos compostos em 97%.

Bendita sejam Mãe Imaculada, Virgem Santíssima, Ram-Io, Maria, Maia, Ísis, Insoberba, Tonantzín, ou qualquer que seja o nome que te seja dado, ó Bendita *Maha Devi Kundalini Shakti*!

A Mestra dizia que tudo deveria se **pedir ao Pai** – assim, costumava sintetizar Mãe, Filho, Espírito Santo e todas as Partes derivadas do Ser – e era particularmente insistente na oração ao Pai. Depois, havia de ter **fé e paciência**, pois este era um processo que levava toda a vida, e havia de fazê-lo com **boa vontade**.

No que se relaciona à chamada “morte em marcha”, a Mestra expressou que se fazia muito alvoroço de algo que o Avô escreveu desde o princípio. Noutras palavras, que “há que morrer de momento em momento, de instante em instante”.

É lógico que quando se dedica tempo para meditar na morte mística de nossos defeitos ou pecados, isso vai gerando uma dinâmica de trabalho sobre nós mesmos que nos permitirá morrer de momento em momento, de instante em instante. Também permitirá que no mesmo ato da vida cotidiana, em que apareça o defeito, aí mesmo se poderá rogar à Mãe Bendita que o destrua. Isso sem prejuízo da prática de recapitulação diária, onde será dedicado mais tempo para sua compreensão, julgamento e destruição.

Em síntese, a Mestra afirmava que cada pessoa deveria se conhecer e se corrigir. Como? Seguindo os passos que assinala o Avô – meditação-oração-alquimia – não fazendo o que o ego quer, não se deixando levar pelo eu, tendo vontade para fazer o contrário.

Por outro lado, nunca se sabia a que horas e onde meditava a Mestra, pois ela o fazia no mais absoluto segredo e nunca ostentava sua capacidade sobre este ponto.

Entre os questionamentos que chegavam à Mestra, recordei que muitos espanhóis perguntavam se era o eu ou a consciência quem meditava, orava, ou praticava o Grande Arcano, pois estas idéias estiveram em moda na Espanha. A Mestra, respondendo algumas vezes disse: - *Você em seu interior sabe muito bem quem o faz.*

Outras vezes, dizia: - *Deixem de coisas e ponham-se a meditar tal como ensinou o Mestre. Em verdade, vocês dão muito à mente, ao intelecto. Isto é muito simples, vocês mesmos complicam a vida porque querem.*

Também dizia: - *Peçam às suas Mães Divinas que os iluminem para compreenderem. Peçam aos seus Pais, porque sem a ajuda do Pai [ou sem a ajuda da Divina Mãe incluída, como parte derivada do Ser] não se pode lograr nada.*

Realmente, este tipo de dúvida produz a desmoralização no trabalho sobre si mesmo, pois, se é o ego quem medita, qual a razão de se meditar? Se for o ego quem ora, que finalidade tem orar?

Existe, nesta dúvida, a sutil mensagem de que, em realidade, nunca lograremos nada neste caminho, pois, neste caso, é o eu quem medita, quem ora e, portanto, quem faz as práticas alquímicas, e é aquele que se sacrifica pela humanidade doente e participa das práticas de Segunda Câmara.

O Mestre foi muito enfático quando disse que somos 97% de ego e 3% de consciência, “somos totalmente ego, totalmente eus. Somos demônios terrivelmente perversos”. Assim, quando meditamos, somos nós mesmos, nossas pessoas que o fazemos, motivados ou movidos por nosso Real Ser e pela escassa consciência livre que temos. Para que funcione devidamente esses 3% de consciência livre e se ative a consciência engarrafada no ego, motivando seu ânimo de liberação, o caminho é muito claro: oração sistemática à Divina Mãe para que nos ajude a compreender, julgar e queimar o ego animal, pois só com esse poder superior poderá funcionar o procedimento de meditação na morte mística, o qual se dará como um funcionalismo natural da consciência, graças à intervenção da Divina Mãe.

Que outra coisa separa a consciência livre da consciência engarrafada, senão a garrafa? Só com a ajuda da Divina Mãe podemos romper, queimar essa garrafa egoica, mistura de matéria-energia psicológica.

Mediante a meditação-oração, a consciência livre se vai aproximando da consciência engarrafada, gerando uma espécie de comunicação, de maneira que, pouco a pouco – como um funcionalismo natural da consciência – os átomos conscientivos vão conciliando a maneira de livrar-se dessa barreira, dessa garrafa, do inimigo que os separa. Essa estratégia e combate são dirigidos, pessoalmente, pela nossa Divina Mãe.

Não importa que sejamos uns diabos meditando para retirar nossa natureza demoníaca. **Esse é precisamente o mistério, esse é o enigma, por isso Belzebu orou, suplicou, chorou e encontrou sua redenção** (Ver “A Revolução de Bel”). Vale mais um pedaço de oração dita por um diabo que as orações de cem justos.

Eis aí o mistério: somos totalmente egos, como dissera o

Mestre; entretanto, cooperamos com o Pai-Mãe, sentando-nos para meditar e deixarmos de ser egos. E a chave está no fato de **combinar a meditação com a oração**, mesmo quando formos, quase totalmente, demônios encarnados. É acerca disso que trata, precisamente, o ensinamento dos Mestres, que não vêm para chamar os justos, senão os pecadores, ao arrependimento.

A propósito da lamentação de alguns estudantes que lhes comentavam seus escassos progressos na meditação, apesar deles dedicarem tempo, procurando cooperar com a Mãe Divina e pondo-se a meditar, a Mestra lhes respondia sempre: - *Vocês continuem meditando, que seus esforços são levados em conta lá em cima; vocês não se cansem, continuem pedindo ajuda à sua Mãe Divina.*

O Mestre Samael nunca nos inculcou a dúvida sobre se era o eu ou a consciência que meditava, senão, pelo contrário, alentou-nos a meditar sem complicarmos a mente com essa classe de dúvidas. Se tivesse sido necessário atormentarmos a mente com estas dúvidas – inúteis e estéreis – o próprio Mestre Samael assim o teria dito, enfaticamente, em alguma extraordinária obra.

O ponto em que nos insiste o Mestre, sim, é aquele que devemos rogar, suplicar, orar profundamente à nossa Mãe Divina. De outra forma, como então, lograremos eliminar o ego, se não oramos e rogamos à Divina Mãe?

“Para o indigno todas as portas estão fechadas, exceto uma, a do arrependimento”, disse-nos o Mestre Samael. De maneira que, **na realidade, somos demônios arrependidos, demônios rebeldes que buscamos sair do estado demoníaco no qual nos encontramos** e, para lográ-lo, devemos seguir não só o caminho da meditação, mas os Três Fatores da Revolução da Consciência.

A meditação é somente uma parte do processo que, na realidade, resume-se no procedimento alquímico, pois devemos eliminar o mercúrio seco e o enxofre arsenicado. Já dissera o Mestre na sua obra Tarô e Cabala, que “os pilares da Gnosis são a Alquimia e a Cabala”. Não disse que era a Psicologia e a Alquimia, posto que a Psicologia é uma parte da Alquimia.

O processo de ativar a consciência e eliminar o ego só pode ser

feito pela Divina Mãe, a quem devemos rezar, rogar, suplicar e até choramingar com todo o nosso coração, segundo reiterou o Venerável Mestre Samael ao longo de toda a sua obra.

Será nossa Bendita Mãe individual particular, quem nos auxiliará, verdadeiramente, em todo o processo da meditação. E não devemos nos preocupar sobre se é o ego quem medita ou quem ora. O importante é não perder a devoção na Mãe Divina, pois ela encontrará a forma pela qual nossa consciência livre opere e, pouco a pouco, irá indicando-nos o caminho a seguir em todo este processo.

Seguindo a Mestra, não devemos complicar a mente buscando elucidar quem é que medita, se o ego ou a consciência. Simplesmente, dar-nos à tarefa de meditar e evitar as dúvidas, que não conduzem senão ao batalhar da antítese mental, ao desânimo e à confusão.

Se fosse tão difícil e complicado meditar, o Mestre Samael não tinha ensinado com toda simplicidade o procedimento; pelo contrário, ensinaria um sistema complexo, abstruso, alambicado, intrincado. Ademais, tinha insistido, permanentemente – ao largo de toda a sua obra – no fato de que deveríamos fazer-nos a pergunta se é o ego ou a consciência quem medita, ora, pratica o arcano etc.

Em sua cátedra “Estudo Gnóstico sobre a Matéria”, nosso Senhor Samael disse:

Tenho ensinado a vocês o que é a meditação. Tenho dito, por exemplo, que nós, durante a existência, podemos experimentar isso que não é do tempo, na ausência do ego. Até lhes dei um mantra para trabalhar com ele, isso é óbvio.

Um dia qualquer, vocês poderão chegar a essa dita, porque se a consciência está posta em um bar, ali estaremos nós; se a consciência está na Praça de Zócalo, no México, ali estaremos nós; e se depositarmos a consciência no vazio iluminador, ali estaremos, isso é óbvio.

Se nossa consciência é colocada em dúvida, se colocamos nossa consciência no argumento de que não sabemos se é ela ou o ego quem medita, que ora ou pratica o Grande Arcano, aí está

nossa consciência, na dúvida, e não sairá daí, ficará engarrafada para sempre na dúvida.

Vejam o que disse o Mestre Samael ao responder às “Perguntas das Damas Gnósticas”, em relação à sua “Conferência a Mulher”, durante o Congresso de Guadalajara:

Pergunta: Mestre, para mim é muito difícil fazer prática da morte do ego. Eu trato de fazê-la, mas quando creio que, mais ou menos, já tenho um dos eus compreendido, de repente, não sei se estou fazendo mal. Eu entendo bem a parte teórica, mas ao fazer a meditação, ao tratar de compreender o ego, confundo-me. Talvez o Senhor pudesse nos dar uma orientação a respeito.

Resposta: Pois, francamente, eu não vejo dificuldade nisso; eu não vejo nenhum problema. A pessoa deve observar-se durante todo o dia, para ver o que encontra. De repente, tem um ímpeto de ira, de raiva, e então vem a descobrir que tem o eu da ira. Deve tratar de compreendê-lo, de refletir nele – tratar, diríamos, de reviver aquela cena de ira – e uma vez que o compreendeu, então, deve desintegrá-lo. **Concentre-se na Mãe Divina Kundalini e suplique, chore, soluce, até que, por fim, ela desintegre o eu da ira.** Que trabalho tem isso? Não vejo trabalho. Vocês veem trabalho? Minha pessoa, não!

Pergunta: Mestre, porém há algo: existem vários eus que nos incomodam, e pode ser que um se manifeste de forma violenta e outro muito sutilmente. Qual deles devemos desintegrar primeiro?

Resposta: Pois aqui, acerca da desintegração dos eus, não deve haver preferências; a lei deve ser para todos, custe o que custar. Trabalha-se o menor e o maior e a ambos; veja, há que “darle chicharrón”⁹ ou queimá-lo. Pega-se um e agarra-se o outro, **não compliques tanto a tua mente. Simplifiques um pouco e, pra frente, e “aí nos vemos...”**

Pergunta: Venerável Mestre, como se matam os eus? Como são tantos, em qual deles devemos pôr a atenção?

Resposta: Aí a pessoa tem que marchar, diríamos, com o que descobrir, **sem ficar “quebrando a cabeça”**. Ir “para frente!”. Estudá-lo, compreendê-lo, e logo, pois, rogar à Mãe Divina Kundalini que lhe “dé chicharrón”¹⁰; e pronto!

¹⁰ Nota do Tradutor: *In* Real Academia Espanhola “darle chicharrón” significa matar.

Pergunta: Devemos conhecer alguma técnica para a compreensão do eu?

Resposta: Não, para isso não há necessidade de tanta técnica. Quando tu te pões a pensar por aí, diríamos, em qualquer coisa da vida, tu não necessitas de ter técnica. Quando alguém está interessado em algo, está interessado, e se a pessoa está interessada em saber por que tem ira, não necessita de tanta técnica; só quer saber e, ademais, tem direito. De maneira que, então, depois que alguém ficar interessado, vem meditar de uma forma tão natural, que nem pensa, quer dizer, que ninguém deve se pôr a pensar como vai meditar. A pessoa está interessada em compreender um eu e pronto; saber por que se expressa de determinada maneira e em determinado momento, e por que em outras ocasiões não se expressa etc. De maneira que quando a pessoa já o compreendeu, então pede à Mãe, à Devi Kundalini que lhe “dé chicharrón”, e ela o fará. Para isso, não se necessita ser um gênio.

Pelo que pude apreciar diretamente da Mestra Litelantes – e o que se depreende da obra escrita e verbal do Mestre Samael – todo o processo da morte mística é algo completamente natural e se dá com a simplicidade com que se cultivam as flores. Veremos como do lodo egoico a rosa resgata os nutrientes – a essência engarrafada no ego, no lodo – e os transforma no mais delicioso dos perfumes, sob a direção da nossa Santa Padroeira, *Maha Devi Kundalini Shakti*, dona da rosa e do perfume.

Salve! Ó tu, Luz, Rosa Divina na Cruz! Que das tua força e teu sagrado poder aos que têm merecido na dura batalha, e os conduzes pela mística escada que está estendida desde a Terra ao Céu, da matéria ao Espírito.

CAPÍTULO VIII

A ORAÇÃO

O Venerável Mestre Samael Aun Weor costumava repetir o aforismo latino que diz: “*Qui bene orat bene laborat*”, que significa: “*Quem bem ora, bem labora*”.

Para realizar a Grande Obra não só há que *orar* bem, como também *ad-orar* bem e profundamente, ao nosso Real Ser e a todas as suas partes derivadas.

Nossa querida Mestra Litelantes, como todo autêntico Guru, sempre insistia na necessidade da oração. Sistemáticamente sugeria e aconselhava que pedíssemos ao nosso Pai que está em segredo, e com esta expressão envolvia a Divina Mãe, o Espírito Santo, o Cristo Sagrado e todas as partes derivadas do Ser, pois assim o fez saber, já que ela era extremamente sintética, e resumia tudo na expressão Pai, a Trindade pessoal e as demais Partes do Ser.

Recordo que muito recém-chegado à sua casa – teria como um mês vivendo sob seu teto – quando, numa noite, ela me levou ao Patala ou Região Inferior, onde eu discutia com certo “irmãozinho” que encontrei, conjurando e brigando com todos.

Cheio de orgulho por tão extraordinária experiência, na manhã seguinte, tão logo a vi, disse-lhe com muita arrogância: - Olhe bem em que lugar anda me levando, Dondita! E ela me respondeu: - *Outros são levados lá embaixo e ao menos sentem temor, mas parece que você não tem remédio!*

Evidentemente, minha arrogância foi dos pés à cabeça, pois essas são palavras muito duras na boca de um Mestre.

Enquanto Dondita preparava o café da manhã, perguntei-lhe se havia algo que pudesse fazer para ter remédio, ao que me respondeu: - *Você tem o coração muito duro, necessita fazer muita oração. Necessita pedir muita ajuda ao seu Pai.*

A Mestra Litelantes sempre foi muito clara e muito simples

em suas coisas. Devemos abrandar nosso coração mediante a oração contínua ao Pai – e às demais partes derivadas do Ser – para que possamos ter remédio, quer dizer, salvação, segundo predicado por todos os grandes Mestres que existiram no mundo.

O início de toda correção do indivíduo está na oração. Por isso, Nosso Senhor Jesus Cristo – o mais elevado de todos os Mestres, um Paramarthasatya, um habitante do Absoluto que se encarnou entre nós, sacrificando-se para nos redimir, segundo nos explicou o Venerável Mestre Samael – nos ensinou o Pai-Nosso, a oração mais poderosa e o mais extraordinário conjuro. Também nos disse: **“Pedi e dar-se-vos-á; chamai e abrir-se-vos-á”**.

Como poderemos despertar a fé se não a pedimos ao Pai? Se não formos insistentes na oração, nós não lograremos que se cristalize a vontade do Pai em nós.

Recordemos que o Mestre Samael nos apontou que devemos rogar e até soluçar suplicando à nossa Mãe Divina para que se apiede de nós e elimine nosso cruelíssimo ego. Ele sempre nos indicou que devemos combinar a meditação com a oração, e invocar sistematicamente a bendita Mãe.

Não devemos ter dúvidas no poder superior da Divina Mãe, *Maha Devi Kundalini Shakti*.

É necessário que oremos a ela com fervor – com muita fé, como dissera nossa bendita Mestra – rogando, suplicando e até chorando para lograrmos, verdadeiramente, a morte mística.

Sem a ajuda da Divina Mãe *Kundalini* não poderemos compreender o ego animal nos 49 níveis da mente (ver *A Revolução da Dialética*, do VM Samael), nem tampouco julgá-lo e eliminá-lo; para tudo isso, requer-se a oração constante.

A oração deve alentar, pois era a primeira coisa enfatizada pela Venerável Mestra Litelantes a todos os que, sinceramente, aproximavam-se dela, pedindo-lhe conselho ou orientação. Isso, se é que a pessoa quer se corrigir realmente, pois temos coração de pedra, como está escrito: *Duros de cerviz e incircuncisos de*

coração e de ouvidos! Resisti-vos sempre ao Espírito Santo. (Atos VII, 51).

Portanto, devemos “circuncidar nossos corações”, abrandá-los mediante a oração e a adoração a Deus-Pai (Divina Mãe-Cristo-Espírito-Santo), “porque não é judeu o que o é no visível, nem é a circuncisão a visível na carne; senão e melhor, é judeu o que o é no íntimo; e **a circuncisão é a do coração**, em espírito e não na letra. O louvor efetivo, não provém dos homens, senão de Deus” (Romanos II, 28 e 29).

Isso não impede o fato de que, num princípio, como é lógico, a oração não seja muito profunda; trata-se de exercitar essa faculdade mística que todos temos (ver A Revolução de Bel, do VM Samael).

Da mesma forma que o desportista exercita seus músculos, seu corpo físico, da mesma maneira, devemos nos exercitar nessa maravilhosa prática de orar, de elevar o coração, de falar com Deus.

O Mestre Samael, em seu “Tratado Esotérico de Astrologia Hermética”, diz-nos enfaticamente: “Só na ausência do eu podemos conversar com o Pai, Brahma. Orai e meditai, para que possais escutar a voz do silêncio”.

É preciso fixar bem que primeiro afirma, sobre conversar com o Pai, que é preciso a ausência do eu; e a regra, seguida claramente, nos diz que devemos **orar e meditar** para escutar essa voz do silêncio, a voz do Pai que está em segredo.

No entanto, apesar de que, para orar ou conversar com o Pai é necessário a ausência do eu, a regra ou receita para fazê-lo é, precisamente, a oração e a meditação. Parece um paradoxo, não?

A capacidade de oração e meditação vai se afirmando com a prática e a ela nos insta o Mestre. Entendido assim, deixa de ser um paradoxo.

No “Supremo Grande Manifesto Universal do Movimento Gnóstico”, disse-nos o Mestre Samael:

Realmente temos que partir do zero, se é que queremos dissolver o eu, o mim mesmo, o ego reencarnante.

Gostemos ou não, a verdade é que **nós somos diabos, pessoas perversas** e, se negamos esta espantosa verdade, fica impossível dissolver o eu.

Se aceitarmos esta espantosa verdade, começaremos, imediatamente, a morrer de instante em instante. Devemos recordar que, entre o incenso da oração, também se esconde o delito; entre o perfume da cortesia, também se esconde o delito; entre a cadência milagrosa de um verso, também se esconde o delito.

Realmente, o delito se disfarça de santo, de mestre, de anacoreta, de penitente, de sacerdote, de caritativo, de perfeito etc.

Se nós queremos dissolver o eu, temos que nos decidir pela autoexploração profunda, em todos os níveis da mente.

Necessitamos ser sinceros com nós mesmos, honrados na vida e não nos presumirmos bons santos, porque todos **nós somos, realmente, uns malvados**.

O que temos dito é duro, muito duro, demasiado duro, e pode ser que não gostem os santarrões, mas é a verdade, e se não a reconhecemos faz-se absolutamente impossível dissolver o eu. Devemos falar claramente, devemos falar com franqueza sobre estas coisas se é que, realmente, queremos que as pessoas compreendam o que é a técnica da dissolução do eu.

Em sua obra “Tarô e Cabala” (obra póstuma), nosso bendito Mestre Samael nos disse: “O propósito destes estudos é deixarmos de ser demônios”.

Evidentemente, nunca deixaremos de sermos demônios se não nos reconhecemos como tais. Os iniciados já são iniciados, já entenderam a mensagem, praticaram-na e continuam praticando.

Seria ocioso que os Mestres encarnassem, exclusivamente, para dar a mensagem aos iniciados, escrever só para eles, posto que já tomaram o medicamento.

Nós, os enfermos, somos os que estão compostos de uns 97% de tenebrosidades, estamos necessitados do remédio espiritual que nos presenteiam os Mestres.

Expressamente essa mensagem se destina a nós, os pecadores, que não temos recebido a iniciação, para que logremos encarnar a nosso Real Ser seguindo o caminho iniciático.

Vêm à minha memória algumas recordações. Tinha aproximadamente seis meses residindo na casa da Mestra quando, certa noite, tive um sonho raro.

Desci as escadas da casa e vi que se encontravam na sala sete Senhores, além da Mestra. Todos eles muito distintos por suas vestes e ornamentos da Irmandade Branca. Saudei-os com muito respeito e me mantive discretamente afastado, ainda que procurasse estar muito atento à Mestra.

De repente, percebemos que alguém arranhava a porta, como se quisesse tocar e não se animasse a fazê-lo. A Mestra me pediu que abrisse a porta e, então, tamanha foi minha surpresa! Tratava-se de um irmãozinho “de baixo”, um demônio com longos cabelos negros, assim como seus cornos e rabo da mesma cor, brilhando como o azeviche.

O irmãozinho não se animava a entrar. Por fim, o fez quase se arrastando até posicionar-se no centro da sala. Tudo isto com muita timidez, ou melhor, com muita vergonha.

Continuando, os Senhores fizeram uma cadeia, onde a Mestra me convidou a participar, pondo o irmãozinho ao centro.

Um Senhor velhinho (o mais velho), de longa barba, foi quem dirigiu a cadeia em uma linguagem rara e incompreensível, mas que minha pessoa a repetia.

Tão logo deu início à cadeia, o irmãozinho, pouco a pouco, começou a flutuar com pernas e braços abertos, mas deitado, com a boca para cima e com rabo pendurado até o piso. Suspenso dessa forma ele girava suavemente no sentido dos ponteiros do relógio.

Cessada a oração da cadeia naquela linguagem ininteligível – porém sem a soltarmos – o irmãozinho ficou ajoelhado no solo e quis também orar à Divindade. Entretanto, o que saiu de sua boca foi um som gutural, profundo, uma espécie de rugido,

totalmente cavernoso.

O velhinho que dirigia a cadeia falou em perfeito castelhano: **“Vale mais um pedaço de oração dita por um demônio, que as orações de cem justos”**.

Imediatamente, depois de tais palavras, nosso irmãozinho se transformou no que seguramente era antes de sua queda: um senhor com belíssimas vestes brancas, com um manto azul cravejado de estrelas prateadas e douradas, com uma tiara cravada de diamantes - digno de se ver.

Continuando, transformou-se e voltou a ser tal qual era. Mas, ao perceber sua triste situação atual, prorrompeu em pranto.

A cadeia foi concluída e dois dos Senhores acompanharam o irmãozinho para fora da casa da Mestra. Conforme se afastavam, ouviam-se suas lamentações.

Os demais Senhores continuaram na sala, conversando entre eles e me mandaram despertar no corpo físico, pois, seguramente, eu não devia escutar sua conversa.

Na manhã seguinte comentei com a Mestra o sonho, cujo conteúdo ela me confirmou. Então, perguntei-lhe por que me haviam permitido estar ali, ao que me respondeu: - *Para que você vá aprendendo o poder que tem a oração. Consegue-se mais de um diabo com paciência, do que de um santo.*

Nunca esqueci aquela cadeia com o irmãozinho das regiões inferiores e as palavras ditas pelo anciãozinho, a propósito da oração. Assim, eu as repeti muitas vezes quando acompanhei a Mestra em diversos eventos.

Supostamente, tais palavras desde então pareciam próprias e ríspidas aos fariseus e santarrões, pois eles sempre se consideram justos. Entretanto, as palavras não eram minhas, senão do velhinho, cuja hierarquia e maravilhosas vestes realmente eu não poderia descrever.

O fato é que a Mestra sempre confirmou as palavras daquele anciãozinho, de branca e longa barba.

Sei que as pessoas não acreditarão em mim acerca disso,

mas falo do que vivi ao lado da Mestra e não de teorias ou invenções; cumpro com minha obrigação de dizer a verdade ensinada pelos Mestres que deram luz e propósito às nossas vidas.

Prefiro correr o risco de que riam de minha pessoa, a deixar fechada a possibilidade de que um só estudante reaja favoravelmente diante destes fatos que relato.

Nosso querido Mestre, em sua obra “A Revolução de Bel”, nos disse como interpelou a Belzebu e a maneira como a sua resposta e reação comoveram os Mestres:

– Resolve-te agora mesmo. Segues com a magia branca ou continuas no caminho negro! Belzebu respondeu: - Sigo com a magia branca.

Sua resposta foi firme e Belzebu caiu de joelhos chorando como uma criança; levantou seus olhos para o céu, **juntou suas mãos sobre o peito e entre lágrimas e soluços orou ao Céu.**

Um demônio arrependido! Os cornos de sua testa brilhavam como se fossem desvanecer com a luz. Os irmãos maiores o abraçaram com lágrimas nos olhos. Todos se regozijavam entre si e uma marcha triunfal e deliciosa ressoava com suas inefáveis melodias, nos céus estrelados de Urânia.

“Há mais alegria no Céu, por um pecador que se arrepende, do que por mil justos que não necessitam de arrependimento”.

A oração é, pois, a melhor opção para os quase irredimíveis como nós. A oração é o melhor meio para lograr a **emoção superior**. Só com a oração à Divina Mãe podemos eliminar o que temos de demônios; só com a oração podemos ter remédio, abrandar nosso coração, aspirar à redenção.

Em sua cátedra “Estudo Gnóstico sobre a Matéria”, nosso Mestre Samael nos disse:

Assim, introduzir a Gnosis em nossa forma de pensar, para mudarmos, e introduzi-la no centro emocional, isso dá trabalho. Contudo, se pensarmos no que são os centros da máquina orgânica, por exemplo, o centro intelectual, que tem algo do centro emocional e algo do centro motor, como nós poderíamos conseguir fazer com que o centro

emocional inferior fique sob controle total? Se dissermos: “Vou ter força de vontade, não vou me deixar levar pelas emoções violentas e negativas, em nenhum momento”, pode ser que nas primeiras tentativas de mudança falhemos terrivelmente.

Então, necessitamos introduzir a Gnosis aqui, na mente, sentir a emoção superior que produz a Gnosis e com **um pouquinho de vontade que tenhamos adquirido, junto com a Gnosis e com a emoção superior**, permitir-nos-á controlar completamente as emoções inferiores negativas. Em todo caso, **necessitamos controlar a emoção inferior com a emoção superior**. A emoção superior está no centro intelectual. Controlemos, pois, as emoções inferiores com as superiores; coloquemos a Gnosis dentro do cérebro para que nossa forma de pensar mude; e vivamos de acordo com os princípios e com as regras do Gnosticismo Universal.

Modifiquemos, pois, o processo de pensar e advirá uma espécie de emoção intelectual em nossa cabeça. Isso e mais um pouquinho de vontade, permitir-nos-á controlar as emoções inferiores.

Obviamente, a destruição total das emoções inferiores advém com a aniquilação daqueles elementos psíquicos indesejáveis que se relacionam, precisamente, com a parte emocional inferior. Entretanto, enquanto tais elementos não são eliminados, devemos controlar o centro emocional inferior com a parte emotiva do intelecto, um intelecto **iluminado pela mística gnóstica**. Esse é o caminho óbvio a seguir, pois só por meio desse caminho poderia processar-se, verdadeiramente, uma mudança que é tão imperativa.

Necessita-se, precisamente, ir mudando pouco a pouco; isso de se transformar pouco a pouco é possível, quando vamos introduzindo as regras gnósticas, a sapiência do Gnosticismo Universal em nosso pensamento, em nossa mente.

Nossa bem-amada Mestra sintetizava essa “iluminação do intelecto pela mística gnóstica” mediante o processo da oração-adoração; ela era persistente sobre esse ponto.

Jamais insistiu em que deveríamos alcançar primeiro, antes de orar, um “estado especial de elevação espiritual ou separação do eu da consciência”.

O Mestre fala da separação do eu de nossa psique com o objetivo de mostrar multiplicidade egoica como parte do

processo da auto-observação, coisa muito diferente de separá-lo da consciência. A Mãe Divina destrói o ego, não o separa. O Mestre fala de libertação da consciência do eu e não da sua separação.

Eis aqui algumas palavras do Mestre sobre a separação do eu de nossa psique:

Os eus do orgulho e da vaidade, que correspondem – como já dissemos – à falsa personalidade, fazem com que a pessoa se identifique com as coisas deste mundo, com as coisas materiais, com os acontecimentos, com os distintos eventos recorrentes no tempo.

A pessoa tem que aprender a fazer a separação do si mesmo, a separação de todas as coisas: não se identificar com os fatos, nem com os acontecimentos, nem com as coisas, nem com os eventos etc., porque essa identificação vai absorvendo e “vampirizando” a sua consciência, submergindo-a ainda mais profundamente no sono.

Sendo assim, necessitamos que nossa consciência desperte e isso é possível fazendo a separação entre nós e as coisas, entre nós e os eventos ou acontecimentos. (Cátedra sobre A Falsa Personalidade).

É claro que o defeito descoberto deve ser trabalhado conscientemente, com o propósito de separá-lo de nossa psique. Antes de tudo, não devemos nos identificar com nenhum eu-defeito, se é que, na realidade, desejamos eliminá-lo.

Se estivermos parados sobre uma tábua e desejamos levantá-la e colocá-la encostada em uma parede, isso não seria possível se continuássemos parados sobre ela. Obviamente, devemos começar separando a tábua de nós mesmos, retirando-nos de cima dela e, já livres de nosso peso, levantá-la com nossas mãos, colocando-a no muro.

Similarmente, não devemos nos identificar com nenhum agregado psíquico, se é que na verdade desejamos separá-lo de nossa psique. Quando alguém se identifica com tal ou qual eu, efetivamente o fortifica ao invés de desintegrá-lo.

Suponhamos que um eu qualquer de luxúria se apossa das imagens que temos no centro intelectual, para projetar na tela da mente cenas de lascívia e morbosidade sexual. Se nos identificamos com tais quadros passionais, indubitavelmente esse eu luxurioso se fortificará

tremendamente.

Mas, se ao invés de nos identificarmos com essa entidade, separamo-la de nossa psique e a consideramos como um demônio intruso, obviamente surgirá em nossa intimidade a compreensão criadora.

Posteriormente, poderíamos dar-nos ao luxo de julgar analiticamente a tal agregado, com o propósito de nos fazermos plenamente conscientes desse agregado.

O mais grave nas pessoas consiste, precisamente, na identificação e isso é lamentável. (Da obra: “A Grande Rebelião”).

De modo que o eu deve se separar de nossa psique, mas não de nossa consciência. A consciência ilumina nossa psique; o ego a escurece, mas a consciência não é a psique, como tampouco o eu é a psique. O eu pode manejá-la, sim, como sucede ordinariamente em uns 97%.

O eu se alimenta de nossa consciência e, por essa razão, devemos resgatá-la do interior do eu. Como? Eliminando o eu; assim se liberta e volta a ser uma estrela a mais no manto sagrado de nossa Divina Mãe particular.

Não devemos complicar a vida querendo “procurar chifre em cabeça de cavalo” na Doutrina do Avatar, pois os termos que Ele empregou em sua maravilhosa obra são precisos: separar o eu de nossa psique para não nos identificarmos; de igual modo, eliminar o eu e não tratar de “separá-lo” da consciência. Se apenas o separamos da consciência ele continua vivo e fazendo das suas. A realidade é que se trata de eliminá-lo e não de separá-lo.

Por isso, a Mestra nunca nos disse que “não é assim, dessa forma” o que o Mestre nos ensina, e sim, que devemos buscar “estados especiais” antes da oração. Mas nunca nos complicou a mente com tais argumentos que só nos fazem perder a fé e nos desanimar no trabalho.

Pelo contrário, ela insistiu no fato de que o ensinamento é muito simples e, portanto, para alcançar tais “estados”, requer-se, primeiramente, a oração e não vice-versa.

O que o Mestre ensinou deve praticar-se “assim, dessa

forma”, pois se quisesse que não se praticasse seu ensinamento “assim, dessa forma”, enfaticamente, o Mestre o teria assinalado em sua obra, e a nossa Mestra também.

Vejam os exemplos que nos dá o Mestre Samael em seu “Curso Esotérico de Cabala”:

Estudai o livro sagrado de vossa Divina Mãe. Pedi e dar-se-vos-á; batei e abrir-se-vos-á. Vossa Divina Mãe pode conferir os anelados poderes ocultos.

Orai a vossa Divina Mãe e praticai vossos exercícios esotéricos; vós podeis pedir à vossa adorada Mãe a clarividência, a telepatia, a clariaudiência, as faculdades do desdobramento astral etc. **Fiqueis seguros de que vossa Divina Mãe saberá escutar vossos rogos.** Deveis meditar profundamente todos os dias em vossa Divina Mãe, orando e suplicando.

Não devemos perder a esperança que, praticando a meditação e a oração “assim, dessa forma”, quer dizer, tal como o VM Samael ensinou, obteremos os resultados que os Mestres querem que logremos, sem complicarmos a mente com dúvidas – por exemplo, se é o ego ou a consciência que ora – ou com interpretações intelectuais, tais como há que buscar primeiro um “estado especial de iluminação” para poder orar ou meditar, ou melhor, “separar” o ego da consciência previamente antes da meditação ou da oração – que só geram frustrações, complicam-nos a vida, desanimam-nos no trabalho esotérico e, por fim, levam-nos a perder a fé.

Já dizia o Mestre: “Podeis estar seguros de que vossa Divina Mãe saberá escutar vossos rogos”. Devemos observar que o Mestre não disse que devemos alcançar um estado especial de espiritualidade prévio à oração, mas que simplesmente devemos orar e suplicar, quer dizer, “assim, dessa forma”.

Para o bem da Grande Causa convém citar algumas palavras de nosso Senhor Samael sobre a oração:

Ao final, por esse caminho de inspiração, de **oração**, de exaltação,

consegue-se penetrar no reino da intuição. Esse é o caminho do Espírito Puro.

Não seria possível entendermos os seres estritamente espirituais que vivem lá na região dos Elohim, se não desenvolvêssemos a intuição. Sim, é que eles falam de certa forma, de certa maneira que, se a pessoa não é intuitiva então não poderá entendê-los; há que saber entendê-los. Sabei que a **oração**, a meditação e a contemplação são caminhos que nos levam à intuição. Não vos canseis, meus caros irmãos e vocalizai! Se esses dois tipos de pessoas: os que se encontram, diríamos, em estado de inconsciência profunda, ou aqueles que seguem sonhando e têm o corpo ativo para os sonhos, fazem **oração**, de semelhantes estados tão infra-humanos não se pode esperar nada.

Em que pesem os seus estados negativos, no entanto, a natureza responde. Por exemplo: um inconsciente, um adormecido faz **oração** para arrumar um negócio, mas pode ser que seus eus, que são tão inumeráveis, não estejam de acordo com o que ele está fazendo; é tão só um dos eus que está fazendo a **oração** e os outros não são levados em conta.

Aos outros, pode ser que não lhes interesse tal negócio, que não estejam de acordo com essa **oração** e peçam, na **oração**, exatamente o contrário, ou seja, que esse negócio fracasse, porque não estão de acordo. Como os outros são maioria, a natureza responde com suas forças, com um afluxo de forças, e advém o fracasso do negócio, isso é claro!

Então, para que a **oração** tenha um valor efetivo no trabalho sobre si mesmo, a pessoa tem que se colocar no terceiro estado de consciência, que é o da íntima recordação de si mesmo, quer dizer, de seu próprio Ser. (“Glossário Gnóstico”, 2ª Edição).

Porém, caso se refine o Sacramento, caso se faça do coito, como disse Santo Agostinho, uma forma de **oração**, as águas negras se tornam brancas.

No Egito sagrado, ao se chegar a esse estado recebia-se a túnica de Ptha, ou seja, da castidade, a túnica branca de linho branco. (Cátedra “A Criação do Sol Psicológico Íntimo”).

Mas vejam quão fino é o delito: a luxúria pode, perfeitamente, disfarçar-se no coração como amor, e escrever versos etc.; mas, é luxúria disfarçada. Se a pessoa é cuidadosa e observa esses três centros da máquina, pode evidenciar que se trata de um eu, e após descobrir que se trata de um eu, tendo conhecido suas atuações nos três centros –

ou seja, no intelectual, no coração e no sexo – então passará à terceira fase. Qual é a terceira fase? A execução. Esta é a fase final do trabalho: a execução.

Então a pessoa tem de apelar para a oração no trabalho. Mas o que se entende por “oração no trabalho”? A **oração no trabalho** deve ser feita sobre a base da íntima recordação de si mesmo. (Cátedra “Como fazer a Luz dentro de nós mesmos”).

Bem, a rua não é precisamente uma das sete maravilhas do mundo para uma pessoa poder se entregar à meditação, mas aí ela pode tomar nota do defeito psicológico que a assediou.

À noite, já em casa, no momento de deitar-se, deve entregar-se à meditação. Bastará relaxar o corpo físico, na cama, deitado de boca para cima, respirando ritmicamente, imitando a respiração das crianças recém nascidas.

Assim, em concentração perfeita e em meditação profunda, reconstruirá a cena onde aquele defeito surgiu; analisará o defeito cuidadosa e sinceramente, sem escapatórias, sem justificativas de nenhuma espécie e, uma vez que o tenha compreendido, então se entregará à **oração**.

Não esqueçam aquela frase latina que diz “bene orat, bene laborat”, que quer dizer: “Aquele que bem ora, bem labora”. **Orar é trabalhar**. Submersos em profunda **oração** pediremos à Devi Kundalini Shakti, à Mãe Divina particular, individual – porque cada um tem a sua própria – que desintegre aquele agregado, já compreendido em todos os níveis da mente, devendo prosseguir com uma série de sucessivos trabalhos até que o agregado psíquico em questão desapareça. Este é o caminho claro a ser seguido. (Cátedra: “Estudo Gnóstico sobre a Alma”).

“Mediante o samádi - e nesse particular os antigos sacerdotes maias eram experts, a exemplo dos profetas de Anáhuac, ou os místicos toltecas - artistas de renome – etc. podiam penetrar, mediante a profunda oração e meditação, nessa região maravilhosa onde vive Tláloc” (Cátedra “O Deus Tláloc”).

Com o que se forma tal sangue, tal Hambledzoid do Ser? Com as emanções do Sagrado Sol Absoluto. Como um místico lograria atrair essas emanções do Sagrado Absoluto Solar a seu corpo causal? De que forma se poderia atrair o Sagrado Ayesokadanac? Simplesmente por meio da contemplação, da meditação e da oração. Então, tais emanções se transformam no sangue do causal, no Hambledzoid do Ser. (Cátedra “O Processo da Hipnose no Animal Intelectual”).

Existem também muitas fórmulas ritualísticas maravilhosas, por exemplo: o Pai-nosso é uma oração verdadeiramente mântica. A questão é que devemos saber orar.

Um Pai-nosso bem orado é algo precioso. Francamente, quando eu quero orar um Pai-nosso gasto uma hora. Parece muito exagerado que digo que gasto uma hora mas assim é, irmãos, não posso negar, é a verdade da verdade. Resulta que para fazer bem essa **oração** há que meditá-la; e nesse processo se gasta pelo menos uma hora.

Se meditarmos no sentido de cada frase, vamos muito longe. Agora, se nos ocorre meditar no sentido de cada uma das frases do Pai-nosso nos instantes que estamos adormecendo o resultado será precioso. Passaremos

da meditação ao estado de samádi, quer dizer, entraremos em êxtase.

Então, podemos ver cara a cara o Pai, que está em segredo, nosso próprio Deus Interno. Assim, receberemos ensinamentos de nosso próprio Deus Interno. Poderemos conversar também com os seres mais inefáveis, em estado de meditação profunda.

Um Pai-nosso bem orado é algo valioso, irmãos. Eu gasto normalmente uma hora para orar um Pai-nosso. Claro que quando eu faço a oração, faço-a em forma muito extensa, meditando profundamente cada palavra, cada frase, adormecendo no processo, tremendamente concentrado; o resultado sempre é a iluminação interna. Aproxima-se a Era Aquariana e é necessário ativar todas as faculdades; aproxima-se a Era da Luz e é necessário despertar todos os poderes. Mais do que nunca, agora devemos ser práticos – e práticos, repito – cem por cento.

O tempo de ficar teorizando já passou, irmãos. Agora advirão acontecimentos terríveis para a humanidade, e é bom que estejamos preparados. (Cátedra “Matéria, Energia, Mantras”).

Todos dizem na **oração** do Pai-nosso: “Perdoai as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores”. Mas se a pessoa não perdoa os seus devedores, os seus inimigos, com que direito pede ao Pai que o perdoe? Com qual direito busca pedir perdão, quando não é capaz de conceder perdão? Com que direito pede piedade, quando não é capaz de ter piedade? Com que direito pede caridade, se não é capaz de dá-la? Assim são todos: pedem, porém não dão, e isso é gravíssimo. O missionário gnóstico deve dar. E o que vai dar? Sabedoria e amor a seus semelhantes; é isso o que vai dar: vai assistir, vai auxiliar, mas com amor. Mediante as cadeias mágicas se pode

ajudar aos semelhantes. As cadeias são maravilhosas, quer para irradiar amor, quer para curar os enfermos. Com as cadeias pode-se invocar os Mestres da Ciência, para que eles assistam aos enfermos. Com as cadeias pode-se invocar, por exemplo, Rafael, que é um Grande Curador Universal, o mesmo que curou o Patriarca Jó; e também Tobias. Ele é um grande Curador Mundial ou Universal, um Grande Médico! Com as cadeias pode-se invocar também médicos como Hipócrates, Galeno, Felipe Teofastro Bombasto de Hohenheim (Aureola Paracelso) etc. Com as cadeias pode-se invocar as Potências da Luz, para que nos assistam num momento dado; pode-se conjurar as potências das trevas para que nos deixem em paz etc. As cadeias mágicas são formidáveis: com a mão esquerda se recebe, com a direita se dá. A cadeia forma circuitos de forças magnéticas extraordinárias. Com as cadeias pode-se fazer grandes obras. (Cátedra “Os Três Fatores da Revolução da Consciência”).

Com todo respeito, gostaria de recordar que a nossa Venerável Mestra Litelantes comprazia muito com o fato de que pedíssemos, em nossas orações, pelos enfermos, pelos estrangeiros, pelas viúvas e pelos órfãos. Recordemos que a esposa-sacerdotisa do Avatar ficou viúva e seus filhos órfãos, e foram estrangeiros em vários países onde a Mensagem foi entregue.

De igual forma, recomendava que quando pedíssemos – individualmente ou em grupo – a poderosa ajuda dos Mestres da Irmandade Branca, deveríamos fazê-lo com toda humildade, com o maior respeito e veneração. E comentava: - *Como os Mestres irão acudir para nos auxiliar, se não pedirmos com suavidade, com humildade?* Referia-se à prática de pedir força nas cadeias, exagerando a intensidade da voz, quase aos gritos, como que exigindo, ao invés de suplicar (e não me refiro ao mantra da força, que se deve enfatizar, mas a petição prévia ao mantra).

Seguindo a Mestra, há uma oração para pedir e outra para louvar à Divindade e aos Mestres da Irmandade Branca, que podemos chamar “adoração”.

Está escrito: “Pedi e dar-se-vos-á; chamai e abrir-se-vos-á”.

Se primeiramente adoramos a Divindade, se entoamos louvações e adorações, é como entoar cânticos e serenatas antes de tocar à sua porta.

Nossa Senhora Litelantes insistia no fato de que a oração é a melhor atividade a que alguém pode dedicar-se. Assim, enquanto mantinha sua casa impecavelmente limpa, ou enquanto cozinhava, ou melhor, cuidava de suas rosas – suas rosas! – ou arrumava suas gavetas, sempre estava em oração-meditação-exaltação, dentro do mais profundo silêncio criador.

Algumas vezes falamos sobre a adoração ao Pai que está em segredo, insistindo-me em que deve ser constante, permanente, de instante em instante, pois assim se logra triunfar sobre o “eu-animal”. Assim se faz a vontade do Pai, na Terra como no Céu. A adoração ao Pai leva à mais profunda recordação de si e torna efetiva qualquer oração.

Enfim, pelo que pude apreciar ao lado da Mestra, se dedicarmos nossos corações à adoração do Ser, teremos maiores resultados em nossa oração-petição.

Exaltados, com toda exaltação, são os Mestres da Irmandade Branca, que adoram continuamente – de instante em instante – ao Pai Interno e ao Pai Cósmico Comum, ao Altíssimo Sagrado.

É um Dever-*Parlok*-do-Ser servir à Divindade, portanto, devemos adorar às divinas hierarquias dos anjos ou deuses, começando pelos internos – partes derivadas da Trindade Interior – continuando pelos penates, os deuses familiares, os deuses do povoado ou nação. É preciso incluir o agradecimento às religiões que nos formaram e conservaram o conhecimento em mensagens codificadas, cujas chaves se haviam perdido e agora são resgatadas pela Gnosis Imortal. Continuar com deuses que regem os elementos e departamentos da natureza, do planeta e do Cosmo. Não se pode dizer que se cumpre com o Dever *Parlok* de Ser se não se tem o mais profundo respeito por todas as religiões e crenças, pois “são pérolas engastadas no fio de ouro da Divindade”.

Especialmente é um dever, e um gozo e uma alegria venerar de todo coração ao Segundo Logos – o Intermediário – manifestado em nossos Senhores Quetzalcóatl, Kout Humí, Moria, Adonaí, Ahura Mazda, Buda, Fu Ji, Babají, Beleno, Herakles, Huirakocha, Saint German, Litelantes, Samael, Horus, Vishnú sagrado, o Messias Cósmico, o Chrestos Universal, Imortal, Impessoal, Indecifrável, Unidade Múltipla Perfeita, cuja máxima expressão é o Divino Rabi da Galiléia, Jeshua Ben Pandirá, Nosso Senhor Jesus Cristo, o mais elevado *Paramathasatya*, habitante do Absoluto que renunciou à sua felicidade para servir à humanidade. Ele pisou este planeta, como tantas vezes foi reiterado pelo Venerável Mestre Samael Aun Weor.

A adoração ao Altíssimo – e as suas distintas expressões sephiróticas – leva-nos ao êxtase, ao samádi, e os Mestres a combinam com a vida cotidiana.

O exemplo deixado pelos Mestres, é que devemos adorar – simples e profundamente – à Mãe Divina, para logarmos avanços em nossa meditação na morte mística e, de forma geral, em toda a Grande Obra. O Mestre disse claramente: “Orar é trabalhar”.

Tenhamos fé em nossa bem-amada Mestra Litelantes, oremos e adoremos ao seu Real Ser, pois está escrito: Portanto, digo-vos que tudo o que orando pedirdes, credes que recebereis, e virá a vós (Marcos XI, 24).

Bendito seja o Pai, Bendito seja o Filho, Bendito seja o Espírito Santo! Bendita seja nossa Mãe Divina! Louvados sejam os Mestres da Luz! Sejam seus Nomes Benditos por toda a Eternidade! Amém!

SÓ O AMOR

Amor... divina palavra!
luz do mundo,
comunhão gloriosa.

Amar é de deuses!
Do Ser profundo
Que lavra,
lavra e lavra
com inefáveis gozos,
da cruz à rosa, do Verbo à palavra,
jóia sagrada na cruz.
Bendita sejas, pedra de luz!

Só o amor,
como dom sagrado,
mata a dor
de Hermes alado.

A Mãe *natura*
e o Universo inteiro
coroam Rei,
ao que com doçura
e fervor sincero,
faz do amor sua Lei.

CAPÍTULO IX

AS INSTITUIÇÕES GNÓSTICAS

As Instituições Gnósticas são os crisóis onde os Mestres buscam ajudar os estudantes para que caminhem pela senda do fio da navalha. De modo que, quem não se inclina à direita ou à esquerda, seguramente corta os pés com o fio. Quando tenta manter-se no centro, sacrifica seu eu para alcançar o *Tao*. No princípio, o Venerável Mestre Samael Aun Weor não pensava em criar instituição alguma no mundo físico; assim o declarou na primeira edição da sua obra *A Revolução de Bel*, na qual instava os estudantes para que saíssem em astral e fossem à Igreja Gnóstica nos mundos superiores, a fim de receberem maiores instruções.

Posteriormente, a Superioridade Ihe ordenou que criasse instituições no mundo físico; e assim o fez, conforme declarava, porque sempre obedecia aos mandatos da Irmandade Branca.

Todo Mestre tem seus superiores e o mais alto Jerarca é nosso Senhor Anúbis, pois em suas mãos descansa toda a administração do Cosmo. Ele tem potestade para inclusive prender e julgar a qualquer dos Jerarcas de Sírio, pois nosso Pai e Senhor Anúbis é o próprio Osíris no Tribunal da Justiça Cósmica. Por isso, nos documentos egípcios – bastante precisos e solícitos – não se fala dos 42 Juízes ou “Assessores” de Anúbis, mas dos 42 Assessores de Osíris que, efetivamente, preside o Tribunal do Carma por meio de sua manifestação como Anúbis.

Dessa forma, esse Jerarca é a máxima autoridade dos Mestres da Irmandade Branca, e os Senhores Regentes de todos os Sóis se inclinam ante sua poderosa Majestade, o que também é feito pelo nosso Senhor Samael.

Por conseguinte, nosso Senhor Anúbis é quem tira e põe hierarquias nos mundos que compõem nosso infinito, cuja capital é Sírio.

Foi atendendo às instruções do Sagrado Tribunal que o Venerável Mestre Samael Aun Weor mudou sua forma de pensar, e

promoveu a criação das Instituições Gnósticas. Desse modo, a partir da segunda edição da obra *A Revolução de Bel*, foi omitida a primeira ideia que o Mestre teve.

Características

A característica principal deste ensinamento é que ele não considera o ser humano como um verdadeiro homem, em toda a extensão da palavra, senão como um prospecto, um projeto ou possibilidade de homem. Noutras palavras, o conceito que ordinariamente se tem de homem sintetizava a tradicional definição platônica do “animal racional”, ou melhor, do “animal intelectual”, ou “homúnculo” ou “bípede tricerebrado ou tricentrado”, equivocadamente chamado homem, como dissera o Venerável Mestre Samael.

Para se conseguir ser um verdadeiro homem é requerida a criação dos corpos existenciais superiores do Ser por meio dos processos alquímicos que nos foram legados pelo Mestre, quer dizer, necessita-se criar “o (to) corpo (soma) solar (*heliakon*)” em cada uma das sete dimensões. O processo alquímico pressupõe a correção sexual do indivíduo, mediante a castidade científica da Magia Sexual, do Grande Arcano. O Mestre Samael disse em sua obra “Os Mistérios Maiores”: Praticando Magia Sexual, adorando a mulher, sabendo querer, **todo ser humano** pode chegar aos elevadíssimos cumes da ressurreição. Também este ensinamento nos fala que não temos uma alma completa, no sentido ensinado pela maioria das escolas, mas, que apenas temos um “embrião” de alma humana, o *Buddhata*, concordando com a expressão cristã que diz: “Com paciência possuireis vossas almas”. Porque caso já se tenha uma alma, significa que presentemente já a possuímos. Não obstante, a realidade é que se requer a paciência para, pouco a pouco, tomar posse da alma, mediante o crescimento do embrião.

Ademais, o Mestre afirma:

O Ser, o Íntimo, a Mônada, tem duas almas: A primeira é a alma espiritual; a segunda é a alma humana. A primeira é a Beatriz de Dante, a bela

Helena, a Sulamita do sábio Salomão, a inefável esposa adorável, o Buddhi da Teosofia. A segunda é a alma humana, o princípio causal, o nobre esposo, o manas superior da Teosofia. Ainda que pareça raro e estranho, enquanto a alma humana trabalha a alma espiritual brinca.

Pois bem, acerca da alma humana o Mestre nos disse: É todo o conjunto de forças, poderes, virtudes, essências etc., que se cristalizam no ser humano, quando o ego animal se dissolve. (“Glossário Gnóstico”, 2ª Edição).

Diferentemente de outros ensinamentos e de outras instituições, este ensinamento considera que não somos substancial ou fundamentalmente bons, pelo contrário, somos 97% ego animal (trevas, demônios) e 3% consciência (luz, anjos). Dessa forma, o ensinamento propõe a dissolução (com a ajuda da Mãe Divina) desses 97% demoníacos que temos internamente, para que se libere a consciência, a qual está presa nesses 97% diabólicos, e encarnemos as virtudes opostas aos pecados, que constituem o ego animal.

Outra característica fundamental deste ensinamento é que ele não se considera como o único que possui a verdade. Afirma que há outras escolas que também têm as chaves da regeneração:

Há quatro classes de escolas: 1ª. As que ensinam a cristalizar a alma; 2ª. As escolas que ensinam a cristalizar alma e a encarnar o espírito, o Ser; 3ª. As escolas que servem de “jardim de infância” para a humanidade; e 4ª. As escolas de magia negra.

O Movimento Gnóstico é uma Escola de Regeneração, com os três princípios básicos da Revolução da Consciência. As Escolas de Regeneração são: O Budismo Tântrico do Tibete, a Igreja Amarela dos Lamas, o Sufismo com seus dervixes dançantes etc. No passado existiram grandes Escolas de Regeneração. Recordemos os mistérios de Elêusis, os mistérios egípcios, astecas, maias, incas, os mistérios órficos, os mistérios dos kambires etc.

Os piores inimigos das Escolas de Regeneração são os infrassexuais. Os degenerados da infrassexualidade se crêem mais perfeitos que o Terceiro Logos e blasfemam contra o Espírito Santo, dizendo: “O sexo é algo muito grosseiro”, “a materialista Magia Sexual é algo animal”, “nós trabalhamos pela espiritualização” etc. Os degenerados da infrassexualidade se crêem mais puros que o Espírito Santo e falam horrores contra o sexo e contra a

Magia Sexual. Recordemos que as três forças principais do Universo são: 1°. a Vontade do Pai; 2°.a Imaginação do Filho; 3°. a Força Sexual do Espírito Santo. Todo aquele que se pronuncie contra qualquer uma destas três forças logoicas é de fato um mago negro. (Cátedra: “As Escolas Esotéricas”).

Fanatismo

Um dos aspectos que mais tem afetado as Instituições Gnósticas – assim como a todas as demais escolas espirituais – é o fanatismo e a santimônia.

Nossa Venerável Mestra Litelantes afirmava que - *O Avô costumava dizer que dos fanáticos e santarrões a única coisa que havia saído eram traidores.*

Numa época, o próprio Mestre caiu no fanatismo. Ele se tornou, inclusive, vegetariano. Foi quando escreveu O Livro Amarelo, ponderando tal tendência. Sucedeu, naquele tempo, que a Mestra não deixou de comer carne e dizia ao Mestre que isso era puro fanatismo, que ia prejudicar sua saúde, pois ele estava acostumado a comer carne.

O Mestre se aferrou à sua ideia, e não só se dedicou a incuti-la em seus estudantes, mas até a um cachorro que tinha, chamado Dólar (também o chamavam de Bilhete). Entretanto, os “discípulos” do Mestre criticavam acerbamente a Mestra, porque comia carne, chamando-a de “carnívora”, com uma ênfase tal que pareciam denominá-la de canibal.

A Mestra pouco se importava com a maledicência dos que se diziam discípulos do Mestre – pois sempre falaram dela ou, nas palavras, do Avô: “Os pedantes da época esgotaram sua baba difamatória contra ela” – e comia mais saborosamente seu frango, suas linguças ou presunto de porco.

O fato é que a saúde do Mestre começou a minguar, assim como a de seu cachorro Dólar, que faleceu precisamente quando ele se tornou completamente vegetariano. Este fato afligiu muitíssimo o Mestre.

A Mestra comentava que o Avô caminhava uma quadra e se

detinha esgotado, por causa do exercício; suava exageradamente, a ponto de espremer as camisetas, tamanha a quantidade de suor que produzia.

Certo dia, deu-se conta de que ia pelo mesmo caminho que seu fiel Dólar; de que realmente era um fanatismo, de que o vegetarianismo era um exagero; de que sua saúde estava muito debilitada, quando disse à Mestra: “Faça-me um caldo, Negra, com pata e rabo de rês, e com galinha”. A partir daí, esqueceu-se completamente do vegetarianismo, declarando que não ia fazer da cozinha uma religião.

Logo que o Avô reconheceu seu erro, demonstrou que era um verdadeiro Mestre, pois não se aferrou à sua equivocada ideia, ao seu amor próprio, mas sim, corrigiu sua forma de pensar. Portanto, os Senhores da Luz demonstraram que a carne é elemento-fogo, indispensável no trabalho da Magia Sexual, pilar deste ensinamento. Inclusive, pôde perceber que os budistas tântricos tibetanos comem carne de boi precisamente para alimentar o fogo sexual nas sagradas práticas do tantrismo branco.

Na obra “O Mistério do Áureo Florescer”, o Mestre Samael disse:

De que forma ou de que maneira poderíamos adquirir os milagrosos poderes do *Tattva Tejas*, se cometemos o erro de renunciar aos elementos carnívoros? Desgraçadamente, as multidões humanas ou se tornam vegetarianas radicais ou se tornam quase canibalescas.

Nesse ínterim, todos os fanáticos e santarrões ficaram em má situação, por falarem contra a “carnívora” que, no final das contas, tirou o fanatismo do Avô, neste e noutros aspectos, pois nossa Venerada Mestra foi a treinadora e guia do Mestre.

Na obra “Os Mistérios Maiores”, o Mestre disse:

À Mestra LITELANTES os fariseus criticavam porque comia carne, ao que ela respondia: - *Primeiro, vou corrigir meus defeitos e depois que os tenha corrigido, deixarei de comer carne. Os fariseus se revolviam furibundos contra este Grande Guru da Lei.*

Por outro lado, a Mestra dizia que os jejuns não serviam e que uma pessoa não ia se salvar à base de jejuns. Por essa razão, não gostava das prescrições do Dr. Jacinto Juárez – um médico muito amigo e bom discípulo do Mestre – devido aos rigorosos jejuns que os impunha. E ela insistia para que o Mestre abandonasse por completo tanto os jejuns como o vegetarianismo.

Ela sugeria, ao contrário, que deveríamos nos alimentar bem, sobretudo antes de comparecer aos grupos gnósticos. Ademais, afirmava que quanto mais falassem mal de nós, mais prazerosamente comêssemos.

Em certa ocasião, perguntei-lhe: - Então, a que jejum se refere nosso Senhor Jesus Cristo no Evangelho? E ela respondeu: - *Não dar gosto ao ego, não fazer o que o ego quer, não alimentá-lo, pois o temos muito gorducho.*

Como Grande Mestra da Luz, nossa Senhora Litelantes combateu sistematicamente o fanatismo e, ao seu lado, o Mestre Samael deu exemplo de naturalidade, simplicidade e rechaço total ao fanatismo e a beatice.

Os santarrões e fariseus, fanáticos irredimíveis, querem ser “mais papistas que o Papa”. Têm muito vivo os seus eus fariseus, que é uma mistura de orgulho místico com inveja e beatice, fanatismo e pose de falsa mansidão, vaidade, egoísmo, hipocrisia total (“o adultério se veste de santo, e no incenso do templo se esconde o delito”, como dissera o Mestre), tirania e ânimo de vingança, entre outras más ervas.

Entretanto, diga-se de passagem, não se trata de um supertraço psicológico (conforme tem interpretado um conhecido instrutor que gosta de falar destes temas), pois nenhum de nós tem um traço psicológico padrão (*standard*). O Mestre jamais afirmou que o eu fariseu tivesse tal caráter e se em alguma medida pudéssemos concebê-lo, para caracterizar as distintas legiões estas seriam, evidentemente, as sete cabeças de legião: cobiça, ira, gula, luxúria, orgulho, preguiça e inveja.

Já dissemos que o Mestre gostava de oferecer festas para que os amigos de sua filha Ísis, convivessem com ela. Geralmente, em tais

ocasiões festivas, o Mestre gostava de conversar com os amigos da família, apresentando suas declamações, e incentivava aos que apreciavam o canto a cantarem, para que as festas se tornassem mais agradáveis.

As canções antigas eram as que mais agradavam à Mestra, especialmente a “Trova Yucateca”, por tratar-se de música muito fina, a qual, além disso, trazia lembranças de sua infância e juventude. Como tive a sorte de conhecer muitas canções yucatecas, eu a alegrava por um momento, cantando-as. Chegamos a passar saraus maravilhosos, inesquecíveis, entre canto e poesia.

Os santarrões e fanáticos, que são os fariseus de ontem, de hoje e de sempre, clamavam em voz alta, porque a Mestra tinha um secretário que cantava e declamava poesias e, ademais, fumava, tomava sua bebida e dançava. Inclusive foi motivo para que alguns saíssem da Instituição, utilizando isso como pretexto.

Quão pouca coisa para que os “grandes iniciados” saíssem da Instituição. Que pena que tenham tomado como pretexto a minha pessoa, que nada vale.

Os fanáticos e santarrões sempre vão ser “mais papistas que o Papa”, encontrarão pretextos, normalmente frívolos, para sair do ensinamento e criar suas “próprias instituições”. (Aqui abrimos parênteses para afirmar enfaticamente que a Mestra nunca ensinou fornicção nem adultério, e que jamais fez do ensinamento um negócio, nem o alterou).

Apesar disso, a Mestra e eu não nos importávamos que os “santos” se escandalizassem, que se dirigissem aos comensais e partícipes das festas da Mestra, indagando se “havam despertado consciência com as canções” etc. Assim, a despeito de tais críticas, eu seguia cantando e declamando para a Mestra, que desfrutava das canções e poesias.

Na verdade, a Mestra me utilizou – conscientemente, como sempre – para atacar o fanatismo, a beatice e, portanto, a traição. Os fariseus traidores sempre serão fanáticos e santarrões, sempre verão cisco no olho do vizinho.

Os santarrões e fariseus nunca me perdoarão pelo fato de haver

sido natural e não ocultar meus gostos nem meus vícios. Para eles, era e é um pecado ser alegre, franco e direto no convívio. Contudo, a Mestra desfrutava muitíssimo das variadas reações que os fanáticos e santarrões tinham a respeito de seu secretário geral. Ela nunca se cansou de falar enfaticamente contra o fanatismo e contra a beatice, tempero de cultivo do farisaísmo e da traição.

Entre outras coisas, ela recordava a primeira vez que foi à Espanha, onde alguns que se diziam alunos do Mestre, entregavam um ensinamento fanatizado. Os estudantes não comiam peru porque ia fomentar o orgulho; o porco, nem pensar, por ser um animal involutivo; nem sequer colocavam perfume porque o ego ia absorver o álcool por meio da pele; muito menos tomavam uma cerveja ou iam a um baile, exorcizavam aqueles que fumavam um cigarro etc.

A Mestra comentava que os estudantes espanhóis se espantaram quando a viram comer presunto e, sobre isso, ela disse que o presunto espanhol era muito saboroso; que não fazia dano o que entrava, senão o que saía da boca. E quanto mais se horrorizaram os fanáticos e santarrões, mais saboroso comia seu presunto e fumava seus puros cigarros espanhóis, também muito saborosos.

A Mestra sempre fumou (cigarros sem filtro, por certo), até que, ao final, deixou o cigarro por questões de saúde. Mas, curiosamente, nunca tragava a fumaça, apenas fumava os cigarros como se fossem puros, da boca para fora.

Desde a época em que vivia o Mestre, os estudantes que se criam mais sábios que os Mestres criticavam a Mestra por este fato. Porém, o próprio Mestre comprava os cigarros para ela e dizia: “Se Blavatsky fumava, porque você não vai fumar, Negra”.

Contudo, como sempre, os fanáticos e santarrões, típicos fariseus, gostam de criticar os Mestres e aqueles que – mesmo que imerecidamente e só por misericórdia do Pai – somos amados pelos Senhores. A tais críticos a Mestra falava-lhes “ternuras” como as seguintes: - *Não fumam um cigarro, não tomam uma bebida, não vão a uma festa ou a um baile, mas quando veem uma mulher passar a desnudam com o olhar.*

Curiosamente, aqueles que mais nos atacavam eram os que tinham e têm “mais rabo para pisar”. Enquanto fumávamos saborosos “cigarros feitos” e cigarros sem filtro, nossos críticos se dedicavam a formar sua “vajilla” hermética. Quem mais criticava a Mestra e a minha pessoa, já estavam em segundo ou terceiro matrimônio, ou melhor, tinham suas amantes (ou as mulheres, seus amantes); ou, planejadamente, dedicavam-se a explorar os estudantes e viver às suas custas.

Justa razão tinha o Venerável Mestre Samael Aun Weor, quando dizia que, a única coisa que tinha extraído dos fanáticos e santarrões eram traidores.

A Mestra também dizia que os fanáticos e santarrões vão ao outro extremo e, particularmente, dedicam-se a atacar o Cristo, com as mesmíssimas palavras do Cristo.

Carta de Montreal

Em 1986, aconteceu um evento importante que definiria muitos posicionamentos, seja em prol ou contra a nossa Senhora Litelantes. Foi por ocasião da abertura do Congresso de Montreal, Canadá, quando a Mestra mandou uma carta que nunca foi lida, mas que foi parar no lixo, segundo nos inteiramos depois.

Eis aqui o conteúdo dessa carta que, evidentemente, tivemos a precaução de conservar a cópia:

México, D. F., 27 de outubro de 1986.

AOS PARTICIPANTES DO CONGRESSO GNÓSTICO INTERNACIONAL DE MONTREAL, CANADÁ.

Com muita pena lhes comunico que não foi possível minha assistência ao Congresso. Devido à disposição superior, não me foi permitido comparecer.

Desafortunadamente, pouco tem servido que a Venerável Loja Branca tenha autorizado à difusão intensiva do Conhecimento Salvador, pois esta humanidade realmente não está interessada nas coisas do Espírito.

Isto se sabia desde o princípio e quando o Tribunal da Justiça Divina julgou a humanidade, levou muito em conta a incapacidade do gênero humano para lograr a autorrealização íntima do Ser. Entretanto, foi autorizada uma prorrogação na execução da sentença, a fim de fazer o último intento para lograr que se fizesse a luz em nossas almas. De tal maneira que, como vocês podem ver, só por um dever final imposto a si mesma pela Branca Irmandade é que se continua propagando este Ensino; dever que, desde logo, alcança aos que estamos encarnados. Não é, pois, devido a que se tenha confiança nas possibilidades do gênero humano o fato de se continuar nesta missão, transmitindo o ensinamento dos valores do Cosmo, senão que se deve a mais uma demonstração da misericórdia divina.

É uma realidade que este Ensino tão sagrado, produto das emanações do Ser dos Seres, de Deus mesmo, tem sido motivo do mais grosseiro comércio, sendo instrumento de baixas paixões.

As pessoas se conformam em realizar atividades externas, supostamente, apegando-se a este Ensino como se fosse uma religião a mais, porém pouco se têm preocupadas em realizar uma profunda mudança interior. A ambição de alguns, que dizem ser missionários, os tem levado a extremos intoleráveis diante do Tribunal do Carma, pois se têm prevalecido de seus cargos para explorar economicamente os estudantes e deformar o Ensino, segundo suas conveniências. Isso para aumentar seus orgulhos em busca de cargos e posições dentro da mesma Instituição; e isto tem sucedido desde que vivia o fundador destas instituições. Recordemos que o ego busca por todos os meios se autoafirmar e aproveitar o Ensino para lográ-lo. Parece até paradoxal, pois sempre buscam graus, iniciações, reconhecimento de sua maestria etc.

Uma das principais razões pela qual não vou a esse Congresso é o fato de que não ando em busca de que as pessoas me sigam, nem de ter um grupo numeroso a meu serviço. Não busco gente, quero encontrar almas sensíveis à luz do Espírito, mesmo que seu número seja mínimo, pois não vim buscar poderes nem riquezas transitórias, senão fazer a vontade do Pai, tal como fizeram os que me precederam. Minha pessoa, neste caso, não será motivo para que se utilize como tela para fazer negócio ou para impressionar as pessoas de boa-fé.

Não queria estar no lugar de todos aqueles que têm lucrado a expensas do Ensino, que o empregam para manipular a psique das pessoas; não queria estar no lugar dos traidores que têm dado às costas ao Mestre e

à sua família; nem no lugar dos que têm enchido seus bolsos, negociando com as obras escritas pelo V. M. Samael Aun Weor, pois mais lhes valeria atar aos seus pescoços uma roda de moinho e se lançar ao mar. Se todas as transgressões à Lei Divina são castigadas, imaginem no caso de farisaísmo e de traição. Ocorre que o castigo não se impõe de forma súbita, senão pouco a pouco, de maneira gradual.

Que isto que lhes digo sirva como uma reflexão, para que procurem ser sinceros em pensamento, palavra e obra e este Ensino frutifique em seus corações.

Necessita-se incrementar o verdadeiro amor e a tolerância para com o próximo, a caridade, porque não para sempre o pobre será esquecido e nem a esperança dos pobres perecerá perpetuamente.

Bem disse Jesus Cristo: Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas aos que são enviados a ti! Quantas vezes eu quis juntar teus filhos, como a galinha junta seus pintos debaixo das asas e não quiseste! Eis que vossa casa é deixada deserta!

Não desperdicemos a oportunidade que a Divindade, em sua misericórdia, tem-nos outorgado; sejamos fiéis e sinceros aos desígnios do Pai.

Por último, quero dizer-lhes que o próximo Congresso Gnóstico Internacional se levará a cabo no ano de 1990, na cidade de Oaxaca, Oaxaca, México.

Que a paz seja com vocês!

Arnolda Garro de Gómez

Litelantes

Como se pode ver, não se diziam ternuras nesse comunicado, mas seu conteúdo era e segue sendo vigente. Sendo assim, “em quem couber a carapuça, que a vista”, segundo reza o ditado. A então coordenadora de instrutores leu outra carta muito distinta, atribuída à Mestra, na qual elogiava e colocava missionários e estudantes nas nuvens.

Ao que parece era costume dessa pessoa redigir missivas sem colocar a consideração da Mestra em seu conteúdo. Por tal motivo fiz o comentário seguinte à Mestra: - Não crê você, Chefinha, que existe alguma responsabilidade de sua parte ao assinar tais cartas,

que possam conter conselhos ou conceitos que não se ajustem ao ensinamento, ou nem sequer ao sentido comum? Ao que ela respondeu: - *Olhe, você, eu faço igual ao Mestre, assino o que me põe em frente, e a pessoa que faz a carta será a responsável diante do Tribunal por fazer mau uso de minha assinatura.*

Quando um amigo ficou encarregado da correspondência, tive cuidado de comentar-lhe o que nossa Chefinha havia dito, a propósito da responsabilidade que adquire quem faz mau uso da assinatura dos Mestres. Por isso, esse amigo lia para a Mestra as cartas que seriam respondidas e ela dava a resposta.

Pessoalmente, sempre li para a Mestra os documentos que cheguei a preparar, bem como seus antecedentes, pois fui Secretário de Acordos e sempre tive o costume – conforme estava obrigado – de inteirar cabalmente o Juiz tanto acerca da petição como do projeto de acordo. Imagine, tratando-se agora de um Juiz do Carma!

No caso da carta acima transcrita, tanto minha pessoa como aquela que depois se responsabilizou por sua correspondência, reduzimos a duas páginas o que a Mestra dizia em uma fita cassete dirigida aos participantes do Congresso de Montreal. Essa carta tinha muitíssimas coisas mais e umas sentenças mais terríveis ainda, porém, buscamos “suavizar” o que a Chefinha dizia, seguindo suas instruções, evidentemente.

Apesar disso, os organizadores do congresso e as “grandes hierarquias” que participaram dele desobedeceram à ordem de ler a carta transcrita e disseram que isso era coisa de minha pessoa, como se a Mestra fora uma criança. Evidentemente, não tiveram o incômodo de ligar para o México e perguntar ou consultar à Mestra acerca de qualquer inquietude relacionada com a carta.

O fato é que os “grandes jerarcas” que participaram daquele congresso decidiram que a Mestra já não era mais sua superiora, simplesmente porque eu “mandava” nela; que o ensinamento do Mestre estava em perigo; que eles eram os únicos e fiéis guardiões da doutrina etc.

Como sempre, o ego traiçoeiro, o terrível demônio da traição vai encontrar pretextos para fazer das suas. Pôr em dúvida as palavras

da Mestra é duvidar também da verdade contida nas palavras escritas e verbais que o Mestre expressou sobre sua esposa-sacerdotisa, a Poderosa Guru Litelantes.

Depois, durante o Congresso de Oaxaca – que foi celebrado, definitivamente, dois anos depois da carta do Canadá – nossa Mestra se referiu àquele incidente da seguinte maneira:

- Minha pessoa quis fazer este Congresso aqui, depois do congresso do Canadá. Enviei uma carta para que a lessem e não quiseram, pela simples razão de que foi mandada por Arnolda – que não é a Mestra, não é a do Alto [referindo-se ao que diziam seus detratores].

*Sou Arnolda aqui e em qualquer parte! E não me arrependo de ser quem sou, aquela **que ajuda Samael Aun Weor a seguir adiante.***

E pedi para fazer um Congresso aqui, mas não quiseram, graças aos que não quiseram ler a carta. E a enviei ao Congresso do Canadá, pela simples razão de que não me deram permissão, não pelo que disseram, que era inútil, que eu era uma mulher que estava inconsciente, que falava frases incoerentes. Isso é falso e mentiroso, e que tinha muitas cicatrizes no rosto¹¹; isso é um engano e uma intriga. Portanto, demonstrei aos tipos que o disseram: [posteriormente] fui ao Canadá fazer ver quem eu era, que eu não estava inútil na cama e que não sabia nada. Eu não fui [a este congresso] porque eu tenho meus superiores a quem respeito com dignidade, não porque estava enferma, nem porque (...). Não nos deram a autorização, mas eu sei respeitar aos que me abriram o caminho; não aos humanos daqui da Terra, porque os daqui são falsos. (...)

Eu sou mulher, tal como veem. O que sei, aprendi na escola da vida e estou disposta a seguir, custe o que custar, sem amparar-me em ninguém, senão em Deus. E não quero que me admirem, não quero coroas e nem reconhecimentos. Os reconhecimentos que tive

¹¹ Nota do Tradutor: Referindo-se ao acidente que lhe deixara cicatrizes no rosto.

eu os obtive por meu gosto próprio, porque ninguém me pressionou nem me empurrou, nem me exigiu, fui voluntariamente [pelo caminho da gnose].

E assim espero de todos vocês que, se seguem uma doutrina, sigam-na por capacidade de vocês, não por pessoas, porque me mandam aqui e vou lá. Não! Guiem-se por si mesmos e contentem ao Real Ser de vocês, às suas famílias. E deem exemplo em suas casas, não mandem correspondências vis, nem se ocupem das pessoas que estão em suas casas tranquilas.

Tal como me veem, ocupam-se muito de minha pessoa. Por quê? Porque da árvore caída querem fazer lenha. E provarei a todos vocês e a todos que se ocupam de minha pessoa, porque a mim não me vão humilhar como querem. Humilhem-se entre vocês mesmos... E àqueles que se ocupam de mim – porque estou disposta a seguir adiante – dizem que estou louca, que sou uma velha inútil. Pois vou provar a todos que não é como disse a humanidade. E quando não vou a uma reunião dessas é porque me proíbem, não os humanos, não o secretário que eu tenho. Que o secretário que tenho veem [até] no caldo dos feijões¹², por quê? Porque uma mulher como eu, não devo ter um homem preparado na minha casa. Provarei a todo mundo, gostem ou não, têm que suportar, porque ele está em minha propriedade, em minha casa e é a vontade dele.

De nós se ocupam muito e tudo isso me dói, porque sou mulher, porque eu não tenho um marido que responda por mim. Pois eu mesma respondo por mim mesma e por meus filhos, que sempre estão comigo, afortunadamente. Dessa forma, entendam bem todos os estudantes gnósticos que se ocupam de minha pessoa e da pessoa do secretário, porque estou disposta a não pedir permissão a ninguém, senão a Deus. Já o sabe, quem me vê aqui pequena, porém sou muito capaz de defender-me de todos.

Se estive toda uma vida com Samael Aun Weor – gostem ou

¹² Nota do Tradutor: A expressão “ver no caldo dos feijões” significa enxergar até onde há dificuldade em se ver com clareza.

não gostem – estou disposta a seguir adiante, e quem estiver disposto a ajudar-me, em meu lar, a entregar os livros de Samael Aun Weor e viver deles, digo com muita alta honra, porque o sacrifício e o trabalho de meu marido é meu e ninguém tem que se meter em minha vida privada, como se metem muitos estudantes a quem o Mestre Samael lhes entregou o conhecimento.

E já são uns senhores que creem “agarrar Deus pelas barbas”¹³. Quão equivocados estão! Estão em um cargo e quando são afastados dos cargos se ocupam de minha pessoa. Pois aí vamos ver como vamos, a seguir...

Por que ninguém entregou este conhecimento antes que Samael aparecesse neste mundo? Porque ninguém tem a capacidade! Por que não escrevem um livro? Por que copiam os livros de Samael, se são tão capazes?... E dizer que Arnolda... Arnolda é aqui, lá em cima é Litelantes. Sou Arnolda aqui, no Inferno e onde quer que seja, e a ninguém lhe importa... Assim, esses são os missionários! Um ou outro missionário que tem tido a felicidade de receber um cargo ou lhe é dado um posto...e está dando ensinamentos em um monastério, então todos se vêm contra mim. Que venham! Daqui não o tirarão, porque de todos, não há senão um, que tem seguido firme com a amizade que ele tinha a Samael, ao ensinamento e à minha pessoa. Todos aqueles que a eles tem sido dado o posto de coordenadores em um monastério é a “faquinha de pau”¹⁴, o diabo que fica perturbando. Porém, não me importa porque não vivo deles; eles vivem dos livros de meu marido, da herança deixada a mim e aos meus filhos. E ainda se ocupam de minha pessoa! Gente que conviveu comigo. Vocês creem que não me dói o que me têm feito? Eu sou muito humana, não sou santa...

¹³ Nota do Tradutor: A expressão “agarrar Deus pelas barbas” refere-se a alguém que se considera grande, maravilhoso, extraordinário.

¹⁴ Nota do Tradutor: A expressão “faquinha de pau” é usada para se referir àquilo que não corta, mas incomoda.

Fidelidade

Já comentamos que a Mestra nos dizia que o intolerável era a traição, que aos traidores não lhes querem nem lá em cima, nem aqui no meio, nem lá embaixo. Esclareço que a traição é intolerável e os pecados contra o Espírito Santo são imperdoáveis (sempre se pagam com sofrimento). Entretanto, atendamos às palavras do Mestre em sua obra “O Mistério do Áureo Florescer”, que fala da traição daqueles que – segundo isto – não pecam contra o Espírito Santo:

Quem atraiçoa o Guru ou o Mestre, mesmo que pratique Tantrismo Branco (sem ejaculação seminal), é óbvio que ativarão o órgão de todas as maldades.

Mesmo que trabalhe muito seriamente com o sexo-ioga, a Serpente Ígnea de nossos mágicos poderes jamais subiria pela espinha dorsal dos traidores, assassinos, adúlteros, violadores e perversos. Devi Kundalini nunca se converteria em cúmplice do delito; o fogo sagrado ascende de acordo com os méritos do coração.

Curiosamente, quem mais traiu os nossos Gurus foram os adúlteros, depois os perversos que exploravam os estudantes, ou melhor, os perversos que propositadamente se entregaram à má vontade, quer dizer, os traidores que buscavam o mínimo pretexto para sua traição. Normalmente davam-se todos estes defeitos entremeados, ou comumente se escalonavam na ordem mencionada.

Muito certo, e verdadeiramente, é que os adúlteros traem sua companheira ou companheiro, sendo o começo para trair todos os demais. Como disse o Mestre Samael em “O Parsifal Revelado”:

O ego é mistificador, corrompedor, viciador, falso; goza justificando o adultério, sublimando-o, dando-lhe cores inefáveis, sutis; dá-se ao luxo de encobri-lo, ocultá-lo de si mesmo e dos demais; decora-o, adorna-o com normas legítimas e cartas de divórcio; legaliza-o com novas cerimônias nupciais.

Aquele que cobiça a mulher alheia é de fato adúltero, mesmo que jamais

copule com ela. Na verdade vos digo que o adultério, nas profundezas do subconsciente das pessoas mais castas costuma ter múltiplas faces.

O arcano AZF só deve ser praticado entre esposo e esposa, em lares legitimamente constituídos. Aqueles que praticam o arcano AZF com outras mulheres, cometem o grave delito do adultério. Nenhum adúltero logrará, jamais, o despertar da Kundalini e dos poderes táttvicos. Isto se aplica também às mulheres. Nenhuma mulher adúltera logrará, jamais, o despertar da Kundalini e os poderes táttvicos. O iniciado ou iniciada gnóstica que adultere perde seus poderes.

Também disse o seguinte:

Um homem não poderia dar o divórcio a uma mulher que não lhe está fazendo nenhum mal, se a mulher não é infiel a ele. Por que o homem vai pedir a carta de divórcio? Ou vice-versa, se o homem não está sendo infiel à mulher, quer dizer, não está adulterando, por que ela vem pedir-lhe carta de divórcio? Só por motivo de fornicação ou adultério é lícito, é permissível. (Cátedra “A Criação do Sol Psicológico Íntimo”).

Assim, aqueles que queriam fazer o que lhes dava vontade sempre encontravam pretexto – normalmente a chamada “recorrência” – para ficar com as mulheres de outros (muitas vezes de seus amigos ou de seus subordinados, dentro da Instituição). Ou melhor, para deixar sua mulher por uma jovem dizendo que é com a finalidade de “trabalhar” na Grande Obra.

Chamava-me a atenção que a Mestra não se metia na vida pessoal dessas pessoas, inclusive com aquelas que tinham algum cargo dentro da Instituição. Assim, muitos tiveram várias mulheres e a Mestra não lhes disse nada, conservava-os em seus postos e inclusive elevava a outros cargos superiores.

Entretanto, com o tempo, quase todos eles traíram. Seria fiel à Instituição quem não é fiel em sua casa, quem tirou a mulher de outro, ou quem, estando no ensinamento, divorciou-se sem um motivo justificado? (Ver a Epístola a Timóteo, onde diz: “*marido de uma só mulher*”).

Como minha pessoa não questionava a Chefinha em suas decisões, não me preocupava, tampouco, pela vida pessoal dos adúlteros, dos que tinham sua “vajilla” hermética, enquanto não a

traíam. Talvez ela lhes desse oportunidade para que pudessem se corrigir e pagassem um pouco de carma. O fato é que os dois Mestres tiveram traidores em grande número, inclusive dentro de sua própria família (que é “faquinha de pau”, como costumava afirmar nossa Mestra).

Como já dissera, muitos me tomaram como pretexto para trair, porque não tenho sido nem pude ser um santarrão e nunca ocultei meus defeitos. Dizia-me a Chefinha:

- Se você não se oculta de Deus, não tem por que se ocultar desses humanos, que são iguais ou piores do que você.

Porém, especialmente os traidores, diziam que quem estava próximo da Mestra a guiava... nem que fosse um carro! A própria Mestra disse – e reiterou até não poder mais – que nem seu esposo a manobrava; e isto é compreensível, pois sendo tão tremendo, o Avô não teria sido levantado, no caso de havê-la “guiada” a seu capricho.

Em sua afirmação, fica implícito que muito menos nós, simples estudantes, podíamos controlá-la. É um absurdo pensar que alguém possa “guiar” os Mestres. Seria um contrassenso que os Mestres se deixassem guiar pelos estudantes. Afirmar isso implica um desconhecimento total dos Senhores e do ensinamento que eles nos têm dado... mas o diabo, onde quer, mete o rabo.

Também ousaram dizer que nós a açulávamos contra certos personagens traidores, como se a Mestra fosse um animal bravo! Não sei o que têm esses pseudossapientes do Gnosticismo, que utilizam argumentos tão ignóbeis e infantis, com o fim de justificarem para si mesmos a traição. E o mais grave é que há quem creia nesses argumentos embusteiros. E mais, há quem apoie aqueles que a traíram e, apesar disso, guardam sua foto e dizem que reverenciam ao “Mestre” Litelantes – forma eufemística de dizer que Arnolda não é Mestra, mas seu Pai, sim. Isso é o cúmulo da hipocrisia!

Dizia o Mestre Samael:

Na realidade e de verdade, o Adepto está mais além dos santos. Quando

alguém disse: “Os santos-mestres”, essa pessoa estava equivocada porque os Mestres estão mais além dos santos. Primeiro, está o profano, logo, o Santo, e depois, o Mestre. O Mestre está mais além da esfera dos santos; no Mestre está a sapiência. Mas é possível se julgar equivocadamente os Mestres, os Adeptos.

Temos sempre a tendência a projetar, até sobre os Adeptos, nossos próprios defeitos, nosso eu psicológico. Dessa forma, julgamos equivocadamente os Adeptos e sobre eles também lançamos nossos juízos equivocados. **Porque se não é possível julgar retamente os atos do próximo comum e corrente, muito menos é possível julgar os atos dos Adeptos de forma correta.** Normalmente, temos tendência a atirar lama contra os Adeptos. Da mesma forma como atiramos lama contra nosso próximo, também atiramos lama contra os Adeptos da Irmandade Branca. Por isso, estes têm sido crucificados, envenenados, metidos na prisão, apunhalados, perseguidos... É muito difícil julgar um Adepto. Por isso os convido, nessa noite, à reflexão, a não se deixarem levar, jamais, pelas aparências, porque as aparências enganam, e não impingirmos nossos defeitos a ninguém. (Cátedra “O Juízo para com os Demais”).

Os facínoras do Gnosticismo – normalmente fanáticos e santarrões, fariseus irredimíveis – diziam que a Mestra estava caída e não-sei-quê de infâmias mais. Chegou o momento em que, imagino, cansaram a Mestra com tantas falácias e infâmias, a ponto de levá-la a falar sobre as coisas sagradas, ou melhor, forçaram-na a dizer o seguinte:

- Vejam o que me forcem a dizer: Dizem que estou caída e eles, nenhum deles, dormiram comigo; isso poderia ser dito pelo próprio Mestre, o esposo da mulher que seja, mas outro particular, com que direito? Porém, é um atrevimento, e ainda mais alguém que está entregando um conhecimento. Não devem andar julgando as vidas alheias, os matrimônios alheios. Nenhum direito têm de me acusar, nem de acusar a ninguém. E, quem são eles?

Terrível, não? Na verdade, eu não queria estar no lugar daqueles que forçaram à Virgem do Tribunal do Carma a dizer estas coisas.

Continuam vivas as palavras do Mestre Samael, ditas em Consciência Cristo, obra de 1952:

As piores maldades que conheci na vida, vi-as nas escolas espiritualistas. Parece incrível, mas entre o óleo da mirra e o incenso da paz também se esconde o delito. Os devotos escondem seus delitos entre o sigilo de seus templos. Os profanos têm o mérito de não esconder o delito. Os devotos **sorriem cheios de fraternidade e cravam o punhal da traição nas costas de seu irmão.**

Em certa ocasião, durante uma viagem à França, em meu sonho noturno me foi mostrada a época em que o Mestre Samael teve a personalidade do major Daniel Coronado (Dorado de Villa) e nossa Chefinha era, como sempre, sua esposa. Chamava-se Ligia Francisca e a chamavam de Ligia Paca, ou simplesmente, dona Paca. Ambos eram nativos de uns ranchos próximos à cidade de Hermosillo-Sonora, México.

Um daqueles que se dizia discípulo do Mestre se ufanava de que este havia falado que, naquela época, se conheceram em Hermosillo e que era *leguleyo*¹⁵. Por certo, nesta vida também permaneceu com pouco entendimento acerca de leis, já que nunca concluiu sua carreira. Pois bem, nessa noite foi demonstrado que a citada pessoa pretendia penhorar uma máquina de costurar, que dona Ligia Francisca havia comprado a prestação, para costurar roupas alheias, pois eram muito pobres. Como Dom Daniel não fez os pagamentos correspondentes com o dinheiro que sua esposa lhe deu porque o desviou para outros fins, logicamente, o *leguleyo* veio cobrar, mas de uma forma ofensiva e sem entender as razões.

A verdade é que dom Daniel queria destroçá-lo ali mesmo (porque o *Avô*, então, era terrível). Porém, por sorte, naquele momento, estava em sua casa um amigo, que se encarregou de expulsá-lo, golpeando-o com um pau que apanhou na cozinha. E como o citado amigo era pessoa endinheirada e ademais conhecido por sua crueldade, a situação ficou nisso. Ao parecer,

¹⁵ Nota do Tradutor: “Legulleyo” é uma pessoa que trata de leis apesar de conhecê-las muito pouco. Tal denotação não pode ser confundida com o termo em Português “rábula”, pois, contrariamente, este termo significa, segundo o Dicionário Houaiss: “advogado muito falador, porém de poucos conhecimentos; incompetente; pessoa que advoga sem ser formada em Direito”.

posteriormente, pagaram as prestações da máquina de costura.

Depois, foi mostrado como esse *leguleyo* traiu, em Roma, o Mestre (encarnado como Júlio César) e quis matar a sua esposa, ainda que na atual vida tenha ostentado e propalado exageradamente aos quatro cantos que foi muito fiel ao Mestre naquela época. No entanto, claramente se viu como aproveitou as circunstâncias da trágica morte de César para fazer-se passar por quem não esteve envolvido na conspiração e, ademais, capitalizou em seu benefício a traição na qual ele mesmo estava metido.

Em seguida apareceu uma sucessão incrível de encarnações dos principais discípulos do Mestre, alguns que inclusive receberam poderes e maestrias nesta encarnação. E via-se claramente que, na realidade, sempre o haviam traído, uns no Oriente Médio, especialmente no Egito, outros na Europa, várias vezes e em vários lugares, era aquilo uma sucessão de traições e coisas infames contra o Avô e a Mestra.

Naquela manhã despertei com um gosto ruim na boca, farto de sonhar tanta porcaria cometida contra os Senhores. Tive a sorte de conversar com a Chefinha antes do café-da-manhã, que me confirmou, ponto por ponto, tão terríveis sonhos. Afirmou-me que o Avô, como na verdade tinha o Cristo em seu coração, deu a oportunidade aos que o traíram ao longo da História para que nesta vida se emendassem e pagassem seus carmas. Não obstante, desperdiçaram a oportunidade. Ela concluiu suas observações dizendo que (como evidentemente ela, sim, recordava de todos):

- *Por isso falo o que quero, com quem eu quero e até onde quero.*

A realidade é muito notória: nossa vida infernal – interna e externa – é manifesta. Somente sendo muito teimosos não queremos dar-nos conta. De tais “discípulos” do Mestre, não ficou nenhum daqueles que serviriam à nossa Mestra. Pelo contrário, com grande ostentação a traíram, deram às costas à viúva do Senhor Samael *Sabaoth*.

Daqueles tempos, só um missionário¹⁶ seguiu e segue servindo à

¹⁶ Nota do Autor: Refiro-me ao Sr. Gabriel Muñoz, atual Chanceler da Sede Mundial das Instituições

nossa Senhora Litelantes. (Antes de seguir o VM Samael, tal missionário foi discípulo do outro Senhor da Lei, quando este ainda “estava bem”, quer dizer, antes que virasse as costas à Mestra também).

Monastérios

Nossos Mestres Litelantes e Samael estabeleceram três monastérios: México¹⁷, Canadá e Espanha.

Em várias ocasiões, acontecia o fato de os diretores do Monastério de Guadalajara se rebelarem e se apropriarem do lugar vigente, tão logo perdessem o cargo. Alguns fundaram suas novas instituições com os bens e relações que haviam feito à custa da Instituição, isto é, fundaram ou estabeleceram suas escolas num ato que, em Direito, é chamado de delito de abuso de confiança.

Eram características de tais diretores suas mitomanias, hipocritamente ocultadas, ou bem manifestadas. Eram e seguramente são propensos ao sutil autoelogio. Acreditavam que a frase do ritual: “Benditos sejam os que lhes amem e lhes sirvam” (aos Mestres) se refere somente a eles.

Também, consideram que eles, e exclusivamente eles, servem aos Mestres, pois afirmam que “os missionários antigos são e seguirão sendo um perigo”. Com isso, buscam ter instrutores que se dobrem aos seus caprichos e às suas formas de pensar.

Cada vez que aparece algum novo hipócrita fariseu – que como é natural, crê-se iluminado – este sempre ataca os missionários antigos, enfurecendo-se com os da América do Sul. É evidente que os missionários mais antigos são nossos Mestres Litelantes e Samael Aun Weor e precisamente, vêm do Sul. Graças aos missionários antigos é que estamos neste ensinamento; tanto os “grandes iluminados” que são os fariseus e traidores, como o povo que somos nós. Além disso, o perigo de traição está presente em missionários antigos e modernos, razão pela qual que tal “argumento” não resiste a uma análise.

Gnósticas, Sede Patriarcal do México.

¹⁷ Nota do Autor: Em Guadalajara.

Normalmente, tais diretores rebeldes afirmavam que eles haviam feito um grande bem à Instituição; que haviam preparado centenas ou milhares de instrutores; que a Sede Mundial não tinha consideração etc.

Na última ocasião em que ocorreu a rebelião sob a forma do delito de abuso de confiança, nossa Mestra, pessoalmente, fez um requerimento para ser entregue ao monastério de Guadalajara.

Em tal evento, o facínora responsável não só não o entregou como ainda, seguindo as instruções da antiga coordenadora de instrutores – que se rebelou contra, além de sua Mestra, sua própria mãe – chamou a polícia para que nos apresentássemos perante o Ministério Público, para denunciar invasão de domicílio.

Evidentemente, a polícia não encontrou provas de arrombamento, pelo contrário, recorde que o sargento responsável, quando se deu conta de que estavam pedindo para meter no cárcere a viúva daquele que fundou essa escola (dentre outras), disse-me: - Vá fazer a denúncia por abuso de confiança, doutor, e para mim será um prazer prender estas pessoas (referindo-se aos traidores que ficaram com o monastério).

Depois, disseram que foi a esposa do mencionado facínora quem chamou a polícia. No entanto, o fato de que a coordenadora não se comunicou com sua senhora mãe, nem tampouco deu instruções para que entregassem as instalações monásticas, evidencia de forma inquestionável que ela também esteve na conspiração.

Aqui podemos citar o que diz o Talmude: “Por que os filhos dos sábios raras vezes são sábios? Para que ninguém possa dizer que a ciência se transmite por herança” (Nedarim 81).

Depois deste lamentável fato, durante o Congresso de Cuernavaca, a Mestra solicitou a ajuda dos estudantes para adquirir um monastério próprio, pois os outros monastérios eram alugados em nome dos diretores que, lamentavelmente, pagaram com a moeda com que paga o diabo.

Em tal ocasião, logrou-se adquirir um imóvel em Guadalajara, com o esforço e a ajuda de todos. Por questões legais, o dito lugar

(p. 216) foi colocado em nome de um estudante a fim de que este o transferisse posteriormente para o nome da instituição, o que não foi feito em quase dez anos, talvez, por falta de recursos. Há outros bens que não estão no nome da instituição que evidentemente foram adquiridos e se mantêm com o esforço de todos. Esperamos que os aparentes proprietários se movimentem e façam o que é justo, pois ações são feitas por amor e não por boas intenções; devemos obedecer aos nossos Senhores, custe o que custar.

Como alguns tiranos tinham as nomeações e hierarquias formais dentro das instituições que, em seu dado momento, legalmente entregavam este conhecimento, a partir do incidente de rebeldia na entrega do Monastério de Guadalajara, criaram-se novas instituições e, portanto, os documentos anteriores ficaram com os traidores.

Na realidade, desde antes desse fato já tínhamos instrução de criar novas instituições, o que a Chefinha me fez saber, aproximadamente um ano antes de ocorrer esse incidente, pois já sabíamos que sua filha e demais sicofantas e corifeus pretendiam dar-lhe as costas.

No momento apropriado, criou-se o Instituto Gnóstico de Antropologia, A.C., ao qual pertencemos como autoridades, tanto a Chefinha como minha pessoa, até quatro meses antes de sua morte (pois foi em outubro de 1997, quando se firmou a ata respectiva). O dito Instituto foi fundado com a ideia de entregar o ensinamento, tal como deixara o Venerável Mestre Samael Aun Weor, e servir a humanidade, sem fazer da *Gnosis* um negócio¹⁸.

Nossa Mestra insistia que nos monastérios devem-se formar missionários que realmente sirvam à humanidade e não se sirvam dela, pois a *Gnosis* não é um negócio, mas a *chama ardente de*

¹⁸ Nota do Autor: Os atuais dirigentes do Instituto supracitado seguiram outro caminho. Atualmente, continua se cumprindo a vontade da Mestra por meio da Instituição Cristã-Gnóstica Litelantes e Samael Aun Weor, A.C. (ICGLISAW), aqui, no México, e no exterior com suas correlativas associações civis, bem como a “Litelantes and Samael Aun Weor Christian-Gnosptic Church” (Igreja Cristã-Gnóstica Litelantes e Samael Aun Weor), todas afiliadas à Sede Mundial das Instituições Gnósticas, à Sede Mundial do México ou Sede Patriarcal do México, de onde sempre reverenciamos os Nomes de nossos Sagrados Mestres.

onde saem todas as Religiões. Nosso Mestre Samael também declarou: - Fora as finanças do Gnosticismo Universal.

Aconteceu que, em uma época, houve quem – mesmo estando ao lado da Mestra – a contradizia, e afirmava que o missionário tinha direito de “comer do altar”. Ao que a Mestra replicava:

- *Pois que comam as tábuas!* Insistia no ponto em que os instrutores deveriam trabalhar, terem um modo honesto de viver, pois o Mestre sempre trabalhou para mantê-la e também a seus filhos. Pode-se dizer que o próprio Mestre chegou a solicitar ajuda dos estudantes (principalmente para responder à correspondência); e, efetivamente, assim o fez, mas pedia o óbolo e não dízimo. E se atendemos a seu significado, o óbolo é uma quantidade exígua com que se contribui para um fim determinado.

O fato é que a Mestra ressaltava firmemente que os instrutores deveriam trabalhar, e não que fossem mantidos pelos outros. Ela nunca solicitou dízimos.

A Mestra também disse que não pedissem cotas aos estudantes, que não se deveria cobrar pelo ensinamento. A única coisa que era exclusivamente legítima era pedir uma colaboração mínima para o caso dos que fazem o curso de instrutores, nos monastérios. Esses, sim, deveriam fazer um esforço para cobrir as despesas. A força das Instituições Gnósticas é dada pelos Mestres da Força e demais Hierarquias Brancas, mas não pelo dinheiro ou os dízimos.

Ademais, toda Segunda Câmara tem a raiz de sua força na transmutação de seus membros; assim sucede com as Instituições Gnósticas cuja força – insistimos – não se radica nas finanças.

Enfim, nossa Mestra reiterou até o cansaço que não se deveriam pedir cotas aos estudantes, mas se eles, de boa vontade, quisessem cooperar para os fins comuns, era bem-aceita tal colaboração. Somente por ocasião da compra de um monastério próprio em Guadalajara consta-me que ela pediu a ajuda dos estudantes.

A Mestra também insistia que os instrutores devem entregar o ensinamento com amor, pois assim o entregara o Mestre; que não

se deve tratar ofensivamente os estudantes; que não se deve aplicar sanções ou expulsá-los, senão por ofensa às mulheres do grupo, por falar mal do ensinamento ou dos Mestres, ou ainda por grave falta de respeito com os instrutores.

Recordemos as palavras de nosso Senhor Samael, quando em seu “Curso Zodiacal” se refere a isso, em sua Dedicatória:

As escolas já deram o que deviam dar; os centros de sabedoria se converteram em salas de aulas de negócios; cada uma com seus tiranos que proíbem os seus adeptos e dirigidos que se lancem em busca do saber; aqui as proibições, ali as excomunhões e ameaças e sempre vão deixando para amanhã a palavra de passe, o amuleto que salva, o *non-plus-ultra* dos segredos que nenhuma outra escola possui. E os adeptos, ansiosos, aguardam por séculos os sequazes empedernidos.

Nós não queremos idólatras de senhores, nem nos interessam os sequazes. Nós somos postes de indicação. Assim, que não se apeguem a nós, porque nosso labor não é o proselitismo. Indicamos com pensamento lógico e conceito exato o caminho a seguir, para que cada qual chegue até seu Mestre Interno, Àquele que mora em silêncio, dentro de cada um de vocês. Informamos que a sabedoria pertence ao Íntimo e que as virtudes e os dons não são assuntos concernentes a poses ou fingidas mansidões. Ao contrário, são realidades terríveis que nos convertem em poderosos e gigantescos carvalhos, para que se estilhacem contra nossa vigorosa personalidade os vendavais do pensamento, as ameaças dos tenebrosos, a inveja dos tiranos e o contubérnio dos malvados.

A instrução que a rigor dava nossa Mestra aos missionários era que entregassem o conhecimento **tal como o entregara o Mestre**, pois, desafortunadamente, alguns gostam de misturar outros ensinamentos esotéricos, ou “interpretar” o ensinamento do Mestre segundo seu próprio cristal egoico, através do qual veem.

O Mestre Samael já revelou o oculto e é completamente absurdo revelar o revelado.

Efetivamente, o Mestre escreveu para todas as pessoas, “sem distinção de sexo, raça, nacionalidade, religião ou crença” etc., segundo tantas vezes afirmou, pois o Sol nasce para todos e o Cristo nos ama igualmente. Por isso se encarnou em nosso Bendito

Senhor Samael, para entregar as chaves que “qualquer cidadão” pode aplicar para lograr a autorrealização íntima do Ser.

A Venerável Mestra Litelantes foi muito clara, quando disse:

- Nosso Senhor Jesus Cristo entregou o ensinamento e o Mestre Samael o explicou.

Quer dizer, o ensinamento gnóstico do Venerável Mestre Samael Aun Weor revela o oculto, esclarece sem subterfúgios os grandes mistérios crísticos; portanto, não requer interpretação posterior.

Os processos de meditação, oração e alquimia foram simples e sabiamente explicados pelo Venerável Mestre Samael, e não necessita adicionar-lhes cargas que nós mesmos não estamos dispostos a carregar.

Por último, a Mestra disse também que não se deveria chamar missionário, mas instrutor, porque missionário é uma palavra muito elevada, e que o instrutor deveria conquistar esse atributo de missionário.

Estes parágrafos da citada dedicatória da obra “Curso Zodiacal” nos resume o que os Mestres realmente buscam ao entregar o ensinamento:

Não nos interessa o dinheiro de ninguém, nem nos entusiasma as cotas, nem as salas de aula azulejadas, de cimento ou de barro porque somos assistentes conscientes da Catedral da Alma e sabemos que a sabedoria é da alma. As adulações nos enfastiam e os louvores só devem ser para nosso Pai, que vê em segredo e nos vigia minuciosamente.

Não andamos em busca de seguidores; só queremos que cada qual siga a si mesmo, a seu próprio Mestre Interno, a seu sagrado Íntimo porque Ele é o único que pode nos salvar e nos glorificar. Eu não sigo ninguém, portanto ninguém deve me seguir. Os homens prodigalizam sabedoria humana e o nosso Pai, o pão de vida. A Verdade é o que nos libertará. Aquele que a segue se converte em caudilho de si mesmo e em bem-aventurado.

Não queremos mais comédias, nem mais farsas, nem falsos misticismos e nem falsas escolas. Agora queremos realidades vivas e nos preparar para ver, ouvir e apalpar a realidade dessas verdades.

Empunhemos a espada da Vontade para romper todas as cadeias do mundo e nos lançamos intrépidos a uma batalha terrível pela liberação porque

sabemos que a salvação está dentro do homem.

História da Gnosis

A *Gnosis* se perde na noite dos tempos, como o próprio Mestre Samael o assinala, mas podemos considerar que como Movimento Gnóstico, quer dizer, como o Gnosticismo, surgiu nos primeiros seis séculos da Era Cristã. Naqueles tempos, houve uma profusão de escolas ou seitas gnósticas; esta é uma realidade histórica. Também é uma realidade que os gnósticos foram os primeiros a aplicar a filosofia grega – principalmente neoplatônica – ao Cristianismo.

Disse-nos o Venerável Mestre Samael Aun Weor que o primeiro gnóstico foi nosso Senhor Jesus Cristo, que era essênio e entregou o resumo, a síntese do conhecimento redentor da humanidade e representou, no mundo físico, o drama cósmico da cristificação e a ressurreição.

A Doutora em História Elaine Pagels, em sua obra *Os Evangelhos Gnósticos* (que versa sobre os Evangelhos de *Nag-Hammadi* e os primeiros tempos do Cristianismo-Gnosticismo) afirma que nesses primeiros tempos houve mais seitas gnósticas do que as seitas cristãs do passado século XX, e que o número ultrapassava cinco mil.

Como é possível que com tão pequena população, como é o caso dos primeiros tempos do Cristianismo, existisse tanta seita gnóstica? A que se deve esse fenômeno? Essa explicação podemos encontrar na História do Movimento Gnóstico do presente, pois tanto naquela época como agora muitos se creram e se creem mestres, formando sua seita, estabelecendo sua escola, tal como agora estamos vendo. Afastavam-se, pois, das raízes de onde vem o conhecimento; afrontavam os verdadeiros Mestres e criavam suas próprias escolas, ou melhor, “apropriavam-se” das escolas fundadas pelos Mestres, degenerando o ensinamento e tornando-o um meio de negócio. Em conclusão, no final do século IV vimos uma degeneração terrível das distintas seitas gnósticas.

Assim é esta humanidade da época do Kali Yuga, uma humanidade que aborrece os Mestres. Disse o Mestre Samael:

A humanidade sempre mata os profetas; a humanidade não gosta dos iluminados; a humanidade só gosta dos imbecis; daí que, a condição indispensável de que se necessita para ganhar aplausos é se tornar imbecil. A humanidade crucificou o Cristo e libertou Barrabás. Aos campeões de boxe chovem os aplausos porque sabem dar socos. Essa é a humanidade!

Estamos vendo, no início deste milênio, como os artistas são ídolos e grandes personalidades. Assim também tem sucedido dentro do Movimento Gnóstico o aparecimento de “artistas”, os que gostam de *show*, são aqueles que dizem aos estudantes: vocês são maravilhosos, são anjos encarnados, eu vejo que você é filha de anjo tal, e você, filho de um arcanjo etc. Essas pessoas, que gostam de enganar as outras, são as que conseguem ganhar dinheiro e organizar escolas muito bem montadas, e se fazem passar por grandes mestres, utilizando o ensinamento do Avatar.

Vemos, pois, que os velhacos do intelecto continuam dentro da *Gnosis*. Não é certo que os velhacos do intelecto sejam exclusivamente os que estão fora da *Gnosis*. Já eram velhacos intelectuais e continuam sendo, só que agora empregam o ensinamento regenerador para seus ludibriantes fins, isto tem sido muito evidente.

A raiz das dissensões e da multiplicação de seitas na época do gnosticismo cristão ou pós- cristão, e a raiz das divergências que existiram no século passado, na *Gnosis* do século XX, trazida e entregue pelos nossos queridos Mestres Litelantes e Samael Aun Weor, continua sendo a mesma: o orgulho, a vaidade, a pretensão descabida de nos considerarmos superiores aos Mestres.

Todos temos dentro de nós uns 97% de personalidade demoníaca; se fosse pelo demônio, pelo ego que temos dentro de nós, ele mesmo se sentaria no Trono do Altíssimo e o expulsaria de lá.

Exemplo disso é o de Luzbel, que se rebelou contra Deus, Nosso Senhor, para se sentar no Trono do Altíssimo, de seu Pai, porque se

viu maior e com mais méritos que Ele. Só que encontrou um obstáculo: a própria vontade do Altíssimo, a de Miguel e de suas hostes.

Todos nós temos um Luzbel em nosso interior! O Mestre Samael nos disse muito claramente que no microcosmo interno, nós temos todas as distintas partes da Loja Branca, os distintos Mestres, os distintos Apóstolos. Assim também, dentro de nós, em nossa atitude demoníaca, temos a representação dos distintos demônios que há no macrocosmo. Portanto, temos o Luzbel interno e também o arcanjo São Miguel ou o Miguel Interior.

Nosso Luzbel e essa hoste maligna que temos em nosso interior sempre buscam nos tirar do ensinamento e pretendem ser superior aos Mestres. O orgulho e a vaidade fazem com que nos consideremos grandes heróis, superiores aos próprios Mestres que nos deram luz e vida neste ensinamento. O orgulho é o que nos motiva a julgar as decisões do Mestre Samael: Por que o Mestre Samael deixou a Mestra Litelantes encarregada das Instituições?

Recordemos o tristemente célebre Congresso da Venezuela – realizado quando estava recém-desencarnado o Mestre Samael – onde os muito “iluminados senhores” que estavam dirigindo o congresso pediram ao povo gnóstico que, por meio dos aplausos do público se definisse quem ia ser o novo Diretor das Instituições Gnósticas, o novo Patriarca. Pretendiam, dessa forma, contrariar a vontade do Mestre de que sua esposa dirigisse as Instituições Gnósticas. Curiosamente, os aplausos não a favoreceram, porque – como dizia o Mestre – esta humanidade aplaude os imbecis. Por fim, sobraram “luzbéis” naquele congresso.

O que ignoravam os pseudossábios do Gnosticismo é que, quando o Mestre Samael estava para desencarnar, insistia com nossa Mãezinha Litelantes – como ela abertamente o expressou – que se encarregasse da instituição.

Nossa Mestra lhe dizia que preferia criar porcos – como o fez em sua infância e juventude, para ganhar a vida – a dirigir os gnósticos, que eram pessoas muito ingratas. Ela sugeriu várias vezes ao Mestre que ele colocasse um de seus amigos, pois ela não queria

saber de nada dos gnósticos.

Comentava a Chefinha que o Avô lhe dissera claramente: - Não faça isso... bem sabe você que já está decidido lá em cima! Isto posto, a Mestra deixou de objetar e teve de aceitar a encomenda.

Muitas vezes a escutei dizer: - *Por andar como faladora* (quer dizer, pelas palavras fortes que disse contra os sediciosos gnósticos) *tocou-me esta responsabilidade. Só porque dei minha palavra a um morto sigo à frente disto, porque se o Avô se apresentasse, agorinha mesmo, entregar-lhe-ia tudo.* Certamente brincando, um amigo disse-lhe, a propósito destas palavras: - E crê você, Dondita, que com essas ameaças o Mestre irá se apresentar?

Alguém me comentou em certa ocasião: - Está louco, a Mestra Litelantes é uma Mestra comum e corrente! Então eu lhe disse: - Apenas em tua obtusa mente podes considerar isso. Como poderias crer que a um Senhor Avatar vão lhe colocar uma Mestra ordinária como mulher?

Curiosamente, aqueles que, sim, eram Mestres comuns e correntes, aqueles a quem o Mestre Samael tornara Mestres e presenteou dons, desprezaram a mulher de nosso Senhor – aquela que o levantou, a Mestra do Mestre – e em vez de se colocarem às suas ordens, em vez de servir-la, atacaram-na, ofenderam-na, humilharam-na, injuriaram-na, despojaram-na.

Recordemos a sentença de Jeová, expressa pela boca de Moisés, no Deuteronômio: “Malditos os que espoliem o direito dos estrangeiros, das viúvas e dos órfãos”... Assim, seguindo São Paulo: **que Deus lhes pague segundo suas obras** a todos os pseudossábios do Gnosticismo; àqueles que deram as costas à viúva do Mestre; àqueles que alteram o ensinamento dos Mestres; àqueles que pedem dízimo e lucram com o sagrado. Em verdade, receberão seus pagamentos.

Dizem alguns que os referidos personagens continuam sendo Mestres; digamos que sim, mas de Mistérios Inferiores (esclareço: meus respeitos para os Senhores de Abaixo, que estão definidos no mal e não utilizam o ensinamento do Mestre para atacar a sua viúva). Porque, na realidade e de verdade, ninguém está mais

próximo de ser anjo do que o que está próximo de ser demônio e vice-versa.

Aqueles que trilhavam realmente o caminho para conquistar o estado angélico foram-se para o polo contrário; pois se ofendem e atacam a esposa de seu Senhor, acaso não foram ao lado inverso? Efetivamente, apegaram-se ao polo contrário, cegos guias de cegos. Essa é a crua realidade dos fatos!

Onde ficou o carinho desses grandes senhores pelo Mestre Samael? Não é certo, que tivessem tido apreço ao Mestre, se desprezam a sua mulher; como também não é certo que tenham apreço pela mulher, se desprezam o seu marido.

Moisés disse primeiro, e nosso Senhor Jesus Cristo reiterou que, no matrimônio os cônjuges se tornam um só ser, uma só carne. A isto podemos adicionar a impossibilidade de qualquer desculpa, para os que seguem a Senda do Lar Doméstico, que não se poder atacar impunemente a esposa- sacerdotisa daquele que entregou a chave do “Matrimônio Perfeito”.

A realidade das coisas é que a História da *Gnosis* do século XX é uma repetição do que se sucedeu nos primeiros séculos da era cristã, quando os insurgentes mestres deram às costas aos verdadeiros Mestres Valentinianos (herdeiros da *Gnosis* em Alexandria). E, de acordo com isso, seguiram seu pai (seu pai diabo, como dissera nosso Senhor Jesus Cristo) e fundaram suas escolinhas.

O maligno, o inverso que levamos dentro de nós, busca por todos os meios tirar-nos do ensinamento; e a forma mais fácil é começar falando mal do Mestre e do instrutor e, de outra maneira, fomentar o orgulho místico, a mitomania. Assim é que uma pessoa se auto-engana e se considera muito grande, acha-se maravilhoso, um anjo encarnado, e coisas desse calibre.

O maligno sabe que aqui, neste ensinamento, ele não tem futuro porque se seguíssemos a *Gnosis* ao pé da letra (escutando as conferências e lendo as obras do Mestre Samael) o seu fim seria a morte indiscutível e absoluta. Mas, somos em 97% malignos, isto é, demônios, e não nos interessa que o Pai Interno e suas hostes

angélicas substituam essas trevas que levamos dentro de nós. Por isso, o maligno busca por todos os meios fazer-se passar por santo, por um ser inefável, maravilhoso e extraordinário. Conseqüentemente, se uma pessoa é muito santa, muito exaltada, grande fariséia, “Mestra” de mistérios maiores, simplesmente está se condicionando a criticar os outros Mestres: “Litelantes é um Mestre comum e corrente”, como dissera aquele facínora.

Dessa forma, o ego animal começa a ofender os Mestres, depois acredita ser, ele mesmo, um Mestre (e em verdade o ego se crê Mestre, crê que é maravilhoso).

O ego começa a fazer das suas desde que se entra neste ensinamento; quando nos damos conta deste profundo conhecimento, das coisas maravilhosas da sexualidade transcendente (diga-me que classe de sexo praticas, e dir-te-ei quem és) e falamos: - Quão importantes somos, nós, sim, sabemos! Nós somos melhores que o pobre bêbado que vai pela rua, ou esse tonto que vai a um prostíbulo; somos muito melhores, somos incomparavelmente mais elevados, temos este conhecimento.

Em seguida, quando passamos para a Primeira Câmara dizemos acerca dos recém-chegados: - Pobres neófitos, não sabem nada.

Ao entrarmos na Segunda Câmara, dizemos: - Que maravilha, que coisa gloriosa, que coisa tão extraordinária! Olhe os pobres que estão apenas chegando, são uns ignorantes, pois já participamos da Segunda Câmara; e nos cremos muito importantes, muito elevados, muito avançados nestes estudos.

Depois vem o seguinte passo - após tomar a decisão de ser instrutor, diz a pessoa a respeito dos demais: - Pobre gente, eu sim que sou um instrutor, um senhor missionário, sou um guerreiro de Aquário que vou conquistar o mundo, sou algo maravilhoso! Estes pobres... bom, cabe a mim ajudar a pobre humanidade e tirá-la do “despenhadeiro egoico” em que se encontram, do Abismo em que se encontram; sou muito, muito importante.

E se o instrutor apenas tem dois ou três estudantes, em um povoado paupérrimo situado além, no mais extremo do país, diz: Como é possível que eu esteja aqui? Dou tão boas conferências,

deveria estar em outro lugar, em Guadalajara pelo menos, em vez de estar aqui com três pessoas; mas não importa, meu Real Ser é muito importante e muito elevado, mais elevado, seguramente, que o do Mestre Samael.

Na realidade, alguns estudantes que chegam pela primeira vez às conferências públicas têm mais pureza que muitos que já têm anos e anos nestes estudos.

Na verdade, há muitos Senhores encarnando em seus filhos, que são seguidores deste ensinamento; normalmente, não são grandes conferencistas nem altos jerarcas, porém, pessoas simples, que não falam como papagaios de suas experiências internas, nem exploram a humanidade. Ao contrário, são bons pais de família que ajudam silenciosamente na difusão deste conhecimento e que, jamais, pensariam mal dos Mestres.

Disse o Mestre Samael em seu “Curso Esotérico de Cabala”:

Muitas vezes, chegam aos Lumisiais gnósticos um homem ou alguma mulher buscando o luzeiro divino da verdade.

Aparentemente, o recém-chegado é um principiante, mas, os irmãos ignoram o que é a alma daquele homem; pode ser um Bodhisattva (a alma de algum Mestre) que quer regressar a seu Pai que está em segredo.

Os irmãos se assombram quando algo superior ocorre ao aparente principiante e então dizem: Nós, que somos mais velhos nestes estudos não temos passado pelo que essa pessoa está passando. E se perguntam: - Como é possível que esse, que apenas começou, presume-se iniciado.

É necessário não julgar para não ser julgado, porque “com a vara que medirdes, sereis medidos”. Necessitamos ser humildes para alcançarmos a sabedoria e depois de alcançá-la devemos ser ainda mais humildes.

Os Boddhisattvas dos Mestres caem pelo sexo. Os Boddhisattvas dos Mestres se levantam por meio do sexo.

Há outra classe de pessoas que diz: - Eu não sou tonto de não seguir a Mestra simplesmente porque é a esposa do Mestre. Agora, eu vou pôr “minha muito alta e muito importante fidelidade” aos pés da Mestra. E, efetivamente, pude vê-los como vinham, com sua

“grande humildade”, quer dizer, com sua real e grande auto-importância, colocando “sua muito profunda e exaltada fidelidade” aos pés da Mestra. Tudo isso o temos visto e vivenciado também.

Logo, seguem aqueles que possuem um cargo dentro da instituição, que creem que a hierarquia externa equivale à interna. Ora, nossa Mestra claramente afirmou – e ao seu lado, minha pessoa repetiu até o cansaço – que quanto mais alto tiver a hierarquia na Instituição, maior é a dívida cármica que tal pessoa tem. Portanto, é dada à pessoa uma oportunidade de pagar, servindo à humanidade. Contudo, não é por grandes méritos que se tem um posto, uma hierarquia institucional. No entanto, brigam entre si buscando a supremacia hierárquica e lambem os pés dos superiores para conseguir sua consideração e cargos. O ego (o diabo interior) continua “metendo o rabo” em todo lugar.

Realmente, os inimigos da *Gnosis* não têm que mover um dedo contra ela, pois os gnósticos brigam entre si mesmos até o cansaço.

Os inimigos da *Gnosis* estão, verdadeiramente, entre as filas do próprio Gnosticismo.

Como sempre, tinha razão nosso Mestre quando afirmava que com este ensinamento a pessoa se converte em águia ou serpente (rasteira, inversa – é óbvio), em anjo ou demônio.

Recordemos as palavras do Mestre Samael, em seu “Curso Esotérico de Magia Rúnica”, quando comenta que na antiga civilização lunar, na mesma idade...

...na qual nós, os terrícolas, chegamos a cumprir uma missão semelhante a que estou cumprindo nestes momentos, neste planeta em que vivemos.

Ensinei às pessoas da Lua a Religião-Síntese contida na Pedra Iniciática (o sexo), a Doutrina de Jano (I A O) ou dos jinas. Acendi a chama da Gnosis entre os selenitas, formei um Movimento Gnóstico, semeei a semente. Porém, digo-vos que parte da semente caiu junto ao caminho e vieram as aves terrestres e as tragaram.

Uma parte caiu entre pedregais e discussões, teorias e ansiedades, onde não havia pessoas reflexivas, profundas; não resistiu à prova do fogo e secou diante da luz do Sol; não tinha raiz.

Outra parte caiu entre espinhos, **entre irmãozinhos que se feriram uns a**

outros por meio da calúnia, da fofoca etc.; os espinhos cresceram e as afogaram.

Afortunadamente, não se perdeu meu labor de semeador porque uma parte caiu em boa terra e deu fruto como cem por um, como sessenta por um e como trinta por um.

Na *Deva-Matri*, *Aditi* ou Espaço Cósmico, dentro da Ur rúnica, entre o microcosmo homem-máquina, ou melhor dizendo, “animal intelectual”, existem muitas faculdades latentes que podem se desenvolver à base de tremendos superesforços íntimos.

Na antiga Lua, antes que esta se convertesse em um cadáver, aqueles que aceitaram a Religião-Síntese de Jano foram salvos e se transformaram em anjos. No entanto, a maioria, os inimigos do Maithuna, os que rechaçaram a Pedra Iniciática (o sexo) se converteram nos lucíferes de que fala a Bíblia, demônios terrivelmente perversos.

Resta dizer que nunca falta uma terceira posição: no apocalipse lunar, certo grupo frio (demônios) tornou-se quente e aceitou o trabalho na Nona Esfera (o sexo). A essas pessoas lhes deram uma nova morada, para que trabalhassem com a pedra bruta até dar-lhes a forma cúbica perfeita. “A pedra que os edificadores desprezaram veio a ser cabeça do ângulo; pedra de tropeço e rocha de escândalo”.

As Tendências do Ego

Para as gerações futuras convém ter com exatidão estas maravilhosas palavras do Mestre Samael, ditas em sua cátedra “O Lado Oculto de Nossa Lua Psicológica”, cuja versão completa de 75 minutos, normalmente se desconhece. Precisamente, os últimos 15 minutos, ao responder à pergunta de um estudante, disse:

Há uma marcada tendência de se converter este maravilhoso ensinamento, em novos códigos de moral. Todos nós temos a tendência de fazer com que esses códigos sejam respeitados. Todos nós queremos estabelecer códigos morais a fim de nos ajustarmos a eles.

Com o passar do tempo, esses códigos resultam absurdos, obsoletos, torpes, convertem-se em garrafas nas quais a mente fica aprisionada. Em tal caso, advém o fracasso no trabalho da eliminação do ego.

De nada serve a moral convencional das pessoas. O melhor é que marchemos de acordo com os princípios da sabedoria, que devemos encontrar dentro de nós mesmos, aqui e agora.

De nada servem tantos dogmas. A única coisa que serve a alguém na vida é a auto-observação psicológica.

Bem sabemos que a energia criadora deve ser transmutada, não porque se diz para não fornicarmos, mas por observação psicológica.

O homem que transmuta sua energia consegue desenvolver seus fogos espinhais, adquire seus corpos solares, converte-se em um Logos. Mas isto é uma questão de conhecimento maduro, direto, uma questão de observação própria.

Sempre existe a tendência de **nos apropriarmos da sabedoria, para acomodá-la a nossos caprichos**. Cada qual quer acomodar a sabedoria a seu modo para justificar seus delitos.

São poucos os que sabem ser imparciais. Somos parciais por natureza ou por instinto. Da parcialidade resulta o erro. Quando uma pessoa é parcial não sabe se relacionar com os demais.

Temos que amadurecer para sair de tantos códigos morais, tornarmo-nos revolucionários e marcharmos pelo caminho da rebeldia psicológica. Quando nos orientamos pelos códigos de moral obsoletos e torpes não sabemos o que nos falta e nem o que nos sobra.

Creemos possuir o que não temos e o que não cremos possuir é o que temos. Necessitamos iluminar mais o fundo desconhecido de nosso interior, porque vivemos em uma pequena fração de nós mesmos, em uma pequena parte de nós mesmos; **não aprendemos ainda a nos ver tal qual somos**.

O que não é devidamente compreendido se converte em normas frias e fixas, dentro das quais a mente se engarrafa, advindo o estancamento. Somente por meio da superação desses obstáculos se pode lograr a libertação.

Por todas estas razões, o Mestre Samael insiste em que não devemos deixar de nos situarmos na estaca zero, todos os dias, continuamente, de momento em momento. Quer dizer, não devemos nos considerar avançados no caminho, mas, todos os dias, devemos reconhecer o que somos: demônios terrivelmente perversos. O Mestre insiste dizendo que enquanto não eliminarmos totalmente o ego seremos mais ou menos magos negros.

Não nos enganemos: se os Mestres de Quinta Iniciação de Mistérios Maiores ainda possuem ego, nós não somos nada! Dessa forma, quem começa a se crer inefável, santo imaculado, portento de brancura, realmente se encontra no polo inverso e por isso cairá

na falácia da falsa moral e na estereotipagem do Gnosticismo.

Conclusão: esse tipo de pessoa – como já se tem visto – fará deste extraordinário ensinamento um código de moral ajustado às suas perversas idéias disfarçadas de santidade. Serão como o “cachorro do hortaliçeiro”, que nem come e nem deixa comer. Eles converterão esta sabedoria em uma religião a mais, num *Mahayana* – Grande Veículo – a mais, cheios de preceitos morais, em beatério, mortificações, jejuns e práticas que se ajustam mais às formalidades de uma religião fracassada do que à revolução psicológica total do indivíduo, como propõe e preconiza o Supremo Jerarca da *Gnosis* no século XX e nos séculos vindouros: o Venerável Mestre Samael Aun Weor.

Nosso ensinamento vai mais além de qualquer religião, pois como disse seu fundador: - **A Gnosis é a chama ardente de onde surgem todas as religiões.** Substancialmente, é de caráter *Jinayana* – Pequeno Veículo – e ainda mais: se viesse a se vincular com alguma corrente filosófica ou religiosa seria com os tântricos da mão direita, muito afastados do *Mahayana* e de suas regras monásticas.

Os Livros

“- Os livros são as armas do missionário”, costumava dizer nosso Venerável Mestre Samael Aun Weor. Estas sagradas armas foram convertidas em motivo de declarado negócio por alguns que se diziam estudantes e discípulos do Mestre.

Quero esclarecer que as palavras do Mestre Samael, a seguir, que concluem sua obra *A Mensagem de Aquário* provocaram em alguns a atitude de darem rédeas soltas às suas ambições:

Todo aquele que quiser reproduzir este livro, bem pode fazê-lo com inteira liberdade. Todos aqueles que, por um falso pudor, tirarem deste livro os segredos do Arcano A.Z.F., ai deles! Deus tirará sua parte do Livro da Vida e da Santa Cidade e das coisas que estão escritas neste livro. Podereis reproduzir este livro a fim de que a Mensagem de Aquário chegue a todos os povos da Terra. Porém, ai daqueles que acrescentarem ou tirarem as

palavras do livro, desta profecia; porque em verdade, em verdade vos digo que Deus colocará sobre eles as pragas que estão escritas neste livro.

Durante o Congresso de Guadalajara, em 1976, alguns pretendiam que o Mestre lhes cedesse os direitos autorais em troca de um “salário”. O Avatar expressou a autorização para que os livros fossem editados em todo o mundo.

Efetivamente, podemos afirmar que não existe na legislação nem na jurisprudência antecedente algum que permita ao autor fazer uma autorização *erga omnes*, quer dizer, a favor de todo o mundo, para a edição ou publicação de sua obra.

Pelo contrário, a Lei de Direitos Autorais enfatiza que o contrato de edição deve ser a favor de uma pessoa determinada, quer dizer, do Editor.

Mesmo assim, a jurisprudência é terminativa, no sentido de que só surtirá os efeitos da cessão gratuita (renúncia) de direitos, quando é a favor de uma pessoa determinada. E se especificam, claramente, os direitos a serem cedidos e não só os artigos da lei que os contém. (Consulte-se a Jurisprudência firme da Terceira Sala da Suprema Corte de Justiça da Nação, sob o grifo em vermelho: “RENÚNCIAS LEGAIS”).

Por estas razões não surte nenhum efeito legal a autorização – com sua implícita renúncia – que o Mestre, supostamente, outorgou no mencionado livro, nem tampouco é juridicamente eficaz a que deu no Congresso de Guadalajara.

Ademais, o Mestre desistiu desta e de outras autorizações genéricas – que não surtem efeitos legais – e esclareceu que se tratava de uma prova esotérica mais para seus alunos, prova essa, que alguns não têm podido superar.

De igual forma, muitos persistem na idéia do vegetarianismo, apesar de o Mestre havê-la abandonado; igualmente, alguns persistem editando ilegalmente sua obra.

Por outro lado, seus direitos de herança revogam qualquer autorização que haja sido outorgada, em termos tão genéricos e imprecisos, quer seja porque não surte efeitos jurídicos ou também

porque alguns editores têm publicado, ilegitimamente, a obra do Mestre, alterando-a gradualmente.

Editar a obra sem consentimento do autor constitui delito federal, mas parece que os que editam sua obra sem o consentimento de seus herdeiros creem que vão muito bem pelo caminho esotérico.

Se eles tivessem boa intenção em difundir a obra do Avatar de Aquário, logicamente presenteariam os livros ou, ao menos, venderiam a preço de custo. Porém, não é assim; são perversos que se fazem passar por santos, simples delinquentes da lei federal querendo somente lucrar, valendo-se do ensinamento.

Muitos não só omitiram pagar à Mestra as regalias pelos direitos autorais devidos, como também editaram obras sem o seu consentimento. Ademais, como se não bastasse, esgotaram sua baba difamatória contra a esposa-sacerdotisa do Avatar, que é o mesmo que falar mal do Mestre e do seu ensinamento, cumprindo assim com os desígnios da Loja Negra, a quem servem, na realidade. Por outro lado, os adeptos da mão direita não cometem delitos, muito menos contra os herdeiros dos Mestres da Irmandade Branca e, certamente, respeitam a mulher do próximo e com maior razão as esposas-sacerdotisas dos Senhores.

Dessa forma, os sabichões do Gnosticismo se esqueceram da esposa-sacerdotisa do Mestre, nossa Venerável Mestra Litelantes e, particularmente, das palavras que disse a respeito dela em sua Mensagem de Natal de 1954, onde enfaticamente declara que é a sua **“colaboradora esotérica”**.

Portanto, em estrita técnica jurídica, ela foi a colaboradora de toda a sua obra – eminentemente esotérica – como clara e contundentemente o Mestre Samael se expressou, de forma sistemática, durante toda sua vida e ao longo de sua obra.

A partir disso, corresponde à Venerável Mestra Litelantes, só por esse fato, 50% de todas as obras do Venerável Mestre Samael Aun Weor, que tinha, em vida, o nome profano de Víctor Manuel Gómez Rodríguez.

Queria, agora, lembrar as palavras textuais de nossa querida

Mestra sobre este tema, em uma entrevista concedida em 10 de agosto de 1982, para os estudantes de El Salvador:

- Da árvore caída todo mundo quer fazer lenha, mas de mim não têm podido, e isso todos os supostos mestres que “aparecem” podem demais. Mas estou aqui lutando com os irmãos que seguem esta doutrina, porém, que não me sigam, mas ao ensinamento de Samael Aun Weor e aqui terão as portas abertas; e nenhum irmão gnóstico pode dizer que o que eu tenho eu lhe pedi, ou que me sustenta ou que me deu alguma coisa. Se eles servem, maravilhoso!

O Mestre Samael sabia muito bem que eu ficaria só. Só com meus filhos. Meus filhos têm seus lares, devem cumprir com suas obrigações. Digo-lhe (ao seu secretário): Só te peço, irmão, que diga aos que editam minhas obras, que paguem os direitos autorais a Negra, porque ninguém vai ajudá-la, nem estender-lhe a mão. São minhas obras, não as pedi em vida, porém, agora sim, peço que paguem para a Negra, os direitos autorais.

Todos aqueles que se tornaram milionários à custa do ensinamento da Gnosis, e como agora o Mestre não está presente, a quem irão burlar? Pois vão contra a Arnolda, mas não importa.

Agrade-lhes ou não, fui a companheira de Samael Aun Weor e nenhum de todos aqueles irmãos que se ocupam de minha pessoa, nenhum deles lhe deu um copo com água, quando o Mestre Samael escreveu os livros no vil solo.

Para quê? Para entregar aos ambiciosos que hoje existem. Esse foi o sacrifício que o Mestre fez, e eu estava ao seu lado.

Até dizem aqueles sabichões que o Mestre morreu só porque seus filhos e sua mulher não estiveram a seu lado. Quais daqueles senhores estiveram ao lado do Mestre? Nenhum! Quais se sacrificaram? Todos os estudantes que havia aqui, mexicanos, minha pessoa e meus filhos.

Para Os Poucos

Seguem e seguirão vigentes as maravilhosas palavras do Mestre Samael no prólogo da segunda edição de “O Matrimônio

Perfeito”, sua obra capital, com as quais podemos concluir este capítulo:

Escrevi este livro para poucos; digo “para os poucos”, porque muitos nem o aceitam, nem o compreendem, nem o querem.

Quando foi lançada a primeira edição de “O Matrimônio Perfeito”, houve um grande entusiasmo entre os estudantes de todas as escolas, lojas, religiões, ordens, seitas e sociedades esotéricas. O resultado desse entusiasmo foi a formação do Movimento Gnóstico. Esse Movimento começou com poucas pessoas compreensivas e se tornou completamente internacional.

Muitos estudantes de Ocultismo estudaram este livro, poucos o compreenderam. Muitos, entusiasmados pelo tema encantador do Matrimônio Perfeito, ingressaram nas fileiras do Movimento Gnóstico. Pode-se contar com os dedos da mão aqueles que não saíram do Movimento Gnóstico. Muitos juraram lealdade ante a Ara da Gnosis, mas na realidade quase todos violaram seus juramentos.

Alguns se assemelhavam a verdadeiros apóstolos. Pareceria até um sacrilégio duvidar deles, mas ao longo do tempo tivemos que nos convencer, com infinita dor, de que também eram traidores. Muitas vezes bastou a esses falsos irmãos ler um livro ou escutar um novo conferencista recém-chegado à cidade para se retirar do Movimento Gnóstico.

Nesta batalha pela Nova Era Aquariana, que se iniciou em 4 de fevereiro de 1962, entre duas e três da tarde, tivemos que aprender o fato de que: o Abismo está cheio de equivocados sinceros e de pessoas de muito boas intenções. (...)

Escrevemos este livro com inteira claridade; revelamos o que estava velado. Quem quiser agora realizar-se profundamente, bem pode fazê-lo, aqui está o guia, aqui está o ensinamento completo.

Fui maltratado, afrontado, humilhado, caluniado, perseguido etc. por ensinar a Senda do Matrimônio Perfeito; isso não me importa.

No princípio me doíam muitíssimo as traições e calúnias; agora me tornei de aço e as calúnias e traições já não me doem. Sei demais que a humanidade odeia a verdade e aborrece mortalmente os profetas. Portanto, é apenas normal que a mim me odeiem por haver escrito este livro. Somente uma coisa perseguimos, uma meta, um objetivo: a cristificação.

CAPÍTULO X

CONSELHOS AOS INSTRUTORES

Neste capítulo são transcritas algumas palavras textuais de nossa bem-amada Mestra, a propósito dos mais importantes temas que correspondem aos instrutores. As notas explicativas aparecem entre colchetes [].

O Dinheiro

Durante o Congresso de Oaxaca, a Venerável Mestra Litelantes esclareceu a situação de alguns instrutores que viviam às custas do ensinamento e exploravam os estudantes:

*- Olhem: vou explicar-lhes, dar-lhes uma profunda explicação a todos vocês, para que fique bem entendido. Resulta que, desgraçadamente, todo aquele que se encarregou de um Monastério... a vida deles é agitada; chegam ao Monastério do nada, sem nada. Não têm onde cair mortos, pois, para dizer-lhes a verdade, aí recuperam seu capital [através] de todos os alunos, com uma quantia fixa... porque **meu marido nunca impôs cota fixa a ninguém, não necessariamente, porque é uma Doutrina Sagrada**. Porém, eles impõem uma quantia e dizem que têm de mantê-lo.*

Ninguém nos custeava... meu esposo, antes, nos deixou com que nos sustentássemos agora: os livros. Eu não me mantenho explorando-os porque vão dar a missão, dizendo que eles têm que me dar. Não! Dos livros, sim, a impressão tem custos, paguem se quiserem, e se não, é questão de vocês... Porém, têm o ensinamento de Samael e nesse caso de escolas, segundo este senhor – do qual me esqueço o nome, mas Alfredo já o disse, e segundo disse Alfredo, porque de uma pessoa que se ocupa de mim eu o esqueço, deixo-o no esquecimento, até o nome – então, eles dizem que têm

de comer do altar, eu lhes disse: coma as tábuas do templo, que aqui não há ninguém que os sustentem, todos temos que trabalhar.

Então dizem que eu agora não mando, pois têm que se sustentar. De minha parte, não comem nada. Em minha casa os atendi como visitas encantadoras, que estavam entregando a missão direito, sem exigir tanto de seus companheiros. Se vão a um Monastério e exploram todas as coisas que meu marido tinha. O espanhol é duro e suave ao mesmo tempo e lhes digo diretamente: duros porque são muito rígidos e muito exigentes, mas se deixam enganar facilmente por uma pessoa que lhes ministra uma boa conferência, que fala muito bonito, que falam que vão “agarrar Deus com as mãos...” Porque se eles não o agarram não vão convencer a ninguém. Eu lhes digo o que são, e se não me creem, pois, tanto faz: nesse caso vocês terão que sustentá-los, eles não trabalham.

Na ocasião de sua visita a Portugal, disse o seguinte:

- Como dizia um discípulo ao meu esposo: Olhe, quando te faltar dinheiro, basta que o digas à Espanha e a Porto Rico, que aí a pessoa consegue dinheiro.

Então, o Avô lhes disse: Não! Ganho meu dinheiro por meio do meu esforço, não tenho por que explorar ninguém. Se estou entregando um conhecimento, tenho que levantá-lo eu com meu esforço, para sustentar meus filhos e minha mulher.

Temos visto na prática que alguns instrutores são inclinados a louvores e gostam de explorar o próximo; inclusive, muitos deixam de exercer sua profissão para viver a expensas dos estudantes, sob pretexto de que se dedicam a entregar o ensinamento, e instigam seus alunos para deixarem suas profissões, porque, assim, podem dedicar-se melhor ao trabalho sobre si mesmos. Também os motivam para que não se juntem com a “gentalha” com que ordinariamente tratamos, quando nos dedicamos ao exercício de nossa profissão ou ofício.

Curiosamente, os mais velhacos são os que normalmente possuem condições econômicas, pois sabem adular os estudantes para tirar-lhes dinheiro; os mais corretos, geralmente, vivem batalhando para poder pagar o aluguel.

Aqueles que não querem trabalhar em labores comuns de sua profissão ou ofício nunca terão um verdadeiro ginásio psicológico, senão que eles próprios serão o principal ginásio para seus estudantes. Quem não quer trabalhar exercendo uma profissão ou ofício tampouco quer trabalhar sobre si mesmo, busca a comodidade e se evade do trabalho psicológico dedicando-se, propriamente, a “roncar e cochilar”.

Essa classe de personagem normalmente termina gostando da fraude e do engano; prefere fazer-se passar por santos a formar um vigoroso caráter com as vicissitudes da vida laboral. Em outras palavras, como dissera a Mestra, em vez de servir à humanidade se servem dela.

Em sua cátedra “O Sabor Trabalho e o Sabor Vida”, conhecida também como “A Vida como Ginásio Psicológico”, o Venerável Mestre Samael Aun Weor nos disse:

Portanto, as experiências resultam certamente magníficas em todos os sentidos. Não é possível tirar material didático para o desenvolvimento da consciência de qualquer outro lugar que não seja das experiências. Por isso é que quem as repudiam, os que protestam contra as dolorosas experiências da vida, obviamente, abstêm-se do melhor: da fonte viva que pode conduzi-los ao robustecimento da vida anímica.

Quando uma pessoa toma as experiências como material didático para sua autorrealização descobre seus próprios defeitos psicológicos porque é na relação com a humanidade, **na relação com nossos familiares, com nossos companheiros de trabalho, na fábrica, no campo etc.** que nós, mediante as experiências, logramos o autodescobrimento. Obviamente, as experiências fazem aflorar nossos próprios erros.

É certo que quem não trabalha em labores ordinários de sua profissão ou ofício tampouco trabalhará internamente, pois o exterior é reflexo do interior, e se é frouxo e mantido pelos

estudantes, também será frouxo por dentro e não colocará ênfase no trabalho psicológico.

Fanatismo

Nossa Venerável Mestra Litelantes era sistemática no ataque ao fanatismo. Recordava do Avô, o qual dizia que dos fanáticos e santarrões só restaram traidores. Quando inaugurou o Monastério de Guadalajara, disse:

- Portanto, pensem bem. Recebam o conhecimento, mas para o bem de vocês; respeitem o instrutor, e que o instrutor não seja tão duro, tão cruel, porque ele começou recebendo o conhecimento, e assim se deve entregar àquele que vem receber o conhecimento, o ensinamento que deixou Samael e como se tem oferecido [entregá-lo], pois que bom! Isto não é obrigatório.

*E quando saírem é melhor que digam: - Não quero seguir neste caminho porque é muito duro; esta vida é pesada, não a sigo... porém, não tratar mal os companheiros, jamais! Tratá-los com carinho, deixá-los que comam o que quiserem; não deve haver fanatismos no ensinamento. O ensinamento é muito belo, mas não com fanatismos. **O fanatismo os condena ao fracasso!***

A mim eles queriam meter-me em fanatismos, pois que se metam vocês! Porém, deixem-me livre disso... Meu próprio marido queria tornar-me vegetariana. Então eu lhe disse: Meu filho, você que se torne vegetariano, mas eu não. E ele estava morrendo! Olhe, vais se tornar vegetariano e depois estarás se queixando. Não, é para dar o exemplo aos irmãos e digo: Não serão estáveis toda a vida, coma tua carne, alimenta-te bem, enfraquece-te dando o ensinamento e morrendo de fome... pior! Não sejas fanático!

Aos poucos, aos oito meses, o homem estava morrendo, ao caminhar uma quadra, a camiseta estava ensopada como se a tivesse tirado do tanque e quase não podia caminhar. Que fez o pobre homem com o fanatismo? - Negra, anda, traga-me uma galinha velha, patas e, rabo de rês e faça-me um bom caldo. O pobre homem suava enquanto tomava o caldo. E por quê? Porque

era fanático! E eu lhe dizia: veja o seu resultado, aí o tem.

A mim me chamavam de “carnívora” e eu dizia: Não me importo, sendo eu carnívora eu não como vocês, não me importa... [O Avô lhe dizia:] - Ai, Negra contestadora, não questione os irmãozinhos. [Ela respondia:] - Os irmãozinhos querem me matar, pois a mim não, que matem você e que você mate aos demais, mas a mim não! Se eu não me escondo de Deus, não me escondo dos humanos, de um grupo de estudantes que está começando a caminhar, muito menos vou me esconder da humanidade! [O Avô:] - Coma sua carne às escondidas! [A Chefinha:] Escondida? E de Deus como e onde me escondo para que não me veja? Em nenhuma parte! Eu comia [a carne] diante dos irmãozinhos, por mais fanáticos que fossem. Disse-lhe: E o que ganham teus irmãozinhos, comendo às escondidas e fazendo injustiça e média com todas as mulheres que se apresentaram adiante? Tem seu esposo, sua esposa e estão fazendo o jogo de traição, isso sim é, indiscutivelmente, um engano.

E assim são todos os gnósticos, em sua casa “meu amor, minha vida”, e dando a volta, aí tem outra, ou tirando o noivo da amiga, ou a mulher do amigo e aí vão, então. Qual é o fanatismo que os irmãos gnósticos têm?

Cuidem-se vocês, não tenham fanatismos, tratem bem à sua esposa, deem bom exemplo e verão que caminham para frente, sem humilhar, nem fixar-se no que faz o fulano ou fulana.

Brigas

Durante a inauguração do Monastério de Guadalajara nossa Mestra disse o seguinte:

- Fui ao Canadá com os discípulos que estavam destroçando-se uns aos outros, porque todos se odeiam (uns mais e outros menos)... Bom, e por que vocês brigam aqui? O ensinamento é de Samael que entregou este conhecimento e vocês estão brigando por ele: que diferença há entre os canadenses e os espanhóis? Por que razão vocês brigam? É o mesmo ensinamento do Mestre

Samael e por que brigam? Por poderes! Brigam por poderes? Vocês mesmos os conseguem quando se propõem a estudar. Unam-se!

Durante o encerramento do Congresso de Guadalajara insistiu sobre esse tema, nos seguintes termos:

- Agora brigam pelo mínimo. Brigam pela doutrina, brigam por poderes.

Por poderes nunca se deve brigar porque eles são ganhos. Ouçam bem, queridos companheiros! Estudem bem sobre suas mentes se querem ter um conhecimento próprio, mas não porque o presenteiem. Trabalhem com o sacrifício, como fizemos Samael e minha pessoa e como têm feito todos aqueles que querem deixar algo à Gnosis. Porque aqueles a quem foram dados cargos e receberam nomeações não estão na Gnosis.

Sejam agradecidos para com este ensinamento que Samael lhes deixou, mas não agradecimento para ver por onde conseguem dinheiro para vocês. Isso se constitui em uma injustiça; e o que fazem? E ainda têm o descaramento de dizer que a Mestra perde o tempo nos livros e que se apossa deles. Se me aposso deles é trabalho de meu marido e meu, não de vocês e nem desses...

Eu, sendo mulher, sou incapaz de ir brigar por um trabalho de uma Senhora e de um Senhor que deixaram algum conhecimento. Quando quero ter algo, trabalho, mas não vou pedir herança do trabalho de meu pai ou de minha mãe para me sustentar. Isso é muita covardia de um homem que se atreve a brigar pelo que era de seu pai que trabalhou e também da mãe.

Eu não brigo por nada dessas coisas. Se o querem, aí os deixo, todos aí se engalfinham e brigam.

O Mestre me disse muito claramente: - De cima verei os meus irmãozinhos brigando pela doutrina, engalfinhando-se pelos livros. A você deixarão na rua, se permitires. Você verá caso se deixe ser jogada na rua, ou defende o pouco que lhe deixo...

Luto, sim, para deixar algo a meus filhos e ter para viver. Mas

se todos aqueles mortos de fome, covardes, que não são capazes de se sustentar, se quiserem, aí lhes deixo tudo. Isso é tudo. Eu viverei com o ensinamento e ele que siga adiante, que lute pela mesma doutrina de Samael.

E se pela doutrina de Samael me mandam ao cárcere, vou com muito gosto, mas nunca a deixarei. Não sou tão covarde, como muitos que fazem juramento e se retiram, por temor ao cárcere. Eu não, se me levam ao cárcere que me levem, pois não matei, nem roubei, e tenho para viver.

Esse é meu desejo e minha posição; contudo, não me preocupo, ao contrário, estou muito tranquila para seguir adiante.

Críticas e Ambições

Em uma entrevista que foi feita por um estudante da Espanha, por causa do desconhecimento de sua autoridade por alguns instrutores insurgentes, a Mestra disse:

*- Desconhecem os ensinamentos de Samael porque todas aquelas grandiosidades que eles dizem ter, não as têm vivido, as têm ouvido; mas não porque eles entenderam, [apenas] as ouviram, pois nem Deus as deu. Isso porque o Mestre as explicou e nisso eles se agarram, porque **se não conhecem as leis daqui, não conhecem as superiores** e isso é tudo. No entanto, para mim [pessoa X] é um homem comum e corrente, como um bom missionário, muito bom irmão e tudo, mas agora é um bom traidor por toda a sua vida. Todavia, comigo não contem, nem me metam em nada. Somente digo que é traidor porque tudo o que está dizendo é falso.*

Isso de dizer e falar que o Mestre não trabalhava é um engano! E se cem vezes tiver que repetir, assim o farei. Se ele viesse pessoalmente e ficasse frente a frente, far-lhe-ia ver, pois, a realidade do fato. Visto que esses não enfrentam a verdade, sempre falam por trás... e não tem mais jeito.

Que têm todas as pessoas, mantendo-as aí sentadas,

conservando as bolsas abarrotadas, cheias de dinheiro e logo se lançam contra a esposa do Mestre que lhes entregou o conhecimento. O dinheiro arruína qualquer pessoa e eles são dominados pelo dinheiro. Agora, já sabem mais que qualquer Mestre e do que Arnolda...

Bom, até chegam ao cúmulo de dizer, estes imbecis, que a Mestra não chegou à quinta iniciação. Ora, eles não dormiram comigo e não sei de onde tiram tanta “sabedoria”; tanto engano que tiram de suas más cabeças e falam de alguém porque já não podem dizer em que grau eles estão.

O que digo é que enchiam as bolsas e se lançaram contra mim... Eu é que não vou pedir-lhes contas e não tenho nada a ver com isso. E se põem a falar de minha pessoa e acerca das iniciações. O que eles saberão acerca das iniciações? Se eles nem a esse nível chegaram... Em síntese, a única coisa que posso dizer aos que se deixam acreditar nas iniciações deles é coisa de vocês, estudantes da Espanha.

*O Mestre nunca sabia acerca das iniciações das pessoas a não ser se o dissessem pessoalmente. E ele o mesmo: não fazia comentários com ninguém. Porque as coisas sagradas são respeitadas, mas **eles têm as coisas sagradas como um comércio para que os mantenham aí sentados**, e isso depende dos espanhóis ou das pessoas que os rodeiam. Porém, eles agora não estão ocupando nenhum posto que dependa da Sede do México. De minha parte, são umas pessoas mais.*

*Agora, que divisão pode haver num ensinamento? **O Mestre entregou um conhecimento: uns o exploram, outros o vivem.***

Todos estes sabichões que estão falando da casa de Samael Aun Weor e a exploram... não sei qual desses, os que estão entregando o mesmo conhecimento, que querem saber mais, mas não podem porque nem conhecem os mundos superiores sequer. Caminham porque veem um burro caminhar... senão, nem caminhariam.

Então, o que mais eles têm do que entregou Samael? Vivem e comem do ensinamento; então, por que é que tanto falam esses

imbecis? Gostem ou não gostem, as mesmas frases de Samael estou repetindo, e se eles se esqueceram, eu as recordo porque, claramente, o próprio Mestre dizia que eram uns imbecis e isso eles são, toda esta corja de sem vergonhas e cínicos, desavergonhados, que estão convivendo com alguém e depois saem falando mal: é a inveja!

Respeito aos Mestres

Continuamos, agora, com uma entrevista feita por um estudante espanhol:

V.M. Litelantes: - *De que serve todo esse carinho que o “Velho” lhes entregou? De que lhes têm servido a doutrina? Para que lhes deixou o conhecimento? Para que falem de minha pessoa e de meus filhos? Grande pilhéria!*

Se eu fosse uma mulher que lhes aconselhasse as sem-vergonhices e que lhe fosse dar ou jogar mais corda, aí me coroavam. Mas se equivocam, comigo são derrotados... E a comprar-me com dinheiro, seria a comadre, porém, como não me deixei comprar por ele, por meio do dinheiro, sou a mulher mais malvada. Não me importa, diante de Deus sou a mulher e não gosto que me deem esse dom de Mestra, porque lá sou Litelantes e aqui sou Arnolda. Sou Arnolda aqui e no Inferno e no Céu e onde vocês quiserem. Não estou dando uma de grande, de santa, como eles, que se acham grandes e santos, sem conhecer o ensinamento, somente falando de alguém.

*Eu sou Arnolda aqui e em qualquer parte e isso de Litelantes, isso não me pôs minha mamãe nem meu papai. Isso é **muito sagrado, que se respeite, deve-se respeitar!** Eles nem sabem que nome é esse e dizem assim porque ouvem, porque, caso contrário, nem o diziam. Eles nem conhecem o significado de Litelantes, esses tontos nem o conhecem, então por que falam tanto?*

Estudante Espanhol: - Dizem também que Litelantes é um Mestre do Nirvana (Buda Pratyeka), que há que ter cuidado com ele,

porque ele não quer que se cumpra missão.

V.M. Litelantes: - *Então, que classe de Mestre é? Que se não quer que se faça missão, que haja fofoca como a deles, que assim defendem a humanidade, fazem um bem à humanidade; pois então serei o diabo. Contudo, também dos diabos se tiram muitas coisas boas, melhor que destes mmm... humanos, que se dizem humanos, se tira o pior. E dos diabos se tira o melhor: há melhor amizade com um demônio do que com esses que se creem santos.*

Estudante Espanhol: Agora a questão é acerca do monastério, que o da Espanha e também o do Canadá e o de Guadalajara (México) a senhora apoia diretamente os três abades que dirigem os Monastérios.

V.M. Litelantes: *Olhe, eu os apoio até quando e enquanto caminharem corretamente, apoio o de Guadalajara, o do Canadá e claro que o da Espanha, com mais intensidade (pelas circunstâncias do momento, porque sempre apoio igualmente os monastérios... ainda que talvez um pouco mais o de Guadalajara, por razões óbvias), desde que haja pessoas de boa-fé e de coração...*

Respeito ao Templo

Quando da inauguração do Monastério de Guadalajara, a Mestra Litelantes disse o seguinte:

- *O mesmo acontece nas salas de conferências, no Monastério, informem-se sobre as escolas onde dão uma doutrina tão sagrada, que dizem que é “sagrada”, mas a tudo dão volta ao contrário. Não discutir no Templo onde dão a Gnosis, onde se realizam os rituais, as missas; não discutir questões de dinheiro e, com a vestimenta, muito menos. Respeitem essa vestimenta que vocês colocam! Se não respeitam a vestimenta, muito menos se respeitam a si mesmos!*

E isso o que tem a ver, ele ou os instrutores da Gnosis: que aí, no Templo, não deverão discutir!... Vamos a uma sala ou ao pátio para discutir, mas não no salão de conferências, nem onde se fazem os rituais. Isso é não ter respeito pelas coisas sagradas. Digo isso porque muitos se põem a discutir coisas pessoais e materiais, de dinheiro, de que “tu dissestes, que não dá, que é uma dívida de tanto...” Isso deve ser discutido no escritório, em um lugar onde não seja um templo sagrado! E enquanto houver pessoas de Primeira Câmara, que abram bem os olhos, que não fiquem com os olhos fechados, que entendam, que saibam o que vão fazer. Porque também os de Primeira Câmara estão mais preparados que qualquer um. Hoje em dia, não há meninos santos, nem bons, e sabem mais do que qualquer velho como nós.

Neste mesmo evento, a Mestra continuou se expressando da seguinte forma:

- Como também tinham o costume de colocar todas as Ísis de cabeça branca como umas bruxas... enchiam metade do salão com cabeças brancas, como bruxas. Usar o véu, aquela que vai ritualizar, não todas. E Deus saberá quais os pensamentos que têm, em seu foro íntimo, porque não é de outra coisa, fazendo-se santas ao contrário, é pior. Melhor é a pessoa demonstrar o que tem e não demonstrar o que não tem. Eu nem para Ísis servi! Porque meu caráter não me permitia. E hoje em dia, ser Ísis é uma “grande coisa”. Se são Ísis, que a sejam, mas respeitem esse nome!

E isso de que todas as pessoas tenham que saber o que tem a mulher, que enfermidade tem cada mês, isso é o cúmulo! Nos tempos do Mestre, não se fazia isso. Ninguém, antes, sabia; ele apenas dizia: Venha, pois a Ísis hoje não veio, venha ajuda-me a fazer a missa ou o ritual. E ele não ia perguntar sobre a vida alheia, nem o instrutor sabia o que a moça tinha. Hoje não, hoje em dia todos sabem! Tenham um pouquinho de vergonha, da saúde, das enfermidades que nós as mulheres temos e não manifestem publicamente, isso é até vergonhoso. É melhor fumar

em pé um cigarro, diante de um gnóstico, que estar falando da saúde de alguém. Hoje, não respeitam nem isso. Valor e pena deveriam causar-lhes, que todo instrutor saiba: que a Ísis não veio por isto e por aquilo. Isso quem tem de saber é o marido! Mas, todo mundo o tem que saber? Que triste!...

O Mestre não fazia tanto alvoroço nem dava cursos de Ísis, nada disso. Venha, ajude-me a ritualizar e pronto! A que fosse, uma pessoa decente e pronto, isso era tudo. E aí fazem uns comentários... que Deus nos guarde! Mantralizam, nomeiam milhares de santos, baixam todas as hierarquias de cima e nem os conhecem. Para quê? Nomeiam o Mestre da Loja Branca que quiserem e pronto. Que façam a missa, o ritual ou a cadeia livremente, sem tanta coisa...

Medicina e Caridade

Na mesma ocasião da inauguração do Monastério de Guadalajara, a Mestra continuou:

- Outra coisa: o Mestre não quis escrever mais livros acerca de Medicina porque os estudantes iam deixar a Gnosis pela paz. Caso se dedicasse a escrever apenas livros de Medicina, eles iriam querer, somente, saber de remédios. Na Gnosis, não se dá remédios. Se alguém tem, como [o atual diretor], que tratar de assuntos das plantas, que tenha seu escritório à parte, seu consultório, mas não na Escola Gnóstica, nem no Monastério, nem em nenhuma escola. Que tenha seu consultório e suas horas de entregar os remédios, mas não todos... Hoje em dia, dão um curso de dez dias e já são doutores; de um mês e já são doutores. Doutores de quê? De plantas... e sem ir à universidade, nem nada!

Para serem médicos, são sete ou oito anos, parece-me. E em três meses hoje em dia, os gnósticos são médicos. A ambição pelo dinheiro, a ambição pelos poderes. Que lhes custem o poder! É que se cansam neste caminho porque hoje em dia todos nasceram já cansados, todos! Cansam-se neste caminho! E como a Medicina, ao ler umas obras, vão e dizem: “já conheço as plantas”. Para ser

médico, necessita-se de muito tempo. E a Medicina não foi entregue pelo “Velho” na Caridade Universal. Ele entregou a Caridade Universal para que se ajudem mutuamente. O que está em melhor situação que ajude o pobre a comprar o remédio e que se ofereça para levá-lo ao médico. Não é com base em remédios. Assim, tenham cuidado. A Gnosis é a Gnosis, e a enfermidade é a enfermidade.

A mim, muitos me chamam: Ai, Mestra, fulano está morrendo... Ah, sim, está morrendo? Porém, observe que eu não sou doutora, leve-o a um doutor. Isso é o cúmulo! Creem que a Gnosis é para curar enfermos, não! A Gnosis é para pedir pelas pessoas por meio de uma cadeia, mas não para curá-los. É preciso ir a um médico. E se têm fé nas plantas, as plantas os curam, mas alguém que tenha se sacrificado em uma escola, aprendendo a medicina das plantas. No entanto, qualquer “fulano” diz por aí: “sou médico”, “sou doutor” e a ele o levam, falam muito bonito. Qualquer papagaio louco por aí, e encantados com a vida! “É um gênio, é um deus!”, que... se tornam mestres... todo mundo acredita nele e deixam o instrutor só, para irem com qualquer sujeito da esquina. Escutam sobre uma escola nova, correm e deixam o instrutor só e se vão com outro. Não são firmes, não têm firmeza, nem palavra! Prestam juramento e o abandonam, parece que estiveram jogando as cartas!

Olhem, estou toda a minha vida nisto e não me canso, e se me cansar, eu aguento! Porque eu me meti nisto e tenho que terminar até o final, como o Mestre Samael também concluiu. Ele se meteu nisto e só a morte o separou do ensinamento, e assim o faço.

E muitos ambiciosos se metem na Gnosis para receber uns tapinhas nos ombros e lhes dizerem: “Oh, que ego tão bonito, que lindo você, tem uma luz resplandecente e irradia muito amor, grandeza, poder...!” Vocês se sentem gloriosos! Isso é melhor cada um verificar, estudar pessoalmente, porém que não conte a ninguém, sem ambição. **O mais ambicioso aí fica estancado.** E se tem um sonho, vai e conta aos quatro ventos: “Hoje sonhei isto e vi fulano, que me falou isto”... querem seguir sonhando e já são

tirados, por serem ambiciosos! Creem-se grande coisa porque tiveram um sonho. E que interpretem os sonhos também é uma loucura. O sonho é de uma única pessoa, não do público; porque se você sonha uma coisa é para você, não é para todo mundo, e todo mundo não tem que sabê-lo... correm a contá-lo!

*Eu estive neste caminho, anos após anos, vivendo com o Mestre Samael e **não chegou a saber que eu sabia “algo”, até aos quatro anos de casados.** Hoje em dia, vocês saindo da igreja lançam o comentário aberto e extenso, para que os admirem. Retenham um pouco essa “língua” que é muito perniciosa. A “língua” mete a pessoa em problemas que não tinham antes, por estar falando mais da conta. Conservem em segredo o que lhes dão lá no Alto; conservem um sonho, analisem e entendam vocês mesmos, e se não o entenderem, permaneçam com o anelo de compreendê-lo.*

Mulheres Missionárias

Ao inaugurar o Monastério de Guadalajara, a Mestra comentou que o diretor era o encarregado “e que a esposa é sua companheira, mas não para dar conferências”.

- Ela fez o curso para missionária, porém o fez para conhecer mais a fundo o ensinamento e ter algo que conversar com seu esposo; mas não nas conferências, não deve ser a esposa, ela deve dar o lugar ao marido.

O marido é a cabeça de um lar, de um templo, de uma igreja, do que seja! E a esposa é a companheira, o “aguenta tudo”, no bom e no mau, mas para dar a doutrina, não.

Como também digo que uma senhorita sozinha que “realiza missão”, verá, se quiser, que é uma idiotice muito grande. Porque, o que consegue uma mulher realizando sozinha a missão? Nada! Humilhações, insultos, críticas é a única coisa que consegue.

A que é casada, que realize a missão com seu esposo, mas quem deve estar adiante, em frente, é seu marido, não a esposa. Porque eu fui esposa de meu marido Samael, mas eu não me metia para

tirar o lugar do marido! E o lugar do marido tem que ser respeitado, fazê-lo valer e dar-lhe respeito e valorizar tudo.

Porque nós, as mulheres, somos muito impulsivas, queremos que seja isto assim e assim, e o homem deve ser mais considerado, ser mais moderado e nós não nos metermos...

Por isso, muitos saem correndo, vão-se aborrecidos, desesperados, porque não sabem se recebem o ensinamento do marido ou da esposa. Então, quantos mestres têm os alunos? Não se sabe! Deve ser somente um mestre, um só instrutor, não de dois.

Eu sinto dizê-lo, porque, pois [a mulher do diretor] sei que se sente entristecida, não? Caso se entristeça, aí verá o que o outro faz! Isso é coisa dele, não? Que a deixe contente, ou que se ponha verdadeiramente neste caminho: Não deve haver ressentimentos, nem má vontade... sem rancor, com compreensão.

Signo Astrológico

Aconteceu que alguns instrutores ou diretores de monastérios davam uma exagerada importância ao signo astrológico e estabeleciam suas hierarquias e catalogações segundo o signo de seus estudantes. Propriamente era um determinismo no qual haviam caído.

Para remediar esta prática errônea, seguem as palavras da Mestra, ditas na inauguração do Monastério de Guadalajara:

- Nem devem se fixar no signo de nascimento da pessoa, porque o signo não tem nada que ver. É o caráter da pessoa, que é um caráter duro, pesado. E se a própria pessoa não se corrige ninguém irá corrigi-la. E Deus não lhes dá a data que queiram, e Deus manda a pessoa na data que possui e isso não tem nada a ver com o que a pessoa é, rebelde, respondão, desobediente, teimoso, não! Não tem o signo que ver com nada.

Assim, que nisso não se fixem os discípulos, porque isso é uma coisa que não se pode, uma pessoa não vem [ao mundo] quando quer, senão quando Deus quer.

Se a própria pessoa vê a rebeldia que tem e está na doutrina,

tem que se corrigir por si própria, mas não obrigado por ninguém.

Fala-se muito das compatibilidades e incompatibilidades dos signos astrológicos para fins matrimoniais, que o melhor é a união dos de fogo com os de ar e os de terra com os de água. E vejam vocês que o Mestre era Peixes (água), e a Chefinha, Libra (ar), de acordo com esses signos, incompatíveis.

Matrimônios

Ocorreu que alguns instrutores e diretores de monastérios insistiam em que os estudantes deveriam casar-se e faziam tristes papéis de casamenteiros. Em relação a isso, nossa Mestra disse o que segue, durante a inauguração do Monastério de Guadalajara:

*- Em segundo lugar, dizem que as mulheres “temos que casá-las”. Não! O homem ou a mulher que quiser se casar que se case, mas eu não tenho por que obrigar a ninguém a se casar. Eu não sou como aqueles senhores que havia no monastério e que diziam: “têm que se casar porque Hercólubus vem aí”. Não, eu não! Eu os caso hoje e amanhã se desconsideram, esse casal se separa. A pessoa deve se casar porque se enamora e porque gosta, mas **não por obrigação de ninguém**. A mim me dizem: “Você tem que se casar”. Respondo: Case-se você, porque eu não vou me casar... Da mesma forma vocês devem fazer: que se casem, eu não, me caso quando eu quiser, não quando me mandem! Porque o amor é o amor!*

Hoje não há amor, porque nem o homem sabe se enamorar de uma mulher, nem a mulher sabe corresponder. Então, é uma coisa muito absurda e eu sou uma daquelas que não gostam de ajustar matrimônios, nem casar ninguém. Assim, sejam maduros a senhora ou o senhor, a mim não interessa, porque eu não lhes pago o aluguel, nem pago os seus caprichos, para casar as mulheres ou os homens.

Cada qual busca seu par quando lhe corresponde, e quando não, aguenta-se e não se queixe, porque a mim me chamam,

exclusivamente, para dizer: “Mestra, eu vou me casar”. Então, responderei a essa mulher ou a esse homem: Não sou eu [que vou me casar]. Que ganho ao dizer-lhe: “case-se” e depois vocês estarem brigando pela Mestra ou por Arnolda?

Não me metam em seus pacotes! Antes que me metam, eu saio fora, porque a mim não me podem fazer adormecer nesse sentido.

O matrimônio não é para todos, nem a compreensão, porque entre as mulheres existem umas que compreendem um homem e outras não. Por essa razão, tenham cuidado e não se comprometam com ninguém para que se casem, nem me comprometam, dizendo que eu digo: A Mestra disse que se case, que a mulher fulana de tal que se case. Nada digo eu, que se casem quando quiserem! Igualmente quando se metem com meus problemas respondo-lhes: Quem paga o meu aluguel? Ninguém! Quem paga as contas do telefone? Ninguém! Quem paga os meus caprichos? Ninguém! Então, que não me molestem! Que se molestem a si mesmos, mas comigo não se molestem.

Por isso, não vou aconselhar ninguém a se casar. Se uma menina me pede um conselho, sim, dou-lhe se puder, porém, não a obrigo a se casar.

Após o falecimento da Mestra, tem saído multidões de casais dizendo que se casaram por ordem expressa dela, o que é totalmente falso. Somente a um estudante a Mestra lhe disse com quem e quando devia se casar, como já foi visto no Capítulo V.

A Maneira de Entregar o Ensino

Na memorável ocasião da inauguração do Monastério de Guadalajara, nossa Chefinha insistiu, como sempre o fazia, em entregar o ensinamento do Mestre com carinho, com boa vontade e respeito para os estudantes:

*- O instrutor tem que ter muito cuidado para entender este conhecimento em relação aos alunos e não lhes dizer: “não comam carne, porque faz mal”, “que tem o ego por isto”, **não!** Ninguém*

sabe que ego tem cada pessoa. Só notamos a cólera, a ira, quando mandamos fazer alguma coisa e não a fazem. Eles sozinhos que comam sua cólera! Que a pessoa siga adiante dizendo: “façam isto e façam aquilo” e fim! Pronto!

Por isso, devem ter muito cuidado para entregar este conhecimento... e aos demais em recebê-lo, respeitando o instrutor da Gnosis. E os que vierem, quando pensarem em sair, saiam calados, sem falar tanto, vão tranquilos, não ponham a venda sobre ninguém, porque o tempo que os instrutores perdem dando o conhecimento é sagrado. O ensinamento é sagrado. Por sua parte, eles deixam de ganhar dinheiro para vir entregar-lhes o ensinamento.

E não travem discussões nos templos; assuntos econômicos, muito menos. Para isso existem escritórios, uma sala ou um corredor; com a vestimenta, muito menos!

Depois, ela se referiu a um companheiro – aí presente – que era instrutor no Canadá que, no princípio, estava acostumado a tratar com dureza os estudantes, assinalando-lhes seus erros e, por fim, entregando o ensinamento como se ele fosse um “deus” e os estudantes uns diabos.

A Mestra mencionou que esse instrutor se deu conta disso e mudou sua maneira de entregar o ensinamento:

- E não por meu benefício, senão para o bem dele e da humanidade. E compreendeu que o que eu lhe dizia era ensinamento do Mestre, não com grosserias, com obstruções: Você não me serve, tem muitos egos, não pode ir ao cinema porque me traz egos. Deixem de ir ao cinema os que já encarnaram seu Real Ser. Porque Samael foi ao cinema até que encarnou o seu Real Ser. Ele ia ao cinema e eu não lhe diria: -Traz egos da rua, vou limpar-lhe porque traz egos. Nunca disse isso, pois é muito fanatismo! O ensinamento é muito belo, mas compreendendo-se a si mesmos... e os mesmos que recebem isso ensinam a seus discípulos: o orgulho, a divisão...

Como de tudo há neste mundo, temos encontrado instrutores que gostam de falar em uma linguagem complicada e impenetrável, como se já tivessem desenvolvido o *Budhata*, para que todos digam que já estão muito avançados no caminho, ou que “agarraram Deus pelas barbas”, como dissera nossa Chefinha. Contrariam assim a recomendação que o Mestre Samael faz aos instrutores para entregarem o ensinamento em uma linguagem simples e compreensível (ver a obra “As Respostas que deu um Lama”).

De acordo com isso tal classe de instrutores, só eles entendem o Mestre, pois eles, sim, são iniciados, gente desperta e, portanto, o Mestre escreveu exclusivamente para eles, que se incomodam (ou fazem o “humanitário sacrifício”) de explicar a nós, pobres ignorantes, o ensinamento do Mestre.

Muitos hipócritas santarrões se assustam quando os instrutores dão o ensinamento tal como ensinara o Mestre. Afirmam que não pode dizer aos estudantes: “não é assim tão simples”; que há que orar e adorar à Divina Mãe. Pois há que seguir todo um processo prévio de meditação; que primeiro há que buscar um “estado” de iluminação especial. Segundo eles, não se pode dizer aos estudantes que “praticando Magia Sexual **todo ser humano** pode chegar ao elevadíssimo apogeu da ressurreição”, tal como afirmara o Mestre, porque isso não é tão simples. Todavia, que é preciso explicar-lhes todas as dificuldades, porque – afinal de contas e como sutil mensagem subliminar – torna-se impossível para os simples estudantes, quer dizer, para qualquer ser humano que pratique Magia Sexual – lograr a ressurreição.

Isso somente pode ser conseguido por eles e por seus seguidores depois de milhares de sacrifícios, penitências, jejuns e complicadíssimas práticas que só eles sabem ensinar, pois só eles sabem “interpretar” o ensinamento do Mestre. Tal interpretação é no sentido de que só os despertados, como eles, podem despertar. Aos adormecidos, praticamente, está vedado o despertar ainda que sigam o “não assim tão simples” ensinamento redentor. Com este critério só os redimidos podem remir-se; só os que têm a consciência desperta podem dar ordens à mente, quer dizer, só os

que têm a consciência desperta podem despertar... Estes sofisticados instrutores não resistem a uma análise, nem lá em cima, nem aqui no meio, nem lá embaixo.

De nossa parte, simples mortais que não chegamos a tais “culminâncias interpretativas”, devemos ter fé, seguindo o ensinamento simples entregue pelos Mestres Samael e Litelantes – sem “ampliá-lo, corrigi-lo ou evolucioná-lo”. Cedo ou tarde, alcançaremos as grandes metas que eles mesmos lograram, pois é precisamente isso o que querem de nós, e para tal e exclusivamente, vieram a este mundo.

Com relação ao cinema, segundo se deduz das palavras literais da Mestra, só quem encarnou seu Real Ser tem a proibição formal de assistir filmes em salas cinematográficas.

Entretanto, alguns instrutores fanáticos quase exorcizam aqueles que vão ao cinema ou veem televisão. Querem ser “mais papistas que o Papa”, porque devem saber que o Mestre Samael gostava de ver os programas televisivos “Combate” e “Os Intocáveis”.

Muitos instrutores “se queimaram” porque a Mestra gostava de ver suas telenovelas, a ponto de dizer que não consideravam a Mestra porque via televisão. Que sabem esses pobres ignorantes da vida dos Mestres? Não têm a mais remota ideia do que é um Mestre, nem tampouco se comportam como discípulos, pois a um Mestre não se deve julgá-lo, senão amá-lo. Quem é a pessoa para julgar os Mestres? Por acaso é superior a eles para estar em condições de criticá-los?

Resultou também que alguns instrutores “se queimaram” porque viram o Mestre comer presunto de porco, uma vez que ele gostava de comer, no café-da-manhã, seus ovos fritos acompanhados com toucinho ou presunto. E apesar de o próprio Mestre Samael lhes dizer que o porco já estava processado nas linguiças, muitos dos “grandes senhores instrutores” quase excomungaram o próprio Mestre.

Os inimigos do Eterno também estão dentro do Gnosticismo e

podemos qualificá-los como hipócritas, fariseus, sabichões, fanáticos e santarrões.

O Tema do Grande Arcano

Em virtude de que se incorria em excessos e os instrutores davam “conferências” sobre o Grande Arcano, a Mestra disse o que segue, ao inaugurar o Monastério de Guadalajara:

- Outra coisa, que se propõem a dizer, é falar do “Arcano”. Como falam de algo tão sagrado? Quando o Mestre falava neste sentido, iam e lhe perguntavam: “Mestre, o que disse do Matrimônio Perfeito?” Diziam-lhe: “que minha mulher, que assim, que assado, que não...” [O Mestre respondia:] “Consulte o livro do Matrimônio Perfeito, vá e o leia, eu não lhe darei explicações”.

Que faria o Mestre dando explicações de como vão viver, como vão dormir? Hoje em dia, um gnóstico se casa e vai dizer: “O que eu farei? Já me casei com fulana, que vou fazer? Na igreja, quando estão se casando, o padre não lhes vai dizer, senão: “Façam crianças para o Reino dos Céus”. Aqui não lhes dizemos isso. Tenham valor de guardar seu líquido seminal, para a força de vocês, e que não se tornem velhos... E ainda vão perguntar ao Mestre o que farão quando se casarem; bom, isso é o cúmulo! Aquele que se casa, sabe por que se casa, com quem se casa e como deve portar-se bem com a mulher e ela com o homem.

Tem desejo de que o instrutor lhe explique? Bem. E se a mulher tem algo ainda que perguntar, que pergunte à senhora do instrutor. Todavia, quando querem enamorar a mulher do instrutor, vão com a mulher, o homem, e no outro caso, a mulher com o homem, para ver qual deles ganha terreno. Isso é o cúmulo e um abuso! A mim enviavam-nas e eu lhes dizia: Vão com o Avô, não venham aqui. “Não, o Mestre me mandou”, e eu lhes dizia: A mim não me importa, vá com ele, ele esta dando o ensinamento, comigo não contem.

Eu não dava nenhuma explicação acerca do ensinamento. E

se podia, depois, dizia ao Mestre: Para que me manda pessoas? Não vou tirar seu lugar, segue em seu lugar, e se encarregue disso... carregue seu morto, porque eu não vou carregá-lo. E agora com que pacote me deixou! Que ajude a carregar, estou sozinha, com a ajuda de todos os estudantes que possam.

E os instrutores que dão o ensinamento, uns corretamente e outros ao contrário. E diante das crianças se põe a falar, dizem eles, do “Arcano”, conferências sobre o Arcano, o que o Mestre não fez jamais! Porque há crianças, há senhoritas, meninas, que não sabem nada disto.

Se querem saber... irão saber. Colocam a pessoa em apuros, porque vão as crianças e dizem: “Olha, em tal escola disseram isto e isto, o que quer dizer, mamãe? Papai, disseram isto e isto, que quer dizer?”... Com qual compromisso vocês se metem envolvendo algumas crianças.

Recebem o conhecimento, mas, “essas coisas” são muito sagradas. Por isso se diz que um casal tem sua alcova, para que conversem, façam suas coisas e que ninguém tome conhecimento, nem nas salas de conferências, nem as pessoas que irão visitá-los.

Ordem de Leitura

Numa entrevista realizada em 10 de agosto de 1982, destinada aos estudantes de El Salvador, a Mestra disse o seguinte:

- Ele [o Mestre] recomendava muito aos alunos que começam a ler, que estudem muito a obra “A Grande Rebelião”. Porque muitos missionários não dão a oportunidade aos alunos que leiam os livros do Mestre. Por quê? Por egoísmo, para vender folhetos que eles fazem; emitem folhetos e dizem que com eles têm que seguir; [para que ler] os livros do Mestre se ainda não estão preparados? E digo-lhes: se o Mestre não houvesse editado os livros para o público, estaria de acordo, mas ele os deixou para que todos lessem. Aos que gostaram, que bom; e aos que não gostaram, que esqueçam.

Em outras ocasiões, a Mestra nos informou que além de A Grande Rebelião, o Mestre recomendava aos principiantes a obra “Sim há Inferno, Sim há Diabo, Sim há Carma”.

Em geral, a Mestra afirmava que os instrutores não deveriam fazer indicações; que os estudantes lessem a obra que quisessem ou as que gostassem de ler. Evidentemente, o Livro de Segunda Câmara está restrito aos estudantes desse grau.

Santarrões

Por ocasião de sua visita a Portugal, a Mestra foi muito clara ao dizer o seguinte:

- Eu tenho muitas pessoas que, verdadeiramente, são sinceras. E gosto que me digam: “Eu não lhe dou permissão”. Mas que me digam de frente, que não me digam pelas costas. Porque aquele que diz as coisas por trás esse é meu inimigo – não o tomo em conta nem para o bem, nem para o mal – inimigo. Porém, em silêncio, porque cada um deve ter o valor de dizer a verdade às pessoas, frente a frente, não por detrás, isso é covardia!

E isso era feito por Samael e de igual forma o faço [falar frente a frente]. E, por isso, muitos... ninguém me quer. Uns me querem e outros não, mas estes não me fazem falta. Porque ninguém paga o meu aluguel, nem os meus cigarros, nem a conta de telefone, nem a conta de luz. Para que me fazem falta?

Ninguém vai salvar minha alma. Se o diabo me leva, que me leve só, mas não com vocês. Todavia, vocês creem que ter companheiros, um “Mestre” [referindo-se aos que a atacavam] para que os conduzam... Homem!...

*Busquem o conhecimento, a consciência, conheçam-se a si mesmos, sim, por dentro. A quem rendem essa devoção? A quem? Não é a um humano comum e corrente como nós? Aqui, **diante de vocês é um santo e quando dá a volta por trás, que diabruras não faz?** Nisso, não se fixem vocês nisso.*

Isso é o que temos que aprender, a viver neste mundo, porque

este mundo é muito cruel; a humanidade é muito traidora, quase a maioria, e isso as pessoas não gostam, porque dizem: “Ah, não! Arnolda não vem a não ser para nos repreender, para nos chamar de traidores”. E sei o que lhes digo, mas não por detrás, digo frente a frente. E ao que não gostou que levante a mão e diga: “pois eu sou um daqueles que não gostaram”, e não me enfado com ele, reconheço a sua razão. Porém, digo frente a frente, e não como esses traidores que estiveram na Espanha falando contra mim.

Efetivamente, em sua obra “Os Mistérios Maiores”, o Mestre Samael disse assim:

A doutrina esotérica é muito exigente. Não devemos confundir a santidade com a beatice. O tipo humano santarrão tem enchido o mundo de lágrimas. O santarrão fanático se horroriza de tudo. Um santarrão tenebroso, quando viu a escultura mexicana do deus morcego, disse que isso era magia negra. Para ele, santarrão, até as coisas mais divinas são magia negra.

A Mestra LITELANTES era criticada pelas irmãs espiritualistas porque ela não comungava nas suas beatices; as santarronas a odiavam porque a Mestra não compartilhava com suas tagarelices de papagaias, que dizem e não fazem e falam o que não sabem.

Em síntese, os instrutores não devem pedir nem exigir dízimo e nem cotas; ao contrário, devem ter algum modo honesto de viver. Do mesmo modo, devem entregar o ensinamento com amor – sem se crerem superiores aos estudantes – pois assim foi entregue pelos Mestres – sem alterá-la – e não esperar agradecimento nem recompensa alguma; devem evitar as críticas e não serem ambiciosos; devem ter grande respeito aos Mestres, aos estudantes e aos lumisiais.

É um dever: guardar as leis divinas e humanas; conservar os matrimônios e não intervir entre os cônjuges, nem na vida privada dos estudantes; ser discreto e guardar os segredos da Ordem, evitando dar conferências acerca do Grande Arcano. Deve promover a leitura sistemática do Quinto Evangelho e escutar as palavras que os Mestres deixaram, gravadas e filmadas, mas não como um recheio, quando não prepararam a conferência, senão como um aspecto substancial do plano de estudos. Isso porque tais palavras impactam diretamente a consciência, muitíssimo melhor que todas as nossas conferências.

Os instrutores devem evitar a hipocrisia e o farisaísmo, o fanatismo e a

beatice – que só geram traições, como disse o Mestre – assim como a indiferença para com as dores que sofre esta pobre humanidade. Devem ser absolutamente respeitosos com as demais religiões e escolas esotéricas, pois: “Todas as religiões são pérolas engastadas no fio de ouro da Divindade”, como disse o Mestre; e não brigar pelas coisas do ensinamento, nem por poderes.

É preciso estudar, meditar e orar e, em geral, praticar os ensinamentos da Revolução da Consciência com fé e devoção, com todo o coração, procurando – sobre todas as coisas – contentar o nosso Pai que está em segredo.

NECESSITAMOS DE MISIONÁRIOS

Necessitam-se de homens pacientes, capazes de suportar as mais árduas disciplinas. Amigos da cultura, verdadeiros aspirantes à Ciência Pura.

Queremos que nossos missionários tenham sentimentos de artista, que amem a Ciência, a Filosofia e a Mística.

Que vibrem deliciosamente com as colunas coríntias da Grécia e que sejam amantes da beleza.

Que sintam em seus corações a mística de um Francisco de Assis e anelem, realmente, a sabedoria do Egito. Queremos missionários nos quais resplandeçam a beleza do espírito e a força do amor.

Missionários que sejam cientistas e também poetas, que possam investigar o átomo e também sejam capazes de meditar no arroio cantante, que desliza em seu leito de pedras.

Missionários que sejam capazes de meditar aos pés das ruínas de Atenas ou da antiga Roma. Missionários que saibam admirar o cinzel de um Praxíteles.

Missionários que saibam amar, verdadeiramente, a humanidade inteira.

Missionários que vibrem com a Lira de Orfeu e que cantem com Homero na Terra dos Helenos.

Essa é a classe de missionários que anelamos!

Missionários que possam admirar o palpitar das estrelas.

Missionários que estejam enamorados das noites puras.

Missionários que tenham uma noiva adorável e que essa noiva se chame “Urânia”.

Essa é a classe de missionários que queremos!

Missionários que possam vestir a túnica da santidade.

Missionários que queiram colocar a almofada aos pés do Guru, para

receber seus sagrados preceitos.

Missionários que anelem a cristificação profunda, e que sintam a beleza do amor, assim como o irmão Francisco sentia em seu coração.

Missionários assim são os de que necessitamos!

Fora de nós a ira, a cobiça, a luxúria, a inveja, o orgulho, a preguiça e a gula!

Fora de nós o espinho que fere as carnes!

Fora de nós a cizânia da murmuração e a calúnia!

Fora de nós o veneno asqueroso da inveja!

Fora de nós o monstro da luxúria!

Queremos Missionários de passo calmo e suave dos grandes eremitas, que andem de porta em porta predicando a palavra.

Essa é a classe de Missionários que queremos!

De modo algum desejamos nós fazer da Gnosis um negócio.

Fora do Gnosticismo Universal as questões de financeiras!

Só queremos uma coisa: amar profundamente a humanidade!

Samael Aun Weor

Congresso de Guadalajara, 1976

CAPÍTULO XI

ISHTAR HOPKET

Certa noite de lua cheia, eu tive um sonho muito raro no qual um Senhor me dizia: - O nome da Venerável Mestra Litelantes na Antiguidade era “Ishtar Hopket”.

Na manhã seguinte, prontamente, perguntei à Chefinha se era verdade tal afirmação – pois nunca gostei de ficar com dúvida e tinha a bênção de estar ao lado da Chefinha, que nunca me mentia, é claro – ratificando-me enfaticamente o dito por aquele Senhor na noite anterior. No entanto, ela não quis aprofundar a questão.

Ishtar é o nome da deusa do amor entre os assírios; assim, eu me dei à tarefa de buscar por essa linha de investigação o significado de *Hopket*, mas, sem obter resultados depois de dois dias de consultas, com constância esmerada na bibliografia necessária.

Cansado de procurar entre as deidades mesopotâmicas sem resultados, optei por consultar entre as egípcias. Entretanto, a raiz *Ho* não aparece no “Egyptian Hieroglyphic Dictionary”, de Sir E. A. Wallis Budge (o mais completo sobre a matéria). Porém, eu recordei que Horus em egípcio se escreve Heru e assim busquei em Hepket. E qual grande foi minha surpresa ao encontrá-lo com a seguinte definição: “Um dos 42 Assessores de Osíris”¹⁹.

Há que esclarecer que os Assessores de Osíris, segundo os egiptólogos, são os que nós conhecemos como os 42 Juízes de Anúbis, porque, efetivamente, nosso Senhor Anúbis é o próprio Osíris, no Tribunal.

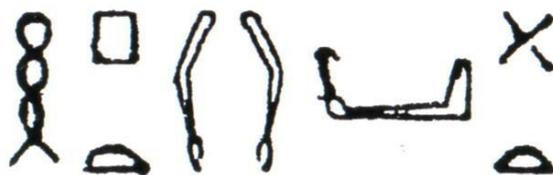
Depois, com grande alegria, comentei com a Chefinha os resultados de minha investigação, não sem mostrar-me

¹⁹ Nota do Autor: In Dover Publications, Inc., N.Y. Tomo I, p. 439.

intrigado porque um nome era assírio e o outro egípcio. Daí que lhe perguntei a que se devia tal dualidade, ao que ela respondeu: – *Não complique a vida, o melhor é dar graças pelo fato de lhe mostrarem algo lá em cima.* Talvez, o que a ela lhe parecia “algo” para mim era “muitíssimo”. Enfim, considere que tanto na Assíria quanto no Egito se adorava a nossa Senhora Litelantes.

Posteriormente, mandei fazer para ela – com sua vênua e autorização, é óbvio – uma cama de madeira de cedro no estilo egípcio, com um leão e uma leoa como bastidores na parte dos pés, e no centro médio de ambas as figuras, gravado no travessão frontal em um cartucho egípcio, o hieróglifo com o nome de Hopket, o que muito agradou à Mestra. Ela usou essa cama até que lhe resultou muito alta, já quando começara a minguar sua saúde. Finalmente, fez o obséquio de me presenteá-la e, até hoje, conservo-a como uma verdadeira relíquia que é.

Eis aqui o hieróglifo:



Mestra-Mestre

Não posso deixar de reconhecer e agradecer a nossa Chefinha por tantas gentilezas e de me permitir viver coisas inefáveis ao seu lado. Particularmente, deu-me oportunidade de confirmar as palavras do Mestre Samael, sobre ser um Grande Juiz da Lei. E mais, permitiu-me que pudesse saber que seu Senhor Pai, nosso Senhor Litelantes, é o Primeiro da Direita, quer dizer, que é a cabeça do Pilar do Rigor no Tribunal, fato que asseverei em múltiplas ocasiões em distintos foros, estando precisamente ao seu lado. Jamais me contradisse nem me repreendeu por falar sobre esse tema, pois, como dizia Santo Agostinho: “Deve-se dizer a verdade

mesmo quando seja motivo de escândalo”.

Na realidade, os santarrões do Gnosticismo se escandalizaram muito – os hipócritas fariseus de ontem e de hoje – pelo fato de eu falar a respeito do Pai Interno de nossa Mestra Litelantes – pois eles nunca gostaram de que um tremendo pecador como minha pessoa soubesse, ou que a Mestra me dissesse, tais coisas. Em suas errôneas ideias, só os santarrões como eles tinham direito de conhecer os mistérios do ultra. Eles prefeririam que eu falasse desgraças de nossa Mestra, como eles o faziam e fazem, ou melhor, como muitos “santos inefáveis” continuam fazendo: só falam da Mestra como um suporte para seus particulares interesses.

No entanto, como costumava dizer a Chefinha: – *Ao mais caído mais se estende a mão*. Reconheço que tal foi meu caso e que os santarrões se escandalizavam de que a Mestra falasse, por meu intermédio, coisas que ela não queria dizer de si mesma (ou de seu Senhor Pai).

A verdade é que os Senhores da Lei são de uma forma de ser muito peculiar, e, por isso, pouco importa, tanto a Mestra como a mim, que as pessoas não quisessem crer que seu Íntimo Sagrado é o Primeiro da Direita, também chamado “O Segredo de Thot”, uma vez que não há segredo que lhe escape.

Como Grande Mestre do Rigor, ela conhece todos os nossos aspectos mais ocultos e sombrios e se algum dos Senhores do Tribunal omite algo a propósito do réu, o Primeiro da Direita sempre o dirá a nosso Senhor Thot (O Grande Secretário). Noutras palavras, o fará público e notório na Sala de Maat, pois a Lei – e seu rigor sagrado – sempre se cumpre.

Reitero que a Chefinha em seu relacionamento era Mestra, criança, mãe e companheiro de armas, varão completo, tratando-se das coisas de seu Pai. Muitas vezes, com efeito, aparecia em sonhos como varão, a maior parte

das vezes, com vestimentas de tipo militar grega, e armadura do peito de ouro completamente liso, sem nenhum nome ou adorno, na mais extraordinária simplicidade.

Curioso o caso de nossa Mestra que nunca caiu, e só veio para retemperar sua Pedra!

Se os Mestres que se levantam são bastante difíceis de encontrar, muito mais difícil é encontrar um Mestre dessa qualidade tão especial!

Um Mestre que se levanta do lodo da terra primeiro utiliza seu nome pessoal, por exemplo, Aun Weor (com o que, por certo, o Mestre Samael subscreveu sua obra até 1954), que equivale a Víctor Manuel, e depois de encarnar cabalmente o seu Real Ser, começa a utilizar o nome de seu Pai: Samael, que corresponde ao sobrenome Gómez Rodríguez. Sucede que a diferença dos nomes profanos é que vai primeiro o sobrenome e depois o nome da chispa.

Todavia, no caso de nossa Mestra, como se trata de um Mestre que nunca atirou sua Pedra, sempre conserva seu sobrenome, quer dizer, o nome de seu Pai, o sagrado nome Litelantes.

Aqui podemos fazer a seguinte pergunta: Qual é o nome pessoal de nossa Mestra? Quer dizer, qual é seu equivalente a Aun Weor? Evidentemente, os grandes sabichões e santarrões de ontem e de hoje não poderão responder qual é o verdadeiro nome – completo – de nossa Mestra.

A Venerável Mestra Litelantes era hermética e costumava dizer que não dava nada de presente porque o Mestre presenteou dons e poderes, potestades e mestrias e os alunos lhe pagaram com moeda negra.

Eram muito evidentes suas diferenças com o Venerável Mestre Samael Aun Weor, pois ele tinha uma maravilhosa grandiloquência (levando em conta que sua missão é entregar a Mensagem de Aquário), enquanto que a Mestra era de grande parcimônia, no lado pessoal, mas, sobretudo no que se relacionava às coisas do ultra; o Mestre era

dadivoso e a Mestra econômica. Ele bonachão, ela rigorosa etc.

Enfim, cada pessoa tem sua forma peculiar de ser, aqui no físico e lá no Alto, mas nossa Mestra foi um caso especial, como muitas vezes o Mestre Samael chegou a assinalar. Ele afirmava, ademais, que se os Mestres da Lei por si só são enigmáticos, mais difícil era entender a bendita Mestra Litelantes.

Rainha do Universo

Em certa ocasião, fomos a uma senhora que curava empregando uma técnica *nahua* antiga. É que a Chefinha queria ajudar a um casal de amigos que tinham problemas de saúde, mas de origem metafísica. Naquele dia, antes do amanhecer, começou o ritual (ao todo éramos quatro: o casal, a Chefinha e minha pessoa) quando o astral de outra senhora, que vivia em Michoacán, ocupou o corpo da curandeira.

Depois, nós ficamos sabendo que a senhora michoacana havia sido uma grande bruxa e que nossa amiga curandeira a converteu para o caminho do bem quando curou o seu filho – a quem sua própria mãe já havia desistido de curar com sua magia negra (pois não conseguiu usando as “más artes”). Sucedeu que nossa amiga disse à bruxa que curaria o seu filho, mesmo que ela a matasse.

O fato é que nossa amiga curandeira converteu a bruxa, aquela que agora curava com animais vivos (mochos, serpentes, lagartixas etc) ao invés de matá-los. Chegamos a ver prodígios de magia.

Ainda naquela madrugada, que foi a primeira ocasião que tivemos contato com a ex-bruxa, tão logo ela penetrou no corpo físico da curandeira, a quem chamava “a carne”, disse o seguinte: “Essa rechonchudinha – referindo-se à

Mestra – gosta de ver as coisas por si mesma; não gosta que lhe contem; ela quer vê-las diretamente”.

Posteriormente, começou a fazer uma oração enquanto “limpava” o casal enfermo com uns ramos de “pirul” (falsa pimenta), cravos e rosas e lhes receitava as coisas que haveriam de trazer para a próxima sessão.

Depois, passou a “limpar” a Chefinha e sucedeu que, tão logo pôs em seu colo o ramo de pirul (falsa pimenta) com flores (o pescoço era o primeiro lugar onde colocava), a senhora lhe falou:

- *Deus te fez Rainha do Universo.*

Atônitos, ficamos com aquelas palavras, mas, certamente, a ex-bruxa tinha razão e depois disse à Chefinha que ela podia se curar, caso quisesse, pois desde criança tinha essa faculdade e que ignorava por que não havia se dedicado a ajudar ao próximo, com a medicina mágica.

Continuamos a ir às sessões de cura e como sempre, nunca falávamos de nosso ensinamento, ao contrário, nós o guardávamos reservadamente. Muito nos surpreendeu que na terceira ocasião em que fomos, a ex-bruxa, metida na carne da curandeira, disse-nos o seguinte: - Já fui onde vocês estudam, onde fazem suas reuniões, que bonito o que ensinam lá! Lástima que somente criticam-se uns aos outros... Não têm fé porque se tivessem fé diriam a uma pedra: cura, e a pedra curaria. Que desperdício!

Depois da sessão, nós comentamos com a Chefinha as palavras anteriores e ela nos disse que, efetivamente, a senhora havia investigado nos mundos internos, e suas palavras diziam a verdade, pois a grande maioria dos gnósticos perdia o tempo miseravelmente, que não tínhamos fé, que complicávamos as coisas e que intelectualizávamos o ensinamento em vez de vivê-lo com simplicidade; que pessoas como a michoacana apreciavam mais o ensinamento que muitos de nós, os quais nos

cremos santos sem sermos, e a única coisa que tínhamos era a cabeça cheia de orgulho e vaidade; que nos cremos superiores aos estudantes de outras religiões e escolas esotéricas, e que já víamos como uma curandeira sabia mais que nós... Enfim, com o pretexto das palavras da michoacana, a Chefinha nos deu uma boa “repassada” naquela memorável manhã.

Pois bem, não só neste incidente, como em muitíssimas outras ocasiões, a Venerável Mestra Litelantes demonstrou a maior equidade. Exercia amplamente a autocrítica – de sua pessoa e do Movimento Gnóstico – bem como uma grande reserva do verbo. Em definitivo, ninguém podia enganá-la – e quem acreditou enganá-la, ela assim o fazia crê – pois sempre gostou de “ver as coisas por si mesma”.

Recordo que depois de uma extraordinária experiência, onde se viram coisas maravilhosas a propósito da grandeza de nossa Mestra e de seu Senhor Pai, disse-me: – *Pois veja você, aqui estou metida neste “brutamontes”* (com esse qualificativo se referiu a seu corpo como desprezível).

Ela fazia escárnio sistemático dela mesma e se dizia feia, negra e rechonchuda... Todavia, não conheci mulher que tivesse um sorriso mais agradável. Por outro lado, o espírito que animava seu rostinho a fazia parecer como a mulher mais bela do mundo.

Tampouco conheci mulher que possuísse tanto pudor orgânico, que cuidasse tanto para não mostrar seu corpo. Ela era muito escrupulosa neste sentido.

A “Rainha do Universo” foi sempre, como mulher, uma completa dama, e como mãe, a mais amorosa das mães. (“Amor é lei, porém, amor consciente”).

Mestra Zen

Entre outros graus de maestria ou domínio das escolas

e sistemas de regeneração, a Chefinha era uma consumada Mestra Zen. Tinha uma terrível dureza, uma rigidez proverbial (uma verdadeira Esquadra) e por sua vez, uma compaixão profunda. Seu trato era sublime e enigmático. Sua própria vida foi um contínuo koan para todos; foi um Buda de Compaixão “terrivelmente divino”.

Ela era um Ser muito especial, que continuamente surpreendia e nunca se podia predizê-la. Quando ela queria, começava com suas aparentes contradições, que desequilibravam ou desnorteavam qualquer um. Na verdade, sacudia as mentes e os corações para que despertassem de sua letargia ancestral e depois colocava seu grão de doçura, de perdão da mais profunda misericórdia. O mais valente se dobrava ante ela e seu verbo implacável. Ensinava como beijar o látego do verdugo. Em outras palavras, se a pessoa cooperava, ela ia tirando sua rebeldia frente à Divindade. Ensinou-nos a adorar o nosso Senhor Anúbis. Bendito seja seu castigo, sagrada sua misericórdia!

Nossa Mãezinha era especialista em terríveis provas, sobretudo do orgulho. Em certa ocasião, ela me chamou fortemente a atenção na frente a várias pessoas; depois, estando a sós, supliquei-lhe que, por favor, não me chamasse a atenção frente aos demais; sozinha comigo, podia me dizer o que quisesse, mas que não agisse assim, e milhares de rogos mais.

Melhor que nunca o tivesse feito! A partir daquele momento, foi implacável para molestar-me e repreender-me em frente às pessoas. O ano todo esteve repreendendo-me diante dos demais – bem que o mereci de todas as maneiras – e podemos dizer que até o final de seus dias, mas naqueles tempos era sistemática, persistente, não passava um dia sem me repreender.

Enquanto não havia pessoas, tudo era suavidade: tomávamos nosso cafezinho, fumávamos um cigarrinho, a

conversa era amena, saborosa... mas tão logo começavam a ocupar os postos da mesa redonda de sua cozinha – naqueles tempos quase sempre cheia de comensais – sem demora iniciava seu ataque diário.

Sucedia então que, quando já não aguentava a saraivada de repreensões, levantava-me da mesa, ficava de pé e lhe dizia que as “pedradas” estavam muito duras e que o melhor era ir embora. Porém, ela continuava e conforme eu ia me retirando da cozinha, dizia-me “puras ternuras” como: - *vai, não aguenta, não tem valor, que classe de homem és.* Etc., etc., etc.

Então, eu lhe respondia que, de fato, não aguentava mais e que já não era tanto “lo duro sino lo tupido”²⁰ melhor dizendo, que era forte e intenso, e que o melhor era regressar quando passasse a tormenta. Depois, tomávamos por brincadeira, sempre às minhas custas, e gozávamos amplamente, em meio a tantas repreensões. Que tempos tão memoráveis!

Em geral, a Mestra ajudava-nos a nos corrigir com sua delicada e incompreensível mistura de rigor e misericórdia, de repreensão e alento, de severidade e de doçura.

Apesar de sua severidade, eu nunca conheci ser mais compassivo. Na realidade, sua severidade era um sistema de correção para nós e não um traço formal ou rígido de sua personalidade, pois ocorria que a Mestra alternava sua dureza com a sua suavidade, com a maior doçura e compaixão.

Todavia, essa aparente contradição de sua maneira de ser fazia com que a pessoa não soubesse como se ater a ela, de tal forma que nos forçava a nos superar, a buscar a melhoria interior. Sua enigmática personalidade era um constante *koan* e na verdade fazia com que nossas mentes

²⁰ Nota do Tradutor: “lo duro sino lo tupido” – dito que provém do Box (esporte) e significa que não é tanto a dureza da potência dos golpes que faz o boxeador ganhar a luta, mas, sim, a quantidade de golpes, ainda que não sejam muito fortes.

se esgotassem ao tratar de resolver esse enigma sem solução.

Aos que como nós ela gostou como se fôssemos seus filhos, deu-nos um tratamento de dureza especial. Recordo que quando um amigo, a quem também tratou como filho, casou-se, disse-lhe que mesmo estando casado viria comer em sua casa. Conclusão: a Mestra o mandou cumprir missão em Hermosillo, cerca de umas 34 horas de percurso em automóvel!

Quando me casei, visto que havia comprado uma casa contígua a sua e, portanto, não podia tão facilmente mandar-me para fora da cidade, ela se mudou de casa para dar-me privacidade e independência, e assim o declarou enfaticamente. Em outras palavras, contrariamente à conduta de uma mãe comum que busca sempre ter o filho grudado em sua saia, ela nos afastava para que fizéssemos nossas vidas independentes.

Eis aqui em suas próprias e textuais palavras (ditas em sua visita a Portugal), o que pensava acerca do assunto:

- ...E quero um secretário solteiro, não casado, para que a esposa não fique criando desavenças. Até isso tenho de exigente... No meu caso, mando-os para longe até que se adaptem à vida da casa, do lar... Depois, trata mal à esposa, quer estar aí metido, longe de sua esposa, e quem é que paga? Eu, por tê-lo aí. Dá-me pena de afastá-lo... Muitos têm dito: “Que tudo seja, eu quero seguir a Gnosis, mas o problema é que com Arnolda, com a Mestra posso seguir, mas tem o secretário Dosamantes”. Então lhes respondo: “Pois são melhores dois amantes do que um”. Para que eles o tirem, não? Porque o sobrenome é Dosamantes, não? Digo que é melhor dois amantes do que um. Não se conformam com um, senão com dois, para que lhe doam mais!... É melhor, é melhor que se molestem mais... Para que vejam até onde vão os gnósticos, em que

grau lhes chega o conhecimento, a pensar mal de alguém e isso não é justo!

Sempre que uma mulher fica viúva ou só, esfolam-na amplamente. E o que tenho feito? Edito os livros para entregá-los aos gnósticos; os que querem, que os comprem, os que não, que os aguentem. Todavia, mal não lhes tenho feito.

Enfim, voltando ao tema, ela permanentemente procurava nosso bem, mesmo que não compreendêssemos a dureza de sua conduta. Só depois de muito tempo conseguimos entender um pouco a razão de sua forma de ser.

Recordo quando se recrudesciu a conduta dos que acreditavam seus corifeus contra minha pessoa. Pessoalmente, eles me tratavam com a maior suavidade, com o maior carinho. Então perguntei à Mestra se – como ela me dizia e reiterava – estava de acordo com meus serviços e com minha amizade; porque se ela mesma falava mal de minha pessoa – o que explicava a conduta dos falsos corifeus – a que se devia essa contradição? Ela me respondeu:

– Por isso trato-os assim, para que se tornem firmes e não saiam do ensinamento, porque falam mal de vocês. Efetivamente, se a própria Chefinha criticava minha pessoa, já me importava pouquíssimo o que opinavam os demais. Estava vacinado contra a baba difamatória dos fariseus e saduceus do Gnosticismo.

Em geral, demonstrava um grande manejo de nossos erros, tirando-lhes o maior proveito para os fins do Tribunal, tal como sucede normalmente com todo Grande Mestre, que obtém sempre o que pretende, apesar de nossos erros, inclusive, aproveitando-os.

A Mestra sempre teve uma grande precognição e manejo da temporalidade. Ela, sim, estava em verdadeiro

contato com a Talidade e em harmonia com a mecânica da relatividade. Vivia com a maior naturalidade em todos os planos.

Exaltada Mestra-Jinas

Neste ensinamento não basta o Zen. É preciso ir mais além. Sem a *Gnosis*, o Zen, seria incompreensível para nós. O Mestre Samael assinala enfaticamente que:

... a humanidade necessita voltar ao ponto de partida, regressar à Santa Gnosis do Hierofante Jesus. Retornar ao Cristianismo Primitivo, ao Cristianismo da Gnosis. Na Doutrina de Jesus, o Cristo, existe Ioga digerida, Ioga essencial, Magia Tibetana, Budismo Zen, Budismo Prático, Ciência Hermética etc. Na Gnosis está toda a sabedoria antiga já totalmente mastigada e digerida. (Cátedra sobre “As Escolas Esotéricas”).

Visto está que seguimos a Doutrina Secreta de Jesus Cristo e não do Zen, mesmo quando o próprio Mestre afirma reiteradamente que “Buda e Cristo se complementam”. Quer dizer, o Zen é só uma parte da Grande Doutrina Gnóstica-Cristã. O Mestre também disse:

Dou-me conta de que nas salas de meditação no Japão é possível conseguir o satori, porém, este dura só alguns minutos e, no melhor dos casos, uma ou mais horas. Depois disso, a mente volta a ficar tão agitada como sempre... Nós queremos algo mais, algo mais além do que se pode lograr em uma sala de meditação Zen ou Chan.

Queremos um despertar também da mente, queremos uma mente receptiva aos intuitos que vêm lá de cima, do Céu, de Urânia, uma mente iluminada. (“Glossário Gnóstico”, 2ª edição).

A Ciência *Jinas* é um aspecto fundamental do Cristianismo Gnóstico. Recordemos que nosso Senhor Jesus Cristo caminhava sobre as águas em estado de *jinas*; que a transfiguração do monte ocorreu em estado de *jinas* etc.

Ademais, porque o Templo de Montserrat – ao qual pertenceu nossa Mestra desde os 13 anos, fazendo com que o Mestre pertencesse também, como membro consciente – onde se encontra o Santo Grial, é precisamente um Templo-*Jinas*. Esse Templo é o centro de onde se esparge a luz do Cristianismo Gnóstico, o maior baluarte da Ciência Jinas, o verdadeiro coração da *Gnosis*.

Assim como existe o Cristianismo, também há seu oposto, por isso, existem *Jinas-brancos* e *Jinas-negros*. Os Mamas da Serra Nevada de Santa Marta, Colômbia – o Tibete da América – conhecedores destes mistérios, só respeitavam duas mulheres, como se fossem homens: a Mestra Litelantes e a bruxa Heliadora. A primeira por ser Grande Mestra-*Jinas-Branca* e a segunda, pelo inverso. Ambas, terrivelmente poderosas. Como dado curioso, fisicamente, eram opostas, quer dizer, a Mestra era moreninha, enquanto que a Senhora Heliadora era branca e loira.

Assim também ocorre com os Mestres Zen, os quais têm seus opostos, e gostam de controlar a mente das pessoas, fazendo-se passar por grandes místicos.

Em geral, os que seguem o caminho negro utilizam todas as suas “más artes”, porém, os mais perigosos são aqueles que utilizam os ensinamentos sagrados hipocritamente; os que se fazem passar por mahatmas, atletas da meditação, budas ou cristos-vivos. Afinal de contas, definitivamente ensinam o inverso (fornicação, adultério com o pretexto de “troca de vaso”, exploração ao próximo, traição à Mestra etc.). Ou ainda, desanimam as pessoas no caminho tirando-lhes a fé, fazendo-lhes ver que o Mestre praticava de 3 a 12 horas diárias de meditação, (segundo eles). Ora, sendo assim, nós jamais lograremos nada com apenas uma hora! Fazendo-lhes ver que se deve seguir seus sistemas complicadíssimos de meditação (adulterações do ensinamento) etc. Quer dizer, são como o

“cachorro do hortaliçeiro”, que nem come nem deixa ninguém comer.

O maligno sempre buscará as formas sutis de nos tirar do ensinamento, ou melhor, de adulterar, tergiversar ou inutilizar as chaves que nos legaram nossos Mestres. O maligno é hipócrita e fariseu, é sutil e se faz passar por santo.

Reitero meus respeitos aos que se dedicam diretamente, e sem hipocrisias, a desenvolver seus poderes negros e não utilizam os ensinamentos sagrados para seus fins perversos, como aqueles muitos que se fazem passar por santos. Por isso, os Mamas respeitavam a bruxa Heliadora, já definida pelo lado negro, e também respeitavam a Mestra Litelantes, já definida pela Luz.

Escrito está pelo próprio Mestre Samael que:

O Venerável Mestre Huirakocha conta-nos, em sua *Novela Iniciática*, o interessante caso do comandante Montenero que com seu corpo físico em estado de jinas entrou no Templo de Chapultépec, no México, para receber a Iniciação Cósmica. Dom Mário Roso de Luna nos fala também maravilhosamente sobre os estados de jinas. Mas, nenhum escritor espiritualista jamais nos havia ensinado a fórmula concreta para pôr o corpo físico em estado de jinas. **Aprendi esta fórmula de minha própria esposa-sacerdotisa. Ela me ensinou na prática.**

A Mestra Litelantes sempre foi assim: enquanto os demais falávamos, ela atuava. Evidentemente, nossa Mestra tinha um coração de ouro, quer dizer, era dona de todos os poderes do cárdias, por isso dominava a *Ciência-Jinas*.

Com efeito, em sua obra “Logos, Mantra, Teurgia”, o Mestre Samael disse:

Aqueles que depois de três anos de práticas com a *Ciência-Jinas* e com as chaves astrais ensinadas neste livro não tiverem obtido êxito de nenhuma espécie, estão, de fato, fracassados nesta classe de trabalhos. Este tipo de fracassos se deve ao fato de que o

estudante perdeu totalmente os poderes do chacra do coração (cárdias). Neste caso, o estudante deve suspender essas práticas e dedicar-se a desenvolver o chacra cardíaco.

Na prática, podemos evidenciar que as pessoas simples do campo e as muito humildes da cidade saem facilmente à vontade em corpo astral.

Evidenciamos também que as pessoas muito intelectuais já perderam os poderes do cárdias, devido a que suas mentes ficaram totalmente congeladas no cérebro. O intelectual que quiser aprender a sair em astral deve, primeiramente, desenvolver o cárdias.

Portanto, os poderes do chacra do coração são os motores dos poderes-*jinas* e astrais. Ao longo de toda a sua obra, o Venerável Mestre Samael Aun Weor insiste no fato de que este é um ensinamento do coração. Eis aqui uma de tantas de suas frases: “A alta iniciação não se chega com o intelecto, senão com o coração”. Também nos afirma que “a Kundalini ascende segundo os méritos do coração”.

Por estas e muitas outras razões, alcançar a Ciência-*Jinas* pressupõe manejar a síntese do Zen – disciplina na qual, como já se disse, nossa Senhora Litelantes era extraordinária Mestra – da alquimia, do hermetismo, por fim, do profundo Cristianismo Primitivo da *Gnosis*, raiz das raízes das religiões e disciplinas esotéricas.

Nossa Mestra tinha não só clarividência como também intuição iluminada, polividência em geral, controle dos elementos da natureza e o mais absoluto domínio da Ciência-*Jinas*, na qual era consumado Mestre, nosso Senhor Jesus Cristo, fundador da *Gnosis* e dono do Templo de Montserrat.

Em certa ocasião, alguém me perguntou desde quando me havia dado conta de que “Dondita é quem é”. Respondi-lhe que desde a primeira vez que li um livro do Mestre no qual se referia a ela. No entanto, a mesma pessoa insistiu comigo e eu lhe respondi novamente, que desde o princípio,

posto que se não tivesse fé neste ensinamento, melhor que não me metesse nele; quer dizer, se não tivesse fé no que o Mestre afirma da Mestra, simplesmente, melhor que não estivesse aqui.

Esta fé é a que me permitiu ter um tratamento diferenciado com a Venerável Mestra Litelantes, desde o início. Os Mestres leem os corações dos homens e se alguém tem fé ou não neles, eles o sabem perfeitamente.

Na primeira ocasião em que fiz uma refeição na casa da Mestra me serviram frango e eu, mentalmente, disse para mim mesmo: “De modo algum, não gosto muito de frango, mas o que vamos fazer?” Imediatamente a Chefinha me tirou o prato e disse às mulheres: – *Aí tem bisteca, fritem um pedaço de carne para Alfredo!*

Ainda não me recobrava da surpresa ao ver que a Mestra havia lido o meu pensamento, quando me serviram a carne, mas sem pimenta e, disse com meus botões: não vão saber que a comida não tem pimenta. Mal havia terminado de pensar, quando a Chefinha voltou a dizer: – *Tragam pimenta para Alfredo!*

Depois, quando já vivia em sua casa, com mais confiança, fazia brincadeiras com a Chefinha, por meio do pensamento. Dessa forma, começávamos a rir sem haver um motivo aparente, o que causava estranheza nos presentes.

Talvez por esta fé que sempre tive à Mestra é que ela teve certas gentilezas esotéricas para com minha pessoa dizendo-me algumas coisas pessoais da sua vida e também da vida do Mestre e outras maravilhas mais. Verdadeiramente, ensinou-nos que devemos ir cantando para a morte.

Bendita seja Mãe-Morte sagrada! Bendito seja o Senhor Orifiel, teu Grande Mordomo! Benditos sejam os Anjos da Morte, pelos séculos dos séculos! Amém!

A Advogada dos Gnósticos

Recordo uma das coisas que se pode dizer a propósito de nossa advogada, nossa bem-amada Mestra Litelantes. Em certa ocasião, a Mestra estava visitando o “Deserto dos Leões” (estrada para Toluca), junto com o Mestre; enquanto seu esposo conversava com seus estudantes, ela foi caminhando por esse belíssimo bosque – que de deserto só tem o nome, pois a vegetação é exuberante – até que se sentou em uma agradável paragem. Logo, apareceram uns senhores que lhe informaram onde havia um tesouro enterrado, visível desde o lugar em que se encontrava. Ela agradeceu-lhes, mas não pegou o tesouro. Bastava que ela utilizasse um pouco as forças-*jinas* para adquirir todo o tesouro.

Posteriormente, conversou com o Mestre sobre encontro com os senhores e o oferecimento que lhe fizeram do tesouro, ao qual o Avô lhe disse: – “Mas como, Negra, como é possível que tenha desperdiçado uma oportunidade tão grande?” E nossa bendita Mestra lhe responde que não ia tomar nada que não lhe tivesse custado esforço. O Mestre guardou silêncio, sem aceitar ou replicar-lhe nada. Eis aí o caráter de nossa Senhora Litelantes! Visto está que nunca ninguém a pôde subornar, é uma advogada que não admite conchavos nem subornos.

Muitas vezes me chegou a dizer que o mais difícil era estar mais além do bem e do mal e que para lograr tal estado se deve renunciar a todos os poderes e se deve perder toda ambição. Realmente, só estando mais além do bem e do mal se pode ver o rosto do Pai, sem morrer.

E mais, seu extraordinário ensinamento e seu exemplo sugeriam correr o risco de morrer para ver o rosto do Pai. Que possamos ir cantando para a morte; morramos contentes em nós mesmos; paguemos com gosto o preço de fazer a vontade do Pai e que sejam aniquilados nossos defeitos! Com a espada da vontade na mão, invoquemos a

Justiça: Bendita sejas, *Maat!*

Nossa advogada – que era implacável consigo mesma – exigia que perdêssemos o medo ao temor. Exigia-nos valentia para enfrentarmos a nós mesmos, para nos autodescobrirmos, a fim de não nos crermos sábios, nem santos. O preço do valor é o profundo reconhecimento de nossa própria covardia.

Falta-nos muito ainda para estarmos mais além do bem e do mal, pois isso impõe o conhecimento do bom do mau e do mau do bom; dominar ambas as luas psicológicas; renunciar aos poderes e servir continuamente, de instante em instante, ao Altíssimo, como nossa exaltada Mestra Litelantes o fazia.

Insisto em chamá-la de nossa advogada porque é fato conhecido da família da Mestra que, quando o Mestre era vivo, aconteceu o seguinte: em certa ocasião, o Avatar compareceu diante do Tribunal do Carma rogando aos Senhores da Lei para que um deles se constituísse em advogado dos gnósticos. No entanto, os Senhores não quiseram tomar carga tão pesada; depois de muito insistir, percebeu-se de que o labor não era fácil nem desejável para os Senhores da Justiça. Só um deles aceitou tão terrível encomenda: nossa Venerável Mestra Litelantes. Ela me confirmou amplamente este fato, mesmo não costumando falar publicamente sobre o tema.

Por que os Senhores não quiseram aceitar defender sistematicamente os gnósticos? Devido ao fato de que pecamos conscientemente. Antes de conhecer o ensinamento não tínhamos a mesma responsabilidade: não sabíamos, mas agora sabemos, e se, por exemplo, pecamos contra o Espírito Santo, o fazemos com plena consciência, com toda a maldade.

Esclareço que a fala do Mestre Samael não significa que os gnósticos não tivessem possuído defensores antes de a Mestra assumir tal responsabilidade. Porém, agora temos

uma advogada especializada no Tribunal.

Inclusive, quem não desejar que a Mestra o defenda terá um defensor oficial. Não obstante, é muito melhor ter um advogado particular; recordemos que tal como é em cima é embaixo e vice-versa.

Assim, a Mestra é nossa defensora, nossa advogada incorruptível e rigorosa e só pelo caminho do amor, do carinho, da veneração mais amorosa, como um filho adora a sua Mãe, lograremos receber sua sagrada ajuda.

Bendito seja teu rigor, sagrada tua misericórdia, Mãe nossa Litelantes! Em verdade, teu Real Ser é o braço direito do Rei do Carma, Anúbis, Nosso Senhor!

HÁ ALGO SAGRADO

Há algo sagrado
no coração...
e ainda que lute
a feroz rebeldia
e da razão
sua voz não escute,
o Cristo bem-amado
vence noite e dia.

Oh, força terrível
do amor do Cristo!
que dobra
o mais soberbo,
que dobra
o mais temível...

Oh, antigo provérbio!
Oh, amor do Cristo!

Doce e brando
é o rigor
do Senhor...
do Senhor
que sigo amando.

CAPÍTULO XII

A DESPEDIDA

Para entender claramente clara como foram os Mestres, é preferível sabê-lo diretamente das palavras do Venerável Mestre Samael Aun Weor, expressas em uma obra difícil de conseguir e que talvez já não volte a ser reimpressa. Trata-se do “Supremo Grande Manifesto Gnóstico”, de 1972:

Louvores

Em se tratando de louvores, adulações, lisonjas, elogios etc. devemos falar francamente e sem rodeios. É inquestionável que tais desatinos, desacertos, disparates, absurdos, têm sua causa-causorum no ego, no mim mesmo, no si mesmo.

Podemos e até devemos assentar o seguinte postulado: O ego é a soma total de todos os nossos defeitos psicológicos.

É indubitável que o mim mesmo se processa sempre dentro da lei dos contrastes. Louvores e vitupérios, adulações e insultos, elogios e difamações, lisonjas e críticas advêm, intrinsecamente, do eu psicológico.

Na prática, pude verificar que aqueles que no passado me louvaram, elogiaram, adularam etc. mais tarde me satirizaram, censuraram, ridicularizaram, flagelaram, zombaram de mim etc.

Desatinado e ilógico é louvar o carteiro, o mensageiro, que nos entregou uma mensagem. Em nome da Verdade devo confessar, publicamente, diante do veredicto solene da consciência pública, que minha insignificante pessoa não vale nem sequer um dólar. Louvar-me, lisonjear-me, adular-me, enviar-me elogios por correspondência é certamente uma brincadeira de muito mau gosto.

Para maior consolo de meus inimigos, digo enfaticamente, o seguinte: Jamais me presumo como perfeito; estou absolutamente convencido de que sou um imbecil.

Resulta, pois, trivial e insensato enviar louvores pelos correios,

tratar-me com atenções especiais ou render-me cortesias e reverências. Estou pensando em voz alta, sendo sincero comigo mesmo, fixando posições.

De modo algum quero presumir-me como humilde; ser franco parece que não é um delito. Não quero tampouco ter falsa modéstia. Muito menos quero ter “perogrullos de modestia”²¹. Confesso o que sinto e não creio que com isto cause dano a alguém.

Meus melhores amigos são meus inimigos porque eles me obrigam a me autodescobrir. Obviamente, enfatizo o seguinte: Em todo autodescobrimento existe autorrevelação. Amo os meus piores críticos porque graças a eles me conheço cada vez melhor. Benditos sejam meus detratores.

Visitas

Queridos irmãos do Movimento Gnóstico Cristão Universal, Paz Inverencial. Em nome da Verdade quero dizer-lhes, enfaticamente, que já não aceito visitas.

Explicação de Motivos

Inquestionavelmente, eu não sou mais que um carteiro, um mensageiro, o homem que está entregando uma mensagem. Seria o cúmulo da tontice que viesse de seu país até a cidade do México com o propósito de visitar um vulgar carteiro, um empregado que ontem lhe entregou uma missiva... Tanto dinheiro gasto para isso? Para visitar um simples certoiro, um infeliz mensageiro? Melhor é que você estude a mensagem recebida: os livros, o ensinamento escrito.

Noventa e nove por cento das pessoas que no passado me visitaram são agora inimigos declarados do Movimento Gnóstico. Eles se “queimaram”... O pior da questão – e isso é o mais grave – é que aqueles que se “queimam” logo vão “queimar” outros... e esses “queimados” são os que mais tarde dissolvem grupos, arruínam lumisiais etc.

Por que meus visitantes se “queimam”? Qual é a causa intrínseca, a base, o fundamento? A resposta a todas estas interrogações é

²¹ Nota do Tradutor: “Perogrullos de modestia” – significa ter orgulho por apresentar falsa modéstia.

urgente, inadiável, impostergável.

Nas múltiplas figurações da mente podemos encontrar a resposta concreta, clara e definida. É indubitável que sobre o Mensageiro cada visitante forjou no intelecto um modelo, uma figura.

Tal *fac-símile* tem transtornos mentais equivocados, possivelmente extraídos da literatura pseudo-ocultista. Obviamente, ao não coincidir o figurino meramente intelectualivo com o homem real, com o Mensageiro ou carteiro legítimo, advém a decepção e o desencanto.

É assim como se “queimam” meus visitantes, é dessa forma como se multiplicam os inimigos da *Gnosis*. Múltiplos são os fac-símiles intelectivos de meus variados visitantes; diversificadas as formas da mente.

Alguns pensam no carteiro afigurando-lhe a um exótico eremita dos tempos idos; algo assim como Palemón, o Estilita ou anacoreta, sucessor do velho Antônio.

Outros o imaginam como um ancião penitente carregando sacos e silícios sobre seu flagelado corpo. Outros como um Venerável que a toda hora andasse pelas ruas do México, com resplandcentes turbantes e branca túnica... outros, ainda, como um santo vivendo continuamente em um santuário inefável, entre círios acesos e perfumadas flores.

No entanto, a crua realidade dos fatos é que o **Carteiro da Nova Era é um cidadão normal, comum e corrente**, uma pessoa qualquer que não tem a menor importância.

Por estes e vários outros motivos, inquestionavelmente, resulta uma tontice de muito mau gosto, viajar de terras afastadas para visitar algo que não vale a pena.

Visite você as bibliotecas, os museus arqueológicos, as ruínas do Egito etc., isso é em verdade muito melhor.

Murmurações

Na prática, verificamos claramente que o visitante não vem com o propósito de escutar o Mensageiro; vem para observar sua vida privada. Ora, isso cada um pode ver na casa do vizinho observando os fazeres das matronas, o prato na mesa, a toalha para secar as mãos etc.

Tudo isto desconcerta o visitante que vem em busca de maravilhas

e prodígios. Contudo, como têm a consciência adormecida só percebem a vida rotineira de sempre: as coisas da sala e da cozinha, as conversas após as refeições etc.

Não é possível que o visitante encontre perfeições. Pensam por acaso que estou em um leito de rosas?

O resultado de tudo isto se chama detrações. O visitante frustrado, ao não encontrar em casa prestidigitadores ou algo desse tipo, dedica-se à murmuração. Assim é como muitos que poderiam trilhar a senda do fio da navalha se retiram do real caminho.

Calúnias

Eu não sou mais porque me elogiem nem menos porque me vituperem porque sou sempre o que sou. As calúnias que lançaram contra mim não me doem; francamente, me valem vantagens, mas, desafortunadamente, ao escutarem tais infâmias ultrajantes os débeis se retiram da senda que conduz à libertação final.

Missionários Gnósticos

É indubitável que os missionários gnósticos “queimados” se tornam ainda mais perigosos. Obviamente, qualquer missionário gnóstico “queimado” pode dissolver grupos, destruir, acabar com a Grande Obra.

Por este motivo intrínseco e para o bem de nossos missionários gnósticos internacionais, declaro: O Mensageiro da Nova Era Aquariana não recebe visitas.

Eis aí a crua realidade dos fatos! Muitos que conheceram a nossa bem-amada Mestra se desconcertaram, pois, como ela mesma costumava dizer: - *Sou negra, rechonchuda e ignorante*. E quem a visitava ou se relacionava com ela, especialmente se era gnóstico, “como têm a consciência adormecida, só percebem a vida rotineira de sempre: as coisas da sala e da cozinha, as conversas após as refeições etc.”.

Com efeito, se estivéssemos despertos – mesmo que momentaneamente – poderíamos perceber seus

acompanhantes, seus guardas sagrados e outras maravilhas.

Esclareço que houve quem a quis de coração, que não julgavam sua maneira de ser e aguentavam seu rigor. Na verdade, estes têm seu lugar no coração de nossa Senhora.

A realidade é que muita gente saiu “queimada” de seu trato com a Mestra, a esposa-sacerdotisa do “carteiro”, pelas mesmas razões expostas pelo Mestre e que acima transcrevemos. No entanto, a Chefinha era de uma dureza especial, como se comentou, e não era qualquer um que aguentaria o seu rigor.

Muitos tiveram seu posto dentro da Instituição e tão logo a Mestra os substituía no cargo se voltavam contra ela, falando maldições, ofendendo-a, traindo-a. Quase todos aqueles que a humilharam se afastaram do ensinamento ou não quiseram mais conversa com ela; não entenderam seu sistema, mais rigoroso que o próprio Zen, pois se trata de uma Mestra da Lei, particularmente, uma Mestra do Rigor.

Recordo que no momento oportuno, oficialmente, admoestei publicamente todos aqueles que a traíram: daqueles que não resistiram perder um cargo; dos que falaram pestes da esposa-sacerdotisa do Avatar; dos que esgotaram sua baba difamatória contra ela, pelo fato de ela tirar de seus cargos (verdadeiro “osso” político, pelo visto). Simples traidores, hipócritas, fariseus, santarrões que não resistem a uma análise.

Pois bem, ela me pôs na mesma situação dessas pessoas: pediu-me que lhe entregasse todos os cargos e suas coisas legais, ficando então nas mãos de seu filho Osíris. Graças a Deus passei na prova e entreguei tudo, pois não gosto de ficar com o alheio, nem de explorar o próximo, muito menos falar mal dos Mestres. Não só pelo fato de a Chefinha ser Mestra – motivo mais que suficiente – senão pelo trato carinhoso, maternal que sempre me dispensou.

Naqueles tempos, continuei ajudando-a até o final, compilando textos e desenhando edições dos livros do Mestre. Além disso, tive a enorme fortuna de conservar sua amizade e carinho até o final de seus dias. Que mais formoso cargo, que mais deliciosa categoria do que a de sua amizade?

No momento certo, ela me esclareceu ser evidente que havia de dar exemplo de que a *Gnosis* não é um *modus vivendi*. Eu, pessoalmente, exerço minha profissão – nem por isso ofendo a quem tem o título decorando sua casa, sempre que se dediquem a trabalhar honestamente – e nunca vivi à custa dos estudantes, muito menos subtraí vultosas quantias das contas bancárias da Mestra, nem fiquei com nada que era seu.

Falo com precisão o seguinte: ela pessoalmente me deu vários objetos que pertenceram ao Venerável Mestre Samael Aun Weor, tais como crucifixos, fotografias e outros bens móveis pessoais. Também afirmo que a espada do Mestre ficou nas mãos de seu filho Osíris; o cálice, a Bíblia e uma vestimenta do Mestre ficaram a cargo de sua filha Ísis; o altar do Mestre – um simples móvel de cedro – ficou comigo, porque ela teve a gentileza de me oferecer tal relíquia.

Fora tais bens, que para minha pessoa não têm preço, não fiquei com nada, pois me sobra e basta o carinho tão delicado que até o final de seus dias a Mestra me dispensou.

Em certa ocasião, quando a Chefinha vivia na Rua Monte da Estrela (aproximadamente seis meses antes de falecer), fui visitá-la em companhia de um amigo, e não nos abriram a porta, apesar de ser notório que se encontravam em casa. Estas coisas não me desanimavam, pois insistia em voltar a vê-la, como aconteceu de fato.

O curioso do assunto é que sua filha Ísis se deu conta de que percebemos de estarem em casa e não quiseram

abrir a porta. Depois, ela me comentou – como sempre, com sua fina atenção e cortesia – que sua mãe havia dito que não me recebessem. Ísis achou estranho e disse à Chefinha: - Mas Donda, tanto que a senhora gosta de Alfredo, como é possível que não lhe abra a porta? Ísis disse que ao escutar aquilo, dos olhos da Chefinha brotaram umas lágrimas e ela falou: - *Para que vá se acostumando quando minha pessoa já não esteja* [entre os vivos] *e assim não sofra*. Realmente, se a Chefinha não tivesse sido tão dura comigo, certamente ficaria desconsolado por sua morte.

Como vemos, os Mestres são incompreensíveis e ainda que suas condutas pareçam contraditórias, verdadeiramente, sabem amar, pois se trata dessa máxima primorosa à qual alude nosso Mestre Samael: **“Amor é lei, porém, amor consciente!”**

Por certo – e a propósito de amor consciente – após a ata de assembleia ser assinada, mediante a qual se designaram novas autoridades do Instituto, ocasião em que tanto ela como minha pessoa entregamos legalmente a direção da Instituição (outubro de 1997), suas palavras a respeito de quem ficava formalmente como dirigente foram as seguintes: - **“Veremos até quando resistem”**.

Tenhamos fé de que Osíris²² tenha a resistência indispensável para cumprir com tão pesada carga. Sobre os demais não se pode dizer nada, os fatos falarão por si mesmos. Resistir não significa ficar em um posto, pois isso qualquer um poderia fazê-lo, mas, resistir aos embates do maligno e suas ambições, assim como sujeitar-se aos delineamentos dos Veneráveis Mestres Litelantes e Samael Aun Weor.

²² Nota do Autor: Lamentavelmente, Osíris não resistiu e nem escutou os conselhos de sua Senhora Mãe e seguiu outro caminho. Também sentimos muito a desencarnação de sua irmã Ísis e a recordamos com afeto. Que Deus tenha piedade de nossas almas!

A Reencarnação do Mestre

É inquestionavelmente falso afirmar que o Venerável Mestre Samael Aun Weor haja encarnado de novo, pois a Mestra assim o expressou reiteradamente.

Manifestava que *oxalá tivesse encarnado* e além disso dizia que, por ter encarnado, o *Avô* seria um jovem, e nesse caso ela *saberia de quem se tratava, pois, imediatamente, entregar-lhe-ia o “pacote” ou a responsabilidade* (de dirigir os gnósticos) *que lhe deixara*. Insisto: nunca afirmou que o Mestre tivesse encarnado ou que disseram “no Alto” que o Mestre já havia reencarnado.

Os que se fazem passar por Samael encarnado nunca tiveram o cuidado de vir ao México apresentar seus respeitos “àquela que foi sua esposa-sacerdotisa”, a Venerável Mestra Litelantes, seguramente por temor de cair no ridículo.

Por isso, atendendo à lei de analogias – que o Mestre tanto nos sugeria que aplicássemos – sabemos que o Dalai Lama reconhece desde criança os objetos pessoais de sua anterior encarnação e, de igual forma, certos nomes sagrados. Não se apresentaram nenhuma dessas circunstâncias, até a data, com aqueles que se dizem ser a reencarnação de Samael.

Tais personagens e suas instituições, normalmente, dedicam-se a fazer negócio, a explorar os estudantes e enganá-los.

Todo aquele que disser que a *Gnosis* deve se ajustar ou se condicionar à idiosincrasia, ou à maneira de ser dos que nasceram em cada país, ou à forma de ser de quem se diz Mestre, lamentavelmente incorre em erro. Nós é que devemos nos ajustar à *Gnosis*, que é um ensinamento advindo espiritualmente do *Ain* e historicamente do Sul; este, aparentemente o pior lugar, assim como nos tempos da augusta Roma onde a Judéia era o pior local e os próprios

israelitas diziam – como está escrito – “*O que de bom pode vir da Galileia?*”. No entanto, o Divino Rabi da Galileia nos entregou o conhecimento redentor a partir dessa terra, que era a pior de todas.

Como agora, nestes tempos do fim, o Venerável Mestre Samael Aun Weor nos reitera o conhecimento redentor e o explica para as futuras gerações de Aquário a partir do Sul, o lugar do Tezcatlipoca Azul: Hutzilopochtli, o Marte mexicano, que se encarnou por um tempo, refulgiu sua luz entre nós e regressou ao Pai de onde veio.

Que ninguém se engane pensando que já é um espírito sagrado, um Mestre encarnado, “Ninguém se engane não, pensando que há de durar, aquele que espera, mais que durou o que viu, porque tudo há de passar desta maneira” – recordando o célebre Manrique²³ – pois tudo há de passar do mesmo jeito.

Nós somos simples folhas levadas pelo vendaval do Carma, somos rios que vão dar no mar, que é o morrer. Aí vão os grandes senhorios, diretos a se acabarem e a se consumirem. Aí os grandes caudais, os rios médios e pequenos. Pessoas próximas são iguais aos que trabalham com suas mãos, e os ricos...

Os Mestres têm sido, são e serão estrelas que se desprendem do Sagrado Sol Absoluto e regressam ao Pai que os enviou. Enquanto isso, nós somos apenas folhas levadas pelo furacão do Carma, simples mendigos dos Senhores do Tribunal.

Salve *Rúaj-Elohím-Ehécatl-Quetzalcóatl*, Anúbis Imortal, Osíris *Un-Nefer* glorioso!

A regra do silêncio é a Rainha de Aquário, que busca nele a eloquência da sabedoria. Sabíamos do Mama Ceferino Maravita a não ser pelo Mestre Samael? Sabíamos

²³ Nota do Tradutor: Trecho do poema de Jorge Manrique (1440 ?-1479) “Coplas por La Muerte de su Padre” – (...) No se engañe nadie, no / pensando que ha de durar / lo que espera, / más que duró lo que vio / porque todo ha de pasar / por tal manera. (...)

da exaltadíssima Mestra Litelantes a não ser por Ele? Por serem Grandes Mestres são silenciosos. Está escrito: “Sede prudentes como serpentes e simples como pombas”.

Os verdadeiros Mestres são prudentes e simples e permanecem em o maior sigilo, ocultos aos nossos profanos olhos; só aquele que é Avatar se expressa e, precisamente por ser Mensageiro, tem a missão de fazer-se notório, tal como o fez nosso Senhor Samael Aun Weor, que veio entregar explicitamente, sem rodeios, publicamente, a Mensagem de Aquário.

A Mensagem de Aquário já foi entregue pelo Kalki Avatar e todo aquele que se considere seu único e legítimo intérprete, ou a reencarnação de quem exclusivamente pode interpretá-lo, ofende tanto aos Senhores como à nossa inteligência - que mesmo escassa não se deixa enganar. Qualquer demônio pode se fazer passar por Mestre, não tem problema para controlar os quatro corpos de pecado, se o ego o faz rotineiramente, com maior destreza o fará um demônio encarnado.

É uma terrível falta de respeito à Irmandade Branca fazer-se passar pela encarnação do Venerável Mestre Samael Aun Weor ou de qualquer outro Mestre.

Se foi dito pelo próprio Mestre Samael: “O respeito e a veneração aos Mestres da Branca Irmandade abrem as portas dos mundos superiores”, e também: “O respeito e a veneração aos Mestres da Irmandade Branca abrem as portas do caminho da iniciação”, como poderiam penetrar por essas portas aqueles que se fazem passar por Mestres? Como podem ser iniciados e alcançar os mundos superiores os que deram as costas à nossa Venerável Mestra Litelantes, à esposa-sacerdotisa do Avatar, aqueles que faltaram a seus juramentos de fidelidade e de alcançar o triunfo da Justiça?

Os verdadeiros Mestres estão entre os Mamas da Serra Nevada, nos Himalaias ou em Montserrat, assim como nas serras e desertos de nossos continentes, ou ainda servindo

anonimamente nas cidades. Eles, sim, estão plenos de boa vontade, da Vontade do Pai! Eles, sim, adoram constantemente o Altíssimo! Na verdade, pouco lhes importam o reconhecimento, merecimento ou adulação da humanidade. Eles trabalham silenciosa e conscientemente por esta pobre humanidade doente, pois quem tinha que falar já falou e declarou, sem circunlóquios, os crísticos mistérios conservados zelosamente desde a obscuridade dos tempos, e nos deu essa Grande Dádiva de Deus.

Assim, as coroas não interessam aos Mestres encarnados – como dissera a Chefinha – nem a aceitação, as distinções, cotas, dízimos ou reverências de ninguém. Se em alguém ou em algo esperam, é no Coração do Pai.

Portanto, toda instituição cujos dirigentes tácita ou manifestamente se autodeclarem mestres – verdadeiros escravos da fama e do reconhecimento mundano – ou melhor, que busquem a economia antes da sabedoria, estão destinadas ao fracasso, apesar de essas instituições terem sido fundadas pelo próprio Cristo, Krishna ou Buda.

Não esqueçamos a frase de nossa querida Mestra Litelantes: - *O Mestre entregou um conhecimento, uns o exploram e outros o vivemos...*

Recordo que quando ia me despedir da Chefinha para desejar-lhe boa noite, normalmente ficava conversando com ela até a madrugada, pois me dizia que não tinha sono ainda que estivesse muito bem acomodada em sua cama, com seus bichinhos de pelúcia em cima de seus cobertores. Havia vezes em que começava a roncar, e eu aproveitava para me levantar da poltrona sem fazer ruído, e realmente conseguia o maior silêncio. Mas tão logo ia me levantando e me recompondo para sair de seu quarto, ela deixava de roncar, abria seus olhos e me dizia: - *Aonde vai, crê que estou dormindo?* E assim continuava em sua companhia, conversando; umas vezes e noutras escutando suas diferentes formas de respiração, que me pareciam

preâmbulos de mistérios ignotos.

A Mestra gostava muito que eu lesse “O Livro dos Mortos” egípcio, e a primeira vez em que o li quase imediatamente ela começou a roncar, razão pela qual deixei a leitura e procurei sair de seu quarto. Subitamente, despertou e me disse: - *Por que deixou de ler, acaso crê que estou dormindo? Continue lendo. O que disse do Senhor X [um deus egípcio que o livro citava, antes de concluir minha leitura, cujo nome não recordo agora, mas que era muito complicado] é muito interessante.*

A partir de então, sempre lia o referido livro, mesmo que ela roncasse, pois sabia muito bem que não estava adormecida, tendo me demonstrado isso de maneira definitiva.

Os Mestres não “dormem”, mesmo que “ronquem”. Quem ronca somos nós, ainda que estejamos em estado de vigília. É possível enganar os estudantes com mentiras e invenções, a propósito da encarnação dos Mestres; pode-se explorar a ingenuidade ou boa vontade das pessoas, mas aos Mestres não os enganarão nunca.

É um fato irrefutável que desde o falecimento da Venerável Mestra Litelantes não existe nenhum Mestre visível entre os gnósticos. Quem se ostente como tal não anda com a verdade.

A Mestra reconhecia exclusivamente o Venerável Mestre Huirakocha (Arnoldo Krumm- Heller), inclusive como o precursor do Venerável Mestre Samael Aun Weor. Afora tão Grandes Mestres, nunca aceitou ou reconheceu que algum tivesse encarnado seu Íntimo.

A respeito de certos personagens, aos quais o Venerável Mestre Samael dava o título de “Mestres”, chegou a dizer que - *o Avô os fez Mestres; lamentavelmente não lhe obedeceram e que se foram ao outro extremo; - o Avô lhes havia presenteado graus e eles pagaram mal.* Por essa razão ela não presenteava nada. Também costumava dizer

que o Mestre lhe reclamava: - *Negra, por que você não diz Mestre ao compadre J* ou a dom J*?* Ela respondia: - *Por que vou chamar de Mestre a um humano comum e corrente? Eu lhes dou o respeito e o lugar por serem seus alunos, mas até aí.*

Desse modo, os verdadeiros Mestres não falam de seus graus nem da glória de seus Pais Internos; não buscam a adulação das pessoas nem seu dinheiro. Têm seus templos nos mundos superiores – forjados à base de alquimia, como dissera o Mestre – e aí veneram os seus Pais Sagrados. Aí estão suas Igrejas.

Repetimos o que nossa bem-amada Mestra costumava dizer: - *Para que quero coroas aqui na Terra? Se mereço algo que me deem lá em cima!* Também chegou a dizer que *os verdadeiros gnósticos estão fora do Movimento Gnóstico*. Quer dizer, aqui somos simples aprendizes de estudantes desses Mistérios. Os Mestres ou “verdadeiros gnósticos” não falam de seus assuntos internos, nem proclamam suas Maestrias.

O Venerável Mestre Samael Aun Weor, sim, falou do que tinha que falar – como já dissemos – pois é o Buda *Maitreya*, o *Kalki Avatar* da Nova Era de Aquário que veio entregar sua Mensagem, razão pela qual tinha a necessidade de exteriorizar alguns de seus assuntos internos. Essa era sua missão, parte de seu Drama Cósmico.

A nós nos compete seguir seu ensinamento e não falar como papagaios do que não sabemos nem devemos falar. O Mestre Interno, o Pai, está em segredo, e em segredo devemos adorá-lo. Não se faz necessário que o estudante o engrandeça, o adule ou o sustente.

Bem disse nosso Senhor Samael Aun Weor, em sua cátedra: “A Mensagem Gnóstica”:

Asseguro a vocês que se viessem aqui o Mestre Hilarión, ou Moria, ou o Conde Saint-Germain, se eles viessem viver aqui

conosco, em nosso ambiente, nos primeiros dias vocês não sairiam de onde se encontravam.

Os cinco milhões de pseudo-ocultistas, espiritualistas e simpatizantes ansiariam com veemência conhecer os Mestres. Depois, quem sabe se até o cumprimento o negariam!

Normalmente, os Mestres só nos interessam como apoio para nossas ideias e especialmente para nossos erros. Se o Mestre não nos faz uma “exceção” e se torna mais tolerante, quer dizer, se não nos dá um tratamento privilegiado, permitindo nossos erros, deixa de nos interessar e podemos reagir com ódio e amargura; em geral, não suportamos a simplicidade e a verdade. No entanto, os Mestres continuam nos amando!

Recordemos as palavras do Venerável Mestre Samael Aun Weor, nas Saudações Finais de seu “Curso Esotérico de Magia Rúnica”:

A iluminação advém a nós quando dissolvemos o eu pluralizado, quando de verdade morremos nas quarenta e nove regiões do subconsciente.

Os que andam cobiçando poderes ocultos, os que utilizam o Maithuna como um pretexto para seduzir mulheres ingressarão na involução submersa dos Mundos Infernais.

Trabalhai nos Três Fatores da Revolução da Consciência de forma ordenada e perfeita. Não cometais o erro de adulterar e de fornicar. Abandonai o “mariposeamento”. Aqueles que vivem mariposeando de flor em flor, de escola em escola são, realmente, candidatos seguros ao Abismo e à Segunda-Morte.

Abandonai toda autojustificação e autoconsideração; convertei em inimigos de vós mesmos se é que, de verdade, quereis morrer radicalmente. Só assim lograreis a iluminação.

Amadíssimos, parti do zero, abandonai o orgulho místico, a mitomania, a tendência a considerardes supertranscendidos. Todos vós sois somente pobres animais intelectuais condenados à pena de viver.

Só assim, fazendo um inventário de vós mesmos, podeis saber o que sois realmente.

Verdadeiramente só possuíis os corpos lunares e o ego animal, e isso é tudo. **Por que, pois, caís na mitomania?** Vossa alma, a essência está engarrafada, adormecida no eu. Então, em que baseais o orgulho místico? Sede humildes para alcançar a sabedoria e, depois de alcançá-la, sede ainda mais humildes. Quem queira vir após mim, negue-se a si mesmo, tome sua cruz e siga-me.

Sua Saúde se Apaga

Longe de mim está querer relatar passo a passo o processo de desencarnação de nossa bem-amada Mestra. Esta obra melhor se destina a destacar seu ensinamento, seus conselhos e peculiaridades pessoais, mas não os aspectos médicos ou coloquiais de algo tão difícil de superar para alguns de nós.

O Venerável Mestre Samael Aun Weor nos indica que todo aquele que sofre pela morte de seus seres queridos não serve para este caminho, posto que cremos na reencarnação, que a morte é parte do processo da vida etc.

Isto pode parecer muito lógico e até natural enquanto se considere o abstrato, mas já no concreto, na verdade, é muito difícil de ser superado. Quem haja querido a Mestra não deixou de padecer com sua desencarnação, nem com sua dolorosa enfermidade.

Recordo que cada vez que a via prostrada em seu leito, perguntava-lhe: - Como está, Chefinha? Ao que, invariavelmente, respondia: - *Aqui, “morrendo-me”*.

Verdadeiramente, nunca mentiu para mim sobre este ponto – nem sobre nada – e mesmo que minha pessoa sempre lhe dissesse que iria se recuperar e nos surpreender, quer dizer, dava-lhe palavras de alento, inclusive fazia-lhe brincadeiras, a verdade é que, por sua própria boca, sabia que ela estava morrendo.

Ao certo não se sabe quando começou sua penosa enfermidade, mas foi evidente que com a morte de seu filho

Aurus sua saúde declinou pouco a pouco.

Ela costumava chorar muito. Já dissemos que os Mestres sofrem, gozam, amam, conhecem etc., muitíssimo mais que nós. Por isso não é de estranhar que a morte de seu filho tenha comovido a nossa amada Mestra. Acaso o Novo Testamento não se refere a muitas vezes em que nosso Senhor Jesus Cristo “se comoveu”?

Os Mestres não são de ferro, são muito mais humanos do que nós; melhor dizendo, Eles sim, são verdadeiramente humanos, enquanto nós somos simples animais intelectuais.

Talvez nossa amada Mestra se condoesse pela perda de seu filho Aurus e nos dava outra prova, “para variar”, pois muitos dos que diziam querê-la – ao saber que ela chorava por seu defunto filho – o recordavam continuamente, com a má intenção de ter a “honra” de ver uma Mestra da Lei chorando em seu ombro. Assim se processa o ego animal nas profundezas subconscientes de nossa psique. Nos momento apropriado comentei com ela que me parecia uma infâmia que tais pessoas a fizessem chorar, movidas só pelo desejo insano de vê-la em tal estado de tristeza, ao que me respondeu: - *Paciência, não se pode fazer nada além disso!*

Dessa forma, ao mesmo tempo em que ela chorava a morte do seu filho mais novo – como sucede com toda mãe que perde seu filho – nos colocava à prova. Realmente, só uma vez me coube ver que caíram lágrimas de seus profundos olhos escuros, antes da desencarnação de Aurus.

Muitas vezes, pude apreciar que algumas pessoas diziam gostar muito dela; mas, elas estavam cheias de má vontade para com a família da Mestra e, realmente, suas “vibrações” não eram das mais luminosas. Não obstante, a Chefinha dava a elas um tratamento carinhoso, apesar de que se percebia suas más vontades. Ao perguntar-lhe a razão de sua conduta, respondeu-me: - *Se não houvesse Judas, haveria Jesus Cristo?*

Terrível situação a dos Mestres que têm que resistir às

traições dos Judas e, ademais, perdoá-los. Tanto o Mestre como a Mestra tiveram múltiplos Judas.

Esclareço que, por sorte, existem realmente pessoas de muita boa vontade para com nossa querida Mestra Litelantes e sua família – boas e más, agitadas e tranquilas, próximas e afastadas – e sempre lhe demonstraram grande carinho.

Verdadeiramente essas pessoas estiveram e continuam em seu coração, pois os Mestres nos medem segundo o carinho que lhes temos, e não conforme as frias maneiras de cumprir com os preceitos (o carinho à Deidade e às suas expressões promove o mais profundo arrependimento e a conseguinte correção). Enquanto o amor para com os Senhores persistir, há esperança, “está bem”, conforme disse o anjo Baruk ao Mestre Samael.

A última vez que tive a felicidade de conversar amplamente com a Mestra foi há uma semana antes de ela desencarnar; aproveitei para brincar com ela e fazê-la rir, assim como para lhe comentar sobre mim; entre outras coisas, falei que não me havia tirado o terrível, que continuava medonho – pois dizia que minha pessoa era seu “filho medonho”. Então ela respondeu: - *Você será medonho, mas não “respondão”* (quer dizer, argumentador). Suponho que já a tinha cansado de tanto argumentar.

Em tais casos, se a Mestra dizia que não e os demais se obstinavam em dizer que sim, ou vice-versa, ela chegava ao ponto de chegar a dizer: - *Façam o que quiserem*. Dava plena liberdade de ação a quem persistia em seu próprio critério, respeitava muitíssimo a **liberdade pentagramática**. Os Senhores tratam de ajudar uma pessoa e se ela não se deixa ajudar, isso já é responsabilidade pessoal.

Os Jerarcas da Lei ajudam a pessoa a se levantar, e se esta não deseja se elevar, simplesmente contemplam a maneira em que ela se afunda. Cada qual é o arquiteto de seu próprio destino e as forças do Cosmo lhe põem os meios para fazer realizar a obra. Cedo ou tarde levantar-se-á e, quanto

mais profunda for a humilhação, maior será a exaltação. É aquilo que o Mestre qualifica como “a suprema piedade e impiedade da Lei”, circunstância quase ininteligível para nós. Há também aquela outra máxima que diz: “Quando os deuses querem perder os homens, primeiro os confundem”.

Assim foi a Mestra: como um Jerarca que se senta em sua Pedra, na beira do precipício e vê as pessoas caírem. Tanto se abismam na margem como se chocam contra a montanha de frente. A naturalidade de seu tratamento, suas palavras humildes, sem grandes adornos exotéricos e esotéricos nos fazia colocar os pés sobre a terra e não nos sentirmos já nas alturas do Nirvana, quer dizer, já agarrando Deus pelas barbas. Porque a simplicidade com que viveu e ensinou a *Gnosis*, aquela que levantou o Grande Avatar de Aquário, aquela que continuou com sua Obra até a morte, demonstrava que só firmado sobre a Pedra, pode-se viver o Nirvana, aqui e agora.

Voltando à última ocasião em que a Mestra teve a gentileza de receber-me e conversar comigo por um longo tempo, tenho presentes as suas seguintes palavras: - *Seja bom filho, seja bom esposo.*

Parece fácil, mas, para ser bom filho de nossos pais físicos se requerem grandes esforços, e de nossos Pais Internos, superesforços. Ser bom esposo pressupõe seguir com muita firmeza a Senda do Lar Doméstico. Creio que tais conselhos são valiosos para todos, por isso tomo a liberdade de citá-los.

Alguns se creem homens galácticos e não são sequer senhores de suas casas; recordemos o que disse o Mestre: “Há que começar pelo lar, há que ser um bom dono de casa”.

A Mestra Litelantes viveu intensamente a Senda do Lar Doméstico e seu exemplo permanece para sempre!

Sua Desencarnação

O processo de desencarnação do Mestre Samael durou três meses e o da Venerável Mestra Litelantes dois anos, culminando às 20 horas e 10 minutos do dia 5 de fevereiro de 1998.

Durante sua enfermidade, dava muita pena ver a nossa Senhora Litelantes que, quando estava saudável, cansava as mulheres jovens – aquelas que não resistiam a seu ritmo de trabalho –, agora prostrada na cama. Também dava pena ver que alguns a consideravam uma velhinha e não como a Mestra que era, e é, como se tivesse caducando e com demência senil.

Em nome da verdade posso afirmar que, pelo menos comigo, a Mestra sempre mostrou a maior lucidez, e se eram impenetráveis alguns de seus desígnios e palavras, nunca pude apreciar o mínimo desvario. Entende-se que qualquer pessoa tem mais sabedoria conforme vai se tornando anciã, ainda mais os Mestres, que acrisolam de *per si* a sabedoria do Ser. E quanto mais idade ela tem, mais se incrementam seus poderes e sua sabedoria sagrada.

Momentos antes de ser levada ao hospital para submetê-la a uma intervenção cirúrgica, tive a sorte de vê-la e, ao responder-me a saudação, balbuciou umas palavras ininteligíveis, pois a dor era tão intensa que não a deixava falar.

A causa formal de sua morte foi uma múltipla trombose intestinal. Apesar de terem retirado o pedaço de intestino afetado, já não conseguiu se recuperar. Um querido amigo passou nela os sagrados óleos.

Curiosamente, o tipo de operação cirúrgica que lhe fizeram foi uma virtual crucificação, pois em tal posição deve-se colocar o paciente, para que os médicos tenham capacidade de manobra.

Na noite anterior à sua desencarnação, tive um raro

sonho com ela: Havia muitas pessoas e, com seu dedo índice da mão direita nos enfatizava as seguintes palavras: - *Nenhum de vocês foi capaz de renunciar a um só vício por minha saúde.* Verdadeiramente, resulta muito duro reconhecer tal fato, mas é uma realidade.

Certamente, não se pode esperar mais de nós, no triste estado em que nos encontramos, pois como a Mestra costumava dizer: - *O raro, o estranho nesta vida é que alguém seja bom amigo, que alguém seja agradecido, respeitoso etc., por isso não se estranhem o fato de a humanidade ser assim.*

Quando faleceu, era evidente naquela sala de velório do ISSSTE²⁴, o contraste de nossa errática conduta com a deliciosa paz e extraordinária hierarquia que até o próprio corpo inanimado de nossa Guru Litelantes irradiava. Isto deve ficar gravado para sempre em nossa psique. Até o último momento, nossa Venerada Mestra nos deu um maravilhoso ensinamento.

A Mestra Litelantes nunca gostou das camionetas suburbanas e dizia que pareciam carroças fúnebres. Curiosamente, foi em uma camioneta suburbana habilitada como carro fúnebre que trasladaram seus restos mortais, ao crematório do Panteão de Dolores.

Ao beijar sua fronte pela última vez, momentos antes de ser cremada, meu coração se comoveu. Seu rosto continuava com aquela serenidade inefável, aquele ligeiro sorriso que refletia a mais profunda paz, a mais deliciosa felicidade. Seu sofrimento físico estava concluído!

Suas cinzas foram jogadas ao mar no Porto de Acapulco. Quando atirei um punhado delas ao mar, um golpe de ar fez com que um pouco delas me chegasse ao

²⁴ Nota do Tradutor: Instituto de Seguridad y Servicios Sociales de los Trabajadores del Estado (ISSSTE) – organização do Governo do México que administra parte dos cuidados com saúde e segurança social oferecendo assistência em casos de invalidez, velhice, acidentes de trabalho e morte.

rosto, ficando em meus lábios uma pequena porção; seu sabor era ligeiramente salgado.

Ao serem tocadas pela luz do Sol, brilhavam com tons dourados, parecia que lançávamos ouro em pó ao mar. Ouro sem mancha, ouro simples, ouro sem mistura, ouro sagrado – Horus, Aurus, Ouro encarnado – Ouro perfeito és tu, oh, Bendita Mestra Litelantes!

Tudo está consumado! *“Mortis coronat opera”*.

Seu Legado para a Humanidade

A sagrada herança da Venerável Mestra Litelantes é tão extraordinária quanto misteriosa, inescrutável. Todavia, pode-se dizer que o principal presente que ela deu à humanidade foi levantar esse Colosso da Alquimia, o Maior Cabalista e Alquimista moderno, esse Mestre Transcendental, o Buda *Maitreya*, o *Kalki Avatar* da Nova Era Aquariana: o Venerável Mestre Samael Aun Weor. Salve, Cristo Vermelho de Aquário!

Nossa Mãezinha chegou a dizer que o Mestre escreveu apenas 5% do que sabia. Quando uma dama lhe insistiu que falasse sobre o restante, 95%, ela respondeu: - *Esforce-se em saber. Se não sabem nem sequer 5%, como querem saber mais que isso?* Desse modo, ensinou-nos que a verdade, a terrível realidade, é que estamos muito longe de saber sequer 5%, desses 5% falados pelo Mestre e, mais distante ainda, de experimentá-lo.

No entanto, ensinou-nos que os Mestres querem que nós vivamos com naturalidade e simplicidade os ensinamentos, que tenhamos fé, para que algum dia, alcancemos as grandes metas que para nós são designadas. (Sem mais armas que sua fé em Jeová Sabaoth e uma pequena pedra, Davi derrotou Golias).

Isso é o que a Mestra veio nos ensinar: a termos fé, a sermos fortes no Senhor; a nos dispormos a morrer para,

com isso, poder ver o rosto do Senhor; a morrermos em nossos pecados, egos ou demônios internos, para que nosso Senhor, o Cristo, nasça em cada um de nós.

Seu ensinamento foi do coração, não do intelecto, não da “sabichonice”, não da beatice, não do fanatismo, não da ambição, não da exploração do próximo. Foi o ensinamento do coração ardente pelo fogo crístico, o fogo sagrado que nos leva mais além do bem e do mal, o queimante fogo do rigor, da severidade e, por sua vez, do perdão e da misericórdia. O ensinamento do coração cheio do fogo excelente do Fiel da Balança, terrível **fogo de Amor e Lei!**

Bendito sejas, fohat sagrado, inefável fogo devorador, rosa ígnea, rosa da crística cruz, delicado fogo de nossa Senhora Litelantes!

Na verdade, só com o coração poderemos compreender e viver este maravilhoso ensinamento. Ouvindo a voz do coração poderemos escutar o pulsar do Universo, como o fez nossa querida Mestra.

Seguindo o magistral ensinamento de nossa bem-amada Senhora Litelantes, aprenderemos a viver a vida, pois como ela costumava dizer: - *A universidade da vida é a mais difícil de todas; para isso estamos aqui, para aprendermos a viver.*

Recordemos que o Mestre insiste em que a iniciação é a própria vida, portanto, aprovar-se nessa universidade, equivale a alcançar a verdadeira iniciação.

Todos os Grandes Senhores do mundo depositaram certo número de valores em nós. Queira Deus que frutifiquem em nossos corações!

Bendita sejas, Mãe Nossa Litelantes! Tudo passará, mas tuas palavras crísticas não passarão! Teu divino ensinamento e tua sagrada Igreja permanecerão para sempre!

Bendita sejas por todos os séculos, Senhora Litelantes,

raiz da luz, luz da luz, luz bendita, luz sagrada, luz imortal!

Sim, vem diligente com teu irmão Jeshua! Seja o Senhor do Julgamento conosco! Amém!

Fiat Justitia, ruat coelum

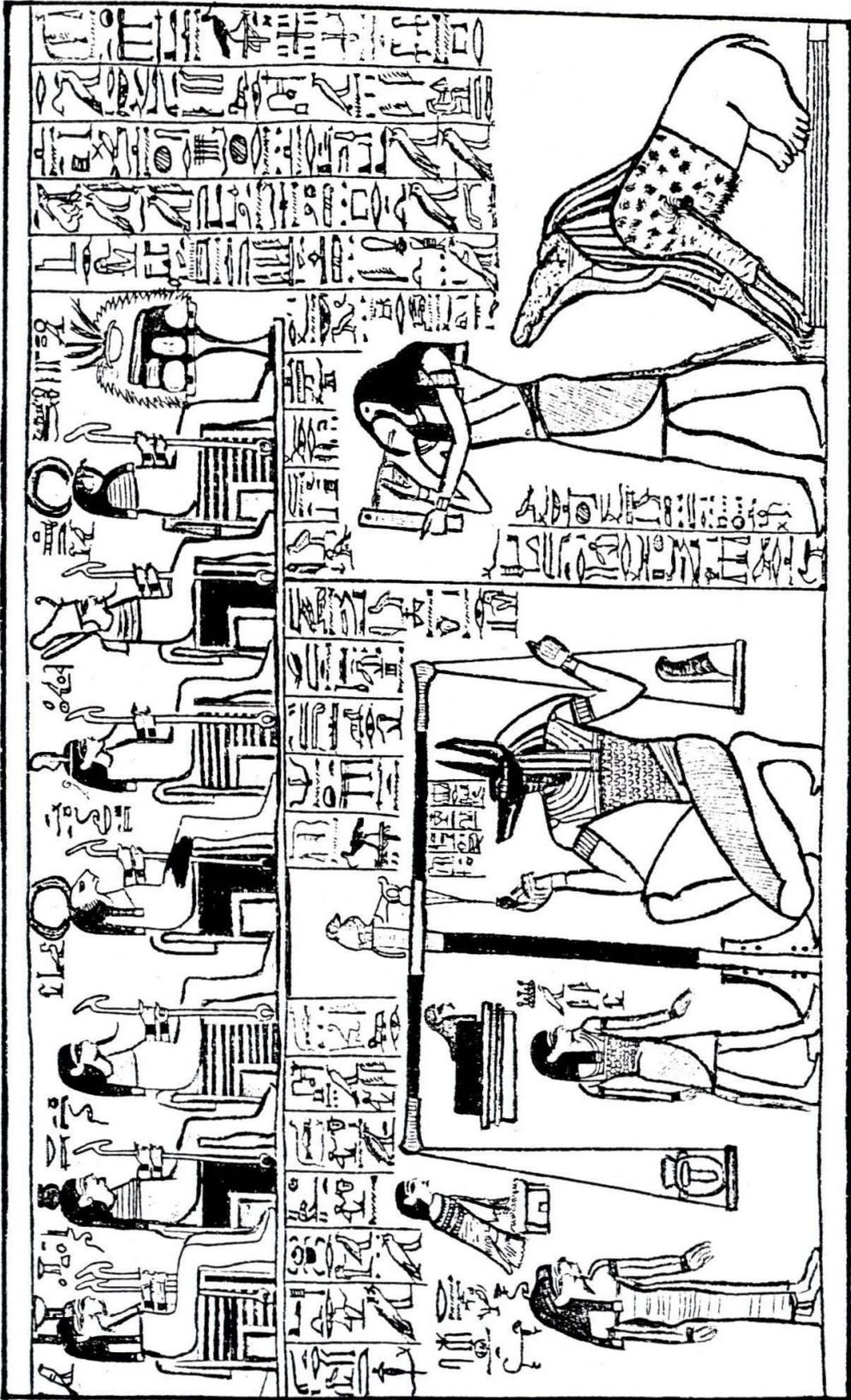
SALVE LITELANTES

Salve, Pedra Antiga
Cabeça do Triângulo,
Sagrada Virgem da Lei,
do Templo o Ângulo
onde o Verbo se abençoa.

Coroa do Cristo, Nosso Rei,
Que dás luz, amor e sabedoria,
a Nosso Bendito Senhor
Samael Aun Weor,
exaltação da Mestria!

Mestre de Iniciados e das pessoas,
de Mestres e principiantes.
Mestre dos Mistérios de antes,
de hoje e de amanhã...

Salve, Mãe Nossa Litelantes,
da Cruz Rosa Prematura!
que elevas até o Céu de Arabot
o Filho de Samael Sabaoth.



SALVE SAMAEL

Luz combatente!
Ó, Verbo potente!
Ó, divina serpente, Senhor Samael!

Ó tu, luz amada
do Deus de Israel!
Ó, poderoso!
Ó, glorioso
Senhor Samael!

Ó, força da luz!
Ó, alegria da luz!
Ó, sabedoria da luz!
Ó, divino Senhor da Cruz!

Bendito seja teu nome,
Ó, Verbo imaculado!
que ensinas ao homem o caminho reservado,
do Cristo bem-amado.

O caminho secreto
tem sido publicado,
sem rodeios entregue
pelo Senhor da Síntese,
o Crestos Samael!

Joia da Coroa de Israel!
Dito está o Decreto

com toda claridade:
Em cima de teses e antíteses está a realidade,
a cruz abraçar (os corpos do Ser criar),
do egoísmo renegar (o ego requeimar)
e ao Cristo seguir (a humanidade servir),
se em homem verdadeiro
te queres converter.
Salve, ó, profundo e sincero
Senhor do Grande Arcano,
que puseste o divino
ao alcance da mão!
Salve, ó, terrível Mensageiro dos Reis do Destino!

SALVE PAI-NOSSO ANÚBIS

Salve Pai-nosso Anúbis,
guerreiro sempre vitorioso,
dono do cinocéfalo e do Íbis!

Salve Osíris Un Nefer glorioso,
Deus Pai no Tribunal,
que pesas o bem e o mal!

Salve Senhor do rigor!
Salve Senhor da misericórdia,
que na Sala de Maat
dás aos Deuses a concórdia!
Seja meu canto em teu louvor,
dono e Senhor de Montserrat!
Oh tu, do Cosmo Real Senhor!
Reverentes ante ti se humilham
os grandes, medianos e menores,
pois as coroas fazem-se em cibalhos
e elevas com teu grande amor
aos que vem do Averno.

Por ti as estrelas brilham,
oh tu, mão poderosa do Eterno!
Teus desígnios são sagrados!
Tua vontade sempre impera
sobre a ciência dos destinos
e triunfas sobre a quimera...
Tu castigas aos malvados,
e humilhas aos soberbos.
Adminstras a morte
com mão firme e forte...
e ressurreição dás aos sábios,
dos Deuses bem-amados.

Salve Fiel da Balança,
do Absoluto a vanguarda!
Bendito seja teu rigor,
sagrada tua misericórdia!

Sejam para ti, Grande Senhor,
o canto e o louvor!

SUMÁRIO

PRÓLOGO DA EDIÇÃO EM PORTUGUÊS	7
PRÓLOGO	15
CAPÍTULO I QUEM FOI A VENERÁVEL MESTRA LITELANTES?	19
Mestra da Ciência Jinas	19
Colaboradora Esotérica do Mestre	23
A Virgem da Lei	26
Mestra de Mistérios Maiores	29
CAPÍTULO II DE CURANDEIRO A HIEROFANTE	35
O Encontro com o Mestre Samael	35
A Correção do Mestre	39
Os Amigos do Mestre	43
Os Primórdios do Movimento Gnóstico	47
O Summum Supremum Sanctuarium	49
Anotação Final	53
CAPÍTULO III A QUE TEM O PODER DA ÁGUIA	57
Suas Origens	57
A Amazona-Jinas	59
A Velhinha Jinas	61
Liberdade Pentagramática	63
Seu Tratamento Pessoal	64
Tomando Corpos	67
CAPÍTULO IV O LUGAR DA CHAMA	69
A Presença dos Mestres	69
Uma Estrela no Pântano	72
As Viagens com a Mestra	73

Suas Brincadeiras e Travessuras.....	77
A Chama Ardente da Sabedoria	81
CAPÍTULO V CONSELHO ÀS MULHERES	83
Colocar-se no seu Lugar	83
O Matrimônio	85
A Casa.....	89
O Marido.....	91
Os Filhos	94
O Adultério	96
A Pistis Sophia.....	98
Esclarecimento.....	98
Litelantes.....	99
CAPÍTULO VI SEU ENSINAMENTO BÁSICO	103
1. Estudo, Meditação e Oração.....	103
2. Vontade e Boa Vontade.....	104
3. Buscar a Paz	105
4. Contentar o Pai.....	106
5. A Fidelidade.....	106
6. Respeito ao Matrimônio	107
7. Não dar importância às fofocas nem dedicar-se a elas.....	107
8. A Tolerância.....	108
9. O Perdão.....	108
10. O Silêncio.....	109
11. A Fé.....	110
12. A Paciência	111
CAPÍTULO VII A MEDITAÇÃO	115
Tipos de Meditação	116

Fases da Meditação	117
As Dez Regras da Meditação	118
Metodologia do Trabalho.....	121
O Traço Psicológico	123
Simplicidade da Mestra.....	128
CAPÍTULO VIII A ORAÇÃO	137
CAPÍTULO IX AS INSTITUIÇÕES GNÓSTICAS	155
Características	156
Fanatismo	158
Carta de Montreal	163
Fidelidade.....	170
Monastérios	176
História da Gnosis	182
As Tendências do Ego.....	190
Os Livros.....	192
Para Os Poucos	195
CAPÍTULO X CONSELHOS AOS INSTRUTORES.....	197
O Dinheiro	197
Fanatismo	200
Brigas	201
Críticas e Ambições	203
Respeito aos Mestres	205
Respeito ao Templo	206
Medicina e Caridade	208
Mulheres Missionárias.....	210
Signo Astrológico	211
Matrimônios.....	212

A Maneira de Entregar o Ensino.....	213
O Tema do Grande Arcano.....	217
Ordem de Leitura.....	218
Santarrões	219
Necessitamos de Misionários	221
CAPÍTULO XI ISHTAR HOPKET.....	223
Mestra-Mestre.....	224
Rainha do Universo	227
Mestra Zen.....	229
Exaltada Mestra- <i>Jinas</i>	234
A Advogada dos Gnósticos	238
CAPÍTULO XII A DESPEDIDA.....	242
Louvores	242
Visitas	243
Explicação de Motivos	243
Murmurações	244
Calúnias.....	245
Missionários Gnósticos	245
A Reencarnação do Mestre	249
Sua Saúde se Apaga.....	256
Sua Desencarnação	260
Seu Legado para a Humanidade	262

POEMAS

[Mestre Kout Humí Sagrado.....17](#)

[Cantos e Flores.....18](#)

<u>Uma Estrela Brilhante.....</u>	<u>34</u>
<u>Ser e Estar.....</u>	<u>56</u>
<u>O Ser é o Ser.....</u>	<u>68</u>
<u>Oração Astral.....</u>	<u>102</u>
<u>Glória a tí Litelantes!.....</u>	<u>113</u>
<u>O que nos ensina o Senhor?.....</u>	<u>114</u>
<u>Só o Amor.....</u>	<u>154</u>
<u>Há Algo Sagrado.....</u>	<u>241</u>
<u>Salve Litelantes.....</u>	<u>264</u>
<u>Salve Samael.....</u>	<u>266</u>
<u>Salve Pai-Nosso Anúbis.....</u>	<u>267</u>

Prezado leitor,

Caso você deseje se aprofundar nos estudos sobre Gnose, participe dos nossos cursos presenciais por correspondência ou webconferência, totalmente gratuitos.

Informe-se em nossos endereços eletrônicos:

www.icglisaw.com.br

aulavirtual.icglisaw.com.br

curso.icglisaw.com.br

Ou envie e-mail para:

icglisaw.brasil.curso@gmail.com

Agradecemos seu interesse pela leitura desta obra, colocando-nos à disposição para quaisquer outros esclarecimentos sobre a divulgação da Gnose pela Igreja e Instituição Cristã-Gnóstica Litelantes e Samael Aun Weor - ICGLISAW.